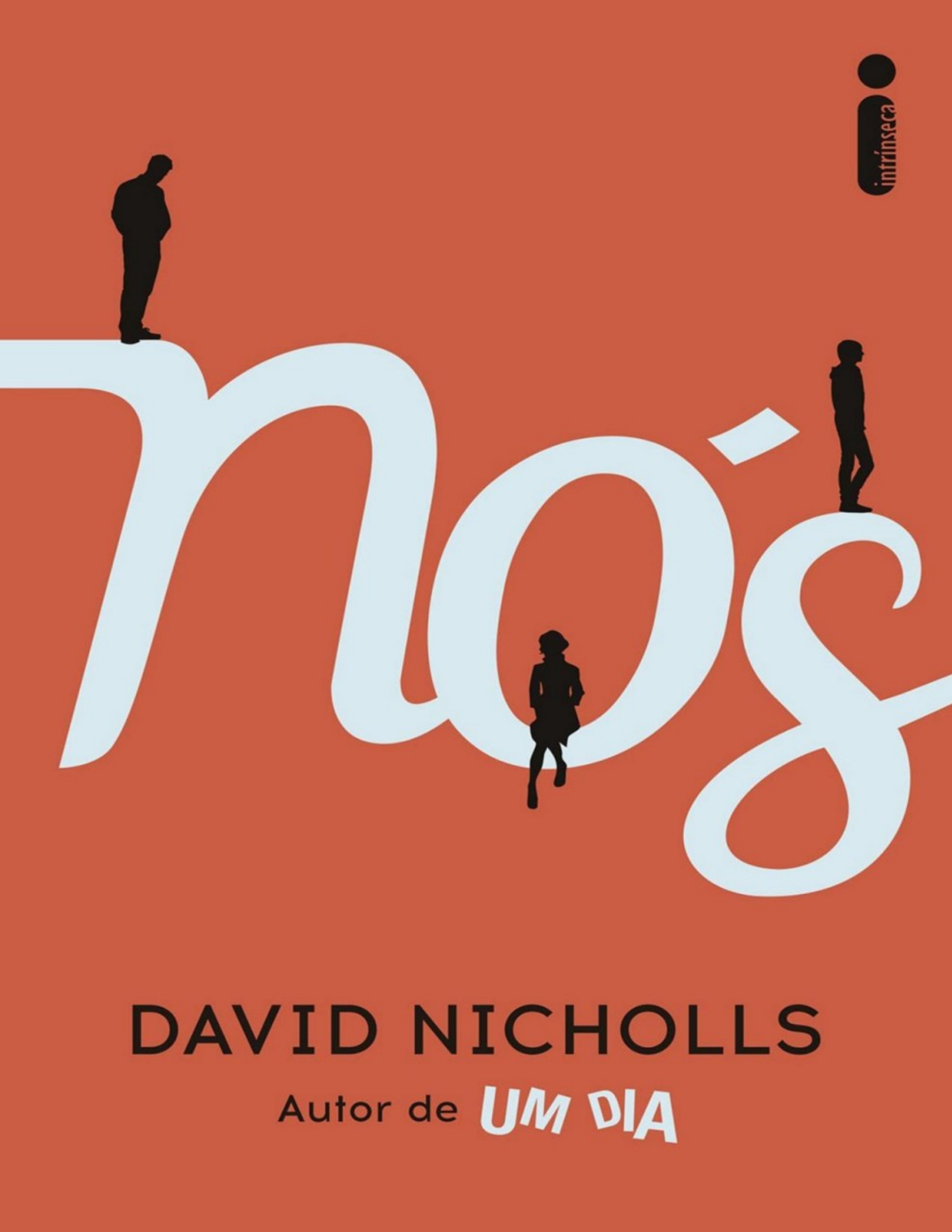
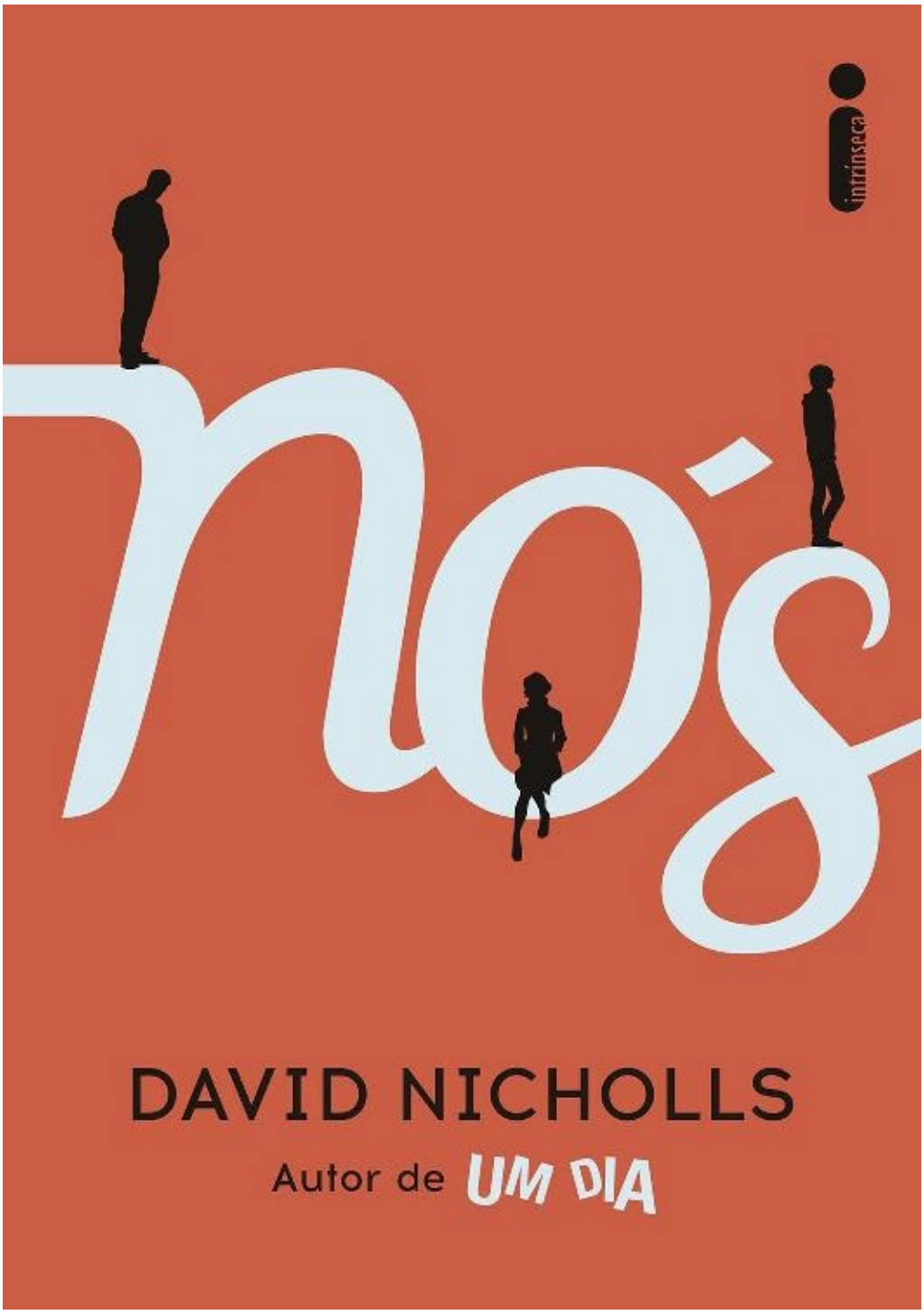

intrínseca
nós
DAVID NICHOLLS
Autor de UM DIA



leLivros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como

o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso

comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem

ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso

site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por

dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

“Tudo continuava o mesmo, no entanto, não

era o mesmo e, pouco antes de dormir, senti a

mesma ansiedade que ainda sinto na véspera

de uma viagem longa e complicada.”

“Amei esse livro. Divertido, triste, delicado: para qualquer um que

queira saber o que acontece depois do ‘felizes para sempre’.”

JOJO MOYES, AUTORA DE COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ E UM MAIS UM

“David Nicholls intercala passado e presente com uma perfeita noção de ritmo.”

THE GUARDIAN

“Nicholls é um artesão das palavras, um contador de histórias habilidoso, um observador perspicaz dos costumes contemporâneos.”

THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

“Um romance divertido, escrito com uma aparente simplicidade que é difícil de ser alcançada.”

THE TELEGRAPH

“A sensibilidade e a compreensão que Nicholls tem dos sentimentos humanos tornam ‘Nós’ um romance excepcional.”

THE INDEPENDENT

“Nicholls domina a arte da narrativa, recorrendo ao passado e ao presente para desenhar um todo intrincado.”

KIRKUS REVIEWS

“Uma comédia romântica divertida que usa a ansiedade e o humor para refletir sobre a resiliência.”

O MAGAZINE

“A família Petersen viaja pela Europa com mais bagagem emocional que malas no novo romance de David Nicholls, autor do best-seller ‘Um Dia’. Poucos escritores tratam de relacionamento melhor que Nicholls.”

PEOPLE

“Um romance maduro. A inteligência e a perspicácia na prosa de Nicholls tornam os personagens reais.”

OBSERVER

“Um romance pungente sobre os arrependimentos da meia-idade.”

THE NEW YORK TIMES

“Um livro que reflete sobre como um casamento envelhece, como os pais falham e o que sobra depois de todos esses desafios.”

THE WASHINGTON POST

“Ótimo livro. Nicholls é mestre ao narrar sobre relacionamentos.”

ENTERTAINMENT WEEKLY

“Nicholls captura com rara precisão as esperanças, os medos, os acordos e as piadas bobas que fazem parte da nossa vida. O título diz tudo. Ele realmente escreve sobre ‘Nós’.”

DAILY TELEGRAPH

“Uma leitura compulsiva: uma história de amor extremamente

engraçada e ainda assim melancólica.”

THE TIMES

“Gostou de ‘Um dia’? Então você vai achar ‘Nós’ um romance absolutamente fabuloso. Muito divertido e emocionante, quase sempre ao mesmo tempo.”

DAILY MAIL

“ ‘Nós’ é um livro sobre amor, perda, alegria, arte, ciência, cultura e mundo moderno. Inteligente, comovente e delicado.”

THE SUNDAY TIMES

“Apesar de todos os fardos e batalhas, Douglas e Connie têm momentos de verdadeira alegria em seu casamento. E mesmo que eles nem sempre se divirtam, quem ler este romance com certeza vai se divertir.”

TIME



David Nicholls

nós

Tradução de Alexandre Raposo

Copyright © David Nicholls, 2014

Epígrafe da Parte Sete retirada da página 11 de *Longe da Árvore*, de Andrew Solomon,

traduzido por Donaldson M. Garschagen, Luiz A. de Araújo e Pedro Maia Soares, da

Companhia das Letras, 2013.

TÍTULO ORIGINAL

Us

PREPARAÇÃO

Ana Resende

ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING

ô de casa

REVISÃO

Marcela de Oliveira

REVISÃO DE EPUB

Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-704-4

Edição digital: 2015

1a EDIÇÃO

TIPOGRAFIA

Sabon

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3o andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br









»

»

»

»

Sumário

Capa

Elogios

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Livro um

parte um

1. os assaltantes

2. douglas timothy petersen

3. a parábola

4. a.c. e d.c.

5. a outra palavra com “s”

6. drosophila melanogaster

7. a casamenteira

8. massa gratinada com atum

9. sete coisas sobre ela

10. o jovem e ousado trapezista voador

11. produtos químicos

12. silêncio

13. apocalipse

14. o machado

15. férias

16. pompeia

parte dois

17. notas mentais

18. integração de trens elegante

19. sussurrando pelos campos

20. mapas

21. o assento ejetor

22. uma foto borrada

23. ímãs

24. espátula

25. sr. jones

26. albert samuel petersen

27. helmut newton

28. paixão

29. mundo de maravilhas

30. túneis e pontes

31. na london bridge

32. muitos cavalos estranhos em nosso quarto salgado

33. à la recherche du temps perdu

34. o hotel na rue jacob

35. o pequeno raio de sol

36. tripadvisor

37. a primeira vez

38. lima, vodca e chiclete

39. uma breve história da arte

40. o filisteu

41. apreciação da arte

42. cartes postales

43. cartões-postais

44. comportamento de comédia romântica

45. pelouse interdite

46. françois truffaut

47. a intrínseca dificuldade do segundo encontro

48. insetário

49. cautela

50. a festa selvagem no quarto 603

51. a acordeonista roqueira

52. sobre a ética prática no sistema de bufê de café da manhã

53. the cat in the hat

54. compartilhar demais, compartilhar de menos

55. épater le bourgeois

56. a zona de conforto

57. je suis désolé mais je suis perdu

parte três

58. experimento com um pássaro numa bomba de ar

59. girassóis

60. pigmalião

61. fórum de dança contemporânea

62. novos começos na bélgica

63. aspectos do romance

64. a ofensiva das ardenas

65. suíça

66. negociações de paz

67. grachtengordel

68. masmorra sexual

69. visita noturna

70. veludo

71. primeiras vezes

72. realismo erótico

73. saskia van uylenburgh

74. a verdadeira amsterdã

75. coma quanto aguentar

76. água no vinho

77. um grande oceano de cuidados

78. de wallen

79. paul newman

80. mellow times

81. assoalhos expostos

82. kilburn

83. duas camas de solteiro unidas

84. imensos relógios de pulso

85. girassóis outra vez

86. devaneios do quase desastre

parte quatro

87. beliche

88. beliche 2

89. margaret petersen

90. obrigado e adeus

91. a cocanha

92. schweinshaxe mit kartoffelknödel

93. o extintor de incêndio

94. balas de menta

95. última chamada do voo para heathrow…

Livro dois

parte cinco

96. pedido de casamento

97. hannibal

98. …onde montamos a nossa cena

99. ferrovia

100. uma experiência com ratos

101. o formato do tempo

102. aprendendo a dizer “esposa”

103. il pesce

104. a macadâmia

105. o planalto

106. o cara no trabalho

107. telefonema de connie

108. dolorido

109. freja kristensen

110. vendo arte com outras pessoas

111. ponte dei pugni

112. música de inverno

113. lago serpentine

114. caseiros

115. pompidou paris acordeão cat incrível

116. a experiência vivaldi

117. não foi um encontro

118. cerco emaranhado

119. filhas

120. filha

121. depois

122. melancolia

123. separação geográfica

124. noites selvagens, noites selvagens

125. uma carta para freja kristensen, enfiada embaixo de sua porta

126. partida de madrugada

parte seis

127. florença em trinta e seis minutos

128. o trem para siena

129. um copo cheio até a borda

130. área da saúde

131. ácido tartárico

132. a tecla “gravar”

133. a base científica para o amor incondicional

134. o incidente do lego

135. siena

136. o encontro

137. sweet child of mine

138. o prisioneiro

139. a cela

140. a lista

141. conversa durante a lavagem da louça

142. oportunidades

143. um homem livre

parte sete

144. as guerras de purpurina

145. natal

146. o milagre das viagens aéreas

147. atlas

148. chaves na caixa do correio

149. uma aventura

150. schweppes!

151. futuro

152. hereditariedade

153. colorindo

154. como um pai deve ser

155. rumor no ginásio

156. encontro

157. o jardim das delícias

158. francisco goya

159. paseo del prado

160. museu reina sofía

161. sujeito esperto

162. em chueca

parte oito

163. correndo em direção ao mar

164. barceloneta

165. pelagia noctiluca

166. medusa, medusa

167. sob o guarda-roupas

168. ataque al corazón

169. o rosto dela

170. travesseiro

171. homenagem à catalunha

172. casa

parte nove

173. pontos de vista

174. tecnicamente

175. posses

176. sexta-feira santa

177. domingo de páscoa

178. segunda-feira de páscoa

179. amigável

180. freja kristensen dentista copenhague

Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça os outros livros do autor

Leia também

Em memória de meu pai,

Alan Fred Nicholls

Só tu me ensinaste que tenho coração — só tu deixaste uma luz intensa para as profundezas e para os picos

da minha alma. Só tu me revelaste a mim próprio; pois, sem o teu auxílio, o melhor que teria logrado conhecer

de mim próprio teria sido meramente conhecer a minha sombra — vê-la a tremular na parede, e tomar

erradamente as suas fantasias por verdadeiras ações minhas…

Agora, caríssima, compreendes o que fizeste por mim? E não é um tanto assustadora a ideia de que uma ou

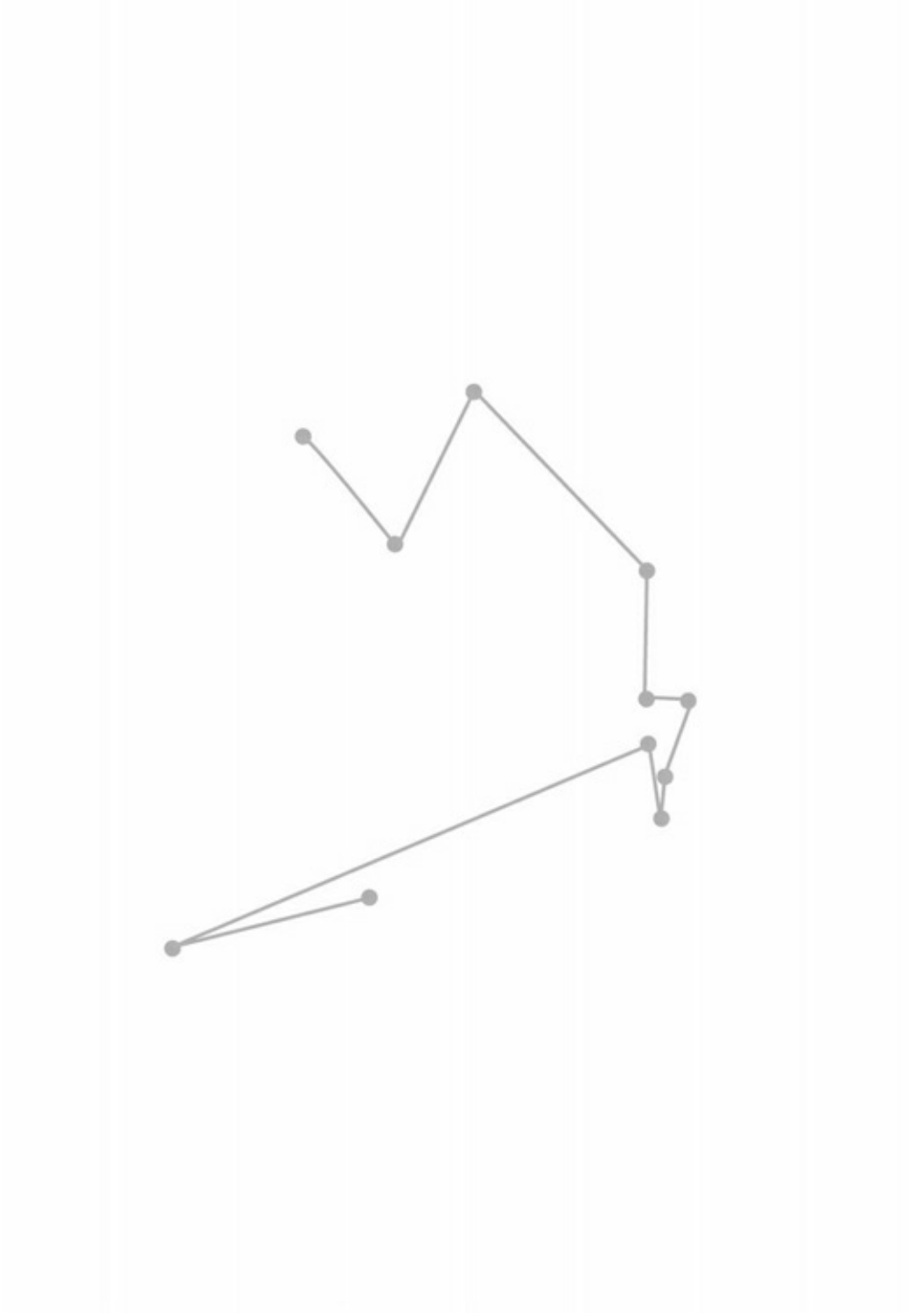
outra diminuta circunstância podiam ter impedido o nosso encontro?

Nathaniel Hawthorne, carta para Sophia Peabody

4 de outubro de 1840

LIVRO UM

o grand tour



PARTE UM

INGLATERRA

O doce hábito de sua convivência começara a traçar rugas ao redor de sua boca,

rugas

que pareciam aspas — como se tudo o que ela dissesse já tivesse sido dito

anteriormente.

Lorrie Moore, *Agnes de Iowa*

1. os assaltantes

No verão passado, pouco antes de nosso filho sair de casa para a faculdade, minha mulher me

acordou no meio da noite.

A princípio, pensei que ela estava me sacudindo por causa de assaltantes. Desde que se

mudara para o campo, minha esposa desenvolvera a tendência de se sobressaltar a cada

rangido, gemido e sussurro. Eu tentava tranquilizá-la. São os aquecedores, eu dizia; são as

vigas se contraindo ou se expandindo; são raposas. Sim, raposas levando o laptop, dizia ela,

raposas levando as chaves do carro, e ficávamos deitados e ouvíamos mais um pouco. Sempre

tivemos o "botão do pânico" ao lado da cama, mas nunca pensei em pressioná-lo, pois o

alarme poderia perturbar alguém — um assaltante, por exemplo.

Não sou um homem especialmente corajoso, não sou fisicamente imponente, mas, nessa

noite em particular, consultei as horas — passava um pouco das quatro —, suspirei, bocejei e

desci. Passei por cima de nosso cão inútil, vaguei por todos os cômodos, verificando janelas e

portas e, então, voltei a subir a escada.

— Está tudo bem — falei. — Provavelmente foi apenas ar no encanamento.

— Do que você está falando? — perguntou Connie, sentando-se.

— Está tudo bem. Nenhum sinal de assaltantes.

— Eu não disse nada sobre *assaltantes*. Acho que nosso casamento já deu o que tinha que

dar, Douglas. Acho que quero me separar de você.

Sentei-me um instante na beira da cama.

— Bem, ao menos não são assaltantes — falei, embora nenhum de nós tenha sorrido ou

voltado a dormir naquela noite.

2. douglas timothy petersen

Nosso filho, Albie, sairia de casa em outubro, e, logo depois dele, minha mulher também iria

embora. Os acontecimentos pareciam tão estreitamente ligados que não pude deixar de pensar

que, caso Albie não tivesse passado nas provas e fosse obrigado a refazê-las, poderíamos ter

tido outro bom ano de casamento.

Mas, antes de dizer algo mais a respeito deste e de outros eventos ocorridos naquele verão

em particular, devo falar um pouco sobre mim mesmo e pintar uma espécie de "retrato em

palavras”. Não deve demorar muito. Meu nome é Douglas Petersen e tenho cinquenta e quatro

anos. Notaram o intrigante “e” no final de Petersen? Disseram que era herança escandinava,

algum bisavô, apesar de eu nunca ter ido até a Escandinávia e não ter histórias interessantes

para contar sobre lá. Tradicionalmente, os escandinavos são justos, bonitos, calorosos e

desinibidos, e eu não sou nada disso. Sou inglês. Meus pais, ambos falecidos, me criaram em

Ipswich; meu pai era médico, minha mãe, professora de biologia. “Douglas” veio do

nostálgico afeto de minha mãe por Douglas Fairbanks, o astro de Hollywood, então temos

outra pista falsa aqui. Ao longo dos anos, muita gente tentou me chamar de “Doug”, “Dougie”

ou “Doogie”. Minha irmã, Karen, que se autoproclama única possuidora da “grande

personalidade” dos Petersen, me chama de “D”, “Grande D”, “D-mais” ou “Professor D” — o

qual, segundo ela, seria o meu nome na prisão —, mas nenhum apelido pegou e continuo

Douglas. Meu nome do meio, aliás, é Timothy, mas não é um nome que caia particularmente

bem em alguém. Douglas Timothy Petersen. Por formação, sou bioquímico.

Aparência. Quando minha mulher e eu nos conhecemos e nos sentimos compelidos a falar

constantemente sobre os rostos e as personalidades de cada um, sobre aquilo que *adorávamos*

um no outro e toda essa rotina, ela me disse certa vez que eu tinha um “rosto perfeitamente

aceitável” e, percebendo a minha decepção, rapidamente acrescentou que eu tinha “olhos

muito amáveis”, seja lá o que isso quisesse dizer. E é verdade: tenho um rosto perfeitamente

aceitável, olhos que podem muito bem ser “amáveis”, mas que também são do mais castanho

dos castanhos, um nariz de tamanho considerável e um tipo de sorriso que faz com que as fotos

sejam jogadas fora. O que posso acrescentar? Certa vez, durante um jantar, a conversa se

voltou para “quem interpretaria você no filme da sua vida?”. Rimos e nos divertimos muito

com as comparações feitas com diversas estrelas de cinema e celebridades da televisão.

Connie, minha mulher, foi comparada a uma obscura atriz europeia e, embora tenha protestado

— “ela é muito mais bonita e glamourosa” etc. —, dava para ver que ficara lisonjeada. O jogo

continuou, mas, quando chegou a minha vez, fez-se silêncio. Os convidados tomaram um gole

de vinho e apoiaram o queixo na mão. Todos nós reparamos na música ao fundo.

Aparentemente, eu não era semelhante a nenhuma pessoa célebre ou famosa em toda a história

do mundo — ou seja, ou eu era único ou exatamente o contrário. “Quem quer queijo?”,

perguntou o anfitrião, e rapidamente mudamos de assunto para os méritos relativos da Córsega

em relação à Sardenha, ou algo parecido.

Enfim, estou com cinquenta e quatro anos — já disse isso? — e tenho um filho, Albie,

apelidado de “Ovo”, a quem sou dedicado, mas que, às vezes, me olha com puro e

concentrado desprezo, enchendo-me de tanta tristeza e desapontamento que mal consigo falar.

Então, é uma família pequena, um tanto escassa, e acho que cada um de nós às vezes

acredita que é um pouco pequena demais, e todos gostaríamos que houvesse mais alguém ali

para absorver alguns golpes. Connie e eu também tivemos uma filha, Jane, mas ela morreu

logo após o parto.

3. a parábola

Creio que haja uma ideia amplamente difundida que prega que, até certo ponto, os homens

ficam mais bonitos com a idade. Se for assim, então estou começando a minha descendente

nessa parábola específica. “Hidrate-se!”, costumava dizer Connie quando nos conhecemos,

mas eu tinha tanta vontade de fazer isso quanto de tatuar o pescoço e,

consequentemente, agora

tenho a pele do Jabba, de *Star Wars*. Já há alguns anos fico com cara de bobo quando uso

camisetas, mas, atento à saúde, tento manter a forma. Alimento-me com critério para evitar o

destino do meu pai, que morreu de ataque cardíaco antes do que parecia o correto. O coração

dele "basicamente explodiu", disse o médico — com inadequado prazer, percebi —, e,

consequentemente, corro de vez em quando, acanhado, inseguro, sem saber o que fazer com as

mãos. Mantê-las às costas, talvez. Eu gostava de jogar badminton com Connie, embora ela

tivesse uma tendência a rir e debochar, achando aquele jogo "muito tolo". É um preconceito

comum. O badminton não tem a jovem e executiva arrogância do squash nem o romantismo do

tênis, mas continua a ser o jogo de raquete mais popular do mundo e seus melhores praticantes

são atletas de classe mundial com instintos assassinos.

— A peteca pode atingir até trezentos e cinquenta e quatro quilômetros por hora — dizia eu

para Connie enquanto ela se dobrava sobre a rede. — Pare de rir!

— Mas isso tem *penas* — dizia ela. — Eu me sinto mal batendo nessa coisa com penas. É

como se estivéssemos tentando matar um passarinho.

Então, ela ria outra vez.

O que mais? Em meu quinquagésimo aniversário, Connie me deu uma bela bicicleta na

qual, às vezes, percorro as alamedas cobertas de folhas, observando a sinfonia da natureza e

imaginando o que uma colisão com um veículo pesado faria com o meu corpo. Em meu

quinquagésimo primeiro aniversário, ganhei acessórios para corrida, e no quinquagésimo

segundo, um aparador de pelos nasais e auriculares, objeto que tanto me choca quanto me

fascina, trabalhando dentro do meu crânio como um pequeno cortador de grama. O significado

implícito de todos esses presentes era o mesmo: não fique parado, tente não envelhecer, não

tome nada como certo.

No entanto, não há como negar: estou agora na meia-idade. Sento-me para calçar as meias,

faço barulho quando me levanto e tenho desenvolvido uma enervante consciência de minha

próstata, como uma noz enfiada entre as nádegas. Sempre fui levado a crer que o

envelhecimento era um processo lento e gradual, o deslizar de uma geleira. Agora percebo que

acontece rapidamente, como neve caindo de um telhado.

Por outro lado, minha mulher de cinquenta e dois anos me parece tão atraente quanto no dia

em que a conheci. Se eu dissesse isso em voz alta, ela diria: “Que clichê, Douglas. Ninguém

prefere rugas, ninguém prefere cabelo branco.” Ao que eu responderia: “Mas nada disso me

surpreende. Espero para observá-la envelhecer desde que nos conhecemos. Por que isso

deveria me incomodar? É o rosto em si que eu amo, não este rosto aos vinte e oito, trinta e

quatro ou quarenta e três anos. É *este* rosto.”

Talvez ela tivesse gostado de ouvir isso, mas nunca cheguei a dizê-lo em voz alta. Sempre

achei que haveria tempo e, agora, sentado na beira da cama às quatro da manhã, já não mais

atento aos assaltantes, me parece que deve ser tarde demais.

— Há quanto tempo você…?

— Há algum tempo.

— Então, quando você vai…?

— Não sei. Nem tão cedo, não até Albie ir embora. Depois do verão. No outono, no ano-

novo?

Finalmente:

— Posso perguntar por quê?

4. a.c. e d.c.

Para que a pergunta e a resposta final façam sentido, algum contexto se faz necessário.

Instintivamente, sinto que minha vida poderia ser dividida em duas partes: Antes de Connie e

Depois de Connie, e, antes de detalhar o que aconteceu naquele verão, seria útil que eu

descrevesse como nos conhecemos. Afinal de contas, esta é uma história de amor. Certamente

o amor faz parte dela.

5. a outra palavra com “s”

“Solitário” é uma palavra preocupante que não deve ser pronunciada de modo leviano. A

palavra deixa as pessoas desconfortáveis, suscitando todo tipo de adjetivos mais severos,

como “triste” ou “estranho”. Sempre fui muito querido, creio, sempre fui benquisto e

respeitado, mas ter poucos inimigos não é o mesmo que ter muitos amigos, e não havia como

negar que eu era, se não “solitário”, ao menos mais solitário do que eu esperava ser naquele

momento.

Para a maioria das pessoas, os vinte anos representam um tipo de nível máximo de

sociabilidade, à medida que embarcam em aventuras no mundo real, encontram uma carreira,

têm uma vida social ativa e emocionante, se apaixonam e mergulham no sexo e nas drogas. Eu

estava ciente de que isso estava acontecendo ao meu redor. Eu sabia das boates,

das

inaugurações de galerias, dos shows e das manifestações; reparava nas ressacas, nas roupas

repetidas vários dias no trabalho, nos beijos no metrô e nas lágrimas no refeitório, mas

observava tudo através de uma espécie de vidro grosso. Refiro-me especificamente ao final

dos anos oitenta, que, apesar de toda dificuldade e agitação, parecia ser um momento muito

empolgante. Muros estavam sendo derrubados, literal e figurativamente; os rostos na política

estavam mudando. Hesito em chamar aquilo de revolução ou retratar a época como um novo

alvorecer — estavam ocorrendo guerras na Europa e no Oriente Médio, tumultos e crise

econômica —, mas, ao menos, havia uma sensação de imprevisibilidade, um sentimento de

mudança. Lembro-me de ter lido um bocado sobre o Segundo Verão do Amor nos suplementos

coloridos. Muito jovem para o Primeiro, no Segundo eu estava concluindo o meu ph.D. —

sobre interações proteína-ARN e dobramento de proteínas durante a tradução. “O único ácido

nesta casa”, eu gostava de dizer para os outros no laboratório, “é o ácido

desoxirribonucleico”, brincadeira que nunca recebeu a aclamação que merecia.

Contudo, à medida que a década chegava ao fim, evidentemente as coisas

estavam

acontecendo, ainda que em outros lugares e com outras pessoas, e eu me perguntava se uma

mudança também se aplicaria à minha vida, e como eu poderia obter tal resultado.

6. drosophila melanogaster

O Muro de Berlim ainda estava de pé quando me mudei para Balham. Aproximando-me dos

trinta, eu era doutor em bioquímica e morava em um apartamento pequeno, semimobiliado e

pesadamente hipotecado em High Road, consumido pelo trabalho e pelo saldo negativo.

Passava a semana e a maior parte dos fins de semana estudando a mosca das frutas comum,

Drosophila melanogaster, para meu primeiro pós-doutorado, especificamente usando

mutagênicos em rastreios genéticos clássicos. Aqueles eram tempos entusiasmantes no estudo

da *Drosophila*, com o desenvolvimento de ferramentas para ler e manipular os genomas dos

organismos, e, profissionalmente, se não pessoalmente, aquele foi um período de ouro para

mim.

Agora, raramente encontro uma mosca das frutas fora de uma tigela de frutas. Atualmente,

trabalho no setor comercial privado — “a corporação do mal”, como diz meu

filho — como

Chefe de Pesquisa e Desenvolvimento, um título grandioso, mas que significa que não

experimento a liberdade e a emoção da ciência fundamental. Hoje em dia, minha posição é

organizacional, estratégica, palavras assim. Financiamos a pesquisa universitária de modo a

aproveitar ao máximo a experiência acadêmica, a inovação e o entusiasmo, mas agora tudo

tem que ser “translacional”; deve ter alguma aplicação prática. Gosto do meu trabalho, sou

bom no que faço e ainda visito laboratórios, mas, atualmente, sou contratado para coordenar e

gerenciar pessoas mais jovens que fazem o trabalho que eu costumava fazer. Não sou um

monstro corporativo; sou bom no que faço, o que tem me garantido sucesso e segurança. Mas

isso não me empolga mais como antes.

Porque *era* empolgante trabalhar todas aquelas horas com um pequeno grupo de pessoas

comprometidas e apaixonadas. Na época, a ciência era estimulante, inspiradora e essencial

para mim. Vinte anos depois, aqueles experimentos com moscas das frutas levariam a

inovações médicas que nunca poderíamos ter imaginado, mas, na época, éramos motivados

por pura curiosidade, quase que por um sentido lúdico. Era apenas fantasticamente *divertido*,

e não seria exagero dizer que eu adorava meu campo de trabalho.

Isso não quer dizer que não havia uma grande quantidade de tarefas mundanas envolvida.

Os computadores eram temperamentais e rudimentares, pouco mais do que calculadoras

pesadas e muito menos poderosos do que o telefone que trago no bolso agora, e a entrada de

dados era cansativa e trabalhosa. E embora a mosca das frutas comum tenha muito a seu favor

como organismo experimental — fecundidade, curto ciclo reprodutivo, morfologia distinta —,

tinha pouco em termos de personalidade. Mantínhamos uma delas como animal de estimação

em um insetário no laboratório, dentro de um frasco especial com um pequeno tapete e mobília

de casa de bonecas, substituindo-a ao fim de cada ciclo vital. Embora seja difícil determinar o

sexo de uma mosca das frutas, nós a/o chamávamos de Bruce. Eis aí o exemplo padrão de

Humor Bioquímico.

Tais pequenas distrações eram necessárias porque anestesiar uma população de

Drosophilas e, em seguida, examinar uma a uma com um pincel fino e um microscópio,

procurando pequenas mudanças na pigmentação dos olhos ou no formato das

asas é

francamente entorpecedor. É um pouco como embarcar em um imenso quebra-cabeça. No

começo, você pensa “isso será divertido”, então liga o rádio e prepara um bule de chá antes

de perceber que há peças demais, quase todas céu.

Por isso, eu estava muito cansado para ir à festa da minha irmã naquela sexta-feira à noite.

E não apenas cansado, eu também estava preocupado, por uma série de bons motivos.

7. a casamenteira

Eu estava preocupado com a culinária de minha irmã, que invariavelmente consistia em massa

e queijo econômico carbonizado à superfície, com atum em conserva ou carne gordurosa

picada escondida sob a crosta derretida. Eu estava preocupado porque festas em geral, e

jantares em particular, sempre me pareceram uma forma impiedosa de combate de

gladiadores, com coroas de louros agraciadas aos mais espirituosos, bem-sucedidos e

atraentes, os corpos dos derrotados sangrando nos assoalhos pintados. Eu achava, e ainda

acho, paralisante a pressão para dar o melhor de mim em tais circunstâncias, mas minha irmã

insistia em me forçar a entrar na arena repetidas vezes.

— Você não pode ficar em casa pelo resto da vida, D.

— Eu não fico em casa, mal estou aqui…

— Sentado sozinho nesse buraco miserável.

— Não é um… Sou perfeitamente feliz sozinho, Karen.

— Você não é feliz! Não é! Como pode ser feliz, D? Você não é feliz! Não é!

E era verdade que não havia muita alegria em minha vida antes daquela noite de fevereiro,

poucas razões para soltar fogos de artifício ou dar socos no ar. Eu gostava dos meus colegas,

eles gostavam de mim, mas, de modo geral, eu dizia adeus ao Steve da segurança sábado à

tarde e não falava até meus lábios se abrirem com um estalo audível na manhã de segunda-

feira, quando eu o cumprimentava com um olá. “Teve um bom fim de semana, Douglas?”,

perguntava ele. “Ah, foi tranquilo, Steve, bem tranquilo.” Ainda assim, havia prazer e

satisfação em meu trabalho, no jogo de perguntas e respostas mensal em um pub, na cerveja

com os colegas nas noites de sexta, e, caso eu ocasionalmente suspeitasse que estava faltando

algo, bem… Quem nunca?

Não com minha irmã. Aos vinte e poucos anos, Karen era promíscua em suas amizades e

andava com o que meus pais chamavam de “uma multidão de pseudoartistas”: aspirantes a

atores, dramaturgos, poetas, músicos, dançarinos, jovens glamourosos perseguindo carreiras

impraticáveis que ficavam acordados até tarde e então se reuniam para longas e emocionais

xícaras de chá durante todas as horas úteis do dia. Para minha irmã, a vida era um longo

abraço coletivo, e parecia que me exibir para os amigos mais jovens a divertia de algum modo

obscuro. Ela gostava de dizer que eu pulara a juventude e passara direto para a meia-idade,

que no ventre de minha mãe eu já tinha quarenta e três anos, e era verdade, acho, que nunca

tive jeito para ser jovem. Nesse caso, por que ela estava tão desesperada para que eu

aparecesse?

— Porque virão *garotas*.

— Garotas? Garotas… Sim, já ouvi falar a respeito.

— Uma garota em particular…

— Conheço garotas, Karen. Já conheci e já falei com garotas.

— Não como essa. Confie em mim.

Suspirei. Por algum motivo, “arrumar uma namorada para mim” se tornara uma obsessão

para Karen, e ela perseguia esse objetivo com uma sedutora mistura de condescendência e

coerção.

— Você quer ficar sozinho para sempre? Quer? Hum? Você quer?

— Não tenho intenção de ficar sozinho para sempre.

— Então, onde vai encontrar alguém, D? No armário? Debaixo do sofá? Você as cultivará

em laboratório?

— Realmente não quero continuar esta conversa.

— Só estou dizendo isso porque te *amo*!

O amor era o álibi de Karen para todo tipo de comportamento exacerbado.

— Reservarei um lugar à mesa para você. Caso não venha, a noite estará arruinada!

E, com isso, ela desligou o telefone.

8. massa gratinada com atum

Então, naquela noite, em um pequeno apartamento em Tooting, fui empurrado pelos ombros até

uma pequena cozinha, onde dezesseis pessoas sentavam-se amontoadas ao redor de uma frágil

mesa de cavaletes, própria para colar papel de parede, com uma das famosas massas de minha

irmã fumegando como um meteorito ao centro e cheirando a comida de gato queimada.

— Atenção! Este é o meu amado irmão, Douglas. Sejam legais, ele é tímido!

O que minha irmã mais gostava era de apontar pessoas tímidas e berrar TÍMIDO! Olá, oi,

ei, Douglas, exclamaram meus adversários e eu me retorci em uma pequena cadeira dobrável

entre um homem cabeludo e bonitão trajando malha de ginástica preta e colete listrado e uma

mulher extremamente atraente.

— Sou Connie — disse ela.

— Prazer em conhecê-la, Connie — falei, afiado como um bisturi, e foi assim que conheci

minha mulher.

Ficamos em silêncio por algum tempo. Pensei em pedir que ela me passasse a massa, mas,

nesse caso, eu seria obrigado a comer aquilo. Então, em vez disso…

— O que você faz, Connie?

— Boa pergunta — disse ela, embora não fosse. — Acho que sou artista. De qualquer

modo, foi isso que estudei, mas sempre soa um tanto pretensioso…

— Nem um pouco — respondi, e pensei, *ai, meu Deus, uma artista*.

Se ela tivesse dito “bióloga celular”, não teria havido como me conter, mas quase não

encontro pessoas assim e certamente nunca na casa de minha irmã. Uma *artista*. Eu não odeio

arte, não mesmo, mas não gosto do fato de não saber nada a respeito.

— Então… Aquarela ou pintura a óleo?

Ela riu.

— É um pouco mais complicado do que isso.

— Ei, também sou um tipo de artista! — disse o sujeito bonitão à minha

esquerda, se

metendo na conversa. — Sou um *trapezista*!

Não falei muito depois disso. Jake, o sujeito sedoso com malha e colete, era um artista de

circo que amava tanto seu trabalho quanto a si mesmo, e como eu poderia competir com um

homem que ganhava a vida desafiando as leis da gravidade? Em vez disso, fiquei sentado em

silêncio, vendo-a pelo canto do olho, fazendo as seguintes observações:

9. sete coisas sobre ela

1. Seu cabelo era muito bonito. Bem cortado, limpo, brilhante, de um negro quase artificial,

pontas escovadas para fora na altura das orelhas (“pontas” — é isso mesmo?), projetadas

para emoldurar seu rosto maravilhoso. Descrever cortes de cabelo não é o meu forte, me

falta vocabulário, mas havia ali algo de estrela de cinema dos anos cinquenta, o que minha

mãe chamaria de “um penteado”, embora também estivesse de acordo com a moda

contemporânea. “Moda” — vejam o que estou dizendo! De qualquer forma, senti o aroma

de seu xampu e de seu perfume ao me sentar, não porque eu tenha lhe cheirado a nuca como

um texugo, eu não faria uma coisa dessas, mas porque a mesa realmente era muito pequena.

2. Connie ouvia. Para minha irmã e seus amigos, “conversa” na verdade significava falar em

turnos, mas Connie ouvia o que dizia o nosso trapezista, a mão no rosto, o dedo mínimo

descansando no canto da boca. Contida, calma, ela tinha um tipo de inteligência tranquila.

A expressão de seu rosto era atenta, mas não totalmente acrítica ou entediada, de modo que

era impossível discernir se ela achara algo impressionante ou ridículo, uma atitude que

manteve ao longo de todo o nosso casamento.

3. Embora eu a tenha achado encantadora, ela não era a mulher mais atraente à mesa. Ao

descrever esses primeiros encontros com a pessoa amada é tradicional, eu sei, sugerir que

ela emitia um brilho especial: “seu rosto iluminou a sala” ou “eu não podia desviar o

olhar”. Na verdade, eu podia e de fato desviei o olhar, e diria que, ao menos em termos

convencionais, ela devia ser a terceira mulher mais bonita da sala. Minha irmã, com sua tão

apregoada “grande personalidade”, gostava de se cercar de pessoas extremamente “legais”,

mas ser legal e ser gentil raramente andam juntos e o fato de essas pessoas muitas vezes

serem terríveis, cruéis, pretensiosas ou idiotas era, para minha irmã, um preço pequeno a

pagar pelo glamour que refletiam. Portanto, embora houvesse muitas pessoas atraentes ali

naquela noite, eu estava muito feliz por estar sentado ao lado de Connie, mesmo que à

primeira vista ela não fosse efervescente, incandescente, luminescente etc.

4. Sua voz era muito atraente — baixa, seca, um tanto rouca, com um sotaque perceptivelmente

londrino. Ela o perdeu ao longo dos anos, mas, na época, era definitivamente uma ligeira

deglutição de consoantes. Em geral, isso seria um indicador de bons antecedentes sociais,

mas não no círculo de minha irmã. Um de seus amigos cockney falava como se

administrasse uma barraca de frutos do mar, apesar do pai ser bispo de Bath e Wells. No

caso de Connie, ela fazia perguntas inteligentes e sinceras, que, no entanto, tinham um fundo

de ironia e divertimento. “Os palhaços são tão engraçados na vida real quanto são no

picadeiro?” esse tipo de coisa. Sua voz tinha a cadência instintiva de um comediante, e ela,

o dom de ser engraçada sem sorrir, o que sempre invejei. Nas raras ocasiões em que contei

uma piada em público, eu fazia caretas como um chimpanzé assustado, mas Connie era — e

é — inexpressiva. “Então”, perguntou ela, seu rosto, uma máscara, “quando você se lança

no ar em direção ao seu parceiro, já se sentiu tentado a, no último instante, fazer isso…”,

então levou o polegar ao nariz e remexeu os dedos restantes, e eu achei aquilo

simplesmente fantástico.

5. Ela bebia muito, enchendo o copo antes de ele ter esvaziado, como se temesse que o vinho

fosse acabar. A bebida não lhe causava efeito discernível, exceto, talvez, uma certa

intensidade ao falar, como se exigisse concentração. Connie bebia com despreocupação,

com uma arrogância do tipo consigo-beber-mais-que-você. Ela ficava divertida.

6. Ela era extremamente elegante. Não vestia roupas caras ou extravagantes, mas havia algo de

correto em seu modo de vestir. A moda da época imprimia grande ênfase nas roupas

folgadas, dando a impressão de que os convidados ao redor da mesa eram crianças usando

as camisetas dos pais. Connie, ao contrário, ficava elegante e refinada com roupas velhas

(que eu aprendi a chamar de “vintage”), que eram bem-cortadas, ajustadas e que

enfatizavam — sinto muito, peço desculpas, mas não há como dizer de outro modo — suas

“curvas”. E era esperta, original, estava à frente da multidão e, ao mesmo tempo, era tão

antiquada quanto uma personagem de um filme em preto e branco. Eu, por minha vez, não

causava impressão alguma. Na época, meu guarda-roupa ia do marrom-acinzentado ao

cinza, todas as cores do mundo dos líquens, e podem ter certeza de que havia calças cáqui

no meio. De qualquer modo, a camuflagem funcionava, porque…

7. Aquela mulher à minha direita não tinha absolutamente nenhum interesse em mim.

10. o jovem e ousado trapezista voador

E por que deveria? Jake, o trapezista, era um homem que encarava a morte enquanto, na

maioria das noites, eu encarava a televisão. Ele não trabalhava em um circo qualquer, mas em

um circo punk que seguia a nova onda de circos nos quais se faziam malabarismos com

motosserras, e tambores de óleo eram incendiados e depois espancados sem parar. Agora o

circo era sensual; os elefantes dançarinos foram substituídos por contorcionistas nuas,

ultraviolência e, como explicou Jake, “um tipo de anarquia pós-apocalíptica com a estética de

Mad Max”.

— Quer dizer então que os palhaços não dirigem mais aqueles carros que perdem as rodas?

— perguntou Connie, o rosto, uma pedra.

— Não! Foda-se isso, cara! Agora os carros *explodem*! Estaremos no Clapham Common na

semana que vem. Vou conseguir ingressos para vocês dois, podem aparecer.

— Ah, nós não estamos juntos — disse ela, um pouco rápido demais. — Acabamos de nos

conhecer.

— Ah! — assentiu Jake, como se dissesse “isso faz sentido”.

Houve uma breve pausa e, para preencher a lacuna, perguntei:

— Me diga uma coisa, você acha que, como trapezista, é difícil obter um seguro de carro

decente?

O percentual varia, mas algumas das coisas que digo não fazem o menor sentido para mim.

Talvez eu estivesse tentando fazer uma piada. Talvez eu esperasse emular o tom lacônico de

Connie com uma sobrancelha erguida e um sorriso irônico. Se tinha sido isso, não deu certo

porque Connie não estava rindo e, sim, se servindo de mais vinho.

— Não, porque eu não digo isso para eles — respondeu Jake com uma arrogância rebelde

que era muito anárquica, mas boa sorte com quaisquer futuras reivindicações, grandalhão.

Tendo direcionado a conversa para prêmios de seguro, eu me servi da massa de atum

gratinada, queimando o dorso das mãos de Connie com grossos fios de cheddar derretido,

quente como lava, e, enquanto ela os removia, Jake voltou ao seu monólogo, estendendo o

braço à minha frente para se servir de mais bebida. Sempre que eu pensava em trapezistas

imaginava sujeitos corpulentos do tipo Burt Lancaster: lisos, usando brilhantina e vestindo

malhas de ginástica. Jake era um sujeito selvagem, coberto de pelos corporais exuberantes da

cor de uma bola de basquete, mas ainda assim inegavelmente bonito, forte, uma tatuagem celta

circundando os bíceps, um emaranhado de cabelo ruivo e selvagem em um rabo de cavalo

feito com um prendedor engordurado. Quando falava — e ele falava muito — seus olhos

brilhavam para Connie, passando diretamente através de mim, e fui forçado a aceitar que

estava assistindo a um jogo de sedução descarado. Perdido, peguei a salada rudimentar.

Generosamente temperada com vinagre de malte e óleo de cozinha, minha irmã tinha o raro

dom culinário de fazer alface ficar com gosto de batatas fritas.

— Não há nada igual àquele momento em que você está no ar — disse Jake, estendendo os

braços para o teto —, quando você está caindo, embora quase voando. Você tenta apreendê-lo,

mas é… transitório. É como tentar conter um orgasmo. Conhece essa sensação?

— Se conheço? — indagou Connie, impassível. — Estou fazendo isso agora mesmo.

Aquilo me fez cair na gargalhada, o que, por sua vez, fez com que Jake me olhasse de cara

feia. Rapidamente, estendi a saladeira corrosiva.

— Alguém quer alface crespa? Alface crespa?

11. produtos químicos

A massa de atum gratinada desceu como argila quente, e o monólogo de Jake continuou durante

a sobremesa, um pavê de xerez irônico, coberto com creme de leite, confetes e jujubas

suficientes para suscitar o surgimento de diabetes tipo dois. Connie e Jake se inclinavam sobre

mim agora, os feromônios umedecendo o ar entre os dois, o campo de força erótico afastando

minha cadeira cada vez para mais longe da mesa até eu ficar praticamente no corredor com as

bicicletas e as pilhas de Páginas Amarelas. Em algum momento, Connie deve ter percebido

isso porque ela se voltou para mim e perguntou:

— Então, Daniel, o que você faz?

Daniel me pareceu próximo o bastante.

— Bem, eu sou cientista.

— Sim, sua irmã me contou. Ela me disse que você tem ph.D. Em que área?

— Bioquímica. Mas, no momento, estou estudando a *Drosophila*, a mosca das frutas.

— Prossiga.

— Prossiga?

— Fale mais — disse ela. — A menos que seja secreto.

— Não. É que as pessoas não costumam pedir mais. Bem, como eu posso… Certo, estamos

usando agentes químicos para induzir mutações genéticas…

Jake gemeu alto e senti algo roçar meu rosto quando ele estendeu a mão para pegar o vinho.

Para algumas pessoas, a palavra “cientista” sugere um lunático desvairado, um empregado de

jaleco branco de alguma organização fanática, ou um figurante em um filme de James Bond. É

evidente que esta era a maneira como Jake me via.

— *Mutações?* — exclamou Jake, indignado. — Por que você faria uma mutação em uma

mosca das frutas? Pobre coitada, por que não a deixam em paz?

— Bem, não há nada inerentemente não natural na mutação. É apenas outra palavra para

evolu…

— Acho errado mexer com a natureza. — Agora ele se dirigia a todos na mesa. —

Pesticidas, fungicidas, acho que são todos maléficos.

Como hipótese, aquilo me parecia improvável.

— Não tenho certeza se um composto químico pode ser maléfico por si mesmo. Pode ser

usado de forma irresponsável ou insensata, e, infelizmente, às vezes, isso tem

sido o…

— Minha parceira tem um terreno em Stoke Newington. Sua produção é totalmente

orgânica e sua comida é maravilhosa, absolutamente maravilhosa…

— Tenho certeza disso. Mas não creio que ocorram pragas de gafanhotos em Stoke

Newington, seca anual ou falta de nutrientes no solo…

— Cenouras devem ter gosto de cenouras — gritou ele, um confuso *non sequitur*.

— Sinto muito, eu não entendi bem o…

— Produtos químicos. É tudo por causa desses produtos químicos!

Outro *non sequitur*.

— Mas… tudo são produtos químicos. A cenoura é feita de substâncias químicas, esta

salada é química. Esta sobretudo. Você, Jake, é composto de substâncias químicas.

Jake pareceu ofendido.

— Não, eu não sou! — disse ele.

Connie riu.

— Sinto muito, mas é, sim — prossegui. — Você tem seis elementos principais, sessenta e

cinco por cento de oxigênio, dezoito por cento de carbono, dez por cento de…

— Isso acontece porque as pessoas tentam cultivar morangos no deserto. Se todos

comêssemos produtos locais, cultivados naturalmente, sem toda essa química…

— Parece maravilhoso, mas se o seu solo carecesse de nutrientes essenciais, se a sua

família estiver morrendo de fome por causa de pulgões ou fungos, você talvez fosse grato a

alguns desses maléficos produtos químicos.

Não sei o que mais eu disse. Eu era apaixonado pelo meu trabalho, sentia que ele era

benéfico e valioso, e, assim como o idealismo, o ciúme também pode ter exercido alguma

influência. Eu bebera um pouco demais e, após uma longa noite sendo alternadamente

ignorado e tratado com condescendência, não fora com a cara de meu rival, que era da mesma

escola daqueles que pensam que a solução para as doenças e para a fome eram shows de rock

melhores e mais longos.

— Há bastante comida para alimentar o mundo, só que está nas mãos erradas.

— Sim, mas isso não é culpa da ciência! Isso é política, economia! A ciência não é

responsável pela seca, pela fome ou pelas doenças, mas essas coisas estão acontecendo e é aí

que entra a pesquisa científica. É nossa responsabilidade fa…

— Para nos dar mais DDT? Mais talidomida?

Este último golpe pareceu ter agradado muito a Jake, que lançou um belo sorriso para seu

público, encantado que as desgraças dos outros tenham-lhe fornecido um valioso argumento de

debate. Aquelas foram terríveis tragédias, mas não me lembro de terem sido especificamente

culpa minha ou de meus colegas — todos responsáveis, humanos, decentes, todos ética e

socialmente conscientes. Além disso, tais instâncias foram anomalias, se considerarmos todos

os extraordinários progressos que a ciência nos legou, e eu tive uma imagem mental muito

clara de mim mesmo nas sombras do topo da lona do circo, cortando freneticamente uma

corda com um canivete.

Ponderei em voz alta:

— O que aconteceria se, Deus me livre!, você caísse de seu trapézio, quebrasse as pernas e

tivesse uma infecção generalizada? Porque, nesse caso, eu adoraria, Jake, eu realmente

adoraria ficar ao lado da sua cama com antibióticos e analgésicos fora do seu alcance e dizer,

eu sei que você está sofrendo, mas infelizmente não posso lhe dar estes remédios porque, você

sabe, são produtos químicos, criados por cientistas, e eu sinto muito, mas lamentavelmente

terei de amputar suas pernas. Sem anestesia!

12. silêncio

Perguntei-me se talvez eu não me levara muito a sério. Na esperança de soar apaixonado,

acabei parecendo desequilibrado. Havia más intenções no que eu dissera, e ninguém gosta de

más intenções em um jantar, pelo menos não más intenções declaradas, e certamente minha

irmã não gostou, já que estava olhando feio para mim com o creme escorrendo de sua colher.

— Bem, Douglas, vamos esperar que não chegue a esse ponto — disse ela em um fio de

voz. — Mais pavê?

Pior ainda, eu não estava me comportando bem diante de Connie. Embora tivéssemos

conversado pouco, gostei muito daquela mulher e queria causar uma boa impressão. Com

algum receio, olhei para a direita, onde ela permanecia com o queixo apoiado na palma da

mão, o rosto completamente impassível e ilegível e, a meu ver, ainda mais belo do que antes.

Então, ela tirou a mão do rosto, colocou-a sobre o meu braço e sorriu.

— Sinto muito, Douglas, acho que eu chamei você de Daniel agora há pouco.

E isso… bem, *isso* foi como uma luz se acendendo.

13. apocalipse

Acho que nosso casamento já deu o que tinha que dar, disse ela. *Acho que quero me separar*

de você.

Mas estou consciente de ter me distraído e me perdido em tempos mais felizes. Talvez eu

esteja dourando a pílula. Estou ciente de que os casais tendem a embelezar o folclore do

“como nos conhecemos” com todo tipo de detalhes e significado. Moldamos e

sentimentalizamos esses primeiros encontros em mitos da criação para assegurar-nos, e aos

nossos descendentes, que aquilo de algum modo “tinha de acontecer”, e, com isso em mente,

talvez o melhor seja fazer uma pausa e voltar ao lugar de onde viemos — especificamente

àquela noite, um quarto de século depois, quando aquela mesma mulher inteligente, divertida e

atraente me acordou para dizer que achava que poderia ser mais feliz, que seu futuro poderia

ser mais completo, mais rico; que, considerando tudo, ela poderia se sentir mais “viva” caso

não mais estivesse perto de mim.

— Tento imaginar nós dois aqui todas as noites, sem Albie. Porque ele é de enlouquecer, eu

sei, mas é o motivo para ainda estarmos aqui, juntos…

Ele era o motivo? O único motivo?

— …e eu estou apavorada com a ideia de ele sair de casa, Douglas. Estou apavorada com

a ideia desse… *vazio*.

Que vazio? Eu era o vazio?

— Por que haveria um vazio? Não vai haver um vazio.

— Só nós dois, vagando por esta casa…

— Não vamos vagar! Faremos coisas. Vamos nos ocupar, vamos trabalhar, fazer coisas

juntos… Vamos, vamos preencher o vazio.

— Preciso de um novo começo, tipo uma mudança de cenário.

— Você quer mudar de casa? Vamos mudar de casa.

— Não é a casa. É a ideia de você e eu no pé um do outro para sempre. É como… uma

peça de Beckett.

Eu nunca tinha visto uma peça de Beckett, mas presumi que era algo ruim.

— Connie, realmente é assim… tão horrível a ideia de você e eu ficarmos juntos sozinhos?

Porque pensei que tínhamos um bom casamento…

— Tínhamos, temos. Fui muito feliz com você, Douglas, muito, mas o futuro…

— Então por que você quer jogar isso fora?

— Apenas sinto que, como uma unidade, como marido e mulher, nós encerramos. Demos o

melhor de nós, podemos seguir em frente, nosso trabalho está concluído.

— Nunca foi um trabalho para mim.

— Bem, às vezes era para mim. Às vezes parecia trabalho. Agora que Albie está indo

embora, quero sentir que isto é o começo de algo novo, não o começo do fim.

O começo do fim. Será que ela ainda estava falando de mim? Ela me fez parecer como uma

espécie de apocalipse.

A conversa continuou por algum tempo, Connie, exultante com toda aquela sinceridade, eu,

inseguro, incoerente, esforçando-me para assimilar o que ouvia. Há quanto tempo ela se sentia

assim? Será que estava realmente tão infeliz, tão cansada? Eu entendia sua necessidade de

"redescobrir a si mesma", mas por que ela não poderia se redescobrir comigo por perto?

Porque, como ela dissera, nosso trabalho estava concluído.

Nosso trabalho estava concluído. Tínhamos criado um filho e ele era… Bem, ele era

saudável. Às vezes, quando pensava que ninguém estava olhando, ele parecia feliz. Era

popular na escola e aparentemente tinha certo charme. Ele era irritante, é claro, e sempre

parecia ser mais filho de Connie do que meu; eles sempre foram mais próximos, ele sempre

fizera parte do "time dela". Apesar de dever sua existência a mim, eu suspeitava que meu filho

achava que a mãe poderia ter encontrado algo melhor. Mesmo assim, será que ele realmente

era o único propósito e produto, o único trabalho de vinte anos de casamento?

— Pensei… Isso nunca passou pela minha cabeça… Sempre imaginei… —

Exausto, eu

estava tendo alguma dificuldade para me expressar. — Sempre tive a impressão de que

estávamos juntos porque queríamos estar juntos, e porque éramos felizes a maior parte do

tempo. Eu pensava que nós nos amávamos. Eu pensava… Evidentemente eu estava enganado,

mas estava ansioso para envelhecermos juntos. Eu e você, envelhecermos e morrermos juntos.

Com a cabeça no travesseiro, Connie se virou para mim e disse:

— Douglas, por que alguém em sã consciência ficaria ansioso por *isso*?

14. o machado

Lá fora já havia amanhecido, uma clara terça-feira de junho. Em breve, nos levantaríamos,

fatigados, tomaríamos banho e escovaríamos os dentes juntos na pia, o cataclismo em modo de

espera enquanto enfrentávamos as banalidades do dia. Tomaríamos o café da manhã,

gritaríamos tchau para Albie e ouviríamos o arrastar de pés e o gemido que passariam como

sua despedida. Nos abraçaríamos brevemente sobre a brita do acesso de veículos…

— Não estou fazendo as malas ainda, Douglas. Conversaremos mais.

— Certo. Conversaremos mais.

…então, eu dirigiria até o escritório e Connie iria até a estação ferroviária para pegar o

0822 para Londres, onde ela trabalhava três dias por semana. Eu diria olá para meus colegas,

riria de suas piadas, responderia a e-mails, comeria uma refeição leve de salmão e agrião com

professores visitantes, ouviria relatos de seu progresso, assentindo e pensando o tempo todo:

Acho que nosso casamento já deu o que tinha que dar. *Acho que quero me separar de*

você.

Era como tentar trabalhar com um machado cravado no crânio.

15. férias

Consegui, é claro, porque uma exibição pública de desespero teria sido pouco profissional.

Meu comportamento só começou a vacilar na última reunião do dia. Eu estava irrequieto,

suando, remexendo as chaves no bolso, e, antes da ata da reunião ter sido aprovada, eu já

estava de pé, com o telefone na mão, murmurando desculpas, tropeçando em direção à porta

enquanto arrastava a cadeira comigo.

Nossos escritórios e laboratórios erguem-se ao redor de uma praça ridiculamente chamada

The Piazza, engenhosamente concebida para não receber nenhuma luz solar. Há bancos de

concreto hostis em meio a um gramado irregular que fica pantanoso e enlameado no inverno,

ressecado e empoeirado no verão, e eu andava de um lado para outro nesse espaço desolado à

vista de meus colegas, uma das mãos tapando a boca ao falar.

— Teremos de cancelar o Grand Tour.

Connie suspirou.

— Vamos ver.

— Não podemos viajar pela Europa com isto pairando sobre as nossas cabeças. Qual seria

a graça?

— Acho que ainda devemos ir. Por Albie.

— Bem, desde que Albie fique feliz!

— Douglas. Vamos falar sobre isso quando eu voltar do trabalho. Preciso ir agora.

Connie trabalha no departamento de educação de um grande e famoso museu londrino,

intermediando programas de extensão para escolas, colaborando com artistas em trabalhos

planejados e outras funções que não entendo muito bem, e, de repente, eu a imaginei em uma

conversa sussurrada com vários colegas, Roger, Alan ou Chris, o pequeno e elegante Chris,

com seu colete e seus minúsculos óculos. *Finalmente, eu contei a ele, Chris. Como ele*

reagiu? Não muito bem. Querida, você fez a coisa certa. Enfim você pode escapar do

Vazio…

— Connie, existe outra pessoa?

— Ah, Douglas…

— É isso então? Você está me deixando por outra pessoa?

Ela parecia cansada.

— Vamos conversar quando chegarmos em casa. Mas não na frente do Albie.

— Você precisa me dizer agora, Connie!

— Não tem nada a ver com outra pessoa.

— É o Chris?

— O quê?

— O Pequeno Chris, o Chris do Colete!

Ela riu, e eu me perguntei como ela podia rir quando eu estava com esse machado cravado

no crânio.

— Douglas, você conhece Chris. Eu não sou louca. Não há ninguém, e certamente não é o

Chris. Só diz respeito a nós dois.

E eu não tinha certeza se isso melhorava ou piorava as coisas.

16. pompeia

O fato era que eu amava a minha mulher de tal forma que achava impossível expressar, de

modo que raramente o expressava. Embora não tenha pensado muito a respeito, eu supunha

que terminaríamos as nossas vidas juntos. É claro que este é um desejo em grande parte inútil,

porque, salvo no caso de um desastre, alguém tem de ir primeiro. Há uma famosa obra em

Pompeia — pretendíamos vê-la no Grand Tour que tínhamos planejado para o verão — de

dois amantes de “conchinha”, creio ser esse o termo, seus corpos aninhados enquanto a nuvem

escaldante e venenosa rolava pelas encostas do Vesúvio e os asfixiava em cinzas quentes. Não

são múmias ou fósseis como algumas pessoas pensam, mas um molde tridimensional do vazio

por eles deixado ao se deteriorarem. É claro que não há como saber se as duas figuras eram

marido e mulher. Poderiam ter sido irmão e irmã, pai e filha, poderiam ser um casal de

adúlteros. Para mim, entretanto, a imagem sugere apenas o casamento: conforto, intimidade,

abrigo da tempestade sulfurosa. Não é uma publicidade muito animadora da vida conjugal,

mas também não é um símbolo ruim. O final foi horrível, mas ao menos eles estavam juntos.

Contudo, vulcões são raros em Berkshire. E se um de nós tinha de ir primeiro, eu esperava

com toda a sinceridade que fosse eu. Tenho noção de que isso soa mórbido, mas parecia ser o

caminho certo, a maneira sensata, porque, bem, minha mulher me trouxe tudo o

que eu sempre

quis, tudo de bom e que valia a pena, e tínhamos passado por muita coisa juntos. Eu achava

inconcebível imaginar a vida sem ela. Literalmente assim. Eu não era capaz de conceber.

Então, decidi que não podia permitir que aquilo acontecesse.

PARTE DOIS

FRANÇA

“Em casa, junto à lareira, sempre que você erguer a cabeça, lá estarei — e sempre que

eu erguer a cabeça, lá estará você.”

Sua expressão desmoronou e ela ficou em silêncio um instante.

Thomas Hardy, *Far From the Madding Crowd*

17. notas mentais

Algumas diretrizes para um bem-sucedido Grand Tour pela Europa:

1. Energia! Nunca esteja “muito cansado” ou “indisposto”.

2. Evite conflitos com Albie. Aceite as provocações de boa vontade e não revide com

malícia ou recriminações amargas. Mantenha o bom humor o tempo todo.

3. Não é necessário estar certo a respeito de tudo, mesmo quando for esse o caso.

4. Mantenha a mente aberta e disposta a experimentar coisas novas. Por exemplo, alimentos

incomuns de cozinhas sem higiene, arte experimental, pontos de vista diferentes etc.

5. Seja divertido. Desfrute serenamente da brincadeira de C e A.

6. Tente relaxar. Não fale sobre o futuro agora.

7. Seja organizado, mas…

8. Mantenha o senso de humor e a espontaneidade.

9. Em todos os momentos, preste atenção a Connie. Ouça.

10. Tente não brigar com Albie.

18. integração de trens elegante

As férias foram ideia de Connie. “Um Grand Tour, para prepará-lo para o mundo adulto, como

no século dezoito.”

Eu também não sabia muita coisa a esse respeito. Connie explicou que era costume os

jovens de certa classe e idade embarcarem em uma peregrinação cultural para o continente,

seguindo roteiros bem-estabelecidos para, com a ajuda de guias, conhecerem alguns locais e

obras de arte antigas antes de retornarem à Grã-Bretanha como homens sofisticados,

civilizados e experientes. Na prática, a cultura era em grande parte uma desculpa para

beberem, andarem com prostitutas e serem roubados, voltando para casa com objetos de

pilhagem, algumas garrafas de bebida e doenças venéreas.

— Então, por que não posso ir para Ibiza? — perguntou Albie.

— Confie em mim — disse Connie. — Isso vai ser muito, muito mais divertido.

Estávamos sentados à mesa da cozinha em uma manhã de domingo — isso foi em tempos

mais felizes, antes do anúncio da minha mulher —, meu velho atlas aberto em um mapa da

Europa Ocidental, e havia uma espécie de alegria em Connie que fazia tempo eu não via.

— Você precisa lembrar que tudo isso foi antes da reprodução mecânica barata. Por isso, o

Grand Tour era a única maneira de se ver todas essas obras-primas além de gravuras fajutas

em preto e branco. Todas as grandes obras do mundo antigo e da Renascença, a Catedral de

Chartres, o Duomo, em Florença, a Praça de São Marcos, o Coliseu. Você teria aulas de

esgrima, atravessaria os Alpes, exploraria o Fórum Romano, olharia dentro da cratera do

Vesúvio e andaria pelas ruas de Nápoles. E, sim, você beberia, andaria com prostitutas e se

envolveria em brigas, mas voltaria um *homem*.

— Então é Ibiza — concluiu Albie.

— Vamos lá, Ovo! Coopere — disse Connie. Como um general avançando, ela correu o

dedo sobre a página do atlas. — Veja, começaremos em Paris, fazendo as paradas óbvias: o

Louvre, o Musée d’Orsay, os Monets e os Rodins. Vamos de trem a Amsterdã

para ver

Rembrandt no Rijksmuseum, os Van Goghs e, em seguida, atravessaremos os Alpes, sem

aviões, sem carros, até Veneza, porque é Veneza. Voltaremos por Pádua para visitar a Capela

Scrovegni; Vicenza para visitar as *villas* de Palladio; Verona, Verona é adorável, e veremos *A*

Última Ceia em Milão; Florença, para ver Botticelli na Uffizi e, bem, para ver Florença.

Então, Roma! Roma é linda. Paramos em Herculano e Pompeia, e terminaremos em Nápoles.

Claro que, em um mundo ideal, teríamos de recuar e visitar o Kunsthistorisches em Viena,

depois, Berlim, mas teremos que avaliar como seu pai estará se saindo à essa altura.

Eu estava esvaziando a máquina de lavar louça e, confesso, distraído com o baixo nível de

detergente, bem como com o custo destruidor daquela viagem. Mas Connie realmente parecia

muito animada, e talvez isso representasse uma mudança em nossas férias familiares recentes,

os três impacientes, picados de insetos e queimados de sol em alguma *villa* caríssima, ou

lutando por nosso pequeno pedaço de praia no Mediterrâneo.

Albie continuava cético.

— Então, basicamente, viajarei de trem com a minha mãe e o meu pai.

— É isso mesmo. Garoto de sorte — disse Connie.

— Mas se é para ser um grande rito de passagem, a presença de vocês dois não frustraria o

objetivo?

— Não, Ovo, porque você estará aprendendo sobre arte. Naquele tempo, se você levasse a

pintura a sério, esta seria a sua formação, a sua universidade. A mesma coisa agora. Você

pode fazer esboços, tirar fotos, assimilar tudo. Se quiser ganhar a vida com isso, precisará ver

essas coisas…

— Um monte de velhos mestres, um monte de europeus brancos mortos.

— …mesmo que seja apenas para que você tenha algo para desprezar. Além disso, Picasso

é um europeu branco morto, e você adora Picasso.

— Podemos ver *Guernica*? Eu adoraria ver *Guernica*.

— *Guernica* está em Madri. Visitaremos em outra oportunidade.

— Ou você pode simplesmente me dar o dinheiro e eu irei sozinho!

— Desta forma será *educacional* — disse Connie.

— Desta forma, você sairá da cama pela manhã — falei.

Albie gemeu e deitou a cabeça sobre os braços; Connie começou a torcer-lhe uma mecha

de cabelo da nuca. Eles fazem isso, Connie e Albie, ficam mexendo um no outro, como

primatas.

— Vamos nos divertir também. Vou me certificar de que seu pai coloque alguma diversão

na programação.

— A cada quatro dias, isso é muito?

Voltei para a máquina. Não apenas detergente, sal também; a coisa toda estava jorrando

pela louça e me perguntei como eu poderia recalibrar as configurações.

— Você ainda pode conhecer garotas e ficar bêbado — disse Connie. — Mas terá de fazer

isso comigo e com seu pai assistindo. E apontando.

Albie suspirou e pousou a bochecha no punho.

— Ryan e Tom vão mochilar na Colômbia.

— E você também poderá ir! Ano que vem.

— Não, ele não poderá — gritei para a máquina de lavar louça. — Colômbia não.

— Cale a boca, Douglas! Ovo, querido, estas provavelmente serão as últimas férias de

verão que passaremos juntos.

Olhei para cima e bati a cabeça com força no armário da cozinha. A última vez? Será? Será

mesmo?

— Depois disso, você estará por conta própria — disse Connie. — Mas, por enquanto,

vamos tentar passar bons momentos juntos neste verão, está bem? Uma última vez?

Talvez ela já estivesse planejando a sua fuga.

19. sussurrando pelos campos

Quando minha mulher me disse que iria embora no outono, minha vida acabou? Fiquei em

pedaços ou deixei de ser capaz de enfrentar os dias?

É claro que houve mais noites sem dormir, mais lágrimas e acusações nos preparativos

para a viagem, mas eu não tinha tempo para um colapso nervoso. Além disso, Albie estava

completando seus “estudos” em arte e fotografia, voltando exausto das aulas de serigrafia ou

de esmaltação de cerâmica, e por isso fomos discretos, passeando a alguma distância de casa

com nosso cachorro, um velho labrador chamado Sr. Jones e sussurrando sobre a cabeça do

cão enquanto caminhávamos pelos campos.

— Não consigo acreditar que você armou essa para mim!

— Não *armei* nada, estou me sentido assim há anos.

— Você não disse nada.

— Eu não devia precisar dizer.

— Armar uma coisa dessas, neste momento…

— Sinto muito. Tentei ser o mais honesta po…

— Ainda acho que deveríamos cancelar o Grand Tour…

— Por quê?

— Você ainda quer ir? Com isto pairando sobre nós?

— Acho que sim…

— Um cortejo fúnebre, fazendo mochilão pela Itália…

— Não precisa ser assim. Pode ser divertido.

— Se você quiser cancelar os hotéis, precisa me dizer agora.

— Eu já disse que quero ir. Por que você não ouve a…?

— Porque, se você realmente está presa em um inferno…

— Não seja melodramático, meu amor, isso não ajuda.

— Eu não entendo por que você sugeriu isso se não queria…

— Eu queria, e ainda quero! — Ela parou e segurou minha mão. — Vamos deixar a outra

decisão em suspenso até o outono. Vamos todos viajar, passaremos um tempo fantástico com

Albie…

— E então voltaremos e nos despediremos? Você nem mesmo terá de se preocupar em

desfazer as malas. Basta enfiar a bagagem em um táxi e ir embora…

Nesse ponto, ela suspirou e enlaçou o braço no meu como se não houvesse nada de errado.

— Vamos ver. Vamos ver o que acontece.

E trouxemos Sr. Jones de volta para casa.

20. mapas

Um roteiro ganhou forma: Paris, Amsterdã, Munique, Verona, Veneza, Florença, Roma e

Nápoles. É claro que Connie já estivera na maioria desses lugares, em uma odisseia épica de

fumar *cannabis* e beijar garotos locais, trabalhando como garçonete, guia de turismo e babá,

antes de ingressar na escola de arte. No início de nosso relacionamento, quando meu trabalho

e nossas débeis finanças permitiam, às vezes pegávamos voos baratos para cidades europeias.

Connie via um banco, um bar ou café e começava a divagar sobre a vez em que ela e os

amigos passaram uma semana dormindo na praia em Creta, sobre uma festa fenomenal em uma

fábrica abandonada nos arredores de Praga ou sobre o desconhecido por quem ela se

apaixonara loucamente em Lyon em 1984, um mecânico da Citroën com mãos fortes, nariz

quebrado e cheiro de óleo de motor no cabelo. Eu sorria e mudava de assunto, mas é evidente

que “viajada” significava algo diferente para Connie. Estive lá, transei com ele, era a nossa

piada. A Europa representava primeiros amores e pores do sol, vinho tinto barato e amassos

ofegantes.

Eu não tive esse rito de passagem, em parte por causa de meu pai, um patriota feroz que se

enfurecia com a maldita recusa do mundo a se submeter, aprender a falar inglês decentemente

e viver como nós vivemos. Qualquer coisa que sugerisse “estrangeiro” despertava sua

desconfiança: azeite de oliva, sistema métrico, comer ao ar livre, iogurte, mímica, edredons,

prazer. Sua xenofobia não se limitava à Europa; era internacional e não conhecia fronteiras.

Quando meus pais vieram para Londres para comemorar o meu ph.D., cometi o erro de,

brandindo meu cosmopolitismo, levá-los a um restaurante chinês em Tooting. O Chiang Mai

satisfazia os principais critérios de meu pai para restaurantes, já que era irritantemente barato

e brutalmente iluminado (“para que você possa ver a maldita comida!”), embora eu ainda me

lembre da expressão em seu rosto quando recebeu um par de hashis. Ele os brandiu para o

garçom, como um canivete. “Garfo e faca. Garfo. E. Faca.”

É claro que discutíamos sobre isso. Para ele, o canal da Mancha era como “deixar a porta

da frente de casa aberta”. O que você imagina que pode acontecer?, perguntei. Uma grande

horda saqueadora de toureiros, garçons de *trattoria* e vendedores de cebola espalhando-se

por Folkestone, Kent? Na verdade, ele perdera o pai na Bélgica, em 1944, e, talvez isso tenha

proporcionado alguma bem fundamentada justificativa para a sua hostilidade, mas, ainda

assim, aquilo era algo irracional em um homem tão racional. Para meu pai, “o exterior” era um

lugar estranho e desconhecido, onde o leite tinha gosto esquisito e durava um tempo

anormalmente longo.

Por isso, eu não era viajado. Na verdade, eu mal conhecia a Europa até encontrar Connie.

Aonde quer que fôssemos, ela já estivera antes. Seu mapa da Europa era repleto de alfinetes

vermelhos, que significavam mochilas roubadas, voos perdidos, beijos lânguidos em parques

ornamentais, medos de gravidez, laranjas frescas colhidas no pé e uzo no café da manhã. Em

minha primeira visita a seu apartamento, vi diversas fotografias coladas na geladeira: Connie

new wave e suas amigas da escola de arte com permanentes cheios de gel mandando beijos

para a câmera ou fumando de topless — de topless! e fumando cigarros! — em uma varanda,

na Sicília.

Minha primeira visita ao seu apartamento. Ainda nem passei pela porta. Ela ainda está

conversando com Jake.

21. o assento ejetor

Depois que o irônico pavê com xerez de minha irmã foi retirado da mesa, todos fomos

incentivados a trocar de lugares e a “nos misturarmos”. Connie e Jake desocuparam as suas

cadeiras como se elas fossem assentos ejetores. “Misturar”, verificou-se, envolvia continuar a

conversa em outra parte da mesa, e vi quando o acrobata tirou de algum lugar, não sei de onde

— da calça justa, talvez —, um pequeno saco plástico Ziploc cheio de doces pálidos e

ofereceu a Connie, que aceitou com um menear de cabeça, quase um dar de ombros de

resignação, antes de passar o saco para minha irmã e para o resto da mesa. Não deviam ser

muito gostosos porque todos estavam fazendo caretas e empurrando-os goela abaixo com água.

Logo me vi sentado entre dois atores drogados, uma posição que, como desde então vem

sendo confirmado por uma série de pesquisas revisadas por colegas, é precisamente o pior

lugar onde um bioquímico pode estar. Um dos atores interpretava trechos de seu monólogo

que, na minha opinião, tinha atores demais, e quando o saco Ziploc chegou até nós, ele parou

de falar e sacudiu-o debaixo do meu nariz. Ao fim da mesa, vislumbrei minha irmã meneando

a cabeça, olhos arregalados e incentivadores.

— Não, obrigado.

— Você não vai participar? — perguntou o ator, fazendo beicinho. — Devia! Pegue um, é

ótimo.

— Sinto muito, mas o único ácido em minha casa é o desoxirribonucleico.

— Ei, alguém aí tem chicletes?

Saí da mesa.

Karen me interceptou em seu quarto, onde eu revirava grandes pilhas de casacos.

— Você já vai? Ainda não são nem dez horas!

— Realmente acho que essa não é a minha praia, Karen.

— Você não saberá se não experimentar.

Minha irmã parecia terrivelmente satisfeita consigo mesma. Sem coragem suficiente para se

rebelar na presença de meus pais, ela gostava de me usar como substituto deles. Eu era

simplesmente o velho careta mais próximo disponível.

— Por que você é tão chato, D?

— Ah, eu pratico todas as noites.

— Isso me deixa louca!

— Então, ainda bem que estou indo embora.

Encontrei meu casaco e enrolei o cachecol no pescoço.

— Fique e experimente.

— Não.

— Por que não?

— Porque eu não quero, sua traficante! Por que você está insistindo tanto para que eu faça

algo que não quero fazer?

— Porque eu acho que você deveria experimentar coisas! Pode revelar outros aspectos de

sua personalidade.

— Bem, sinto muito desapontá-la, mas é isso. Isso é tudo o que tenho.

Karen colocou a mão no meu peito.

— Acho que Connie gostou de você.

— Ah. Com certeza.

— Na verdade, ela me disse isso.

— Você é uma mentirosa, Karen.

— Ela disse que achou você muito interessante, até mesmo aquelas coisas de ciência. Ela

disse que foi diferente conhecer alguém que está interessado em algo além de si mesmo.

— Não consigo encontrar minha outra luva. Há uma luva aqui em algum lugar…

— Ela disse que achou você muito atraente.

Eu ri.

— Então as drogas fizeram efeito.

— Pois é. Fiquei tão surpresa quanto você.

— E o que a faz pensar que eu gostei dela?

— Sua língua de fora. Além disso, você seria louco se não gostasse. Todo mundo adora

Connie, ela é incrível.

— Se encontrar a minha outra luva, pode guardá-la para mim, por favor? É parecida com…

Bem, com esta aqui. Obviamente.

Karen bloqueou meu caminho até a porta do quarto e começou a desenrolar o cachecol do

meu pescoço.

— Fique. Só mais meia hora. No momento em que as pessoas começarem a tocar os rostos

umas das outras, você pode ir embora.

22. uma foto borrada

Não demorou muito até que a 3,4-metilenodioximetanfetamina se infiltrasse através do leito de

pedra de massa gratinada de atum. Era como se uma presença invisível estivesse caminhando

pelo cômodo, tocando a cabeça das pessoas com uma varinha que as transformava em idiotas.

— Vamos nos sentar no macio! — ordenou a minha irmã, arregalando os olhos, e os

convidados saíram da cozinha.

Coloquei o pirex de molho antes de ser arrastado para a pequena sala de estar, que estava

decorada como uma espécie de harém pobre, com almofadas no chão, velas imprudentemente

fazendo cócegas na barra das cortinas e o ar cinza de fumaça de cigarro. *Tapestry*, de Carole

King, foi substituído por um retinir metálico com piano picado. Logo a dança começou. Uma

das amigas de Karen, percebi, estava sem sutiã por baixo do macacão.

Eu estava começando a me sentir tolo. Era como esperar na fila de uma montanha-russa na

qual eu não tinha intenção de andar. Por que eu continuava ali, encostado em um canto,

travando uma conversa artificialmente formal com um dramaturgo? Minha motivação

esparramada em um pufe, Jake enrolado a seus pés como um imenso gato amarelo. Karen

estava certa. Gostei daquela garota imediatamente. Gostei de sua óbvia inteligência, da grande

atenção que ela dedicava às pessoas. Gostei do humor perpetuamente estacionado no canto de

sua boca e de seus olhos borrados. E a achei atraente, é claro — seu rosto, sua aparência…

Bem, atualmente a aparência de Connie é objeto de cuidados permanentes e uma discussão

circular recorrente — *Estou horrível, não, você não está, sim, estou, você está maravilhosa*

—, uma sequência interminável que eu nada posso fazer para interromper. Ela se acha, sempre

se achou, muito gorda. Para mim, você está maravilhosa, digo. Ela dá de ombros. Pareço uma

foto borrada de mim mesma, diz ela, não tenho mais maçãs do rosto — como se isso fosse o

que todo mundo quer ver em um rosto: ossos. A verdade é que agora sinto por ela o mesmo

que sentia naquela época, ou seja, muito. Tínhamos tão pouco em comum e ainda assim ela

parecia ter mais inteligência, graça e *vida* dentro dela do que qualquer outra pessoa naquela

sala lotada ou mesmo em meu mundo naquele momento.

Então esperei, e, afinal, ela olhou para mim e sorriu maravilhosamente. Os olhos de Jake

seguiram os dela. Ele rosnou e tentou segurar-lhe o pulso quando ela se levantou — um pouco

instável, percebi. Ela livrou a mão e atravessou a sala em minha direção.

Desculpei-me com o dramaturgo.

23. ímãs

— Você ainda está aqui! — disse ela em meu ouvido.

— Só por algum tempo — falei no ouvido dela.

— Eu queria me desculpar. Realmente não tivemos oportunidade de conversar no jantar.

Jake é muito interessante, mas não tem senso de humor. Ou curiosidade.

— Não mesmo, notei.

— Gostei quando você ameaçou amputar as pernas dele.

— Eu fiz isso? Fiz mesmo, não foi?

— Eu estava olhando para você. Você ficou muito eloquente, muito apaixonado. É claro

que não entendi metade do que você disse. Não tenho salvação quando se trata de ciência. Eu

não sei o que gira em torno do que, por que o céu é azul ou a diferença entre um átomo e uma

molécula. É realmente constrangedor. Levei a minha sobrinha para o litoral no verão passado

e ela me perguntou por que a maré subia e descia, e respondi que tinha algo a ver com ímãs.

Eu ri.

— Bem, é uma teoria, acho.

Ela tocou o meu braço.

— *São* ímãs, não é mesmo? Por favor, por favor, me diga que são ímãs!

Eu estava no processo de explicar a influência da força gravitacional da Lua sobre as

grandes massas de água quando ela parou, levou as mãos ao peito e arregalou os olhos.

— Desculpe — disse ela. — É que bateu um pouco agora. Você ainda está sentindo?

— As drogas? Ah, eu realmente não uso esse tipo de coisa.

— Muito sensato. Muito.

Olhamos em torno da sala. As drogas pareciam produzir um efeito arrasador sobre a

postura das pessoas, todas curvadas e balançando as cabeças em uma espécie de ritmo disco

hipertenso. Minha irmã, em particular, estava encolhida como um esquilo, sugando os lábios e

concentrada enquanto chacoalhava pequenas maracas imaginárias.

— Olhe para eles — disse Connie, balançando a cabeça. — As pessoas sempre dizem:

tome isso, beba aquilo, você vai perder suas inibições. O que precisam é de algo que as traga

de volta. *Ei, experimente isso, você vai ficar extremamente sensata*. Ficaríamos muito

melhor. Imagine acordar e dizer para si mesma: “Meu Deus, eu estava *totalmente* inibida na

noite passada.”

— Na verdade, é exatamente isso que eu digo.

Ela riu. Pela primeira vez, creio eu.

— Sorte a sua! Parece ótimo.

Houve um breve momento em que não fizemos nada a não ser sorrir e, então ela disse:

— Está muito barulhento aqui. Preciso beber um pouco de água. Podemos ir até a cozinha?

Notei Jake, seus olhos inchados com um brilho territorial.

— Na verdade, eu estava prestes a ir para casa.

— Douglas — disse ela por sobre o ombro, estendendo a mão para mim —, você se

entrega *muito* facilmente.

E, enquanto eu a seguia, perguntei-me o que ela queria dizer com aquilo.

24. espátula

Na cozinha, lutei contra o desejo de limpar todas as superfícies.

— Sua irmã me disse que você é tipo um gênio.

— Bem, minha irmã tem uma noção de "gênio" muito limitada. Ela diz o mesmo sobre

praticamente qualquer um naquela sala.

— Mas isso é diferente, não é? Isso é talento, e nem mesmo é talento, na maioria das vezes.

É mais autoconfiança. Quando ela diz "gênio", quer dizer apenas que a pessoa fala muito alto.

Mas você, você realmente sabe coisas. Fale de novo sobre as moscas das frutas.

Fiz o melhor que pude para explicar aquilo em termos leigos, enquanto ela estava parada

diante da pia, bebendo água de um copo de cerveja em um longo gole, a cabeça inclinada para

trás e uma boa quantidade de água escorrendo pelo pescoço.

— …então, pegamos a próxima geração de moscas das frutas e analisamos a forma como

os agentes químicos alteraram o… Você está bem?

Voltando-se para ele, ela piscou e balançou a cabeça ligeiramente.

— Eu? Sim, estou bem, é que bebi um pouco demais e agora… — Ela suspirou e passou as

mãos no rosto. — Meu Deus, que ideia brilhante! Eu acabei de terminar com alguém, entende?

— Ah, sinto muito.

— Não, foi a coisa certa a ser feita, era um relacionamento terrível. É só que… durou

quatro anos, entende?

— Muito tempo.

— Continue falando comigo, está bem? Não vá embora.

Eu não tinha a intenção de ir embora.

— Então procuramos mudanças no fenótipo da mos…

— Você está saindo com alguém, Douglas?

— Eu? Não, não no momento, não há algum tempo. Pressão no trabalho — respondi, como

se esse fosse o motivo.

— Eu sabia que você era solteiro.

— É assim tão óbvio?

— Não, quer dizer, sua irmã me contou. Eu acho que ela está tentando nos juntar.

— Sim, e sinto muito por isso.

— Não sinta. Não é culpa sua. Ela está convencida de que eu seria uma boa para você. Ou

seria o contrário? De qualquer modo, nada vai acontecer.

— Ah. — Aquilo me pareceu desnecessariamente cruel. — Não, bem, eu já suspeitava

disso.

— Desculpe, desculpe, não é por sua causa. Você me parece muito, muito bom… é apenas

porque, você sabe, estou me recuperando e tudo o mais. Eu me sinto um pouco…

Um instante se passou.

— Achei que você estava interessada no…

— Jake? Meu Deus, não!

— Foi o que pareceu no jantar.

— É mesmo? Desculpe, eu queria conversar com você, mas ele não parava de falar e…

Jake? Realmente, não é para mim. Dá para imaginar ele voando em sua direção, como um

grande urso tingido com henna, braços estendidos. Eu manteria as minhas mãos no fundo dos

bolsos, com ou sem rede de proteção. — Ela serviu vinho tinto no copo de cerveja e, em

seguida, bebeu como se fosse limonada. — Se eu quisesse um egocêntrico autocentrado,

ligaria para o meu ex. — Ela apontou um dedo instável em minha direção. — Não me deixe

ligar para o meu ex!

— Não deixarei.

Houve uma pausa e ela sorriu. O batom fora substituído pela mancha negra do vinho, e sua

franja castanho-escura estava pegajosa de suor. Pupilas dilatadas, seus olhos eram

maravilhosos. Ela abanou a frente do vestido.

— Está muito quente aqui ou sou eu?

— É você — respondi.

Eu estava imaginando como seria beijá-la, comparando isso com a ideia de perder o último

trem do metrô. O beijo era possível, mas tirar proveito de padrões de exigência reduzidos

quimicamente me parecia uma atitude não cavalheiresca. O que claramente era o caso, porque

então ela estremeceu, sorriu e disse:

— Por favor, não me interprete mal, Douglas, mas você se importaria de vir aqui e

simplesmente… me abraçar?

Neste ponto, uma bola de cabelo cor de fogo invadiu a cozinha, agarrou-a e ergueu-a por

sobre o ombro.

— Você está se escondendo de mim, mocinha?

— Poderia me baixar, por favor, Jake?

— Fugindo com o doutor Frankenstein… — Ele a estava descendo do seu ombro, como

quem ajeita um rolo de carpete. — Venha e dance comigo. Agora!

— Pare, por favor! — Ela estava envergonhada, aborrecida, o rosto vermelho.

— Jake, eu acho que você deveria colocá-la no…

— Ei, veja. Você consegue fazer isso, doutor Frankenstein?

E com uma facilidade que teria sido admirável caso Connie estivesse disposta, ele a jogou

no ar e a pegou de novo, cotovelos travados de modo que a cabeça dela bateu no abajur. Seu

vestido preto subiu e ela o puxou de volta, o sorriso em seu rosto fixo e sem alegria.

— Eu disse: Coloque. Ela. No. Chão!

Mal podia crer que aquela voz era minha, assim como a mão estendida brandindo uma

espátula de plástico salpicada de massa gratinada com atum. Jake olhou para a espátula,

depois para mim e riu. Então, colocou Connie no chão e, com um elegante salto circense, saiu

da cozinha.

— Provocadora! — Foi sua fala final.

— Espero que eles tirem a rede de segurança! — gritou Connie, puxando para baixo a

barra do vestido. — Cretino pretensioso.

— Você está bem?

— Eu? Eu estou bem. Obrigada. — Acompanhei o seu olhar. O utensílio de plástico ainda

estava em minha mão. — O que você planejava fazer com isso?

— Se ele não colocasse você no chão, eu o obrigaria a comer alguma coisa.

Ela riu, mexeu os ombros e levou a mão ao pescoço como se para avaliar os danos.

— Eu me sinto terrível, preciso ir lá fora.

— Vou com você.

— Na verdade… — ela pousou a mão no meu braço — …mais do que isso, preciso ir para

casa.

— O metrô já parou de funcionar.

— Tudo bem, vou a pé.

— Onde você mora?

— Em Whitechapel.

— Whitechapel? Isso fica a uns quinze quilômetros daqui.

— Tudo bem, vou gostar. Trouxe outro par de sapatos. Vou ficar bem, só que… — Ela

levou as mãos ao peito. — Preciso andar para desintoxicar e se eu for sozinha vou… acabar

trombando com alguma coisa. Ou com alguém.

— Vou com você — sugeri.

Um instante se passou.

— Obrigada — disse ela. — Seria legal.

— Vou me despedir.

— Não. — Ela pegou a minha mão. — Vamos fazer uma saída à francesa.

— O que é uma saída à francesa?

— É quando você sai sem se despedir.

— Nunca ouvi isso.

Uma saída à francesa. Nada de *obrigado por ter me recebido*, nada de *foi uma noite*

maravilhosa. Simplesmente ir embora, frio e distante. Perguntei-me se eu seria capaz de fazer

isso.

25. sr. jones

Na manhã de nossa partida, acordamos às cinco e meia e nos despedimos calorosamente do

Sr. Jones, que ficaria aos cuidados de nossos vizinhos, Steph e Mark, durante o mês que

duraria o Grand Tour. Sempre nos surpreendíamos com a saudade que sentíamos do Sr. Jones.

Mesmo em termos caninos, ele é basicamente um idiota, sempre trombando com árvores,

caindo em valas, comendo flores. Tem “senso de humor”, como diz Connie. Jogue um pedaço

de pau para o Sr. Jones e o mais provável é que ele volte com um par de cuecas descartadas.

Incrivelmente flatulento, também, a um nível bélico. Mas o Sr. Jones é bobo, leal e afetuoso e

Connie é inteiramente dedicada a ele.

— Adeus, velho amigo, nós lhe enviaremos um cartão-postal — murmurou ela, abraçando-

lhe o pescoço.

— Não acho que seja boa ideia enviar um cartão-postal — falei. — Provavelmente ele vai

comê-lo.

Connie suspirou profundamente.

— Eu não ia enviar um cartão-postal.

— Não, não, reparei.

Estávamos deliberadamente interpretando mal as piadas um do outro desde que Connie

avisara que ia embora. Isso se refletia em cada coisa que fazíamos, por menor que fosse. Até

mesmo se despedir do Sr. Jones continha a pergunta: quem ficará com a custódia?

Então, acordamos Albie, para quem despertar antes das oito da manhã era uma violação de

seus direitos humanos básicos, pegamos um táxi para Reading e nos amontoamos em um trem

para Paddington; Albie dormindo no caminho, ou fingindo dormir.

Contrariando minhas resoluções, ele e eu discutíramos na noite anterior, neste caso, por

causa do violão que Albie insistiu em arrastar por toda a Europa — uma afetação absurda e

nada prática, pensei —, mas logo ouvimos passos na escada, o suspiro familiar de Connie e

vimos seu lento e famoso menear de cabeça.

— Estou com medo que ele resolva tocar na rua — falei.

— Então deixe-o tocar na rua! Existem coisas piores que jovens de dezessete anos são

capazes de fazer.

— Estou preocupado que ele faça essas também.

Mas parecia que o violão era tão essencial quanto seu passaporte. Não é preciso dizer que

fui eu quem carregou o estojo do instrumento pela catraca do terminal do Eurostar, arrastou

pela segurança e o enfiou no inadequado bagageiro do trem quando nos sentamos, momento em

que comecei a esfregar guardanapos para limpar o café quente que agora pingava de meu

pulso. Há uma sujeira particular inerente às viagens. Você começa de banho tomado e fresco,

com roupas limpas e confortáveis, otimista e esperançoso de que será como as viagens dos

filmes: a luz do sol atravessando as janelas, cabeças apoiadas nos ombros uns dos outros,

gargalhadas e sorrisos com uma trilha sonora levemente jazzística. Mas, na realidade, a

sujeira se instala antes mesmo de você passar pela segurança; colarinho e punhos encardidos,

bafo de café, suor escorrendo pelas costas, bagagem pesada demais, distâncias muito longas,

dinheiro amarfanhado no bolso, conversa acanhada e abrupta, nenhuma

tranquilidade, nenhuma

paz.

— Então, tchau Inglaterra — falei para preencher o vazio. — Nos vemos em quatro

semanas!

— Nós ainda não saímos da Inglaterra — disse Albie, as primeiras palavras que dirigiu a

mim em doze horas.

Em seguida, pegou a sua Nikon e começou a tirar fotos da sola do sapato.

26. albert samuel petersen

Albie é moreno como a mãe. Seu cabelo preto, longo e encaracolado está sempre balançando

sobre os olhos e arranhando suas córneas, e eu constantemente quero estender a mão e afastá-

lo para o lado. Olhos grandes, castanhos e brilhantes — “emocionais” é a palavra que me

ocorre —, a pele escura ao redor, da cor de um hematoma. Ele tem nariz comprido, lábios

grossos e escuros e é, sob todos os aspectos, um jovem atraente. Uma das amigas de Connie

disse que ele parece um bandido em um quadro de Caravaggio, uma comparação que não

significava nada para mim até eu verificar. Mas é evidente que há uma demanda por

assaltantes do final da Renascença com barba rala, porque as meninas parecem atraídas por

Albie, sentem que “realmente podem conversar” com ele, e há muito tempo desisti de rastrear

Rinas, Ninas, Sophies e Sitas, para quem a irritabilidade, a irresponsabilidade e a falta de

higiene pessoal são características irresistíveis.

Mas ele é *legal*, dizem elas, é profundo; as pessoas se sentem atraídas por ele e, quanto a

isso, como em todos os outros aspectos, ele é filho da mãe que tem. De acordo com o

professor da universidade, ele “não é um acadêmico natural, mas tem uma maravilhosa

inteligência emocional”, frase que fez meus dentes trincarem. Inteligência emocional, o

paradoxo perfeito!

— Como eles testam a inteligência *emocional*? Em quais qualificações isso resulta? —

perguntei a Connie quando voltávamos para casa. — Talvez haja um elemento de múltipla

escolha. Eles o põem em uma sala com seis pessoas e você tem de descobrir quem abraçar.

— Isso quer dizer que ele tem empatia — respondeu ela secamente. — Significa que ele

tem alguma consciência e interesse pelos sentimentos das outras pessoas.

E assim me parece que a única coisa que Albie herdou do meu lado da família é a altura do

meu pai, mas até mesmo disso ele parece envergonhado e ressentido, com os

ombros curvados

e a postura ruim, o passo acelerado, os braços balançando, como se fosse incapaz de aguentar

o peso das mãos. Ah, e ele fuma. Também herdou isso do meu pai. Em atenção à minha

opinião a esse respeito, ele fuma escondido, embora não seja segredo que fumar é algo que ele

valoriza, dado o número de isqueiros e pacotes de papel para fumo que deixa espalhados pela

casa, dados o cheiro que exala de suas roupas e as marcas de queimadura no parapeito da

janela de seu quarto imundo.

— Como apareceram essas marcas, Albie? — perguntei. — Foram as andorinhas?

Andorinhas fumantes, com seus cigarros comprados no Duty Free? — Nesse ponto, ele riu e

fechou a porta com um chute.

Ah, e assim como o enfisema, o câncer e as cardiopatias que presumivelmente está

alimentando em seu peito estreito, Albie também sofre de uma doença que exige, no mínimo,

doze horas de sono diárias, e ainda é singularmente incapaz de iniciar estas doze horas antes

das duas da manhã.

O que mais? Ele gosta de camisetas com golas em V bem decotadas, de modo que seu

esterno está constantemente à mostra, e tem o hábito de enfiar os braços dentro das mangas e

atolar as mãos nas axilas. Ele se recusa a vestir um casaco, uma afetação absurda, como se

casacos de algum modo fossem “caretas” ou “fora de moda”, como se houvesse algo de

“legal” a respeito da hipotermia. Contra o que ele está se rebelando? O calor? O conforto?

— Deixe para lá — diz Connie, enquanto ele sai a passos largos na friagem com a caixa

torácica exposta. — Isso não vai matá-lo.

Mas pode matá-lo, e, se não acontecer, a enorme frustração de tudo isso matará a mim.

Tomemos, por exemplo, o estado de seu quarto, um cômodo tão imundo que de fato é uma zona

proibida, uma imensa placa de Petri com migalhas de torradas peludas, latas de cerveja e

meias impensáveis que um dia terão de ser concretadas, como Chernobyl, e isso não é apenas

preguiça de sua parte. Não. Ele se esforça verdadeiramente para criar uma situação que

provoque o máximo de mal-estar. Em mim! Não em sua mãe, mas em mim, em mim, de modo

que aquilo não é mais simplesmente um quarto, mas uma grande demonstração de má vontade.

E ele é um resmungão, um engolidor de palavras. Apesar de passar os últimos seis anos em

uma área perfeitamente educada de Berkshire, Albie fala com um sotaque cockney entediado

porque, meu Deus, ninguém pode pensar que seu pai se deu bem na vida ou que trabalhou

muito, não, ninguém pode pensar que ele vive cercado de conforto, que é bem-cuidado e

amado, amado por ambos os pais, mesmo que ele só pareça desejar e exigir as atenções de um

deles.

Em suma, meu filho me faz sentir como se eu fosse o seu padrasto.

Eu já tive experiências de amor não correspondido no passado e não foram mamão com

açúcar, posso lhes garantir. Mas amor não correspondido de seu único filho vivo se assemelha

a uma lenta queimadura de ácido.

27. helmut newton

Agora, porém, o trem finalmente começou a se mover, e Albie voltou o destemido e sincero

olhar da lente de sua câmera de seus cadarços desamarrados para as paredes dos túneis sob o

leste de Londres, porque imagens de concreto sujo nunca são demais.

— Espero que você tire muitas fotos da Torre Eiffel, Ovo — falei, em um tom carinhoso e

brincalhão. — Sua mãe e eu em pé na frente da torre fazendo joinha? — Nós demonstramos.

— Ou, outra dica, posso estender o braço assim para parecer que estou

segurando a torre na

palma da mão…

— Isso não é fotografia, são *fotos de férias*.

Parecia que a tendência a voluntariamente interpretar mal as piadas era contagiosa. Connie

piscou para mim e apertou meu joelho por baixo da mesa.

Meu filho estava prestes a estudar fotografia em um curso de três anos que estávamos

financiando, e, embora minha mulher, que entendia dessas coisas, insistisse em que ele tinha

talento, um "olho" bom, tal fato me enchia de uma ansiedade que eu lutava diariamente para

conter. A certa altura ele teve intenção de estudar teatro — teatro! — e ao menos consegui

cortar aquilo pela raiz, mas agora era fotografia, a mais recente de uma longa série de paixões

temporárias — "arte de rua", skate, discotecagem, percussão —, seus detritos desordenados

atulhando o porão, o sótão e a garagem, ao lado do otimista estojo de química que eu

comprara e ele pusera de lado, do esperançoso microscópio que nunca fora desempacotado e

da caixa empoeirada que oferecia uma oportunidade: "Crie seus próprios cristais!"

Mas não havia como negar seu entusiasmo. Albie com uma câmera era algo interessante de

se ver, agachando-se e retorcendo o corpo esguio em um ponto de interrogação, como se

representasse o papel de “fotógrafo”. Às vezes, ele empunhava a câmera no comprimento do

braço, naquilo que eu acredito que se chame “estilo gângster” de fotografia, às vezes na ponta

dos pés, as costas arqueadas como um toureiro. No início, eu cometia o erro de me levantar e

sorrir quando a câmara era erguida, mas logo percebi que ele não pressionava o obturador até

eu sair do quadro. Na verdade, em todos os milhares de fotos que ele tirara, muitas delas

amorosos retratos da mãe — seus olhos, seu sorriso — ao lado de seu repertório habitual de

caixas de papelão molhadas, texugos atropelados etc., não havia uma única foto minha. Pelo

menos, não do meu rosto, só um close extremo em preto e branco e alto contraste das costas de

minha mão, parte de um projeto de faculdade que mais tarde descobri se chamar

“Devastação/Decadência”.

A paixão de Albie pela fotografia era motivo de tensão por outros motivos. Eu tinha uma

impressora em meu escritório, um modelo colorido topo de linha, cujos recursos incluíam

velocidade glacial e chocantes custos de manutenção. Consequentemente, fiquei mais do que

um pouco irritado ao voltar do trabalho certo dia e ouvir a impressora zumbindo ao longe.

Nervoso, examinei a primeira impressão de uma pilha considerável de reproduções vinte por

vinte e cinco centímetros. Parecia ser uma impressão em preto e branco de alto contraste, com

detalhes minuciosos de uma espécie de musgo escuro e só quando olhei mais perto percebi

que na verdade era a foto de um corpo feminino nu, tirada de perfil, por assim dizer. Larguei a

fotografia e cuidadosamente examinei a imagem abaixo. Tirada em um preto e branco lavado,

aquilo poderia ter passado por algum tipo de cadeia de montanhas nevadas, não fosse o

mamilo pálido e enrugado que coroava o pico. Enquanto isso, uma terceira imagem era

impressa e, pelo que dava para ver, havia nádegas surgindo da máquina.

Chamei Connie.

— Você viu Albie?

— Está no quarto dele. Por quê?

Ergui as fotografias, e, previsivelmente, sua resposta foi levar a mão à boca e rir.

— Ah, Ovo. O que você anda *aprontando*?

— Por que ele não pode simplesmente fotografar o *rosto* de alguém para variar?

— Porque ele é um rapaz de dezessete anos, Douglas. É isso que eles fazem.

— Eu não. Eu fotografava a vida selvagem. Pássaros, esquilos e fortes da Idade

do Ferro.

— É por isso que você é um bioquímico e ele é um fotógrafo.

— Eu não me importaria muito, mas será que ele tem alguma ideia de quanto custam os

cartuchos para essa coisa?

Enquanto isso, Connie olhava atentamente para as nádegas.

— Aposto que são de Roxanne Sweet. — Ela ergueu a fotografia sob a luz. — Acho essas

fotos muito boas. É claro que ele tirou tudo de Bill Brandt, mas não são ruins.

— Nosso filho, o pornógrafo.

— Não é *pornografia*, é um estudo de nu. Se ele estivesse pintando nus em uma aula com

modelo-vivo você não se importaria.

Ela prendeu a impressão na parede do meu escritório.

— Ou, ao menos, espero que não. Vai saber.

28. paixão

Pouco depois, Albie anunciou a intenção de dedicar a vida a um hobby. Por que, perguntei

para Connie, ele não poderia estudar um assunto mais prático e fazer as coisas de que gosta

nos fins de semana e à noite, como o resto de nós? Porque não é assim que funciona um curso

baseado em artes, respondeu Connie; ele precisa ser desafiado, desenvolver seu famoso

“olho”, aprender a usar suas ferramentas. Mas não seria mais barato e mais rápido apenas ler

o manual? Eu era capaz de entender que as pessoas ainda usassem câmaras escuras, como tive

de usar quando jovem, mas todo esse know-how era obsoleto, e como Albie poderia se

destacar em um campo em que qualquer pessoa com um telefone e um laptop poderia ser

amplamente competente? Ele nem mesmo desejava ser um fotojornalista ou um fotógrafo

comercial, tirando fotos para jornais, publicidade ou catálogos. Ele não queria fotografar

modelos ou casamentos, atletas, leões perseguindo gazelas, fotografias pelas quais as pessoas

pagavam, ele queria ser um *artista*, para fotografar carros queimados e cascas de árvore, tirar

fotos em ângulos tais que não se parecessem com nada. O que ele realmente *faria* em três

anos, além de fumar e dormir? E qual profissão podia almejar ao fim de tudo isso?

— Fotógrafo! — disse Connie. — Ele será um fotógrafo.

Estávamos vagando pela cozinha, arrumando tudo furiosamente. Quer dizer: arrumando,

furiosos. Tínhamos bebido vinho e era tarde, ao fim de uma longa e tensa discussão que, como

sempre, Albie provocara e, da qual, em seguida, fugira.

— Você não entende? — questionou Connie, atirando talheres na gaveta. — Mesmo que

seja difícil, ele precisa tentar! Se ele adora isso, precisamos deixá-lo tentar. Por que você

sempre tem de pisotear os sonhos dele?

— Eu não tenho nada contra os sonhos dele, desde que sejam alcançáveis.

— Mas se são alcançáveis então não são sonhos!

— Por isso que é um desperdício de tempo! — exclamei. — O problema de dizer para as

pessoas que elas podem fazer qualquer coisa que quiserem é que isso é, objetivamente,

factualmente, impreciso. Caso contrário, o mundo só teria bailarinos e astros de música pop.

— Ele não quer ser um astro de música pop, ele quer tirar fotografias.

— Meu argumento ainda se mantém. Simplesmente não é verdade que se pode alcançar

qualquer coisa desde que você ame muito essa coisa. Simplesmente não é assim. A vida tem

limitações, e quanto mais cedo Albie conseguir entender esse fato, melhor para ele!

Bem, foi isso que eu disse. Eu acreditava estar zelando pelo futuro do meu filho. Por isso

estava falando tanto, porque queria que ele tivesse uma vida profissional segura, uma vida

boa. De seu quarto, ele certamente ouviu todas as minhas palavras e nenhuma de minhas

intenções.

Contudo, aquela discussão não foi o meu melhor momento. Eu me tornara barulhento e

dogmático, mas ainda assim fiquei surpreso ao descobrir que Connie agora estava parada,

pulso pressionado na testa.

— Quando isso começou, Douglas? — perguntou ela em voz baixa. — Quando você

começou a drenar a *paixão* de tudo?

29. *mundo de maravilhas*

— Então por que você se tornou cientista?

— Porque nunca quis fazer outra coisa.

— Mas porque escolheu… desculpe, esqueci a matéria…

— Bioquímica, esse é o meu ph.D. Literalmente, a química da vida. Eu queria saber como

funcionamos. Não apenas nós, mas todos os seres vivos.

— Quando foi isso?

— Aos onze, doze anos.

Connie sorriu.

— Eu queria ser cabeleireira.

— Bem, a minha mãe era professora de biologia, meu pai era clínico geral, de modo que a

coisa estava no ar.

— Mas você não quis ser médico?

— Pensei a respeito, mas eu não tinha certeza de como me sairia atendendo doentes, e a

grande vantagem da bioquímica sobre a medicina, como disse meu pai, é que nunca ninguém

lhe pede para examinar a sua bunda.

Ela riu, o que achei intensamente gratificante. Clapham High Street tarde da noite não é a

mais cênica das ruas, e, pouco depois de uma da manhã, tem seus próprios perigos, mas eu

estava gostando de falar com ela — ou falar para ela porque, como ela mesma me dissera,

“estava muito doida” para fazer outra coisa além de ouvir. Era uma noite muito fria, e Connie

se agarrou ao meu braço, suponho, para se aquecer. Ela trocara os sapatos de salto alto por

tênis pesados, e usava um velho e maravilhoso casaco preto com uma espécie de colarinho de

penas, e eu me senti intensamente orgulhoso e protetor, e estranhamente invulnerável também,

à medida que passávamos por bêbados e ladrões, prostitutas e homossexuais.

— Estou sendo muito chato?

— Nem um pouco — disse ela, as pálpebras pesadas. — Continue falando.

— Eles costumavam comprar para mim uma revista chamada *Mundo de Maravilhas* ou

algo assim. Meus pais não permitiam em nossa casa histórias em quadrinhos

idiotas como

Dandy, *Whizzer and Chips* ou o que fosse. Então, eu costumava ler aquilo, uma revista

antiquada e terrivelmente árida, repleta de projetos e gráficos e coisas divertidas para se fazer

com vinagre e bicarbonato de sódio, como transformar um limão em uma bateria…

— Você pode fazer isso?

— Eu tenho esse poder.

— Você *é* um gênio!

— Graças ao *Mundo de Maravilhas*. Fatos curiosos! Você sabia que o número atômico do

césio é 55? Esse tipo de coisa. É claro que nessa idade você é como uma grande esponja, de

modo que tudo é absorvido, mas o que eu mais gostava era de uma tirinha chamada “Vidas dos

grandes cientistas”. Havia uma sobre Arquimedes que eu poderia lhe desenhar agora:

Arquimedes na banheira, fazendo a conexão entre volume e densidade, pulando nu pela rua.

Ou Newton e sua maçã, ou Marie Curie… Eu adorava essa ideia de súbita e maravilhosa

descoberta. Uma luz literalmente se acendendo para Edison. O indivíduo experimenta esse

lampejo de compreensão, e, de repente, o mundo se altera fundamentalmente.

Eu não falava tanto assim havia anos. Pelo silêncio de Connie, pensava que ela

estava me

achando fantasticamente interessante, mas quando olhei para ela vi que seus olhos estavam

revirados.

— Você está bem?

— Sinto muito. Só estou muito doida.

— Ah. Tudo bem. Devo parar de falar?

— Não, estou adorando. Você está me puxando para baixo, mas no bom sentido. Uau. Seus

olhos parecem enormes, Douglas. Estão ocupando todo o seu rosto.

— Tudo bem. Então… devo continuar falando?

— Sim, por favor. Gosto de ouvir sua voz. É como ouvir a previsão do tempo.

— Chato.

— Reconfortante. Vamos continuar caminhando. Fale mais.

— De qualquer forma, várias dessas histórias eram absurdas, ou muito simplificadas. Em

sua maioria, os progressos científicos são fruto de trabalho árduo, e, mais frequentemente do

que o contrário, resultam de um diálogo dentro de uma comunidade, muitas pessoas pensando

na mesma linha e avançando juntas, em vez desses grandes relâmpagos. Newton de fato viu a

maçã cair, mas já estava pensando na gravidade bem antes disso. O mesmo aconteceu com

Darwin, ele não acordou um dia e pensou: seleção natural! Houve anos e anos de observação,

discussão e debate. A boa ciência é lenta, metódica, baseada em evidências. Método.

Resultados. Conclusão. Como meu antigo orientador costumava dizer: “Supor só o torna um

idiota. E a mim também!” — Aqui, de uma maneira muito otimista, eu esperava que Connie

risse, mas ela estava olhando de boca aberta para os próprios dedos. — Ainda assim, fui

fisgado. Parecia heroico, ou, ao menos, o tipo de heroísmo ao qual eu poderia ter acesso.

Meninos normais queriam ser jogadores de futebol, astros de música pop ou soldados, mas eu

queria ser cientista. Não seria incrível ter um momento assim? Uma ideia inteiramente

original. Uma cura, uma visão sobre o espaço e o tempo, um motor movido a água.

— Já lhe ocorreu alguma coisa?

— Ainda não.

— Bem, ainda é cedo!

— É claro que era muito mais fácil no passado. Era muito mais fácil deixar a sua marca

quando as pessoas ainda pensavam que o sol girava em torno da Terra e que havia quatro

humores corporais. Não há muita chance de se fazer esse tipo de descoberta

agora.

— Ah, não! — disse ela com sinceridade. — Isso não é verdade!

— Receio que sim. A ciência é uma corrida, você precisa chegar lá primeiro. Não há

segundo lugar. Veja Darwin, por exemplo. Aquelas ideias já estavam no ar, mas ele foi o

primeiro a ter o trabalho publicado. A única maneira de eu realmente conseguir fazer uma

descoberta agora seria ser transportado de volta para, digamos, 1820. Eu faria algumas

indicações sobre a teoria da evolução. Explicaria para o Royal College of Surgeons

exatamente por que lavar as mãos é uma boa ideia. Eu inventaria o motor de combustão, a

lâmpada, o avião, a fotografia, a penicilina. Se eu pudesse voltar a 1820, seria o maior

cientista que o mundo já conheceu, maior do que Arquimedes, Newton, Pasteur ou Einstein. O

meu único obstáculo é estar cento e setenta anos atrasado.

— Evidentemente, o que você precisa fazer é inventar uma máquina do tempo — disse ela.

— O que é teoricamente impossível.

— Lá vem você de novo, sendo negativo. Se você pode fazer uma bateria com um limão,

quão difícil isso pode ser? Tenho certeza de que conseguiria.

— Você mal me conhece.

— Mas dá para *ver*. Tenho intuição, Douglas. Algum dia você vai fazer algo muito

surpreendente.

Ela estava muito longe de estar sóbria, é claro, mas, mesmo que apenas por um instante,

pensei que ela realmente acreditava que eu o faria. Que isso poderia ser verdade.

30. túneis e pontes

E assim, continuamos a viajar, nós três agora, naquilo que preferi entender como um silêncio

sociável, saindo de fininho de Londres pela porta dos fundos e surgindo à tona em um campo

triste, todo postes e estradas, a súbita visão de um rio — o Medway? — repleto de tediosos

cruzeiros de férias no nublado verão inglês, então mais florestas, e a estrada outra vez. Logo o

guarda anunciou que estávamos prestes a entrar no túnel do canal da Mancha e os passageiros

olharam obedientes para suas janelas na esperança de ver — o quê? Cardumes de peixes

coloridos nadando diante do vidro do aquário? Um túnel sob o mar nunca é tão visualmente

esplêndido quanto se espera, mas não deixa de ser uma conquista por causa disso. Quem

projetou o túnel do canal da Mancha? Ninguém sabe o nome. Não há mais Brunels ou

Stephensons e os túneis, por sua própria natureza, nunca chamam a mesma

atenção que as

grandes pontes, mas ainda assim aquele foi um grande feito. Expressei em voz alta o

pensamento: como os túneis eram subestimados e o fato de ser realmente milagroso imaginar

uma grande massa de rocha e água sobre as nossas cabeças e ainda assim se sentir seguro.

— Eu não me sinto seguro — disse Albie.

Recostei-me no assento. Engenharia. Por que a engenharia não interessou o meu filho?

De volta à luz do dia, uma paisagem militarizada de cercas, bunkers de concreto e

escarpas, então a agradável planície agrícola, uniforme, que se estendia por todo o trajeto até

Paris. Naturalmente, é ilusório imaginar que cruzar fronteiras arbitrárias em um mapa deve

corresponder a variações de humor e temperamento. Um campo é um campo e uma árvore é

uma árvore, no entanto, aquilo só poderia ser a França, e o ar no trem adquiriu uma qualidade

diferente, ou parecia ter adquirido, à medida que os passageiros franceses manifestavam a

satisfação por voltarem ao lar, e o restantes de nós, a emoção por estarmos oficialmente no

“exterior”.

— Então, aqui estamos nós! França!

E nem mesmo Albie conseguiu encontrar algo do que discordar.

Adormeci, pescoço torto, mandíbula cerrada, crânio vibrando contra o vidro, e acordei no

início da tarde, quando entramos nos subúrbios de Paris, Albie visivelmente animado com a

visão do grafite e da sujeira urbana. Entreguei-lhes pastas de polipropileno A4 contendo os

itinerários da perna do Norte da Europa de nossa viagem; endereços de hotéis, números de

telefones e horários de trem; e uma lista de eventos e atividades.

— É mais uma pauta do que um horário rigoroso.

Albie folheou as páginas.

— Por que isso não foi plastificado, pai?

— Sim, por que não foi plastificado? — perguntou Connie.

— Papai está ficando desleixado.

Minha mulher e meu filho gostavam de implicar comigo. Aquilo lhes dava prazer, então

sorri e entrei na brincadeira, confiante de que ficariam gratos no fim.

Uma vez fora do trem, nos sentimos redivivos, e nem mesmo me incomodei com o estojo do

violão se chocando contra os meus joelhos, a corrosão do café no meu estômago e a

inquietude daquela estação em particular.

— Fiquem de olho em suas bagagens — avisei.

— Em qualquer estação ferroviária, em qualquer lugar do mundo — disse Connie para

Albie —, você pode ter certeza de que seu pai vai lhe dizer para ficar de olho em sua

bagagem.

Então o céu sobre a Gare du Nord se abriu, brilhante e azul, para nos saudar.

— Você está animado? — perguntei para meu filho quando ele entrava no táxi.

— Já estive em Paris — disse ele, dando de ombros.

Connie procurou meu olhar e piscou enquanto avançávamos aos trancos pelo difícil e

desagradável centro da cidade em direção ao Sena; Connie e eu imprensando nosso filho,

nossos quadris mais pressionados uns contra os outros do que estávamos acostumados,

esperando que o comércio dos Grands Boulevards desse lugar à elegância empoeirada do

Jardin des Tuileries, o encantador e ridículo Louvre, as pontes sobre o Sena. Pont de la

Concorde? Pont Royal? Diferentemente de Londres, que tem apenas duas, talvez três pontes

decentes, cada ponto de travessia do Sena parece maravilhoso para mim, a visão desimpedida

preservada em ambos os lados, e Connie e eu virávamos a cabeça avidamente para cá e para

lá, acompanhando os olhares um do outro, enquanto Albie olhava para baixo, para seu

telefone.

31. na london bridge

Atravessamos a London Bridge pouco depois das duas e quarenta e cinco. A região de City

era bem diferente naquela época, atarracada e menos desavergonhada do que é hoje em dia,

uma Wall Street modelo, território estranho para alguém que raramente se aventurara mais a

leste do que a Tottenham Court Road. Agora o lugar estava deserto, como se antecipando um

desastre iminente, e passamos pela Monument, descemos a Fenchurch Street, vozes claras no

ar noturno, contando as histórias que as pessoas costumam contar quando não se conhecem.

Connie recuperara a capacidade de falar e me contou sobre sua grande e desleixada

família, a mãe, uma ex-hippie, volúvel, bêbada e emotiva, o pai biológico havia muito

ausente, deixando-lhe nada além do sobrenome. Que era? Moore. Connie Moore — *um nome*

fantástico, pensei, *como uma aldeia na Irlanda*. O padrasto não poderia ser mais diferente,

um empresário cipriota que dirigia algumas questionáveis lojas de kebab em Wood Green e

Walthamstow, e ela era agora uma anomalia em sua família: a artista, a inteligente.

— Tenho três irmãos meio cipriotas. Todos trabalham na empresa, e não têm ideia do que

eu faço. O mesmo se aplica ao meu pai. Se está vendo televisão e passa uma paisagem do

Dales, ou se estamos de férias e vê um pôr do sol ou uma oliveira, ele me diz — ela forçou um

sotaque, ela sempre foi muito boa para imitar sotaques: — “Connie, você está vendo aquilo?

Desenhe! Desenhe, rápido!” Ou tenta me encomendar algum trabalho. “Desenhe a sua mãe, ela

é uma mulher bonita, faça uma pintura. Eu pago.” Para Kemal, esta é a suprema realização de

um artista, desenhar olhos que miram na mesma direção.

— Ou mãos.

— Exatamente. Mãos. Se consegue juntar todos os dedos, você é Ticiano.

— Você sabe desenhar mãos?

— Não. Mas adoro Kemal. E também amo os meus irmãos. Eles papericam a minha mãe e

ela se aproveita disso. Mas eu não me vejo em nenhum deles, nem nela.

— E o seu pai? Seu pai biológico…

Ela estremeceu.

— Ele foi embora de casa quando eu tinha nove anos. Não estou autorizada a falar sobre

ele porque minha mãe fica furiosa. Ele era muito bonito, disso eu sei muito bem. Muito

charmoso, trabalhava como músico. Fugiu para a Europa. Ele está… lá… em algum lugar. —

Ela fez um gesto em direção ao leste. — Não me importo — disse, em seguida, dando de

ombros. — Mas vamos mudar de assunto. Me pergunte outra coisa.

As biografias que damos de nós mesmos nesses momentos nunca são neutras, e a imagem

que ela escolheu para me apresentar era a de uma alma muito solitária. Ela não estava sendo

piegas ou expressando autopiedade, de modo algum, mas, passada a bravata, parecia menos

confiante, menos certa de si, e me senti lisonjeado por sua honestidade. Adorei a conversa que

tivemos naquela noite, especialmente quando ela parou de alucinar. Eu tinha um número

infinito de perguntas e teria adorado que ela me recontasse sua vida em tempo real, teria

adorado continuar andando por Whitechapel, Limehouse, entrar em Essex, no estuário e

prosseguir mar adentro, se ela assim o quisesse. E ela também estava curiosa a meu respeito,

algo que eu não experimentava havia algum tempo. Conversamos sobre nossos pais e irmãos,

nossos trabalhos e amigos, nossas escolas e infâncias, a justificativa era de que precisaríamos

dessas informações no futuro.

É claro que, após quase um quarto de século, todas as perguntas sobre nossos passados

distantes já foram feitas e ficamos com “como foi seu dia?”, “quando você volta para casa?” e

“jogou o lixo fora?”. Nossas biografias nos envolvem tão intrinsecamente agora que ambos

estamos em quase todas as páginas. Sabemos as respostas porque estávamos lá, de modo que é

difícil manter a curiosidade; substituída, suponho, pela nostalgia.

32. muitos cavalos estranhos em nosso quarto salgado

Ao planejar nossa viagem, eu inicialmente adotara uma atitude de não poupar despesas, até

calcular a dimensão total dessas despesas, momento em que adotei uma política confortável

embora sem frescuras. Foi isso que nos levou ao Hotel Bontemps, que pode ou não ser

traduzido como Hotel Bons Tempos, no sétimo *arrondissement*. Evidentemente, o quarto 602

era resultado de uma aposta para determinar o menor espaço em que um colchão de casal pode

caber. Feita de latão e vulgar, a estrutura da cama deve ter sido montada como um navio

dentro de uma garrafa. Numa análise mais meticulosa, também parecia que nosso quarto era

um repositório de todos os pelos pubianos soltos da Europa.

— Eu teria preferido um chocolate no travesseiro — disse Connie, afastando-os.

— Talvez sejam fibras do tapete — sugeri, esperançoso.

— Estão em toda parte! É como se a camareira tivesse chegado com um saco e os tivesse

espalhado.

Subitamente cansado, caí de costas na cama e Connie se juntou a mim, as cobertas

estalando por causa da estática como um gerador de Van de Graaf.

— Por que escolhemos este lugar? — perguntou Connie.

— Você disse que parecia esquisitinho no site. As imagens fizeram você rir.

— Não é tão engraçado agora. Ah, meu Deus. Desculpe.

— Não, a culpa é minha. Eu deveria ter olhado melhor.

— A culpa não é sua, Douglas.

— Quero que tudo dê *certo*.

— Está tudo bem. Vamos pedir que venham e limpem outra vez.

— Como se diz pelos pubianos em francês?

— Nunca aprendi. Nunca precisei. Raramente.

— Eu diria: "*Nettoyer tous les cheval intimes s'il vous plaît*."

— *Cheveux*. *Cheval* significa cavalo. — Ela pegou a minha mão. — Ah, bem. Não

ficaremos aqui muito tempo.

— É um lugar para dormir.

— Exatamente. Um lugar para dormir.

Sentei-me na cama.

— Talvez devêssemos ir.

— Não, vamos fechar os olhos. Aqui.

Ela pegou minha mão, encostou a cabeça no meu ombro, as pernas balançando sobre a

beirada da cama como se estivessem na margem de um rio.

— Douglas?

— Hum?

— Você sabe aquela… conversa.

— Quer falar sobre isso agora?

— Não, não. Eu ia dizer: estamos em Paris, é um belo dia, estamos todos juntos como uma

família. Não vamos falar sobre isso. Vamos esperar até depois das férias.

— Certo. Por mim está tudo bem.

Assim, o condenado, ao ser apresentado à sua última refeição, é lembrado de que ao menos

o cheesecake está delicioso.

Cochilamos. Quinze minutos depois, uma mensagem de texto de meu filho no quarto ao lado

nos acordou para informar que pretendia “fazer as coisas dele” até o jantar. Nós nos sentamos

e nos espreguiçamos, escovamos os dentes e saímos. Na recepção, em um francês tão cheio de

defeitos, suposições e erros de pronúncia que era quase um novo idioma,

informei ao

funcionário da recepção que eu estava destruído, mas que havia muitos cavalos estranhos em

nosso quarto salgado, e saímos em meio à tarde parisiense.

33. *à la recherche du temps perdu*

Connie ainda estava rindo quando passamos do sétimo para o sexto *arrondissement* no lado

ensolarado da rue de Grenelle.

— Onde diabo você aprendeu isso?

— Eu meio que inventei. Por quê, o que eu fiz de errado?

— O vocabulário, o sotaque, a sintaxe. Você sempre é pego neste círculo vicioso de *est-ce*

que. "*Est-ce que* possível que *est-ce que* o táxi *est-ce que* nos leve ao hotel?"

— Talvez, se eu tivesse estudado, como você…

— Eu não estudei! Aprendi com os franceses.

— Com garotos franceses. Garotos franceses de dezenove anos.

— Exatamente. Aprendi a dizer "mais devagar" e "eu gosto de você, mas como amigo".

Aprendi a dizer "pode me dar um cigarro?" e "prometo que vou escrever para você". *Ton*

coeur brisé se réparera rapidement.

— Que significa…

— Seu coração partido ficará bom em breve.

— Útil.

— Útil quando eu tinha vinte e um anos. Nem tanto agora — disse ela, e a observação

perdurou algum tempo enquanto chegávamos a St. Germain.

Quando Connie e eu viemos aqui pela primeira vez, naqueles dias que chamávamos de

“fins de semana sujos”, sem ironia, ficamos tontos com Paris, embriagados com a beleza da

cidade, embriagados por estarmos ali juntos e, também, na maioria das vezes, literalmente

embriagados. Paris era tão… parisiense. Fiquei fascinado pela maravilhosa impropriedade de

tudo — as fontes desconhecidas, as marcas nos supermercados, as dimensões dos tijolos e das

pedras do pavimento. Crianças, crianças realmente muito pequenas, falando francês

fluentemente! Todo aquele queijo (e nenhum deles era cheddar) e nozes na salada. Olhe para

as cadeiras do Jardin du Luxembourg! Muito mais equilibradas e elegantes do que uma

espreguiçadeira frouxa e bamba. *Baguettes*! Ou “bisnagas francesas” como eu as chamava na

época, para a diversão de Connie. Trazíamos grandes braçadas de *baguettes* no avião, rindo

enquanto as enfiávamos nos compartimentos superiores.

Contudo, uma filial da Body Shop é a mesma em qualquer lugar do mundo, e, às

vezes, o

Boulevard St. Germain não parece muito distante da Oxford Street. A familiaridade, a

globalização, as viagens baratas, o mero cansaço haviam diluído nossa sensação do exterior.

A cidade estava mais familiar do que queríamos que fosse e, enquanto caminhávamos em

silêncio, parecia ser necessário algum esforço para lembrar a Connie do quanto

costumávamos nos divertir, e do quanto poderíamos vir a nos divertir no futuro.

— Farmácias! Por que tantas farmácias? — perguntei, em tom irônico e observador. —

Como sobrevivem? Ao ver tantas farmácias é de se imaginar que todos estão constantemente

resfriados. Nós temos lojas de telefone, os franceses têm farmácias!

Ainda assim, ela não disse nada. Ao atravessar uma rua lateral, notei que a água fluía com

rapidez nas sarjetas, sacos de areia bloqueando ralos estratégicos. Sempre fiquei

impressionado com esta particular inovação na higiene urbana, aparentemente exclusiva de

Paris.

— É como se estivessem enxaguando um imenso banheiro — falei.

— Sim, você diz isso toda vez que vem aqui. Aquela coisa sobre farmácias também.

Será? Eu não estava ciente de ter dito isso antes.

— Quantas vezes você acha que já estivemos aqui?

— Não sei. Cinco, seis.

— Você acha que se lembra de todas?

Connie franziu a testa ao pensar no assunto. Nossas memórias estavam se deteriorando, e,

nos últimos anos, o esforço necessário para recuperar um nome ou incidente era cansativo de

um modo quase físico, como limpar um sótão. Os nomes próprios nos eram particularmente

evasivos. Seguiam-se advérbios e adjetivos, até que ficávamos apenas com pronomes e

verbos no imperativo. Coma! Vá! Durma agora! Coma! Passamos por uma *boulangerie*.

— Veja, bisnagas francesas — falei e a cutuquei. Connie ficou indiferente. — Quando

viemos a Paris pela primeira vez, eu disse: “vamos comprar algumas bisnagas francesas” e

você riu e me chamou de provinciano. Eu disse que era assim que minha mãe costumava

chamá-las. Meu pai achava que eram coisas de bárbaros. “É pura casca!”

— Isso é a cara de seu pai.

— A primeira vez que você e eu viemos para Paris, compramos umas vinte e as

carregamos no avião.

— Eu me lembro. Você me repreendeu por estar mordiscando as pontas.

— Tenho certeza de que eu não a “repreendi”.

— Você disse que assim envelheciam mais rápido.

E ficamos em silêncio novamente, caminhando para o norte em direção ao Sena.

— Eu me pergunto o que Albie está fazendo — disse Connie.

— Provavelmente está dormindo.

— Então tudo bem. Para isso ele tem permissão.

— Ou isso ou está tentando entender por que não existem canecas mofadas no peitoril da

janela. Provavelmente está lá agora, fazendo buracos de cigarro nas cortinas. Serviço de

quarto! Tragam-me três cascas de banana e um cinzeiro cheio…

— Douglas… viemos para cá justamente para evitar isso.

— Eu sei. Eu sei.

Então, ela diminuiu o passo e parou de andar. Estávamos na rue Jacob, perto de um

pequeno hotel um tanto decrépito.

— Veja. É o nosso hotel — disse ela, segurando o meu braço.

— Você se lembra disso.

— Dessa viagem eu me lembro. Em qual quarto ficamos?

— Segundo andar, na esquina. O de cortinas amarelas. Ali está.

Connie pousou a cabeça no meu ombro.

— Talvez devêssemos ter nos hospedado neste hotel.

— Eu pensei nisso. Mas achei que teria sido um pouco estranho, com Albie junto.

— Não, ele teria gostado. Você poderia ter contado a história para ele, ele tem

idade

suficiente agora.

34. o hotel na rue jacob

Deve ter sido há uns dezoito anos.

O aniversário de nascimento de nossa filha estava se aproximando rapidamente e, muito em

breve, o outro aniversário. Eu sabia que esses dias seriam difíceis para Connie. Sua dor, eu

observara, tendia a vir em ondas, e embora os intervalos entre cada auge estivessem

aumentando, outra tempestade certamente estava a caminho.

De maneira muito tensa e dura, eu vinha me esforçado para manter Connie leve e com um

tipo de vivacidade maníaca: o perpétuo tagarelar de um locutor de rádio pela manhã,

telefonemas amorosos intermináveis do trabalho, constantes afagos, abraços e beijos

carinhosos no topo de sua cabeça. Sentimentalismo fajuto — meu Deus, não admira que ela

estivesse melancólica — alternado com uma raiva secreta e particular de socar paredes, pelo

fato de eu não poder fazer nada para animá-la. Ou a mim, pois eu não tinha a minha própria

parcela de culpa e tristeza?

Normalmente era de se esperar que seus muitos amigos leais fossem bem-sucedidos

naquilo em que eu falhara, mas para onde quer que olhássemos havia bebês e crianças sendo

erguidos, e ambos achávamos sua orgulhosa exibição quase insuportável. Por sua vez, nossa

presença parecia fazer com que os novos pais se sentissem inibidos e constrangidos. Connie

sempre foi muito querida, sempre foi popular e engraçada, mas as pessoas pareciam se

ofender com a sua infelicidade, especialmente quando anulava a alegria e o orgulho delas.

Assim, sem qualquer discussão, nós nos recolhemos em nosso pequeno mundo para ficarmos

juntos em silêncio. Caminhar, trabalhar. Ver televisão à noite. Beber um pouco demais, talvez,

e pelo motivo errado.

É claro que pensei que outro filho pudesse ser a resposta. Connie, eu sabia, desejava

engravidar novamente, e embora estivéssemos próximos e carinhosos e, de certa forma, mais

unidos do que antes, as coisas não foram fáceis. O estresse e a tensão de “tentar ter um bebê”

foram ensaiados muitas e muitas vezes. Em vista do que acontecera — bem, não entrarei em

detalhes, exceto para dizer que a raiva, a culpa e a tristeza são péssimos afrodisíacos, e que

nossa vida sexual, outrora perfeitamente feliz, assumira um caráter bastante obstinado e

obediente. Não era mais tão divertida. Nada era.

Paris, então. Talvez Paris na primavera pudesse ser a resposta. Lugar-comum, eu sei, e hoje

estremeço ao me lembrar do tanto que me esforcei para tornar aquela viagem perfeita: o voo

de primeira classe, as flores e o champanhe prontos no quarto do hotel, o bistrô caro e metido

a elegante que eu reservara — tudo isso em um mundo em grande parte pré-internet, onde

organizar tais excursões envolvia pesquisa em nível de doutorado e telefonemas de acabar

com os nervos em um idioma que, como já visto, eu não falo e nem entendo.

Mas a cidade era linda no início de maio, absurdamente linda, e andamos pelas ruas com

nossas melhores roupas, e eu me senti como se estivéssemos em um filme. Passamos a tarde

no Museu Rodin, voltamos para o hotel, bebemos champanhe apertados na banheira minúscula

e então jantamos em um restaurante que, eu previamente verificara, era francês, mas não

caricato, de bom gosto e tranquilo. Não me lembro de tudo o que dissemos, mas me lembro do

que comemos: um frango com trufas sob a pele que não tinha gosto de nada que eu já tivesse

comido, e vinho, escolhido ao acaso, com a ponta do dedo, às cegas, tão delicioso que era

quase outra bebida. Ainda nesse filme brega, nós nos demos as mãos por sobre a mesa e, em

seguida, voltamos para o nosso quarto de hotel na rue Jacob, onde fizemos amor.

Depois, no limiar do sono, fiquei surpreso ao perceber que Connie estava chorando. A

combinação de sexo e lágrimas é desconcertante e me perguntei se fizera algo de errado.

— Não há do que se desculpar — disse ela, e, ao me voltar, percebi que ela também estava

rindo. — Ao contrário.

— Qual é a graça?

— Douglas, acho que conseguimos. Na verdade, eu sei que conseguimos.

— Conseguimos o quê? O que conseguimos?

— Estou grávida. Sei disso.

— Eu também sei — falei, e ficamos ali deitados, rindo.

Obviamente devo salientar que não havia nenhuma maneira de “saber” aquilo. De fato,

naquele exato momento, provavelmente não era mesmo verdade, já que os gametas levam

algum tempo para fazer contato e formarem o zigoto. A “sensação” de gravidez de Connie era

um exemplo de “viés de confirmação” — um desejo de favorecer a evidência que confirma

aquilo em que queremos acreditar. Muitas mulheres afirmam “saberem” com certeza que estão

grávidas depois do sexo. Quando, como na maioria dos casos, verifica-se que não estão, elas

imediatamente esquecem sua certeza anterior. Nos raros casos em que estão certas, encaram

aquilo como uma comprovação de algo sobrenatural ou de algum sexto sentido. Daí o viés de

confirmação.

Contudo, um teste de gravidez duas semanas depois confirmou o que ambos já "sabíamos"

e, trinta e sete semanas depois, Albert Samuel Petersen foi recebido em nosso mundo e afastou

a nossa melancolia.

35. o pequeno raio de sol

— Pelo amor de Deus, Albie!

— Qual é o problema?

— Mas por que você não quer vir conosco?

— Quero fazer as minhas coisas!

— Mas já reservei uma mesa para três pessoas!

— Eles não vão se importar. Vá com a mamãe. Olhem fixamente um nos olhos do outro, o

que for.

— O que você vai fazer?

— Passear, tirar fotos. Talvez ouvir música.

— Bem, podemos ir com você?

— Não, pai, isso não é uma boa ideia. É o oposto de uma boa ideia.

— Mas, afinal, o objetivo principal desta viagem não era passarmos algum tempo juntos

em família?

— Nós passamos um monte de tempo juntos, todos os dias!

— Não em Paris!

— No que Paris é diferente de casa?

— Bem, se tenho que lhe responder isso… Você tem ideia de quanto esta viagem está me

custando?

— Na verdade, se você se lembra, eu queria ir para Ibiza.

— Você não vai para Ibiza.

— Tudo bem, então me diga quanto está custando. Quanto?

— Não importa quanto.

— Bem, obviamente importa, porque você sempre volta a esse assunto. Me diga quanto é,

divida por três, fico devendo a você.

— Não me importo com o valor, eu só queria… Nós queríamos passar mais tempo em

família.

— Você pode me ver amanhã. Pelo amor de Deus, pai!

— Albie!

— Vejo vocês pela manhã.

— Tudo bem. Está certo. Vejo você pela manhã. Sem se demorar na cama. Oito e meia em

ponto, ou vamos pegar fila.

— Pai, prometo a você que nunca vou relaxar durante estas férias.

— Boa noite, Albie.

— *Au revoir*. *À bientôt*. E, pai?

— O quê?

— Vou precisar de dinheiro.

36. tripadvisor

O restaurante onde havíamos comido o famoso frango estava fechado para o êxodo anual dos

parisienses aos *gîtes* do Loire, ao Luberon e aos Midi-Pireneus. Sempre tive uma admiração

relutante pela ousadia desta evacuação em massa, um pouco como ser convidado para um

jantar e descobrir que os anfitriões saíram e deixaram uma bandeja de sanduíches. Em vez

disso, fomos a um bistrô local que era tão “parisiense” que parecia um set de filmagem de uma

série de comédia: garrafas de vinho mal discerníveis sob cascatas de cera de vela, Piaf

enlatada, nenhum centímetro de parede sem um cartaz de Gauloises ou Perrier.

— *Pour moi, je voudrais pâté et puis l’onglet et aussi l’épinard. Et ma femme voudrait le*

salade et le morue, s’il vous plaît.

— A carne. E o bacalhau para a madame. Com certeza, senhor.

O garçom se foi.

— Por que todos respondem em inglês quando falo em francês?

— Acho que é porque suspeitam que francês não é sua primeira língua.

— Mas *como eles sabem disso*?

— É um mistério para mim.

Ela riu.

— Na guerra, se eu caísse atrás das linhas inimigas, quanto tempo até eles se darem conta

de que sou inglês?

— Suspeito que antes do paraquedas abrir.

— Enquanto você…

— Eu atravessaria o país sem ser detectada, explodindo pontes.

— E seduzindo jovens mecânicos da garagem da Citroën.

Ela balançou a cabeça.

— Você tem uma visão distorcida do meu passado. Não foi assim. Não totalmente. E,

mesmo quando era, não foi muito divertido. Eu não era muito feliz naquela época.

— Então, quando você se tornou feliz?

— Douglas — disse ela, pegando a minha mão pela ponta dos dedos —, não jogue

indiretas.

Felizmente estávamos em uma idade em que já não nos sentíamos obrigados a manter um

fluxo constante de conversa. Entre um prato e outro, Connie lia o seu romance enquanto eu

consultava o guia de viagem para confirmar horários de abertura e venda de ingressos para o

Louvre e sugerir alguns restaurantes para o almoço e o jantar do dia seguinte.

— Poderíamos simplesmente caminhar e encontrar um lugar — disse ela. — Poderíamos

ser espontâneos. — Connie desaprovava os guias, sempre desaprovara. — Por que você quer

ter a mesma experiência que todos os demais? Por que se juntar ao rebanho?

E era verdade que havia uma preponderância de vozes inglesas e americanas entre os

clientes ao nosso redor, uma sensação de que os funcionários estavam nos dando aquilo que

queríamos e esperávamos.

Mas a comida, quando chegou, era boa, com aquele excessivo uso de sal e manteiga que faz

a comida dos restaurantes tão deliciosa, e bebemos um pouco mais de vinho do que

deveríamos e conhaque o suficiente para me esquecer, temporariamente, do desejo de minha

mulher de ir embora. Na verdade, estávamos positivamente alegres quando voltamos para o

quarto minúsculo e, com a leve surpresa que tendia a acompanhar o ato naquela

época,

fizemos amor.

A vida sexual das outras pessoas é um pouco como as férias das outras pessoas: você fica

feliz que elas tenham se divertido, mas não estava lá e não quer necessariamente ver as fotos.

Em nossa idade, muitos detalhes provocam assobios mentais e olhares fixos para os sapatos, e

há também o problema do vocabulário. Termos científicos, embora clinicamente precisos, de

fato não transmitem a impetuosa intensidade etc. etc., e eu gostaria de evitar analogias ou

metáforas — vale, orquídea, jardim, esse tipo de coisa. Certamente não tenho nenhuma

intenção de usar toda uma carga de palavrões. Então, não entrarei em detalhes, exceto para

dizer que funcionou muito bem para todos os envolvidos, com aquela sensação agradável de

autossatisfação, como se tivéssemos descoberto que ainda éramos capazes de dar uma

cambalhota. Em seguida, repousamos em meio a um emaranhado de braços e pernas.

“Um emaranhado de braços e pernas.” De onde tirei isso? Talvez de um dos romances que

Connie me incentiva a ler. *Eles dormiram em um emaranhado de braços e pernas*.

— Como um casal em lua de mel — disse Connie, com o rosto muito perto, rindo daquele

jeito dela, com rugas nos olhos, mostrando os dentes, e, subitamente, fui atingido por uma onda

de indizível tristeza.

— Isto sempre deu certo, não é mesmo?

— O quê?

— Este… aspecto do nosso relacionamento.

— Sim. Você sabe disso. Por quê?

— É que eu me dei conta de que uma noite dessas faremos amor pela última vez, só isso.

— Ah, Douglas. — Ela riu e apertou o rosto no travesseiro. — Bem, isso tirou toda a graça

da coisa.

— O pensamento acabou de me ocorrer.

— Douglas, todo mundo passa por isso.

— Eu sei. Mas, no nosso caso, será um pouco antes do previsto.

Ela me beijou, deslizando a mão pela minha nuca daquele jeito que costumava fazer.

— Você não precisa se preocupar. Tenho certeza de que essa não foi a última vez.

— Bem, acho que isso já é alguma coisa.

— Eu lhe direi quando for a última vez. Tocarei um sino. Vestirei uma mortalha e

tocaremos uma lenta marcha fúnebre. — Nós nos beijamos. — Prometo que, quando for a

última vez, você saberá.

37. a primeira vez

A primeira vez que fizemos amor foi muito diferente disso. De novo, não entrarei em detalhes,

mas se eu precisasse usar uma única palavra para resumir seria “fantástico”, e, apesar de

Connie certamente ser capaz de encontrar uma palavra melhor, gosto de pensar que ela

concordaria com minha escolha. O que acho que pode surpreender as pessoas. Não pretendo

me gabar, mas sempre fui melhor nesse tipo de coisa do que os outros poderiam esperar. Sou

interessado, para começo de conversa, e também jogava muito badminton naquela época,

então estava em ótima forma. Além disso, é importante lembrar que Connie ainda estava sob a

influência de certos estimulantes artificiais, e aceito admitir que isso também foi um fator.

Havia química entre nós, se assim preferirem. Certa vez, disse para Connie que ela não teria

me levado para casa se estivesse sóbria. Em vez de negar, ela riu.

— Provavelmente você está certo — disse ela. — Outro motivo para a campanha do

Apenas Diga Não.

Chegamos àquela despretensiosa casa com terraço nos fundos da Whitechapel Road pouco

antes das quatro da manhã. Aparentemente, a área está na moda agora, e talvez Connie e seus

amigos tenham iniciado o processo, mas na época aquilo era território desconhecido para

pessoas como eu. Estávamos muito longe dos All Bar Ones, dos Pizza Express de

Hammersmith, Putney e Battersea, bairros mais ou menos suburbanos onde moravam muitos de

meus amigos e colegas.

— Há muito de Bangladesh e um pouco de East End antigo. Eu adoro. Era como a cidade

costumava ser, antes dos yuppies se mudarem para lá.

Ela abriu a porta. Eu deveria entrar?

— Bem… acho que é melhor eu ir embora — falei, dando de ombros, e Connie riu.

— São quase quatro horas!

— Pensei em voltar a pé.

— Voltar para Balham? Não seja idiota, entre.

— Deve haver um ônibus noturno. Se eu puder chegar à Trafalgar Square, posso pegar o

N77…

— Pelo amor de Deus, Douglas. — Ela riu. — Para alguém que tem ph.D. você é

extremamente obtuso.

— Eu não pretendia supor nada.

— Fazer isso o tornaria um idiota. E a mim também — disse ela.

Então, Connie se inclinou para a frente, colocou a mão na minha nuca e me beijou com

força. E isso… isso também foi fantástico.

38. lima, vodca e chiclete

A casa era uma bagunça organizada. “Curada” era a palavra que Connie usaria, cada

centímetro de parede coberto com reproduções, postais, pôsteres de bandas e clubes,

fotografias e esboços. A mobília poderia ser chamada de “eclética”: um banco de igreja,

cadeiras escolares, um imenso sofá de couro claro parcialmente enterrado sob roupas,

revistas, livros e jornais descartados. Vi um violino, um baixo elétrico, uma raposa

empalhada.

— Vou me servir de vodca! — gritou Connie da cozinha. Não me atrevi a pensar como

seria a cozinha. — Mas não tem gelo. Você quer vodca?

— Só um pouquinho — respondi.

Connie voltou com as bebidas e percebi que ela retocara o batom em algum momento, o

que também fez meu coração cantarolar.

— Como pode ver, a faxineira acabou de passar.

Peguei o meu copo.

— Você colocou lima fresca.

— Pois é! Sofisticado — disse ela, mordendo a sua fatia. — Clube Tropicana.

— Alguma dessas pinturas é sua?

— Não, as minhas eu guardo a sete chaves.

— Eu adoraria ver alguns de seus trabalhos.

— Talvez amanhã.

Amanhã?

— Onde está Fran?

Ela me contara tudo sobre Fran, com quem dividia a casa e que, assim como todas as

pessoas com quem dividiu casas ao longo dos tempos, era “completamente maluca”.

— Ela está com o namorado.

— Ah, certo.

— Somos só você e eu.

— Muito bem. E como você está se sentindo?

— Um pouco melhor. Sinto muito por ter surtado daquele jeito. Eu não deveria ter tomado

aquela pílula, foi uma má ideia. Mas gostei de você ter ficado comigo. Eu precisava… de uma

presença para me acalmar.

— E agora?

— Agora, agora eu me sinto… perfeitamente bem.

Sorrimos.

— Então, vou dormir na cama de Fran? — perguntei.

— Meu Deus, sinceramente espero que não.

Ela pegou a minha mão e nos beijamos outra vez. Sua boca tinha gosto de lima e chiclete.

Na verdade, o chiclete ainda estava em sua boca, o que me causaria mal-estar em qualquer

outra circunstância.

— Desculpe, isso é nojento. — Ela riu, tirando-o. — Ficar remexendo essa coisa lá

dentro…

— Não me importo.

Ela grudou o chiclete no batente da porta. Senti a sua mão nas minhas costas, descobri

minha mão em sua coxa, na parte de cima do vestido e, em seguida, por baixo dele. Parei para

recuperar o fôlego.

— Pensei que você tinha dito que não ia acontecer nada.

— Mudei de ideia. Você mudou para mim.

— Foi por causa da coisa da bateria de limão? — perguntei, e ela riu enquanto nos

beijávamos.

Ah, sim, eu estava um piadista.

— Meu quarto é uma área de desastre — disse ela, interrompendo o beijo. — Literal e

figurativamente.

— Eu não me importo — falei enquanto a seguia escada acima.

Estou parecendo estranhamente ameno a esse respeito? Pareço distante, despreocupado? A

verdade é que meu coração era como um punho tentando abrir caminho através da caixa

torácica — não pela excitação de tudo aquilo, embora fosse empolgante, mas pela sensação de

que finalmente, finalmente algo de bom estava prestes a acontecer comigo. Senti a

proximidade da mudança, e tudo o que eu mais queria era que algo mudasse em minha vida. Eu

me pergunto: ainda é possível se sentir assim? Ou será que isso só acontece uma vez?

39. uma breve história da arte

Pinturas rupestres. Argila, depois estátuas de bronze. Então, por cerca de mil e quatrocentos

anos, as pessoas nada pintaram afora imagens ousadas, embora rudimentares, da Virgem Maria

com o Menino ou da Crucificação. Algum gênio percebeu que as coisas à distância pareciam

menores e as imagens da Virgem Maria e da Crucificação melhoraram muito. De repente, todo

mundo ficou muito bom pintando mãos e expressões faciais e, agora, as estátuas eram de

mármore. Querubins gordos começaram a aparecer, enquanto, em outros lugares, havia uma

mania de interiores domésticos e mulheres bordando junto a janelas. Faisões mortos, cachos

de uvas e muitos detalhes. Os querubins desapareceram e, em vez disso, havia paisagens

fantasiosas e idealizadas, depois retratos de aristocratas a cavalo e, em seguida, enormes telas

ilustrando batalhas e naufrágios. Daí, voltaram as mulheres em sofás ou saindo do banho,

desta vez mais enevoadas e menos detalhadas e, então, uma grande quantidade de garrafas de

vinho, maçãs e, então, bailarinas. As pinturas ficaram um tanto borradas — termo crítico —,

motivo pelo qual quase não lembravam o que estavam destinadas a parecer. Alguém assinou

um urinol e tudo enlouqueceu. Retângulos de cor primária bem-ordenados foram seguidos por

grandes quadrados de tinta, então latas de sopa e daí alguém pegou uma câmera de vídeo,

outro derramou concreto, e a coisa toda ficou irremediavelmente fraturada em um confuso

vale-tudo para todos.

40. o filisteu

Esta era a minha compreensão da história da arte — sua “narrativa”, como eu deveria chamá-

la — até que conheci a minha mulher. Está um pouco mais sofisticada agora, já que assimilei

alguma coisa ao longo do caminho, o suficiente para sobreviver, de modo que a minha

apreciação de arte é quase igual ao meu francês. Nos primeiros dias de nosso relacionamento,

Connie foi bastante evangelizadora e me comprou vários livros, edições de segunda mão

porque estávamos em nossa fase feliz, embora pobre. *A história da arte*, de Gombrich, foi um

deles, *O choque do novo*, outro, presenteado especificamente para que eu parasse de

desprezar a arte moderna. Bem, no primeiro ímpeto do amor, se alguém lhe diz para ler algo,

claro que você vai ler, e ambos são livros maravilhosos, embora eu não tenha assimilado

muita coisa. Talvez eu devesse ter-lhe dado um livro introdutório sobre química orgânica em

troca, mas ela nunca manifestou interesse.

Ainda assim — e eu hesito em confessar isso para Connie, embora ache que ela já saiba —

sempre me senti um pouco perdido com a arte, como se um pedaço de mim estivesse faltando,

ou nunca tivesse estado ali. Sou capaz de apreciar um desenho bem-feito e a hábil escolha de

cor, entendo o contexto social e histórico, mas, apesar de todos os meus esforços, minha

sensibilidade em relação à arte me parece fundamentalmente superficial. Eu não sei bem o que

dizer ou, de fato, o que sentir. Em retratos, procuro as pessoas que reconheço — "Veja, é o tio

Tony" — ou rostos de estrelas de cinema. A escola de apreciação artística de Madame

Tussaud. Em obras realistas, procuro o detalhe: "Veja os cílios!", digo, em admiração

idiotizada pela finura do pincel. "Veja o reflexo nos olhos!" Na arte abstrata, olho para a cor

— "Adoro o azul" —, como se as obras de Rothko e Mondrian fossem pouco mais do que

catálogos de tinta. Entendo a emoção superficial de ver o objeto ao vivo, por assim dizer;

aquela abordagem turística que reúne o Grand Canyon, o Taj Mahal e a Capela Sistina como

itens a destacar. E entendo raridade e singularidade, a escola crítica do "quanto custa?"

E, claro, posso ver a beleza. Em meu trabalho, vejo isso o tempo todo: clivagem simétrica

de um óvulo de sapo fertilizado, as células-tronco manchadas de um embrião de peixe-zebra

ou uma micrografia eletrônica da *Arabidopsis*; e posso ver essas mesmas formas e padrões, a

mesma proporção agradável e simétrica nas pinturas. Mas serão as pinturas

certas? Será que

tenho bom gosto? Estarei perdendo alguma coisa? É claro que isso é subjetivo e não há

respostas certas, mas em uma galeria tenho sempre a sensação de que os seguranças estão

prestes a me expulsar.

Minha mulher e filho têm poucas dessas inseguranças, que certamente não estavam em

evidência na galeria italiana do Louvre, onde Albie e Connie estavam fazendo aquela

brincadeira de ver quem consegue olhar mais tempo para uma pintura. Neste caso, era um

afresco de Botticelli, craquelado, desbotado e adorável, mas realmente havia tanto assim a ser

visto? Esperei enquanto se embebiam de tudo aquilo, as pinceladas, a interação de luz e

sombra, todas aquelas coisas que eu não via. Finalmente nos movemos e passeamos diante de

infinitas variedades de crucificações e natividades, diversos mártires açoitados ou

atravessados por flechas, um santo indiferente com uma espada cravada na cabeça, a cena de

Maria — geralmente é Maria — afastando-se de um anjo que deixara um rastro de vapor atrás

de si.

— Parece ser um Braccesco. Anjo a jato! — exclamei, como se isso significasse

alguma

coisa, e seguimos em frente.

Passamos por uma terrível cena de batalha feita por alguém chamado Uccello, soldados

agrupados em um porco-espinho negro, os craquelês e os rasgos na tela intensificando sua

grandeza de uma forma estranha. Em seguida, no grande corredor central, meu olho foi atraído

por um retrato de um homem barbudo cujo rosto, em uma inspeção mais detalhada, era

composto de maçãs, cogumelos, uvas, uma abóbora, o nariz representado por uma pera

madura.

— *L'Automne*, por Arcimboldo. Veja, Albie, o rosto é feito de frutas e legumes!

— Kitsch — disse Albie, apresentando com o olhar o prêmio de Observação Mais Banal

Já Feita Em Uma Galeria de Arte.

Talvez por isso esses audioguias de museu tenham se tornado tão populares; uma voz

tranquilizadora em seu ouvido, dizendo para você o que pensar e sentir. *Olhe para a*

esquerda, *perceba*, *observe*; como seria bom ter esta voz sempre com você, fora do museu e

por toda a sua vida.

Seguimos em frente. Havia um Da Vinci encantador e indistinto, como se visto através de

lentes engorduradas, representando duas mulheres adorando o menino Jesus, mas isso não

pareceu interessar Connie e Albie, e eu não pude deixar de notar que, quanto mais famosa e

conhecida era uma obra de arte, menos tempo eles passavam olhando para ela. Claro que não

tinham interesse na *Mona Lisa*, que é o Hard Rock Cafe da arte renascentista, regiamente

pendurada em meio a telas negligenciadas e cartazes que alertavam para os batedores de

carteira em uma sala imensa com pé-direito alto. Mesmo no início do dia uma multidão já se

reunia ali, posando com aquele sorriso peculiar de "não acredito!" que as pessoas fazem

quando estão com o braço ao redor do ombro de alguma celebridade.

— Albie! Albie, poderia tirar uma foto minha e de sua mãe… — falei, mas eles já tinham

desprezado a Gioconda em favor de uma tela pequena do outro lado da parede: um Ticiano

turvo, literal e figurativamente à sombra, de duas mulheres grandes e nuas tocando flauta. Eles

olhavam e olhavam e eu me perguntava: o que devo tirar daí? O que eles estão vendo? Mais

uma vez fiquei impressionado com o poder que a grande arte tem de me fazer sentir excluído.

De volta ao corredor principal, Albie parou diante de um pequeno retrato de Piero della

Francesca e, em seguida, pegou um caro caderno de esboços com capa de couro e começou a

copiá-lo a carvão e meu coração ficou apertado. Bem que poderia haver um trabalho

científico sobre por que andar em uma galeria de arte é muito mais exaustivo do que, digamos,

subir a montanha Helvellyn. Meu palpite é que tem algo a ver com a energia necessária para

manter os músculos tensos combinada com o esforço mental de querer saber o que dizer. Seja

qual for a razão, afundei, exausto, no sofá de couro e passei a observar Connie em vez das

pinturas, o modo como a saia cobria o seu traseiro, o movimento de suas mãos e de seu

pescoço enquanto ela erguia os olhos para a tela. Aquilo era arte, bem ali. Aquilo era a

beleza.

Ela olhou para mim, sorriu, atravessou a sala e colou o rosto ao meu.

— Está cansado, seu velho? Só pode mesmo ser por causa da noite passada.

— Muita arte. Gostaria de saber o que olhar.

— Polegar para cima, polegar para baixo?

— Gostaria que apenas destacassem os bons.

— Talvez os “bons” não sejam os mesmos para todos.

— Nunca sei o que dizer.

— Você não precisa dizer nada. Basta reagir. Sentir.

Ela me levantou e caminhamos em meio àquele vasto e suntuoso depósito, passando por

vidro, mármore e bronze, entrando na França do século XIX.

41. apreciação da arte

Nostalgia sexual é um vício que melhor se desfruta em particular, mas basta dizer que nosso

primeiro fim de semana juntos foi muito revelador. Aqueles dias de fevereiro foram escuros e

chuvosos, e estávamos relutantes em deixar a casinha em Whitechapel. Certamente não havia

como eu ir para o laboratório no sábado, e, em vez disso, dormimos, assistimos a filmes e

conversamos, correndo à noite para buscar comida indiana para viagem em um restaurante

onde Connie era bem conhecida e foi saudada por toda a equipe, que nos deu *poppadums* de

cortesia e aquelas pequenas cubas de cebola crua que ninguém realmente quer.

— E quem é esse jovem e belo rapaz? — perguntou o maître.

— É meu refém — disse Connie. — Ele fica tentando fugir, mas não o deixarei escapar.

— É verdade — falei, então, enquanto ela fazia o pedido, escrevi “Socorro!” em um

guardanapo, o levantei, todos riram, Connie também, e senti imenso carinho e afeto, assim

como um pouco de inveja pela vida vibrante de outra pessoa.

Domingo de manhã teve um ar melancólico, como o último dia de férias

maravilhosas, e

fomos à loja da esquina para comprar jornais e bacon e, em seguida, buscamos refúgio em sua

cama. É claro que nem tudo foi sexo, sexo, sexo, embora em grande parte tenha sido. Houve

conversa, também, e Connie botou para tocar seus discos favoritos e dormiu um bocado em

períodos aparentemente aleatórios do dia e da noite. Nesses momentos, eu me livrava da

confusão de cobertores, colchas e edredons, e explorava.

O quarto era escuro e pouco iluminado, os rodapés escondidos por centenas de livros:

volumes de arte, antigos livros com as tirinhas de *Rupert*, romances clássicos e obras de

referência. Suas roupas estavam penduradas em uma arara — não havia armário —, um

arranjo que me pareceu quase indescritivelmente ousado, e secretamente desejei vasculhar

aquele cabideiro, insistindo que ela experimentasse algumas roupas. Também havia portfólios

contendo os seus trabalhos, e embora ela tivesse me proibido de examiná-los, desatei as fitas

e dei uma olhada enquanto ela dormia.

Eram retratos, principalmente, alguns estilizados, com características faciais ligeiramente

distorcidas, outros mais realistas, os contornos traçados com finas linhas de tinta,

como um

gráfico tridimensional. Olhos baixos, rostos voltados para o chão. Seu trabalho era mais

acessível do que eu esperava, até mesmo convencional, e embora eu o tenha achado bem

sombrio, gostei muito, muito mesmo. Mas, na ocasião, eu teria gostado até mesmo de uma lista

de compras, desde que fosse a lista de compras dela.

No térreo, a sala era estilosamente desorganizada e desconexa, como se tivesse sido

necessária uma grande dose de reflexão para combinar a enorme pilha de jogos infantis de

tabuleiro, o cartaz de restaurante chinês, os armários antigos e as miscelâneas dos anos

setenta. O espesso carpete cor de mostarda dava lugar aos piso gorduroso da cozinha,

dominada por um imenso jukebox contendo a mesma confusa mistura de “bom” e “mau” gosto:

obscuras bandas punks e eletrônicas misturadas com discos populares dos anos setenta,

músicas de Frank Zappa, Tom Waits e Talking Heads ao lado de ABBA, AC/DC e Jackson 5.

Evidentemente, aquilo estava além de minha compreensão. Ironia, era essa a diferença?

Meus gostos culturais não eram muito sofisticados, mas, ao menos, eram sinceros, e como eu

poderia distinguir o bom mau gosto do mau mau gosto? Como ouvir uma música ironicamente?

Como adaptar os ouvidos? Um disco do ABBA em minhas mãos seria motivo de escárnio, nas

de Connie, uma coisa legal, e, no entanto, era o mesmo verso-refrão-verso. Estaria o vinil

imbuído de qualidades diferentes, dependendo de quem o tocasse? Por exemplo: eu era um

defensor de longa data da música de Billy Joel, particularmente dos álbuns do início até o

meio de sua carreira, e isso despertava alguma zombaria por parte de bioquímicos mais

ousados e mais na moda. Sem graça, diziam, medíocre e previsível. No entanto, no jukebox de

Connie, havia Barry Manilow, um artista muito menos sofisticado. O que Connie fazia com

“Mandy” que de algum modo tornava aquela música “legal”?

O mesmo se aplicava à decoração. A parafernália que conferia a Connie e a Fran

credibilidade de estudantes de arte — o esqueleto de faculdade de medicina, partes de

manequins, os animais empalhados — teria feito com que eu parecesse um serial killer. Eu

temia o dia em que Connie veria o meu apartamento em Balham — os móveis modulados, as

paredes nuas cor de magnólia, a planta de mandioca comatosa, a televisão excessivamente

proeminente. No entanto, eu também temia a ideia de que ela não fosse tão longe.

42. *cartes postales*

É claro que ela ficaria mortificada ao ser lembrada de tudo isso. O mau gosto irônico é mais

difícil de ser aplicado em uma confortável casa de família, onde um telefone em forma de

lagosta provavelmente não suscitaria sorrisos. O bastão foi passado para Albie, sempre à

procura de placas de trânsito interessantes ou de cabeças de bonecas decepadas.

Porém, o que ambos ainda compartilham é um fetiche por cartões-postais. O quarto de

Albie é coberto de postais, como um tipo de papel de parede muito caro, de modo que

obedientemente nos encontramos na lojinha do Louvre, os dois vasculhando grandes pilhas de

cartes postales. Tentei entrar na brincadeira, selecionando um cartão, *A jangada do Medusa*,

de Géricault, uma pintura que eu gostara de ver ao vivo, por assim dizer, por causa de seu

fantástico drama. Está pendurada na sala “Grandes pinturas francesas”, ao lado de telas do

tamanho de uma casa de família, retratando batalhas do mundo antigo, cidades em chamas, a

coroação de Napoleão, a retirada de Moscou; a escola Ridley Scott de arte, cheia de efeitos,

iluminação forte e um elenco de milhares de pessoas. Nós três paramos diante do imenso

Medusa; “Eu me pergunto quanto tempo demorou para pintar…”, “Olhe para este sujeito aqui.

Ele está em apuros!” e “Eu me pergunto como se virar numa situação dessas?” eram as minhas

observações. Mostrei o cartão-postal para Albie, o poder da imagem um tanto diminuído em

dez por quinze. Ele deu de ombros e me entregou a sua pilha de cartões escolhidos. Connie fez

o mesmo, e lá fui eu pagar a conta.

43. cartões-postais

Em Whitechapel, os cartões-postais cobriam toda a parede da cozinha, dois ou três

sobrepostos em alguns pontos, misturados com polaroides de seus amigos da escola de arte.

Havia um monte de meninas punks posando com cigarros, mas também fiquei impressionado

com o número de belos rapazes em exposição, geralmente com Connie ou Fran penduradas

neles, fazendo beicinho e mandando beijinhos. Homens com uniformes do exército ou

macacões manchados de tinta; homens com excêntricos pelos faciais; homens intimidantes que

não sorriam, e um em particular, um brutamontes de cabeça raspada e olhos muito azuis, com

um cigarro pendurado na boca e uma garrafa de cerveja na mão. Um mercenário de filmes de

ação olhando para a câmera enquanto Connie se agarrava a ele, beijava o topo de sua cabeça

mal raspada ou encostava o rosto ao dele; era impossível ignorar a paixão de Connie por

aquele sujeito. Também era algo horrível de se ver.

— Talvez eu devesse tirar essas fotos daí — disse ela, atrás de mim.

— Quem é?

— Esse é Angelo. Meu ex.

Angelo. Até mesmo o nome dele era uma porrada. Como poderia um Douglas competir com

um Angelo?

— Ele é muito bonito.

— Ele é. E também não é mais importante para mim. Como eu disse, vou tirar daí.

Com um pequeno puxão, ela arrancou a foto que estava acima das outras e a guardou no

bolso do roupão. Não no lixo, mas no bolso do peito, perto do… Bem, do seu peito.

Houve um momento de silêncio. Era tarde de domingo, uma hora da semana que sempre

corre o risco de se transformar em uma depressão quase insuportável, e eu queria muito sair

dali com uma nota positiva.

— Talvez seja melhor eu ir embora.

— O refém está fugindo.

— Se eu tentar, você vai me deter?

— Não sei. Você quer ser detido?

— Eu não me importaria.

— Tudo bem — disse ela. — Então, vamos voltar para a cama.

44. comportamento de comédia romântica

Excruciante, não é mesmo? Mas era assim que nos falávamos em outros tempos. Aquilo era

uma nova voz para mim. Algo mudara e, quando finalmente saí daquela casa na noite de

domingo, dolorido e comicamente desgrenhado, voltando para Balham em trens vazios, eu não

tinha dúvida de que estava apaixonado por Connie Moore.

Isso de modo algum foi motivo de comemoração. Sempre me intrigou saber por que se

apaixonar devia ser considerado um acontecimento extraordinário, acompanhado por um naipe

de cordas em crescendo, quando aquilo tantas vezes acabava em humilhação, desespero ou

atos de terrível crueldade. Dada a minha experiência anterior, o tema de *Tubarão* teria sido

mais adequado, ou os violinos de *Psicose*.

É claro que eu estivera em dois ou três relacionamentos “sérios”, cada um tinha durado

pouco mais do que a validade de meia dúzia de ovos, mas embora tenha havido momentos de

felicidade e afeto, por enquanto nenhum coração se incendiara. E sim, eu também “saíra”

algumas vezes, uma série de entrevistas de emprego malsucedidas para um cargo que eu

realmente não queria assumir, as reuniões em geral ocorrendo em cinemas, porque havia

menos obrigação de conversar. Muitas vezes, eu chegava em casa às quinze para as dez,

enjoado por causa de um grande saco de bombons. O amor e o desejo tinham pequena

participação nesses encontros. O constrangimento e a inibição eram as principais emoções, o

desconforto aumentando exponencialmente até que um ou outro enchia o saco e mandava um

“vamos ser amigos” padrão, e depois cada um ia para o seu lado, às vezes, em passo

acelerado. Quanto ao verdadeiro amor romântico, eu já fora atingido uma vez, mas relembrar

Liza Godwin era como esperar que o capitão do *Titanic* se lembrasse afetuosamente do

iceberg.

Nós nos conhecemos no primeiro dia na universidade, onde ela estudava línguas modernas,

e imediatamente nos tornamos grandes amigos, inseparáveis, até eu cometer o erro de tentar

beijá-la em uma festa regada a xerez que saíra de controle. Ela respondeu à minha tentativa

agachando-se e correndo para longe, como alguém evitando as lâminas de um helicóptero. Isso

esfriou a nossa amizade e logo eu estava recorrendo a bilhetes e cartas enviadas por baixo da

porta do quarto dela em nosso dormitório. Outrora um prazer mútuo, nossa proximidade

tornou-se tão problemática para Liza que ela se mudou para outro dormitório, e eu telefonava

para ela tarde da noite, não totalmente sóbrio, porque o que poderia ser mais charmoso e

irresponsável, o que mais poderia derreter o coração de uma mulher do que um telefonema

enlouquecido após a meia-noite?

Em sua defesa, Liza permaneceu solidária e compreensiva a respeito de meus sentimentos,

até o momento em que diversos membros da equipe de rugby sugeriram que eu deveria

considerar “recuar” durante algum tempo. A intervenção esclareceu toda ambiguidade, e, na

batalha entre o amor e a violência, a violência venceu. Nunca voltei a falar com Liza Godwin.

Ainda assim, acho que assimilei aquilo tudo muito mal. Hesito em usar a palavra “overdose”.

Desrespeito às normas de segurança seria mais preciso. As aspirinas eram solúveis e o

volume de água necessário para dissolver umas cinco delas, creio eu, foi considerável, ou

seja, acordei com uma desesperada necessidade de ir ao banheiro e uma mente perfeitamente

lúcida. Ao me lembrar daquela época, tudo parece muito atípico; constrangedor, também, meu

único momento de melodrama adolescente. O que eu esperava conseguir? Era quase um “grito

de socorro”; eu me sentiria envergonhado por fazer tanto barulho. Talvez fosse uma “tosse de

socorro”. Um pigarro.

Portanto, eu tinha boas razões para temer a recorrência de uma doença cujos sintomas eram

a insônia, a tontura e a confusão, seguidos de depressão e um coração partido. Quando o trem

da Linha Norte chegou a Balham, as dúvidas já se acumulavam. A decisão de Connie não fora

produto de uma mente racional, e a paixão que ela sentira às três da manhã provavelmente não

sobreviveria até a quinta-feira seguinte, nosso segundo encontro, quando estaríamos sóbrios e

tímidos. Depois, havia Angelo a enfrentar, ainda espreitando do bolso mais próximo do peito.

Eu não poderia considerar as coisas como certas. Ganhar Connie Moore, manter Connie

Moore seria um desafio que continuaria até certa tarde em Paris…

45. *pelouse interdite*

…quando dormimos após o almoço no Jardin du Luxembourg, um parque tão elegante e bem-

cuidado que eu sempre espero que me peçam para tirar os sapatos. Deitar na grama só é

permitido em uma estreita faixa da extremidade sul, os banhistas agarrados a ela como se ao

casco de um navio de cruzeiro emborcado. Nossas bocas estavam pegajosas de vinho tinto e

pato salgado e nos revezamos saciando a nossa sede com água gasosa salobra que havia muito

perdera o gás.

— Como os franceses fazem isso?

— Fazem o quê?

A cabeça de Connie estava descansando no travesseiro de minha barriga.

— Beber vinho na hora do almoço. Sinto como se tivesse sido anestesiada.

— Não sei se ainda o fazem. Acho que somos apenas nós, os turistas.

À nossa esquerda, quatro estudantes italianos estavam debruçados diante de comida

chinesa para viagem em bandejas plásticas, o cheiro de xarope e vinagre pairando no ar

quente e sem vento. À nossa direita, três meninos russos magros ouviam hip-hop eslavo no

alto-falante de seus celulares, correndo as mãos pelas cabeças raspadas e uivando

intermitentemente, como lobos.

— A cidade de Proust. — Connie suspirou. — A cidade de Truffaut e Piaf.

— Você está se divertindo, não é?

— Sim, muito.

Ela estendeu o braço para trás, em busca da minha mão, mas o esforço foi muito grande e

seu braço voltou a tombar para a frente.

— Você acha que Albie está feliz?

— Flanando por Paris às custas do pai? É claro que está. Lembre que demonstrar

felicidade é contra os princípios dele.

— Para onde ele vai quando desaparece?

— Talvez tenha amigos aqui.

— Que amigos? Ele não tem amigos na França.

— Hoje a palavra “amigos” tem um significado diferente daquele que tinha na nossa época.

— Como assim?

— Bem, ele fica on-line e escreve: “Ei, estou em Paris.” E alguém diz: “Eu também estou

em Paris!” Ou alguém diz: “Tenho um amigo que mora em Paris, vocês deviam se encontrar.”

E é isso que ele faz.

— Parece assustador.

— Eu sei. Todas aquelas pessoas novas, toda aquela espontaneidade.

— Já era bastante difícil ter um amigo por correspondência.

Ela se virou para mim, agarrando-se a algo novo.

— Douglas, você tinha um amigo por correspondência?

— Günther, de Düsseldorf. Ele veio para ficar, mas não deu certo. Não conseguia comer a

comida de minha mãe. Definhava a olhos vistos e eu estava com medo de termos dificuldade

para devolver aquele menino desnutrido. No fim, meu pai praticamente o amarrou a uma

cadeira até ele terminar de comer o fígado acebolado.

— Que belas lembranças você tem. Você foi convidado a ir para Düsseldorf?

— Não, por incrível que pareça!

— Você devia encontrar o endereço dele, saber onde ele está agora.

— Talvez eu faça isso. E você, tinha um amigo por correspondência?

— Uma garota francesa chamada Elodie. Ela usava um sutiã desnecessário e me ensinou a

enrolar cigarros.

— Então, foi educativo.

Connie voltou-se outra vez e fechou os olhos.

— Mas seria legal encontrá-lo de vez em quando — falei.

— Günther?

— Nosso filho.

— Nós o veremos esta noite. Já marquei. Agora me deixe dormir.

Cochilamos embalados ao som do hip-hop russo no qual, curiosamente, apenas os

palavrões permaneceram em inglês, supostamente de modo a ofender a maior audiência

internacional possível. No fim da tarde, sentados e sonolentos, Connie sugeriu que

alugássemos bicicletas. Ainda um pouco bêbados, montamos nas bicicletas municipais, tão

difíceis de controlar quanto carrinhos de mão, pedalando por qualquer rua que quiséssemos

conhecer.

— Aonde vamos?

— Estamos nos perdendo deliberadamente! — gritou Connie. — Guias e mapas não são

permitidos.

E embora eu estivesse muito grogue para andar em uma bicicleta pesada no lado errado da

rua, adotei uma atitude despreocupada, joelhos raspando em retrovisores, ignorando os punhos

erguidos dos motoristas de táxi enquanto eu sorria sem parar.

46. françois truffaut

A afetividade continuou à noite. Connie descobriu um cinema ao ar livre em um parque urbano

não muito longe da Place d’Italie e decidimos que assistiríamos a um filme ali. Uma colcha

roubada do Good Times Hotel era nossa toalha de piquenique; havia vinho rosé,

pão e queijo,

a noite estava quente e clara. Até mesmo Albie parecia feliz por estar ali.

— Vai ser em francês? — perguntou ele quando nos acomodamos em frente à tela.

— Não se preocupe, Albie, você vai entender. Confie em mim.

O filme se chamava *Les Quatre Cents Coups* ou *Os Incompreendidos*, e eu o recomendo.

Meu gosto cinematográfico tende para os gêneros *thriller* e ficção científica/fantasia, mas,

apesar da falta de cenas de ação, foi muito divertido. O filme trata das desventuras de um

jovem inteligente, embora irresponsável, chamado Antoine, que acaba tendo problemas com a

lei. Seu bom pai, que está sendo traído pela mãe, perde a paciência com o jovem Antoine, e o

menino é enviado para uma espécie de reformatório. Ao fugir, ele corre em direção ao mar —

nunca vira o mar —, e então, bem, o filme simplesmente para com o jovem olhando para a

câmera de forma desafiadora, quase acusadora.

Em termos de enredo não era nenhum *Identidade Bourne*, mas acabei gostando mesmo

assim. Era um filme sobre a poesia, a rebelião, a euforia e a confusão da juventude — não a

minha juventude, necessariamente, a juventude de outras pessoas —, e isso teve um efeito

profundo em Albie, que estava tão envolvido com o filme que se esqueceu temporariamente de

beber em excesso e ajoelhou-se, ereto, com as mãos nas coxas em uma pose que eu vira pela

última vez nas esteiras de ginástica em seus primeiros anos escolares.

O céu escureceu e a projeção ficou mais nítida, andorinhas atravessando a tela como

manchas no celuloide — ou talvez fossem morcegos, ou ambos —, e Albie ficou ali, sentado,

identificando-se violentamente com o personagem, apesar de, creio que é justo dizer, ele ter

tido uma infância bastante estável. De vez em quando eu me virava para ver o seu perfil

iluminado pela luz da tela monocromática e me flagrei sentindo um enorme carinho por ele,

pelos dois, por nós, os Petersen, um pequeno pulso de amor e carinho, a convicção de que o

nosso casamento, a nossa família, não era assim tão ruim, era melhor do que a maioria, e que

iríamos sobreviver.

Enfim, foi tudo muito agradável e simpático e logo tudo estava acabado. A imagem final

congelou, Antoine Doinel estava nos lançando aquele olhar da tela e Albie esfregando o rosto

com as costas das mãos, como se tentando empurrar as lágrimas de volta para dentro dos

olhos.

— Essa porra foi o melhor filme que já vi na vida — declarou.

— Albie, este tipo de linguagem é realmente necessário? — perguntei.

— E a fotografia era incrível!

— Sim, também gostei da fotografia — falei, esperançoso, mas Albie e a mãe já estavam

se abraçando, ele apertando-a enquanto os dois riam, e então ele saiu correndo em meio à

noite de verão, e Connie e eu estávamos muito bêbados para nos arriscarmos nas bicicletas

novamente, de modo que demos as mãos e voltamos a pé para casa pelo décimo terceiro,

quinto, sexto e sétimo *arrondissements*, sonho juvenil de amor.

47. a intrínseca dificuldade do segundo encontro

Apesar de meu ph.D., o complexo algoritmo do que fazer em um segundo encontro me

derrotara completamente. Todos os restaurantes me pareciam demasiado formais e caros ou

muito casuais e baratos. Era final de fevereiro, de modo que era muito frio para o Hyde Park,

e minha opção de costume, o cinema, também não era a correta. Nós conseguiríamos

conversar no cinema. Eu não conseguira vê-la.

Combinamos de nos encontrar na quadra do campus, do lado de fora do laboratório onde eu

estava trabalhando em meu pós-doutorado. Desde que deixou a escola de arte, Connie

trabalhava quatro dias por semana em uma galeria comercial em St. James. Ela reclamava do

lugar — da arte ruim, dos clientes com mais dinheiro do que bom gosto —, mas o salário

permitia que ela pagasse o aluguel enquanto trabalhava nas próprias pinturas no pequeno

estúdio no leste de Londres que compartilhava com amigos — um coletivo, era o termo que

usavam —, cada um deles à espera do sucesso. Como plano de carreira, tudo me parecia

irremediavelmente desestruturado, mas ao menos o emprego na galeria de St. James

significava que ela poderia pagar o aluguel e se alimentar. Em um telefonema gaguejante, eu a

instruí quanto às rotas de ônibus disponíveis, o funcionamento preciso do 19, do 22 e do 38.

— Douglas, eu cresci em Londres — disse ela. — Sei como pegar um ônibus. Vejo você às

seis e meia.

Às seis e vinte e dois eu estava embaixo da torre do relógio, lendo o mais recente exemplar

da revista *Biochemist*, olhos correndo pela página sem assimilar nada, ainda

esperando dar

seis e quarenta, ouvindo-a antes de vê-la já que o som de salto alto não era comum naquela

parte do campus.

Em nossa era digital, temos agora meios eletrônicos para evocar um rosto quando tivermos

vontade. Naquela época, os rostos eram como números de telefone; você tentava memorizar os

mais importantes. Mas minhas imagens mentais do fim de semana anterior começavam a

desvanecer. Casto e sóbrio, em um dia de semana chuvoso e escuro, será que eu ficaria

decepcionado?

Sem chance. Quando eu a vi, a realidade superou as lembranças: o rosto maravilhoso

emoldurado pela gola erguida de um longo sobretudo preto; algum tipo de vestido antiquado

vermelho-ferrugem por baixo; cuidadosamente maquiada: olhos com sombra escura, batom

combinando com o vestido. O prato de camarões no Rat and Parrot deixou de ser uma opção.

Nós nos beijamos um pouco sem jeito, um lóbulo da orelha para mim, cabelo para ela.

— Você está muito elegante.

— Isto? Ah, preciso me vestir assim no trabalho — falou, como se dissesse: *isto não é*

para você.

Oito segundos passados e já trocáramos um beijo desajeitado e uma gafe imaginada. A

noite se estendia diante de nós como uma corda bamba através de um grande desfiladeiro.

Para marcar a importância da ocasião, eu estava usando o meu melhor casaco, elegante veludo

marrom-chocolate, e uma gravata de crochê cor de ameixa escura. Ela estendeu a mão e

ajustou o nó.

— Muito bonito. Meu Deus, você tem uma caneta no bolso do peito.

— Como cientista, sou obrigado. É o meu uniforme.

Ela sorriu.

— É aqui que você trabalha?

— Ali, no laboratório.

— E as moscas das frutas?

— Estão lá dentro. Você quer entrar para ver?

— Posso? Sempre achei que todos os laboratórios fossem secretos.

— Só nos filmes.

Ela agarrou os meus braços com as mãos.

— Então quero ver as moscas das frutas!

48. insetário

Ela olhou para as nuvens de moscas com o rosto junto à tela de musselina,

completamente

enfeitiçada. Era como se eu a tivesse levado ao vale dos unicórnios.

— Por que moscas das frutas? Por que não formigas, besouros ou bichos-pau?

Se o seu interesse era genuíno, exagerado ou fingido, eu não sabia dizer. Talvez ela visse o

insetário como uma espécie de instalação artística. Eu sei que essas coisas existem. Seja qual

for o motivo, “porque moscas das frutas?” era o tipo de pergunta que eu desejava ouvir, e

expliquei falando sobre a reprodução rápida, o baixo custo de manutenção, os fenótipos

visíveis.

— Que são…

— Características observáveis, traços, manifestações do genótipo e do ambiente. Nas

moscas das frutas, asas mais curtas, pigmentação dos olhos, mudanças na arquitetura genital.

— “Arquitetura genital.” Esse é o nome que escolhemos para a minha banda.

— Isso significa que você pode ver indícios de mutação em um tempo muito curto. As

moscas das frutas são a evolução em ação. É por isso que nós as amamos.

— Evolução em ação. E o que você faz quando deseja examinar a arquitetura genital? Por

favor, por favor, não me diga que você mata todas elas.

— Geralmente nós as deixamos inconscientes.

— Com pequenos cassetetes?

— Com dióxido de carbono. Em seguida, após algum tempo, elas se recompõem e voltam a

fazer sexo.

— Meu fim de semana típico.

Um instante se passou.

— Posso ficar com uma? Eu quero… — Ela pressionou um dedo no vidro — … aquela ali.

— Elas não são peixinhos em um parque de diversões. São ferramentas científicas.

— Mas veja, elas realmente gostam de mim!

— Talvez porque você tenha cheiro de banana passada! — Outro instante. — Você não

cheira a banana passada. Desculpe, não sei por que disse que você cheira a banana passada.

Ela olhou por cima do ombro e sorriu, e eu a apresentei a Bruce, nossa mosca das frutas de

estimação, para mostrar que não era apenas o pessoal da escola de arte que sabia se divertir.

49. cautela

O passeio prosseguiu. Mostrei-lhe a sala fria, onde comentamos quão frio estava, e a sala dos

trinta e sete graus.

— Porque trinta e sete graus?

— Porque é a temperatura do interior do corpo humano. É assim que você se

sentiria

dentro de alguém.

— Sensual — disse Connie, impassível, e seguimos em frente.

Mostrei-lhe gelo seco e a centrífuga em ação. Por um microscópio olhamos para seções

transversais da língua de um rato que fora infectado com vermes parasitários. Ah, sim, foi um

programa e tanto, e comecei a observar os rostos divertidos de meus colegas que, como de

costume, trabalhavam até tarde, as bocas abertas e as sobrancelhas erguidas ao verem aquela

linda mulher olhando para frascos de laboratório e tubos de ensaio. Dei-lhe algumas placas de

Petri para que misturasse as suas tintas.

Quando ela viu o suficiente, fomos, por sugestão dela, até um pequeno restaurante com

influência da Europa Oriental pelo qual eu passara diversas vezes sem nunca ter pensado em

entrar. Desbotado, mal iluminado, era como entrar em uma fotografia em sépia. Um garçom

velho e corcunda pegou nossos casacos e nos levou a um reservado. Por sugestão de Connie,

bebemos vodca em copinhos de vidro grosso, e então tomamos uma sopa aveludada cor de

vinho, deliciosos bolinhos, panquecas e vinho tinto espesso, e ficamos sentados lado a lado no

canto do salão quase vazio, e logo estávamos bêbados, felizes e quase à vontade. Chovia lá

fora, as janelas estavam embaçadas, um aquecedor elétrico ligado; foi maravilhoso.

— Sabe o que invejo na ciência? A certeza. Você não precisa se preocupar com gosto ou

moda, esperar por uma inspiração ou que a sua sorte mude. Há uma… metodologia. Essa é

uma palavra científica? De qualquer modo, o fato é que você pode simplesmente trabalhar

duro e seguir em frente que acaba chegando lá.

— Só que não é tão fácil assim. Além do mais, você precisa trabalhar duro.

Ela deu de ombros e fez um gesto de descaso com a mão.

— Bem, eu costumava trabalhar.

— Vi alguns de seus trabalhos. Achei-os incríveis.

Ela franziu a testa.

— Quando você os viu?

— No último fim de semana. Enquanto você estava dormindo. Eram muito bonitos.

— Então provavelmente eram de Fran.

— Não, eram seus. Dos dela eu não gostei nem um pouco.

— Fran é muito bem-sucedida. Ela vende muito.

— Bem, não sei por quê.

— Ela é muito talentosa, e é minha amiga.

— Claro, mas eu gostei mais dos seus. Achei que eram muito… — procurei algum termo

artístico — bonitos. Quer dizer, eu realmente não sei muito sobre arte…

— Mas você sabe do que gosta?

— Exatamente. Além disso, você desenha mãos muito bem.

Ela sorriu, olhou para a própria mão espalmada e, em seguida, pousou-a sobre a minha.

— Não vamos falar sobre arte. Ou sobre moscas das frutas.

— Certo.

— Então, que tal falarmos do último fim de semana? Sobre o que aconteceu, quero dizer.

— Tudo bem — falei. E pensei em seguida: *lá vem o fora*. — Sobre o que quer falar?

— Não sei. Ou melhor, pensei que sabia.

— Vá em frente.

Ela hesitou.

— Você primeiro.

Pensei um instante.

— Tudo bem, é muito simples. Passei momentos incríveis. Adorei conhecê-la. Foi muito

divertido. Eu gostaria de repetir a dose.

— Só isso?

— Só isso.

Claro que não era, mas eu não queria assustá-la.

— E você?

— Eu achei… a mesma coisa. Excepcionalmente, tive um momento *feliz*. Você foi muito

doce. Não, não é isso, eu não queria dizer isso. O que quero dizer é que você foi atencioso e

interessante e que também gostei de dormir com você. Muitíssimo. Foi divertido. Sua irmã

estava certa: você era aquilo de que eu estava precisando.

Eu já passara por aquela situação vezes suficientes para reconhecer a chegada iminente de

um "mas"…

— Mas eu não tenho um bom histórico com relacionamentos. Eu não os associo à

felicidade, muito menos o último.

— Angelo?

— Exatamente. Angelo. Ele não foi muito legal comigo e me fez… Acho que eu quero

ser… cautelosa. Quero prosseguir com cautela.

— Mas você quer prosseguir?

— Com cautela.

— Com cautela. O que isso significa?

Ela pensou um instante, mordendo o lábio inferior, e depois inclinou-se para a frente.

— Significa que se pedirmos a conta agora e formos embora, se encontrarmos um táxi e

formos para a sua casa e para a sua cama, eu ficaria muito feliz.

Então, ela me beijou.

. . .

. . .

. . .

. . .

. . .

— Garçom!

50. a festa selvagem no quarto 603

A festa começou em uma hora que você meio que espera que a maioria das festas termine, os

graves e os agudos habituais de música eletrônica logo substituídos por um pum-pa pum-pa de

baixa frequência com um claro zumbido de papel e pente.

— Isto é… um acordeão?

— Ahã… — murmurou Connie.

— Albie não toca acordeão.

— Então há um acordeonista no quarto dele.

— Ai, meu Deus.

Então, o estampido asmático se transformou em quatro acordes menores familiares tocados

em sequência, acompanhados de muito bater de pé e percussão nas coxas fornecida por meu

filho.

— Que música é essa? Conheço essa música.

— Acho que é “Smells Like Teen Spirit”.

— É o quê?

— Ouça!

Claro que era.

Quando — e se — eu pensava em acordeonistas, a palavra sugeria um homem de pele

morena vestindo uma camisa listrada de mangas compridas. Mas aqui, o uivo de alienação

juvenil do Nirvana era berrado por uma voz feminina primal, uma espécie de pregoeira

emotiva, com Albie agora acompanhando-a ao violão, suas mudanças de acorde sempre um

pouco atrasadas.

— Acho que eles chamam isso de *jamming* — falei.

— Queria enfiar os dedos nos ouvidos — disse Connie.

Conformando-me com uma longa noite, acendi a luz e peguei o meu livro, uma história da

Segunda Guerra Mundial, enquanto Connie cobria a cabeça com dois travesseiros e assumia

uma posição horizontal de aterrissagem forçada. O acordeão, assim como a gaita de fole, faz

parte daquele seleto grupo de instrumentos que as pessoas são pagas para parar de tocar, mas,

nos quarenta e cinco minutos seguintes, a misteriosa convidada de meu filho forçou os limites

musicais da sanfona, regalando a maior parte do quinto, sexto e sétimo andares do Good

Times Hotel com, entre outros, um “Satisfaction” selvagem, um enérgico “Losing My

Religion” e uma versão de “Purple Rain” tão longa e repetitiva que parecia estender a própria

tessitura do tempo. “Estamos gostando do show, Albie”, escrevi em uma mensagem de texto,

“mas é um pouco tarde”. Pressionei “enviar” e esperei que a mensagem fosse recebida.

Ouvi o bipe de uma mensagem de texto chegando do outro lado da parede. Uma pausa, e

então a música “Moondance” cantada por vespas com enfisema pulmonar.

— Talvez ele não tenha lido a minha mensagem.

— Hum.

— Talvez eu devesse ligar para a recepção e reclamar. Como se diz “tirem a acordeonista

do quarto 603” em francês?

— Hum.

— Porém, parece um tanto desleal reclamar do meu próprio filho.

— Isso não o deteve no passado.

— Ou devo apenas bater na…?

— Douglas, eu não me importo com o que você faça, desde que pare de falar!

— Ei! Não sou eu quem está com o acordeão!

— Às vezes, acho que prefiro o acordeão.

— O que isso quer dizer?!

— Não quer dizer nada… só que são duas e meia…

Então, o barulho parou.

— Obrigada, Senhor! — exclamou Connie. — Agora, vamos dormir.

Mas a irritação persistiu e ficamos deitados sob sua nuvem, lembrando outras noites como

aquela, repletas de indelicadeza, impaciência ou negligência. *Acho que nosso casamento já*

deu o que tinha que dar. Acho que quero me separar de você.

Então, sentimos um solavanco atrás de nossas cabeças, como um tambor grave, seguido

pelo particular e insistente tum-tum-tum de uma cabeceira de cama se chocando contra uma

parede.

— Eles estão transando — falei.

— Ah, Albie. — Connie riu com o antebraço sobre os olhos. — Isso é simplesmente

perfeito.

51. a acordeonista roqueira

Conhecemos a sedutora intérprete na manhã seguinte, no sombrio salão do café da manhã no

porão do hotel. Incomumente, Albie acordara antes de nós, embora fosse difícil ver o rosto da

menina, que estava agarrada a ele com a tenacidade de uma lampreia. Pigarreei e eles se

desgrudaram.

— Olá! Vocês devem ser Douglas e Connie! Meu Deus, Connie, você é linda! Não admira

que o seu filho seja tão gostoso, você é uma gra-ça. — Sua voz era áspera, com sotaque

australiano. Ela pegou a minha mão. — E você também é um homem muito bonito, Dougie! Rá!

Estávamos tomando café da manhã, o café da manhã aqui é incrível. E é tudo de graça!

— Bem, não é exatamente *de graça*…

— Deixe-me tirar Steve do caminho. — Ao que parecia, Steve era o nome do seu

acordeão. Steve tinha a própria cadeira, onde estava sentado, sorrindo com todos os dentes.

— Vamos lá, Steve, deixe o pobre Sr. Petersen se sentar, ele parece exausto.

— Nós gostamos do concerto de ontem à noite.

— Ah, obrigada! — Ela sorriu, e depois usou os dedos para transformar a sua expressão no

rosto triste de um palhaço. — Ou será que você não está dizendo a verdade?

— Você toca muito bem — disse Connie. — Teríamos gostado mais se fosse

antes da meia-

noite.

— Ah, não! Desculpe-me. Não admira que você pareça destruído, Sr. Petersen. Vocês

precisam mesmo me ver tocar em uma hora razoável.

— Você vai de fato tocar em um show? — perguntou Connie com uma pitada de

incredulidade.

— Bem, *show* é uma palavra muito forte. Só vou tocar do lado de fora do Pompidou.

— Você toca nas calçadas?

— Prefiro ser chamada de “artista de rua”, mas sim!

Não acho que minha expressão tenha sido de decepção, tentei não transparecer, mas a

verdade é que eu desconfiava de qualquer atividade acompanhada com a palavra “rua”. Arte

de rua, comida de rua, teatro de rua, em todos os casos, a palavra “rua” sucede algo melhor

realizado em ambientes fechados.

— Ela toca “Purple Rain” de um jeito incrível — murmurou Albie, que estava recostado

do banco na diagonal, como uma vítima de vampiro.

— Ah, nós sabemos, Albie, nós sabemos — disse Connie, olhando para a acordeonista

com olhos estreitados.

Enquanto isso, a garota passava o conteúdo de diversos pequenos potes de geleia em um

croissant.

— Odeio esses potes pequenos. São uma merda para o meio ambiente. E são *tão*

frustrantes! — comentou ela antes de enfiar a língua inteira dentro de um deles.

— Perdão, ainda não sabemos o…

— Cat. Como em *hat*! — Ela deu um tapinha no chapéu-coco de veludo preto que usava

atrás da cabeça.

— E você é australiana, Cat?

Albie corrigiu:

— Ela é da *Nova Zelândia*!

— É a mesma coisa! — disse ela, rindo alto. — É melhor vocês tomarem o seu café da

manhã antes que eu coma tudo. Corram!

52. sobre a ética prática no sistema de bufê de café da manhã

Ao longo dos anos, em conferências e seminários, adquiri alguma experiência no sistema de

bufê de café da manhã e percebi que, quando confrontados com uma mesa de comida

aparentemente “grátis”, algumas pessoas se comportam com moderação e outras, como se

nunca tivessem comido bacon na vida. Cat era do grupo que acredita que “comer o quanto

quiser” era um desafio lançado. Ela ficou diante da máquina de suco, servindo-se de um copo

e, em seguida, entornando-o, servindo-se de outro copo e entornando-o; chamei aquilo de

empacamento de suco e me perguntei por que ela simplesmente não abria a torneira e deitava

embaixo. Sorri para o garçom, que balançou a cabeça lentamente em resposta, e ocorreu-me

que, se o gerente associasse o ensaio de acordeão da noite anterior à mulher que agora

acumulava uma grande pilha de morangos e pedaços de grapefruit em sua tigela, estaríamos

em grandes apuros.

Avançamos ao longo do balcão.

— Então, o que a traz à Cidade Eterna, Cat?

— Paris não é a Cidade Eterna — corrigiu Connie. — A Cidade Eterna é Roma.

— E não é eterna — disse Albie. — Apenas parece ser.

Cat riu e limpou o suco da boca.

— Eu não moro aqui, só estou de passagem. Venho flanando pela Europa desde a

faculdade, morando aqui, vivendo ali. Hoje é Paris, amanhã, Praga, Palermo, Amsterdã…

quem sabe!

— Sim, nós também — falei.

— Só que temos um itinerário plastificado — disse Connie, examinando a

bandeja de

grapefruit vazia.

— Não é plastificado. O que eu quero dizer é que vamos para Amsterdã amanhã.

— Sortudos! Eu amo Dã, embora sempre acabe fazendo algo de que me arrependo, se

entendem o que quero dizer. Cidade das Festas! — Ela estava enchendo um segundo prato

agora, equilibrando-o com o antebraço, como uma profissional, com foco em proteínas e

carboidratos. Ao erguer a tampa da bandeja de bacon, inalou o vapor com olhos fechados. —

Sou uma vegetariana radical, com exceção das carnes curadas — disse ela, servindo-se de

espirais gotejantes de toucinho em um prato já transbordando de queijo, salmão defumado,

brioches, croissants…

— Que belo café da manhã você tem aí! — falei com um sorriso estático.

— Pois é! Albie e eu fizemos por onde para despertar nosso apetite. — Ela riu baixinho,

maliciosa, e deu um tapa na nádega de meu filho com a pinça de bacon enquanto Albie sorria

timidamente olhando para o próprio prato. — De qualquer modo, a maior parte disso aqui é

para mais tarde.

Aquilo, a meu ver, era ultrapassar um limite. O bufê não era uma instalação de piquenique

ou uma despensa aberta a todos. Eu estava disposto a ser simpático com os novos amigos de

Albie e suas excentricidades, mas aquilo era roubo, puro e simples, e quando uma banana

seguiu um pote de mel nos bolsos enormes de sua calça de veludo senti que não poderia mais

me conter.

— Você não acha que talvez devesse devolver um pouco disso aí, Cat? — perguntei,

tranquilamente.

— Perdão?

— A fruta, os potes de mel. Na verdade, você só precisa de um, dois, no máximo.

— Pai! — exclamou Albie. — Não acredito que você está dizendo isso!

— Bem, eu só acho um pouco excessivo…

— Bi-zar-ro! — exclamou Cat em um falsete lírico.

— Ela não vai comer tudo agora.

— É exatamente por isso, Albie.

— Não, é justo, é muito justo. Aqui, aqui… — E Cat começou a jogar potes, frutas e

croissants de volta na mesa.

— Não, não, fique com o que já pegou. Só acho que talvez não devesse colocar coisas nos

bolsos…

— Eu não disse, Cat? — exclamou Albie, apontando para mim com a mão aberta.

— Albie…

— Eu disse para você que ele é assim!

— Albie! Chega. Sente-se. — disse Connie com sua expressão mais severa.

Albie sabia que não devia discutir, e voltamos para a mesa, nos sentamos e ouvimos Cat

contar…

53. *the cat in the hat*

…como ela amava a Nova Zelândia, como o lugar era bonito, mas que ela crescera em um

subúrbio de classe média em Auckland, um lugar chato, muito classe média, com quilômetros

e mais quilômetros de casas idênticas. Nada acontecia por lá — ou melhor, as coisas

aconteciam, coisas terríveis, mas ninguém nunca falava sobre aquilo, apenas fechavam os

olhos e continuavam com suas vidas sem graça, convencionais e entediantes, esperando a

morte.

— Parece o lugar onde moramos — disse Albie.

Connie suspirou.

— Eu desafio você, Albie, a citar uma coisa terrível que tenha acontecido em sua vida.

Apenas uma. Cat, nosso pobre Albie é traumatizado porque não o deixamos

comer sucrilhos

de chocolate em 2004.

— Você não sabe nada a meu respeito, mãe!

— Bem, na verdade eu sei, sim.

— Não, você não sabe! — protestou Albie, sentindo-se traído. — E desde quando você se

tornou esta grande defensora de nosso lar, mãe? Você também disse que odiava tudo aquilo.

Ela disse isso?

Connie prosseguiu:

— Cat, meu filho está se exibindo para você. Continue. Você estava dizendo…

Cat enfiou um pedaço de salame em uma baguete com um polegar sujo.

— De qualquer modo, meu pai, que é um *cretino* total e absoluto, insistiu que eu estudasse

engenharia, o que foi uma completa perda de tempo…

Albie estava sorrindo para mim, mas eu não o encarei e me servi de mais café.

— Bem, não é uma completa perda de tempo — falei.

— É, se você odeia. Eu queria experimentar, ver coisas novas.

— Então o que você estudou?

— Ventriloquismo. — Ela ergueu um pote de marmelada até a orelha e ouvimos uma voz

exclamando: *Socorro! Socorro!* — Depois aprendi a arte das marionetes e da improvisação, e

me juntei a um grupo de teatro de rua, operando marionetes gigantescas. Então pegamos a

estrada, viajamos por toda a Europa, nos divertimos muito até que todos se acovardaram e

voltaram para seus trabalhinhos e para as suas casinhas, suas vidas previsíveis e maçantes. Eu

prossegui, viajando sozinha. Adoro! Não vejo meus pais há quatro anos.

— Ah, Cat, isso é terrível — disse Connie.

— Não, não é terrível! Tem sido maravilhoso para mim. Sem raízes, sem aluguel,

conhecendo as pessoas mais incríveis. Agora, posso viver onde eu quiser. Exceto Portugal.

Não tenho autorização para entrar em Portugal por razões que não tenho liberdade de

divulgar…

— Mas e quanto aos seus pais?

— Envio cartões-postais e telefono para a minha mãe duas vezes por ano, Natal e

aniversário. Ela sabe que estou bem.

— O dela ou o seu? — perguntou Connie.

— Como assim?

— Você disse que telefona para ela no Natal e no aniversário. Você liga no aniversário

dela ou no *seu*?

A pergunta pareceu confundir Cat.

— No *meu* aniversário, é claro — disse ela, e Connie assentiu.

— E seu pai? — perguntei.

— Meu pai que vá se foder — falou ela com orgulho, enfiando na boca um pedaço de pão.

Notei como Albie mal conseguia conter a admiração.

— Isso parece um tanto severo.

— Não, se você o conhecer. Se você o conhecer, é um ótimo comentário!

Ela voltou a dar aquela risada, do tipo que vemos em filmes para sugerir loucura, e a

expressão do garçom ficou um pouco mais carrancuda. Apesar de todos os meus esforços, eu

estava encontrando dificuldades para simpatizar com Cat. Ela era um pouco mais velha do que

Albie, o que me fez sentir absurdamente protetor em relação a ele, e sua pele tinha uma

aparência irritada, como se tivesse sido lavada com algum tipo de abrasivo — o rosto de meu

filho, presumivelmente. Seus olhos pareciam os de um panda e uma marca vermelha ao redor

da boca, novamente atribuíveis ao meu filho, e sobrancelhas altas e arqueadas pareciam ter

sido desenhadas. O que ela me lembrava? Quando entrei para a universidade, fui a uma

exibição do filme *The Rocky Horror Picture Show*, a qual deveríamos comparecer

fantasiados, com a já mencionada Liza Godwin, que continua a ser uma das

noites mais

cansativas de maluquices forçadas que já passei em minha vida. As coisas que eu fazia por

amor! Eu não sou religioso, mas lembro-me claramente de estar sentado em meu lugar usando

um par de meias rasgadas de Liza Godwin, com um sorriso feito com batom em meu rosto,

rezando, por favor, Deus, se você existe, não me deixe fazer a “Dobra Temporal” outra vez.

E, sim, havia algo daquele *Rocky Horror* em Cat, e talvez isso agradasse ao nosso filho,

que estava com a mão na parte inferior das costas dela, os dedos dela explorando os joelhos

rasgados da sua calça jeans. Era tudo muito perturbador, e confesso ter sentido certo alívio

quando ela disse:

— Tudo bem, gente boa, foi um prazer conhecê-los. Vocês têm um grande jovem aqui! —

Ela deu um tapa na coxa de Albie para enfatizar o que dissera.

— Sim, estamos cientes disso — disse Connie.

— Aproveitem a vista! Jovem, me leve até a porta. Eu não quero que a polícia do bufê me

derrube no chão e me reviste.

Ouvimos uma gargalhada e o arrastar de uma cadeira quando ela ergueu o acordeão

chamado Steve e enfiou o chapéu-coco sobre o cabelo. Ouvimos um alto trinado

de Steve e

ambos se foram.

Ficamos sentados em meio àquele tipo de silêncio que sucede uma batida de carro, até

Connie dizer:

— Nunca confie em uma mulher com chapéu-coco.

Nós rimos, desfrutando do doce prazer conjugal da aversão compartilhada.

— Mamãe, papai, eu gostaria que vocês conhecessem a mulher com quem pretendo me

casar.

— Douglas, nem brinque com isso.

— Bem, eu gostei dela.

— Foi por isso que disse para ela devolver o café da manhã? — perguntou Connie, rindo.

— Aquilo foi excessivo?

— Pela primeira vez, Douglas, eu digo que não.

— Então, o que você acha que ele vê nela? Acho que é a risada.

— Não acredito que seja *apenas* a risada. Acho que o sexo também pode ter algo a ver

com isso. Ah, Albie. — Ela suspirou, e uma expressão de terrível tristeza tomou conta de seu

rosto. — Douglas — disse ela, com a cabeça apoiada no meu ombro —, nosso menino

cresceu.

54. compartilhar demais, compartilhar de menos

Eu esperava que nós três passássemos juntos nosso último dia em Paris, mas Connie estava

cansada e insistiu, muito bruscamente, que gostaria de ter um minuto para si mesma, caso eu

não me incomodasse, apenas um único minuto para si mesma, caso não fosse contra a lei.

Quando ficávamos apenas nós dois, meu filho e eu tínhamos uma tendência a entrar em pânico,

mas respiramos fundo e partimos para o Musée d'Orsay.

O tempo mudara, a cidade úmida, sob uma baixa e densa camada de nuvens.

— Vai chover mais tarde — falei.

Nada veio de Albie.

— Nós gostamos de Cat.

— Pai, você não precisa fingir, porque eu não me importo.

— Mas nós gostamos dela, de verdade! Nós a achamos muito interessante. Desafiadora.

Alguns passos, silêncio e então:

— Você acha que ela vai manter contato?

Albie torceu o nariz. Meu filho e eu nunca passamos muito tempo discutindo assuntos do

coração. Tínhamos amigos — amigos de Connie, principalmente — que mantinham conversas

surpreendentemente francas com os filhos, se sentando com frequência para falar sobre

relacionamentos, sexo, drogas, saúde emocional e mental, aproveitando todas as

oportunidades disponíveis para desfilarem nus, porque não é isso que os adolescentes

realmente querem ver? Provas da decadência do tempo exibidas ao nível dos olhos? Embora

eu achasse essa abordagem presunçosa e artificial, também aceitava que havia espaço para

melhorias de minha parte, certa omissão que eu deveria lutar para superar. O mais próximo

que meu pai chegara de uma “conversa franca” a respeito de relacionamentos foi uma seleção

de folhetos do sistema público de saúde sobre doenças sexualmente transmissíveis que ele

deixou espalhados sobre o meu travesseiro — um presente de despedida antes de eu ir para a

universidade —, contendo todas as informações de que eu necessitaria para compreender o

coração humano. Minha mãe mudava o canal toda vez que duas pessoas se beijavam na

televisão. Ambos haviam passado incólumes pelos permissivos anos sessenta. Para eles,

aquela bem poderia ter sido a década de 1860. Como minha irmã e eu viemos a nascer,

francamente não faço ideia.

Mas eu não pretendia trabalhar a abertura emocional? Talvez esta fosse uma oportunidade

para conversarmos sobre a confusão da adolescência, e, por sua vez, eu poderia confidenciar

alguns altos e baixos da vida conjugal. Com isso em mente, fiz um pequeno desvio na rue

Jacob, o hotel onde Connie e eu ficáramos havia dezoito anos, onde parei e segurei o braço de

Albie.

— Está vendo aquele hotel?

— Estou.

— Aquela janela lá em cima? No canto do segundo andar, com cortinas amarelas?

— E daí?

Pousei a mão em seu ombro.

— Ali, Albert Samuel Petersen, é o quarto onde você foi concebido!

Talvez tenha sido muito, muito cedo. Eu esperava que houvesse algo de muito poético a

respeito daquilo, ver o local exato onde espermatozoide e óvulo se fundiram e ele despertou

para a vida. Parte de mim pensou que ele pudesse achar divertido imaginar seus pais mais

jovens, tão diferentes de nossas menos despreocupadas encarnações atuais. Eu esperava que

ele se comovesse com a minha nostalgia por sua criação em um ato de amor que, ao menos em

minha lembrança, fora carregado de emoção e carinho.

Talvez eu não tenha pensado direito sobre isso.

— *O quê?*

— Bem ali. Naquele quarto. Foi ali que *você* veio ao mundo.

Seu rosto se contraiu em uma máscara de nojo.

— Taí uma imagem que nunca mais vai sair da minha cabeça.

— Bem, de que outra forma você pensa que isso aconteceu, Albie?

— Eu sei que *aconteceu*, só não quero ser forçado a *pensar* nisso!

— Achei que você gostaria de saber. Pensei que você fosse…

Ele começou a caminhar.

— Por que você está assim?

— Assim como?

— Dizendo essas coisas. É muito estranho, pai.

— Não é estranho, é uma conversa amigável.

— Nós não somos amigos. Você é meu pai.

— Isso não quer dizer… Adultos então. Somos adultos agora e eu pensei que também

poderíamos conversar como adultos.

— Sim, bem, obrigado por compartilhar demais, pai.

Continuamos a andar enquanto eu ficava considerando o conceito de "compartilhar

demais", e também o que "compartilhar de menos" poderia vir a ser, e ainda se seria possível

estabelecer alguma coisa entre os dois.

55. *épater le bourgeois*

Logo estávamos no Musée d’Orsay, parados no extraordinário saguão da antiga estação

ferroviária convertida em museu.

— Veja que relógio incrível! — exclamei com a voz impressionada.

Albie, que era muito frio para se impressionar, começou a admirar as pinturas. Eu gosto

dos impressionistas, e sei que isso não está particularmente na moda, mas Albie fazia questão

de demonstrar a sua indiferença, como se fosse eu quem tivesse pintado os álamos e as moças

sentadas ao piano.

Então, de repente, encontramos algo mais a seu gosto: *L’Origine du Monde*, de Gustave

Courbet. O estilo e as técnicas eram as mesmas que você pode ver aplicadas a bailarinas ou a

uma tigela de frutas, mas ali o assunto eram as pernas abertas de uma mulher, com o rosto fora

do quadro. Era uma imagem desconcertante, explícita e despudorada, e eu não gostei. De

modo geral, não gosto de me chocar. Não porque eu seja puritano, mas porque aquilo me

parecia muito juvenil e facilmente realizável.

— De *onde* eles tiram essas ideias? — perguntei, olhando para o quadro e seguindo em

frente.

Mas Albie certamente não perderia a oportunidade de fazer com que eu me sentisse

desconfortável e parou para olhar. Determinado a não parecer moralista, dei meia-volta e

parei ao lado dele.

— *Isso é* compartilhar mais que o necessário! — falei.

Nada.

— É bem agressivo, não é mesmo? — completei. Albie fungou e inclinou a cabeça, como

se isso fizesse diferença. — Incrível pensar que foi pintado em 1866.

— Por quê? Você acha que as mulheres nuas eram diferentes naquela época?

Ele se aproximou para olhar a tela, tão perto que achei que o segurança interviria.

— Não, só quero dizer que temos a tendência a pensar no passado como inerentemente

conservador. É interessante destacar que a indignação não é uma invenção de fins do século

xx.

Essa foi *boa*, pensei. Parecia o tipo de coisa que Connie diria, mas Albie apenas fez uma

careta.

— Eu não acho ultrajante. Acho que é belo.

— Eu também — concordei, embora sem convicção. — Grande quadro. Ótimo. — Voltei a

ler a descrição. *As Origens do Mundo*. Quando estou nervoso tendo a ler coisas: legendas,

placas, frequentemente mais de uma vez. — *As Origens do Mundo*. Título espirituoso. — E

expeli o ar bruscamente pelo nariz para demonstrar quão incrível eu achara aquilo. — Eu me

pergunto qual a opinião da modelo. Eu me pergunto se ela deu a volta no cavalete para olhar

para a tela e disse: “Gustave, é como olhar para um espelho!”

Mas Albie já havia tirado o livro de esboços da bolsa, porque não bastava olhar para as

partes íntimas daquela mulher anônima. É claro que ele também teria de desenhá-la.

— Encontro você na loja do museu — falei, e deixei-o ali, rabiscando e sombreando

loucamente.

56. a zona de conforto

Então, em nossa última noite em Paris, fomos todos a um restaurante vietnamita, mas precisei

ir embora mais cedo porque fui ferido pela sopa.

Sempre tive um histórico ruim com comida muito condimentada, acreditando, não sem

razão, que se uma substância queima os meus dedos eu não deveria colocá-la no meu

estômago. Claro que Albie adora comida pegando fogo, pensando que aquilo reflete a sua

personalidade tempestuosa, a política ou algo assim. Quanto a Connie, seu humor melhorou um

pouco desde a grande bagunça do bufê matinal, mas ela estava cansada de bistrôs.

— Juro que se eu voltar a ver outra coxa de pato, vou gritar.

Albie sugeriu vietnamita, e, afinal, eu não estava ali para tentar coisas novas e deixar a

minha chamada "zona de conforto"? Então, por sugestão dele, partimos em nosso instável

comboio de bicicletas até um restaurante vietnamita em Montparnasse.

— "*Authentiquement épicé*"! — exclamou Albie, lendo o menu com ar de aprovação. — O

que basicamente significa "picante para caramba"!

Pedi uma espécie de sopa de carne, especificando "*pas trop chaud, s'il vous plaît*", mas,

quando a tigela chegou, estava tão carregada de pequenas e perversas pimentas vermelhas que

eu me perguntei se aquilo não seria uma pegadinha. Talvez Albie tivesse pedido que fosse

preparada assim, talvez os chefes estivessem rindo com os rostos pressionados no vidro da

pequena janela redonda da cozinha. De qualquer modo, tive de beber uma grande quantidade

de cerveja para refrescar o paladar.

— É muito para você, pai? — perguntou ele, sorrindo.

— Só um pouco.

Pedi outra cerveja.

— Viu? — Connie sorriu. — Qualquer coisa que não seja carne cozida com molho…

— Isso não é verdade, Connie, você sabe que não é — falei, um tanto bruscamente, talvez.

— Na verdade, está delicioso.

E então, deixou de ser delicioso. Eu estava tentando evitar as pimentas peneirando a sopa

através dos dentes, mas alguma coisa deve ter escapado porque, de repente, minha boca

começou a pegar fogo. Esvazie a cerveja e, batendo o copo na mesa, atingi a grande concha de

cerâmica que repousava no caldo, catapultando uma porção no meu olho direito. O caldo era

tão fortemente temperado com suco de lima e pimenta que por um momento fiquei cego.

Tateando a mesa em busca de um guardanapo, peguei um que fora descartado por Albie, sujo

com o molho de pimenta de suas costeletas, e então passei a esfregá-lo no olho afetado e, de

alguma forma, também no olho que não fora afetado. Caso não estivesse rindo, sem dúvida,

Albie teria me avisado, mas as lágrimas escorriam pelo meu rosto, e a diversão de Albie e

Connie se transformou em constrangimento e preocupação enquanto eu tropeçava cegamente

até o banheiro, esbarrando em vários clientes, atravessando uma cortina de contas e entrando

primeiro no banheiro feminino — *desolé! desolé!* —, então no banheiro masculino e

finalmente localizando a menor e mais incômoda pia do mundo, na qual tentei enfiar a cabeça,

raspando a testa na torneira e derramando primeiro água escaldante, depois água fria em meu

olho. Fiquei ali, coluna torcida, a água jorrando desconfortavelmente em meu globo ocular,

então em minha boca, que agora estava misericordiosamente entorpecida, com um pulsar

químico que lembrou a extração de um molar incluso que eu fizera havia alguns anos.

Fiquei assim por um tempo.

Finalmente me ergui e examinei meu reflexo no espelho: camisa encharcada e colada ao

peito, testa sangrando, língua inchada e lábios aparentemente com batom, meu olho direito

fechado. Puxei a pálpebra para trás, a esclera repleta de veias e da cor de uma sopa de tomate.

Olhando para o teto, percebi que um arranhão, como um fio de cabelo em uma lente de

câmera, aparecera na periferia de minha visão, saindo de vista quando eu tentava examiná-lo

melhor. Uma cicatriz. *É por isso*, pensei, *que temos zonas de conforto: porque são*

confortáveis. O que podemos conseguir ao deixá-las?

Quando voltei à mesa, Albie e Connie me olharam com aquela expressão solene que

precede crises de riso. Quando começaram a rir, tentei participar, porque eu queria me

divertir em vez de ser objeto da diversão. Eu preparara uma frase para este fim:

— Estão vendo? É por isso que usamos óculos de proteção no laboratório. — Embora a

piada realmente não tenha colado.

— Parece que você foi amarrado a uma cadeira e espancado — disse Connie.

— Estou bem. Estou bem! — falei, sorrindo, enquanto empurrava a tigela para longe. —

Tome, fiquem com isso.

— Acho a comida aqui incrível.

— Bem, estou satisfeito — falei. — Mas, pessoalmente prefiro comida que não fere.

Connie suspirou.

— A comida não *feriu* você, Douglas.

— Feriu, sim! Há uma cicatriz na minha córnea. De hoje em diante, toda vez que eu olhar

para uma superfície branca verei aquela sopa.

Isso fez com que voltassem a rir, e, de repente, perdi a paciência. Eu não estava tentando?

Eu não estava dando o meu melhor, fazendo um esforço? Esvaziei uma cerveja, a terceira ou

quarta, acho, arrastando a cadeira enquanto me levantava para ir embora.

— Na verdade, vou voltar a pé para o hotel.

— Douglas — disse Connie, pousando a mão em meu braço. — Não seja assim.

— Não, vocês ficarão muito mais felizes sozinhos. Tome… — Puxei o dinheiro da carteira

e joguei-o agressivamente na mesa como já vira fazerem no cinema. — Isso deve pagar a

conta. O trem para Amsterdã sai às nove e quinze, portanto, temos de acordar cedo. Por favor,

não se atrasem.

— Douglas, sente-se, espere a gente, por favor…

— Preciso de um pouco de ar fresco. Boa noite. Boa noite. Voltarei sozinho.

57. *je suis désolé mais je suis perdu*

Eu me perdi, é claro. O preto e sinistro volume da Torre Montparnasse estava atrás, então à

minha frente, à minha esquerda e à direita, saltando por aí, e agora as ruas secundárias se

abriram em uma avenida, larga, tediosa e despovoada, uma elegante via dupla que acabaria

me levando ao Périphérique. Eu estava caminhando em direção a uma autoestrada, encharcado

de cerveja, sopa, água e suor, bêbado e cego de um olho, nem amável nem cheio de amor, sem

sentir nada além de irritação, frustração e autopiedade, e perdido, completamente perdido

naquela cidade idiota. A Cidade das Luzes. A Cidade da Porra das Luzes.

Não me atrevi a me deter sobre a ideia, mas quando partimos eu imaginara que aquela

viagem poderia de algum modo reparar o nosso relacionamento, talvez até mesmo levar a uma

mudança de sentimentos da parte de Connie. Eu *acho* que quero me separar de você, dissera

ela. A palavra “acho” não implicava alguma dúvida, alguma possibilidade de persuasão?

Talvez a novidade do entorno a fizesse recordar de quando éramos novidade um para o outro.

Mas era absurdo pensar que uma cidade poderia fazer a diferença, absurdo pensar que

pinturas a óleo, estátuas de mármore e vitrais pudessem operar tal mudança. O lugar não tinha

nada a ver com isso.

Agora eu via a grande cúpula dourada de Les Invalides contrastando com o céu roxo, os

holofotes sobre a Torre Eiffel se movendo como se estivessem à caça de um fugitivo. O ar

ficou carregado, anunciando uma tempestade de verão, e percebi que ainda estava a alguma

distância do hotel. Eles estariam na cama agora, dormindo felizes, minha família. A família

que eu estava prestes a perder, se é que já não tinha perdido, e durante muito tempo desci

aquela avenida maçante e deserta, perguntando por que meus planos inevitavelmente davam

errado.

Virei à direita no Musée Rodin. Por uma abertura no muro, vi uma escultura de cinco

homens amontoados, uivando e gemendo em várias atitudes de desespero, e aquele me pareceu

um bom lugar para descansar. Sentei-me no meio-fio. Meu telefone tocou. Connie, obviamente.

Considerei não atender, mas nunca fui capaz de ignorar uma ligação de Connie.

— Alô.

— Onde você está, Douglas?

— Acho que do lado de fora do Museu Rodin.

— Que diabo você está fazendo aí?

— Vendo uma exposição.

— É uma hora da manhã.

— Eu me perdi um pouco, só isso.

— Achei que você estaria me esperando no hotel.

— Logo estarei de volta. Vá dormir.

— Eu não consigo dormir sem você aqui.

— Nem comigo, ao que parece.

— Não. É verdade. É… um dilema.

Um instante se passou.

— Fiquei um pouco… irritado. Peço desculpas — falei.

— Não, eu é que peço desculpas. Eu sei que você e Albie gostam de implicar um com o

outro, mas eu não deveria ter me metido.

— Vamos esquecer esse assunto. Amsterdã amanhã.

— Começar de novo.

— Exatamente. Começar de novo.

— Bem, volte logo. Vai cair uma tempestade.

— Não vou demorar. Tente dormir um…

— Nós te amamos. Você sabe. Nem sempre demonstramos, estou ciente disso. Mas

amamos.

Inspirei profundamente.

— Bem, como eu disse, logo estarei de volta.

— Ótimo, volte logo.

— Tchau.

— Tchau.

— Tchau.

Fiquei sentado um instante e então me levantei e acelerei o passo, determinado a fugir da

chuva iminente. Amsterdã amanhã. Talvez Amsterdã fosse diferente. Talvez tudo ficasse bem

em Amsterdã.

PARTE TRÊS

OS PAÍSES BAIXOS

Não sei o que posso parecer aos olhos do mundo, mas aos meus pareço apenas ter sido

como um menino brincando à beira-mar, divertindo-me com o fato de encontrar de vez

em quando um seixo mais liso ou uma concha mais bonita que o normal, enquanto o

grande oceano da verdade permanece por descobrir à minha frente.

Isaac Newton

58. *experimento com um pássaro numa bomba de ar*

Mas, ah, a alegria daquilo, a alegria, a felicidade e a emoção de cada dia consecutivo, tão

diferente de tudo o que eu já experimentara. Era mesmo estonteante finalmente estar

apaixonado. Porque aquela foi a primeira vez, agora eu sei disso. Todo o resto tinha sido um

erro de diagnóstico — paixão, obsessão, talvez, mas uma condição completamente diferente

desta. Esta foi bem-aventurança, esta foi transformadora.

A transformação começou antes mesmo de nosso segundo encontro. Já fazia algum tempo

que eu levava o tipo errado de vida e meu monótono apartamento em Balham era um reflexo

disso. As paredes sem nada da cor de magnólia, os móveis modulados, os abajures de papel

empoeirado e as lâmpadas de cem watts. Uma mulher tão descolada quanto Connie Moore não

apoiaria isso. Todas essas coisas teriam que desaparecer, teriam que ser substituídas por…

Bem, eu não tinha certeza, mas dispunha de vinte e quatro horas para decidir. Assim, na noite

anterior ao nosso encontro, deixei o laboratório mais cedo, peguei o ônibus para a Trafalgar

Square e fui à loja de presentes da National Gallery para comprar arte no atacado.

Comprei cartões-postais de obras de Ticiano e Van Gogh, Monet e Rembrandt, cartazes das

Banhistas em Asnières, de Seurat, e de *A Virgem e o menino*, de Da Vinci. Comprei

reproduções dos girassóis de Van Gogh e, para contrastar, *Experimento com um pássaro*

numa bomba de ar, de Joseph Wright of Derby, uma pintura iluminista bastante macabra de um

homem sufocando uma cacatua, mas que nitidamente reunia nossos interesses em arte e

ciência. Fui correndo até as lojas de departamento da Regent Street e comprei molduras e

almofadas — minhas primeiras almofadas —, além de pequenos tapetes, mantas (seria esse o

termo? “mantas”?) e taças de vinho decentes, cuecas e meias e, em um posterior acesso de

otimismo, roupas de cama: simples e elegantes, em vez da estampa de papel

milimetrado que

minha mãe comprara para mim em meados dos anos 1980. Na seção de produtos de higiene

pessoal, comprei lâminas de barbear, loções e pomadas. Comprei loções esfoliantes sem

saber o que era esfoliante, comprei fio dental e antisséptico bucal, sabonetes e géis que tinham

cheiro de canela, sândalo, cedro e pinheiro, todo um arboreto de aromas. Gastei uma fortuna e,

em seguida, levei tudo para casa em um táxi — um táxi preto! — porque não havia espaço no

ônibus para meu novo eu.

De volta a Balham, passei a noite distribuindo este novo eu por todo o apartamento,

disfarçando tanto quanto possível para dar a impressão de que tinha sido dessa forma que eu

sempre vivera. Espalhei livros e mantas. Arrumei frutas frescas em minha nova fruteira,

descartei a triste planta de mandioca e as suculentas que já estavam ressecadas e as substituí

por flores — flores frescas! Tulipas, eu acho — e ajeitei um recipiente cônico de pirex de

quinhentos mililitros que eu trouxera do laboratório… barato *e* divertido também! Agora, se…

se algum dia ela pusesse os pés no meu apartamento, me confundiria com alguém

completamente diferente: um solteirão de muito bom gosto e necessidades simples,

autossuficiente e autoconfiante, um homem vivido que tinha reproduções de Van Gogh,

almofadas, e que cheirava a árvores. Nas comédias cinematográficas, às vezes, há uma cena

em que o personagem principal precisa arranjar um disfarce às pressas, e aquela noite foi

parecida com isso. Se a peruca estivesse ligeiramente torta, o bigode descolando do buço, a

etiqueta do preço ainda na fruteira, se o disfarce estivesse mal ajustado e fixado com Velcro,

bem, eu consertaria aquilo quando pudesse.

59. *girassóis*

Com certeza, a inspeção ocorreu na manhã seguinte ao segundo encontro bem-sucedido.

Preparando o chá, espiei pela porta e vi Connie vestir uma camiseta velha — ah, meu Deus,

que visão aquela! —, pegar uma maçã fresca na fruteira, examiná-la e andar pelo apartamento,

com a maçã presa entre os dentes, enquanto pegava capas de discos, observava as lombadas

dos livros, das fitas cassetes e de vídeo, dava uma olhada nos cartões-postais pregados ah-

tão-casualmente no novo quadro de avisos de cortiça, e nas gravuras emolduradas na parede.

— Há um quadro aqui de um homem sufocando uma cacatua.

— Joseph Wright of Derby! — gritei, como se aquilo fosse um teste. — *Experimento com*

um pássaro numa bomba de ar.

— E você realmente adora Van Gogh! — berrou ela para a cozinha.

Será? Eu deveria adorar? Aquilo era uma coisa boa? E se eu houvesse exagerado no Van

Gogh? Achava que todo mundo gostava de Van Gogh, mas isso tornava Van Gogh algo ruim?

Pressionei o bigode acima do lábio.

— Adoro — gritei em resposta. — Você não gosta?

— Gosto. Mas não deste. — Então, Connie, vou tirá-lo da parede. — E Billy Joel, também.

Tem um monte de Billy Joel.

— Os primeiros álbuns são ótimos! — gritei.

Mas quando levei o chá para a sala — um Earl Grey de folhas soltas servido em porcelana

branca simples, o leite em uma jarra nova — ela havia desaparecido. Talvez o *Vaso com*

quinze girassóis a tenham feito pular pela janela. Ouvi o chuveiro ser aberto e fiquei entre

oito e doze minutos parado estupidamente no meio da sala, o chá esfriando na bandeja, me

perguntando se eu poderia entrar lá, se eu tinha ganhado esse direito. Finalmente, ela abriu a

porta do banheiro enrolada em uma toalha nova, o cabelo molhado, o rosto sem maquiagem.

Ou talvez ela o tenha esfoliado. De qualquer modo, ela era linda.

— Fiz um pouco de chá para você — falei, e lhe estendi o chá que eu preparara.

— Você tem mais produtos no banheiro do que qualquer outro homem que eu já conheci.

— Bem, você sabe.

— E sabe o que é mais estranho nisso tudo? Todos são novinhos em folha.

Eu não tinha resposta para aquilo, mas felizmente isso não importou porque começamos a

nos beijar, maçã e menta em seu hálito.

— Será que você poderia baixar a bandeja?

— Boa ideia — respondi antes de cairmos no sofá. — Aqui não é tão terrível assim, não é

mesmo?

— Não, eu gosto. Gosto da organização. É tudo tão limpo! No meu apartamento não dá para

atravessar a sala sem pisar em um kebab velho ou no rosto de alguém. Mas aqui é tão…

arrumado.

— Então, passei pela inspeção?

— Por enquanto — disse ela. — Sempre há espaço para melhorias.

Que foi exatamente o que ela se propôs a fazer.

60. *pigmalião*

Tendo a pensar que, depois de certa idade, nossos gostos, instintos e inclinações endurecem

como concreto. Mas eu era jovem ou, ao menos, mais jovem do que sou agora, mais disposto e

maleável, e, com Connie, eu era uma massa de modelar feliz.

Nas semanas e meses seguintes, ela começou um minucioso processo de educação cultural

nas galerias de arte, teatros e cinemas londrinos. Connie não tinha sido considerada

suficientemente “acadêmica” para entrar na universidade e, de vez em quando, parecia

insegura quanto a isso, mas só Deus sabe o que ela achava que lhe faltava. Com certeza, no

que dizia respeito à cultura, ela estava vinte e sete anos à minha frente. Arte, cinema, ficção,

música; Connie parecia ter visto, lido e ouvido quase tudo, com a paixão e a mente livre e

desimpedida de uma autodidata.

Música, por exemplo. Meu pai gostava dos clássicos britânicos e de jazz tradicional, e a

trilha sonora da minha infância foi “The Dam Busters March”, depois “When the Saints Go

Marching In”, e novamente “The Dam Busters March”. Ele gostava de um “bom ritmo”, de

uma “boa música” e, nas tardes de sábado, sentava-se diante do aparelho de som, com a capa

do álbum na mão, o cigarro na outra, mexendo o dedo do pé fora de ritmo e olhando nos olhos

de Acker Bilk. Vê-lo desfrutar de música era como vê-lo colocar um chapéu de papel no

Natal: parecia desconfortável. Eu queria que ele tirasse aquilo. Já a minha mãe se orgulhava

do fato de poder viver sem música alguma. Meus pais foram as últimas pessoas na Grã-

Bretanha a ficarem genuinamente horrorizados com os Beatles. Ouvir os *Greatest Hits* do

Wings em um volume razoável foi o mais próximo que cheguei da rebelião punk.

Connie, por outro lado, se sentia desconfortável em um ambiente sem música. Seu pai, o

desaparecido Sr. Moore, tinha sido músico e deixara para trás a coleção de LPs, antigos

álbuns de blues, reggae, violoncelo barroco, gravações de cantos de pássaros, Stax e Motown,

sinfonias de Brahms, bebop e doo-wop, que Connie tocava para mim sempre que tinha a

oportunidade. Ela usava a música como algumas pessoas — ela mesma, inclusive — usavam o

álcool ou as drogas: para manipular suas emoções, elevar seus espíritos ou se inspirarem. Em

Whitechapel, ela se servia de um imenso coquetel, colocava para tocar algum disco antigo,

desconhecido e arranhado e começava a balançar a cabeça, a dançar e a cantar, e

eu também

ficava entusiasmado ou fingia estar. Certa vez alguém definiu a música como um som

organizado, mas muitos daqueles sons pareciam terrivelmente desorganizados. Se eu

perguntasse:

— Quem é essa cantora?

Ela se virava para mim boquiaberta.

— Você não a conhece?

— Não.

— Como pode não conhecer esta faixa, Douglas?

Eram “faixas”, não músicas.

— É por isso que estou perguntando!

— O que fez durante toda a sua vida? O que você ouvia?

— Já lhe disse que nunca fui muito ligado em música.

— Mas como você pode não gostar de música? É o mesmo que não gostar de comida! Ou

de sexo!

— Eu gosto, só não sei tanto quanto você.

— Sabe, sim — retrucava ela, me beijando. — Você tem muita sorte por eu ter aparecido.

E tinha mesmo. Eu era extremamente sortudo.

61. fórum de dança contemporânea

Minha formação cultural não se limitou à música e se estendeu à dança contemporânea, uma

forma de arte que achei completamente impenetrável, inteiramente opaca. Não parecia haver

nenhuma linguagem ali. O que esperavam que eu dissesse? “Gostei do modo como eles se

jogaram na parede?”

— Não se trata do que você gostou ou não — respondia Connie —, mas do que isso o fez

sentir.

Na maioria das vezes, isso fazia com que eu me sentisse tolo e convencional. O mesmo se

aplicava ao teatro, que sempre me pareceu uma forma fúnebre de televisão. Será que, desde o

tempo dos gregos, alguém já saiu de uma peça de teatro dizendo: “Eu queria apenas que fosse

mais longa!”? Era evidente que eu estava indo às peças erradas. Vimos peças em pubs

minúsculos e passeamos por grandes armazéns, assistimos a uma sangrenta versão de *Sonho*

de uma Noite de Verão em um matadouro, um *Private Lives* pornográfico, e nunca me senti

entediado. Como poderia? Rara era a noite no teatro que não envolvesse alguém brandindo um

vibrador, e, com o tempo, acabei me acostumando, ou, ao menos, aprendendo a disfarçar a

expressão de choque, porque se aquilo era uma educação cultural, era também uma espécie de

teste. Eu queria gostar do que Connie gostava porque queria que ela gostasse de mim. Então as

coisas não eram mais “malucas”. Agora eram “avant-garde”.

É justo dizer que gostei de vários eventos culturais, particularmente os do cinema (ou

“filmes”, como os chamam agora), que eram muito diferentes daquela coisa escapista que eu

preferia antes e raramente incluía uma viagem interestelar, um serial killer à solta ou bombas

em contagem regressiva. Agora, íamos ao cinema para ler. Pequenos cinemas independentes

que vendiam café e bolo de cenoura e exibiam filmes estrangeiros sobre crueldade, pobreza e

sofrimento, além de nudez ocasional e uma brutalidade frequente. Por que será, eu me

perguntava, que as pessoas procuravam representações de experiências que, na vida real, as

deixariam loucas de desespero? A arte não deveria ser uma fuga, uma risada, um conforto,

uma emoção? Não, retrucava Connie, a exposição levava ao entendimento. Apenas

confrontando os piores traumas da vida é que a pessoa poderia compreendê-los e enfrentá-los,

e, então, íamos correndo assistir a outra obra sobre a desumanidade do homem com o homem.

A esse respeito, também fomos a showzinho — Connie se divertia ao me ouvir dizendo

“showzinho” — e eu me esforçava ao máximo para pular e fazer barulho quando ela me dizia

para fazê-lo.

Ópera também. Connie tinha um amigo que trabalhava na ópera — é claro que tinha —, e

conseguíamos ingressos baratos para assistir a Verdi, Puccini, Handel e Mozart. Eu adorava

essas noites, muitas vezes, mais do que Connie, e se o diretor tivesse transferido a ação de

Così fan tutte para um escritório de assistência social em Wolverhampton, eu ainda podia

fechar os olhos, segurar a mão dela e ficar ouvindo aquele som maravilhosamente organizado.

Estou parecendo um filisteu? Simplório e grosseiro? Talvez eu fosse, mas para cada filme

pesado com quatro horas de duração sobre a vida no Gulag, havia outro que era elegante,

inteligente e emocionante de uma forma que raramente encontramos nas salas multiplex. Até

mesmo a dança era bonita à sua maneira, e eu lhe era grato. Minha mulher me educou. Um

fenômeno comum, eu acho, que raramente, ou apenas a contragosto, é reconhecido pelos

maridos que conheço. Por ser cientista, algumas vezes fui cético e ressentido em relação às

grandes reivindicações feitas pelas artes — horizontes amplos, mente aberta, imaginação livre

—, mas se a cultura era uma melhoria, então, sim, eu estava melhorado. E, sim, eu sei, Hitler

também adorava ópera, mas ainda assim eu sentia claramente que minha vida tinha sido

alterada de algum modo indefinível. Tenho certo receio de usar a palavra “alma”. A vida, com

certeza, parecia mais rica. Mas isso acontecia devido à dança contemporânea ou à pessoa

sentada ao meu lado?

O verbo conjugado no passado me incomoda. *Connie era*, *Connie foi*, *Connie costumava*.

Nos primeiros dias do nosso relacionamento, fizemos um juramento: nunca estaríamos

cansados demais para sair, sempre “faríamos um esforço”, mas este foi um daqueles

juramentos solenes que estávamos destinados a descumprir. Talvez simplesmente houvesse

menos coisas que ela quisesse me mostrar, mas, após nos casarmos, após termos saído de

Londres e nos tornado pais, gradualmente fomos ficando menos aventureiros. Inevitavelmente,

eu acho. A pessoa não pode continuar namorando durante vinte e quatro anos. Não é prático. E

quem gostaria de ir a um showzinho atualmente? O que comeríamos, onde nos sentaríamos, o

que faríamos com as mãos? Sempre poderíamos fazer outra coisa. Ir para Paris, para

Amsterdã.

Mas eu ainda escuto Mozart sozinho no carro, em vez de no sétimo céu com Connie ao meu

lado. Trechos selecionados, grandes sucessos. Tenho um bom sistema de som no carro, um que

é topo de linha, mas ainda assim a música é quase inaudível por causa do barulho do ar-

condicionado e da hora do rush na rodovia A34. Superfamiliar, a música se tornou uma

espécie de Valium em áudio, música de fundo em vez de algo que eu ouvia ativa e atentamente.

Um gim-tônica após um longo dia. É uma pena, eu acho, porque, apesar de cada nota continuar

a mesma, eu costumava ouvir de outra forma. Costumava soar melhor.

62. novos começos na bélgica

Mas aquilo não era excitante? Um novo dia e um novo começo em uma nova parte do mundo?

O trem nos levaria de Paris a Amsterdã em pouco mais de três horas, passando por Bruxelas,

Antuérpia e Roterdã. Connie notou que estaríamos ignorando Bruegels e Mondrians, um

notório retábulo em Gante, a pitoresca cidade de Bruges, mas o Rijksmuseum nos esperava

mais adiante e eu continuava encantado com os trens europeus, com a

possibilidade de se

embarcar em um trem em Paris e desembarcar em Zurique, Colônia ou Barcelona.

— Realmente milagroso, não é mesmo? Croissant no café da manhã, queijo quente no

almoço — falei, a bordo do 0916 na Gare du Nord.

— Adeus, Paris! Ou devo dizer *au revoir*? — exclamei quando o trem saiu à luz do sol. —

De acordo com o mapa no meu celular, estamos na Bélgica… agora! — falei quando cruzamos

a fronteira.

É um péssimo hábito, mas o silêncio em um espaço apertado me deixa ansioso, por isso, eu

ficava puxando conversa, como se estivesse tentando ligar um cortador de grama.

— Minha primeira vez na Bélgica! Olá, Bélgica! — falei, puxando a cordinha do cortador

de grama para ver se o motor pegava.

— O wi-fi neste trem é inútil — reclamou Albie, mas eu sorri e olhei pela janela.

Tinha decidido me livrar do tédio da noite anterior e me divertir por pura força de vontade.

Meu alto-astral contrastava com a paisagem, que, na maior parte, era formada por fazendas

industriais intercaladas por pequenos e bem-organizados vilarejos, as torres das igrejas

parecendo pinos marcando um mapa. A tempestade da noite anterior me

mantivera acordado e

eu ainda estava um pouco enjoado por causa da cerveja, mas o inchaço no meu olho diminuíra

e logo estaríamos em Amsterdã, uma cidade que eu sempre pensei ser civilizada e, ao

contrário de Paris, descontraída. Talvez um pouco dessa “descontração” passasse para nós.

Reclinei meu assento.

— Adoro este trem — falei. — Por que os trens continentais são tão mais confortáveis?

— Você está cheio de comentários fascinantes — observou Connie, suspirando e baixando

o romance que lia. — Por que está tão inspirado?

— Estou animado, só isso. Viajar pela Bélgica com a minha família é emocionante para

mim.

— Bem, leia o seu livro ou vamos empurrar você para fora do trem — disse ela.

Os dois voltaram para seus romances. Connie estava lendo algo chamado *Um esporte e um*

passatempo, de James Salter. Na capa em preto e branco, uma mulher nua e curvada tomava

banho em uma pia pouco prática, enquanto a descrição na contracapa afirmava que o romance

era “sensual e evocativo, uma obra-prima de realismo erótico”. “Realismo erótico” soou

como uma contradição para mim, mas isso era um bom presságio para o hotel

em Amsterdã.

Albie, entretanto, lia *O estrangeiro*, de Albert Camus, que, em inglês, é o título do quinto

disco de Billy Joel gravado em estúdio, mas eu duvidava de que houvesse alguma ligação

entre os dois. O livro fora um presente de Connie, que dera para Albie uma seleção de

romances traduzidos de autores europeus, muitos dos quais tinham Ws Zs e Vs consecutivos

nos nomes. Era uma lista de leitura intimidante, pensei, e estava óbvio que Albie se sentia

assim também, pois se concentrava profundamente em *O estrangeiro*. Mesmo assim, no que

dizia respeito à ficção, ele era um aluno mais aplicado que eu.

63. aspectos do romance

Nos primeiros dias do nosso relacionamento, acho que em uma viagem à Grécia, me esqueci

de levar um livro para ler no avião. Mas aquele não era um erro que eu cometeria outra vez.

— O que você vai fazer durante duas horas?

— Tenho algumas revistas, material de trabalho. Estou com o guia.

— Mas você não trouxe um romance?

— Na verdade, nunca fui muito ligado em ficção — respondi.

Ela balançou a cabeça.

— Eu sempre quis saber quem eram aqueles anormais que não liam romances. E

é você!

Seu anormal.

Ela disse tudo isso sorrindo, mas ainda assim senti ter dado um passo em falso, ter perdido

um pouco do seu afeto, como se eu tivesse casualmente confessado ser preconceituoso. Será

que posso mesmo amar um homem que não reconhece a importância das histórias inventadas,

um homem que prefere aprender sobre o mundo real ao seu redor? Desde então, aprendi a

nunca embarcar em qualquer tipo de transporte público sem algum livro em mãos. Se for um

romance, provavelmente foi dado por Connie, e ganhou algum prêmio, mas não será um livro

muito complicado. O equivalente literário, eu acho, da “boa batida, boa música” do meu pai.

Leio muita não ficção, que sempre me pareceu um melhor uso das palavras do que diálogos

inventados entre pessoas que nunca existiram. Fora os trabalhos acadêmicos, leio livros de

divulgação científica mais complexos e de economia e, como vários homens da minha

geração, gosto de história militar, dos meus livros “fascismo-em-marcha”, como Connie os

apelidou. Não tenho certeza de por que nos sentimos atraídos por esse tipo de livro. Talvez

seja porque nós gostamos de nos imaginar nas situações cataclísmicas que nossos pais e avós

enfrentaram, de imaginar como nos comportaríamos quando testados, se mostraríamos nosso

verdadeiro caráter e qual seria ele. Seguir ou liderar, resistir ou colaborar? Certa vez,

expressei esta teoria para Connie, e ela riu e disse que eu era um colaborador de carteirinha.

“Prazer em conhecê-lo, *Herr Gruppenführer*!”, dissera ela, esfregando as mãos

obsequiosamente. “Se houver alguma coisa de que precise…”, e, em seguida, riu mais um

pouco. Connie me conhecia melhor do que qualquer outra pessoa viva, mas tive o forte

pressentimento de que ela me julgou mal nesse caso. Pode não ser tão aparente, mas eu era

completamente a favor da Resistência. Eu só não tivera chance de provar.

64. a ofensiva das ardenas

Quando o trem passou por Bruxelas, peguei meu livro, uma história densa embora envolvente

sobre a Segunda Guerra Mundial. A data era março de 1944, e os planos estavam bem

encaminhados para a Operação Overlord.

— Meu Deus — exclamei, baixando o livro.

— O que foi agora? — perguntou Connie, um tanto impaciente.

— Acabo de perceber que as Ardenas ficam nessa direção.

— O que há de especial sobre as Ardenas? — perguntou Albie.

— As Ardenas são o lugar onde seu bisavô morreu. — respondi. — Olhe…

Folheei até chegar no mapa da Ofensiva das Ardenas no meio do livro.

— Estamos mais ou menos aqui. A batalha foi para lá. — Indiquei as setas vermelhas e

azuis no mapa, tão pouco representativas do sangue a que correspondiam. — Isto foi o

“Bulge”, uma ofensiva alemã contra as forças norte-americanas. Uma batalha terrível, uma das

piores, na floresta, em pleno inverno. Uma espécie de terrível convulsão final. Alemães e

americanos, em sua maioria, mas milhares de britânicos também se envolveram, seu bisavô foi

um deles. Uma destruição sangrenta, tão ruim quanto o Dia D, a apenas meia hora naquela

direção. — Apontei para o leste.

Albie olhou pela janela como se estivesse procurando alguma prova, pilares de fumaça ou

bombardeiros Stuka rugindo sob o sol, mas só viu fazendas prósperas, tranquilas e serenas.

Ele deu de ombros, como se eu estivesse inventando tudo.

— Tenho as medalhas de campanha dele na gaveta da minha escrivaninha. Você costumava

pedir para vê-las, Albie, quando era pequeno. Lembra? Ele também está enterrado lá, numa

cidadezinha chamada Hotton. Meu pai só foi ao cemitério uma vez, quando era

criança.

Depois que se aposentou, eu me ofereci para levá-lo lá de novo. Você se lembra, Connie? Mas

ele não queria renovar o passaporte. Eu me lembro de ter pensado quão triste era ver o túmulo

do pai uma única vez. Ele disse que não queria se emocionar com aquilo.

Eu me tornara extraordinariamente falante e, também, um pouco emotivo. Eu nunca fora

particularmente nostálgico sobre a história da família e tinha pouco conhecimento além dos

galhos mais baixos da nossa árvore genealógica, mas aquilo não era interessante? Nossa

herança familiar, nosso pequeno papel na história? Terence Petersen lutara em El Alamein e

também na Normandia. Por ser nosso único filho, Albie herdaria suas medalhas de campanha.

Não deveria, no mínimo, reconhecer a importância e o sacrifício de seus antepassados? No

entanto, Albie parecia interessado principalmente em verificar o sinal do seu celular. Se eu

tivesse me comportado desse jeito, meu pai teria arrancado o aparelho da minha mão.

— Talvez eu devesse ter ido mesmo assim — prossegui. — Talvez todos nós devêssemos

ter ido. Desembarcaríamos em Bruxelas e alugaríamos um carro. Por que não pensei nisso

antes?

— Iremos em outra ocasião — disse Connie, que havia fechado o livro e estava me

olhando com certa preocupação. — Alguém gostaria de café?

Mas eu ouvira o rumor distante de uma discussão e agora queria que a tempestade caísse.

— Você teria interesse, Ovo? Gostaria de ir comigo?

Eu sabia que ele não iria, mas queria ouvi-lo dizer isso.

Ele deu de ombros.

— Talvez.

— Você não parece muito interessado.

Ele bagunçou o cabelo com as mãos.

— Isso é História. Nunca conheci nenhum dos envolvidos.

— Nem eu, mas ainda assim…

— Waterloo fica para lá, o rio Somme naquela direção. Provavelmente também temos mais

Petersen e Moore enterrados nesses lugares.

— Ele era o *meu* avô.

— Mas você mesmo disse que não o conheceu. Eu nem me lembro do meu avô. Desculpe,

mas não consigo ter uma ligação emocional com coisas que aconteceram há tanto tempo.

Ligação emocional, que palavras idiotas.

— Faz apenas setenta anos, Albie. Há duas gerações, havia nazistas em Paris e em

Amsterdã. E o nome Albie soa muito judaico…

— Muito bem, essa conversa é muito triste — disse Connie, estranhamente animada. —

Quem quer café?

— No mínimo, você teria sido convocado. Já se perguntou como teria sido isso?

Aterrorizado em uma floresta na Bélgica no auge do inverno, como meu avô? Não havia sinal

de wi-fi por lá, Albie!

— Será que vocês dois poderiam baixar o tom de voz, por favor? E mudar de assunto?

Eu levantara a voz apenas para ser ouvido acima do ruído ambiente do trem. Era Albie

quem estava gritando.

— Por que você está me fazendo parecer ignorante? Sei de tudo isso, sei o que aconteceu.

Eu sei. Só não sou… obcecado com a Segunda Guerra Mundial. Me desculpe, mas não sou.

Nós seguimos em frente.

— Nós? Nós?

— Nós seguimos em frente, não vemos isso em todo lugar. Não olhamos para um mapa e

vemos estas… setas em toda parte. Tudo bem, não é mesmo? Isso não é saudável? Seguir em

frente e ser europeu em vez de ler livros intermináveis sobre esse assunto e chafurdar nisso?

— Eu não chafurdo, eu…

— Bem, me desculpe, pai, mas não sinto saudade de batalhas de tanques na floresta e não

vou fingir que me preocupo com coisas que não significam nada para mim.

Não significam nada? Aquele homem foi o pai do meu pai. Meu pai cresceu sem um pai.

Talvez Albie considerasse isso perfeitamente aceitável, até mesmo desejável, mas, ainda

assim, ser tão indiferente e desdenhoso, parecia… desleal, indigno. Eu amo meu filho, espero

que isso esteja muito claro, mas naquele momento senti vontade de bater a cabeça dele na

janela do trem.

Em vez disso, esperei um instante e então disse:

— Bem, para ser sincero, acho que essa é uma atitude de merda.

E isso, no silêncio que se seguiu, pareceu quase tão violento quanto.

65. suíça

Pontos de vista alternativos são mais facilmente apreciados a distância. O tempo nos permite

dar zoom e ver as coisas de forma mais objetiva, menos emocional, e, ao me lembrar da

conversa, fica claro que exagerei. Mas apesar de eu ter nascido uns quinze anos após seu

término, a guerra eclipsou todos os aspectos da minha infância: brinquedos, histórias em

quadrinhos, música, entretenimento leve, política; ela estava em tudo. Só Deus sabe como

meus pais devem ter se sentido, vendo os traumas e terrores de sua juventude reencenados em

comédias e em brincadeiras. Com certeza, eles não pareciam excessivamente sensíveis nem

traumatizados. Os nazistas eram uma das poucas coisas que meu pai achava divertido. Se a

perda de seu pai o perturbava, ele escondia isso, da mesma maneira que fez com todos os

sentimentos fortes, com exceção da raiva.

Meu filho, por outro lado, era de uma geração que já não pensava em países como sendo

Aliados ou do Eixo, nem julgava as pessoas com base nas alianças de seus avós. Com exceção

dos jogos de tiro em primeira pessoa, a guerra nunca passou pela cabeça de Albie e talvez

isso *fosse* saudável. Talvez fosse um progresso.

Mas não pareceu progresso no trem. Pareceu mais desrespeito, ignorância e complacência,

e eu disse isso a ele, que, em resposta, jogou o livro na mesa, resmungou alguma coisa, passou

por cima de Connie e sumiu no corredor.

Esperamos que os outros passageiros voltassem a atenção a seus jornais.

— Você está bem? — indagou ela, baixinho, com a entonação de quem pergunta "você está

louco?".

— Estou muito bem, obrigado.

Viajamos em silêncio por dois ou três quilômetros antes de eu dizer:

— Então, é claro, foi tudo culpa minha.

— Não totalmente. Foi tipo oitenta a vinte.

— Nem preciso perguntar em favor de quem.

Outros dois quilômetros se passaram. Ela pegou o livro, mas não virava as páginas.

Campos, armazéns, mais campos, fundos de casas.

— O que pretendo dizer — comecei — é que, às vezes, você poderia me apoiar nessas

discussões.

— Eu apoio — disse Connie. — Quando você está certo.

— Não consigo me lembrar de uma situação sequer…

— Douglas, eu sou neutra. Sou a Suíça.

— Sério? Porque para mim é evidente quais são as suas alianças…

— Eu não tenho "alianças". Isso não é uma guerra! Mas Deus sabe que às vezes parece.

Passamos por Bruxelas, embora eu não tenha muito o que falar a respeito. Em um parque à

esquerda vislumbrei o Atomium, a estrutura de aço inoxidável construída para a Feira

Mundial, uma versão anos cinquenta de nossos dias atuais e algo que eu teria gostado de ver.

Mas não aguentei mencionar isso, e falei apenas:

— Achei a atitude dele perturbadora.

— Tudo bem, eu entendo — disse Connie, com a mão no meu braço. — Mas ele é jovem e

você parece tão… *pomposo*, Douglas. Parece um velho pateta pedindo a reintrodução do

alistamento militar obrigatório. Na verdade, sabe com quem está parecendo? Você está

parecendo com o seu pai!

Eu nunca tinha escutado aquilo. Nunca esperara ouvir aquilo e precisaria de um tempo para

assimilar a ideia, mas Connie prosseguiu:

— Por que você nunca deixa as coisas rolarem? Você passa o tempo todo implicando com

Albie. Sei que nem tudo está fácil no momento, Deus sabe que as coisas não estão fáceis para

mim também, mas você fica animado, fica deprimido, maluco, falando sem parar, ou então se

irrita. É… difícil, é muito difícil. — E, num tom de voz mais baixo: — É por isso que

pergunto outra vez: você está se sentindo bem? Precisa ser sincero. Você consegue fazer esta

viagem ou será que devemos voltar para casa?

66. negociações de paz

Encontrei-o quando entramos na Antuérpia, sentado em um banco alto no vagão do bufê,

comendo um tubo pequeno de Pringles. Seus olhos, notei, estavam um pouco vermelhos.

— Você está aí!

— Eu estou aqui.

— Estou lhe procurando desde Bruxelas! Pensei que tivesse desembarcado.

— Pois é, estou aqui.

— Um pouco cedo para Pringles, não acha?

Albie suspirou, e decidi deixar aquilo de lado.

— Guerra é um assunto delicado.

— É. Eu sei.

— Acho que perdi a paciência.

Ele virou o tubo todo na boca.

— Sua mãe acha que eu devia lhe pedir desculpas.

— E você tem que fazer o que mamãe manda.

— Não, é o que eu quero. Quero lhe pedir desculpas.

— Tudo bem. Agora já passou.

Ele lambeu as pontas dos dedos e começou a raspar o fundo do tubo.

— Então, você vai voltar, Ovo?

— Daqui a pouco.

— Certo, certo. Animado com Amsterdã?

Ele deu de ombros.

— Mal posso esperar.

— Não. Nem eu. Nem eu. Bem… — Pousei a mão em seu ombro, mas tirei em seguida. —

Vejo você daqui a pouco.

— Pai?

— Albie?

— Se realmente quiser, eu iria com você ao Cemitério de Guerra. Só que há outros lugares

aonde prefiro ir antes.

— Tudo bem. Não vou esquecer isso. — Olhei ao redor em busca de alguma forma de

consolidar a trégua. — Você quer mais alguma coisa para comer? Eles têm waffles. Ou um

Kinder Bueno?

— Não, porque não tenho seis anos.

— Não. Tem razão — concordei. E voltei para o meu lugar.

E então isso foi praticamente tudo o que aconteceu conosco na Bélgica.

67. grachtengordel

Eu já estivera lá, uma vez com Connie e também em conferências, então minha experiência era

um tanto seletiva, mas, mesmo assim, a reputação de Amsterdã como uma cidade do pecado

sempre me pareceu uma anomalia, como descobrir a existência de uma imensa

cracolândia no

meio do Cheltenham Spa. As duas facetas da cidade, a civilizada e a de má reputação, ficavam

em evidência à medida que arrastávamos nossas malas pelas alamedas que ziguezagueavam

para oeste da estação Centraal em direção ao Keizersgracht. Casas altas e estreitas do século

XVII, vislumbres de salas decoradas e cozinhas com panelas de cobre, uma pequena loja de

presentes que vendia blocos de notas e velas, uma prostituta de biquíni no turno da tarde

bebendo uma caneca de chá sob uma luz cor-de-rosa, uma padaria, um café repleto de

skatistas drogados, uma loja que vendia bicicletas sem marcha. Amsterdã era o pai

moderninho das cidades europeias; um arquiteto, talvez, com os pés descalços e a barba por

fazer. “Ei, pessoal, já disse para me chamarem de Tony!”, diz Amsterdã para seus filhos

enquanto serve cerveja para todos.

Atravessamos a ponte em Herenstraat.

— Nosso hotel fica no Grachtengordel, aonde estamos chegando agora. Grachtengordel, o

cinturão de canais, literalmente! — Eu estava um pouco ofegante, mas pretendia manter um

elemento educativo em nossa visita. — Olhando no mapa, esta série de círculos

concêntricos

parece incrível, como os anéis de crescimento do tronco de uma árvore. Ou ferraduras dentro

de ferraduras.

Mas Albie não estava ouvindo. Ele estava muito distraído, olhando de um lado para outro.

— Meu Deus, Albie — disse Connie. — Isto aqui é um paraíso hipster.

Rimos daquilo, apesar de eu ter dificuldade para definir o que é hipster, a menos que a

palavra se referisse a meninas bonitas usando óculos desnecessariamente grandes e vestidos

vintage, sentadas no alto de bicicletas frágeis. Por que os jovens de outras cidades sempre

parecem tão atraentes? Será que os holandeses andam pelas ruas de Guildford ou Basingstoke

e pensam: meu Deus, *olhe* só essa gente? Talvez não, mas Albie certamente estava muito

animado com Amsterdã. Apesar de toda a sua graça e elegância, eu suspeitava que Paris tinha

sido um pouco difícil e severa com ele. Mas aquela era uma cidade com a qual ele podia

lidar. A questão, como em qualquer viagem a Amsterdã, era: quanto tempo até que o sexo e as

drogas se manifestassem?

Pouco menos de oito minutos, como vimos.

68. masmorra sexual

O hotel, que se anunciava como uma “butique” e parecia perfeitamente agradável no site, fora

decorado para parecer um bordel de primeira linha. Nosso recepcionista, uma travesti atraente

e cortês, nos recebeu dando a notícia de que Connie e eu tínhamos sido promovidos à suíte de

lua de mel — a “suíte da ironia”, pensei — e nos guiou pelos corredores revestidos de seda

preta, cetim e PVC, passando pela reprodução em larga escala de uma foto de uma dominatrix

com espartilho montando uma pantera aturdida, uma língua em pop art cutucando algumas

cerejas sem nenhum objetivo prático e uma japonesa amarrada por uma complexa série de

cordas atadas com nós.

— Ela vai levar agulhadas e alfinetadas — disse Connie.

— Pai — chamou Albie. — Você fez uma reserva em um motel?

E os dois começaram a rir convulsivamente enquanto eu me atrapalhava com a chave da

nossa suíte que, percebi, chamava-se “A Vênus das peles”, enquanto Albie estava na “Delta de

Vênus” ao lado.

— Não é um motel, é uma “butique”! — insisti.

— Douglas — disse Connie, dando um tapinha na imagem da japonesa amarrada. — Isso é

um nó simples ou um lais de guia?

Não respondi, embora fosse um lais de guia.

A suíte de lua de mel tinha a cor de um rim. Cheirava a lírios e a algum tipo de desinfetante

cítrico, e também era dominada por uma imensa cama com dossel sem pálio, o que me levou a

perguntar para que servia o dossel, considerando que não tinha nenhum propósito estrutural.

Lençóis pretos, rolos rosa-shocking, almofadas roxas e travesseiros carmim reunidos em

pilhas absurdamente altas que agora parecem ser *de rigueur*, mas que, naquele caso, como era

presumível, serviam como uma espécie de campo macio para jogos pornográficos. Em

contraste com todo o mogno e veludo, havia uma enorme geringonça de resina branca sobre

uma plataforma elevada ao lado da cama, parecendo aquele tipo de banheira especial que

encontramos em lares de idosos.

— O que é *isso*? — perguntou Connie, ainda rindo.

— Nossa própria jacuzzi! — Apertei um dos botões desgastados no painel de controle e a

banheira se iluminou por baixo com luzes verdes e cor-de-rosa. Outro botão, e aquilo

começou a se agitar e a rugir como um aerobarco. — Igual à nossa lua de mel — gritei, acima

do barulho.

Connie estava bastante histérica no momento, assim como Albie, que entrou pela porta

adjacente para debochar do nosso quarto.

— Você realmente sabe escolher hotel, pai.

Estava me sentindo na defensiva. Eu tinha feito a reserva e, supostamente, o hotel era para

ser um deleite, mas fiz o que pude para manter o bom humor.

— Que tal o seu quarto, Ovo? Será que deveria me atrever a perguntar?

— É como dormir em uma vagina.

— Albie! Por favor…

— Acima da minha cama, há uma foto enorme de duas lésbicas se beijando. Elas estão me

assustando.

— Aqui temos esta obra-prima. — Connie apontou para a grande tela de uma mulher de

cabelo espetado chupando algum tipo de lâmpada fluorescente. — Não entendo muito de arte,

mas sei do que gosto.

— Ela vai levar um choque chupando esse troço — falei.

— Não é escandaloso? — perguntou Connie. — Tão decadente. Dá vontade de limpar tudo

com um pano úmido.

— Vejam — falei. — Equipamento para fazer chá.

— Pervertido. Quero saber como será o bufê do café da manhã — comentou

Albie.

— Ostras — disse Connie. — E grandes bandejas de cocaína.

— Bem, eu gosto — falei. — É butique! — E fiz o melhor que pude para rir com eles.

Quando todos se acalmaram, saímos para tomar um agradável café no Noordermarkt e nos

sentamos na praça da bela igreja local. Comemos queijo quente e bebemos copinhos de uma

cerveja deliciosa, testando nossos sotaques holandeses, um sotaque como nenhum outro no

mundo.

— É um pouco cockney, um pouco cantado — observou Connie. — E o “s” tem som de

“sh”. “Ashim, bem-vindosh ao nosho motel. Se vochê precishar de alguma coisha, alshemas,

uma doshe de penischilina…”

— Ninguém fala assim — retruquei, mas não estava nada mal.

— Coisha nenhuma. Isho é perfeito.

— Você está falando como Sean Connery.

— Porque, Ovo, é exatamente isso. Um Sean Connery cockney germânico.

E talvez tenha sido a cerveja na hora do almoço, o sol batendo em nossos rostos ou o

charme daquela praça em particular, mas era como se os Petersen tivessem decidido que

gostaram muito de Amsterdã, que aquilo, afinal de contas, nos atenderia muito

bem como uma

família.

69. visita noturna

Até então eu só conhecia a cidade no inverno, sob chuva. Chovera em nossa primeira viagem

para cá, em novembro, uns nove meses após nos conhecermos, embora ainda durante nosso

prolongado período experimental. Connie vinha se esforçando para me incorporar à sua vida

social, com uma cautela normalmente reservada para quando soltam animais do jardim

zoológico no ambiente selvagem. Como parte do programa, fomos para Amsterdã com

Genevieve e Tyler, dois de seus amigos de faculdade que haviam se casado recentemente.

Como eram artistas, achei que estariam entusiasmados em ver os Rembrandt e os Vermeer,

mas eles pareciam muito mais interessados em ficar chapados nos cafés. Fumar maconha tinha

pouco apelo para mim. Eu já fumara a minha cota, mas um trago da variedade Purple Haze —

ou Cherry Bomb ou Laughing Buddha — me incutia um grau de ansiedade e paranoia notável,

até mesmo para mim. Eu certamente não sentia vontade de rir quando o sangue se esvaía do

meu rosto e o pavor assumia o controle. Decidi deixá-los com aquilo e fui passar

uma tarde

solitária na Casa de Anne Frank.

Isso foi pouco antes de Connie e eu começarmos a morar juntos, e minha nostalgia daquela

primeira primavera verão permanece intacta. Nós nos víamos todos os dias, mas morávamos

em apartamentos diferentes e tínhamos nossos próprios amigos, nossa própria família e vida

social. Havia aquelas excursões culturais, é claro, mas se Connie sentia necessidade de

“passar uma tarde” com seus amigos da escola de arte, ou ir a uma boate, onde as coisas

poderiam “sair do controle”, seja lá o que isso significasse, então eu sugeria que ela fosse

sozinha. Ela raramente tentava me convencer do contrário. Algumas vezes, notei que eu estava

desejando que ela insistisse um pouco mais, mas eu não protestava. Quando acabava a festa,

ela sempre vinha me ver às duas, três ou quatro horas da madrugada. À essa altura, ela já tinha

uma chave do meu apartamento — que dia feliz foi aquele em que mandei fazer a chave para

ela —, então entrava e se deitava na minha cama sem dizer nada, o corpo quente, a maquiagem

borrada, o hálito com um cheiro forte de vinho, pasta de dentes e cigarros “sociais”, e ela

encaixava o corpo no meu. Às vezes, fazíamos amor, outras vezes, ela se contorcia, se remexia

e suava, uma inquietação que eu atribuía ao álcool ou a algum tipo de droga, embora eu

soubesse que não devia passar sermões nem me intrometer. Se ela não conseguia dormir,

conversávamos um pouco, com Connie se esforçando ao máximo para parecer sóbria.

— Foi boa a festa?

— O de sempre. Você não perdeu nada.

— Quem estava lá?

— Pessoas. Volte a dormir.

— Angelo estava lá?

— Acho que não. Mas poderia estar, em algum lugar. Não nos falamos muito.

O que, se parar para pensar bem, não fazia sentido.

— E você ainda ama ele?

Apesar de estar sempre na minha cabeça, é claro que me abstinha de fazer esta última

pergunta porque eu valorizava muito o sono. A maioria das pessoas que começa um

relacionamento traz consigo um dossiê dividido em paixões, flertes, grandes amores,

primeiros amores e aventuras sexuais. Comparada à minha folha A4, Connie tinha um arquivo

de três gavetas, mas eu não sentia vontade de vasculhar aquilo. Afinal de contas,

ela estava

comigo, não é? Às duas, três ou quatro da madrugada, ao longo daquela maravilhosa primeira

primavera, daquele glorioso primeiro verão.

Mas não havia como escapar de Angelo. Connie me disse que chegou a acreditar que os

dois eram almas gêmeas, até ficar sabendo que ele tinha várias almas gêmeas espalhadas por

Londres. Além da flagrante infidelidade, ele tinha um batalhão de defeitos. Ele minava a sua

confiança, debochava de seu trabalho, fazia observações sobre sua aparência e seu peso,

gritava com ela em lugares públicos, jogava coisas e até mesmo roubava dinheiro dela. Houve

uma misericordiosamente breve alusão a ele ser “um tanto sombrio na cama” e com certeza

aconteceram brigas físicas, o que me deixou chocado e enfurecido, mas ela insistia em dizer

que “batera tanto quanto apanhara”. Ele era um alcoólatra, um viciado, nada confiável,

beligerante, rude, provocador de um jeito infantil. “Intenso”, como dizia Connie. Em suma, ele

era tudo o que eu não era. Então, que apelo ele poderia ter para ela naquele momento? Aquilo

tudo fora coisa de jovem, dizia ela. Além do mais, Angelo estava com uma nova namorada,

bonita e legal, e eles tinham muitos amigos em comum e se encontravam de vez em quando,

não era isso? Nada de mais, nada com o que se preocupar. Eu também o conheceria, algum dia

em breve.

70. veludo

E foi o que aconteceu no casamento de Genevieve e Tyler, um desses eventos absolutamente

não convencionais — a noiva e o noivo entrando na recepção montados numa moto, eu

lembro, e, na primeira dança dos dois, eles pularam descontroladamente ao som de punk

francês. Nada de tenda branca para Genevieve e Tyler. A festa foi em uma fábrica de próteses

ortopédicas prestes a ser demolida no Túnel Blackwall, e foi muito mais tensa e niilista do

que os casamentos a que eu estava acostumado. Eu nunca tinha visto tanta gente magra em um

espaço industrial, todas com menos de trinta anos — nada de tias alegres com chapéus por ali

—, todas desfrutando de um bufê de kebabs irônicos. Eu apostara em um terno de veludo

novo, e o tecido pesado em um dia quente de setembro, combinado com certo acanhamento de

minha parte, estava me fazendo suar em um grau surpreendente. Sob o paletó, formavam-se

círculos escuros de suor. Meus contorcionismos debaixo do secador de mãos surtiram pouco

efeito, e, no momento, eu suava enquanto observava Connie conversando com pessoas bonitas.

Acho que posso dizer honestamente que nunca conheci um bioquímico de quem eu não

tenha gostado. Meus amigos e colegas podiam não ser particularmente glamourosos, mas eram

receptivos, generosos, engraçados, amáveis, modestos. Acolhedores. O clã de Connie tinha

uma proposta diferente. Barulhento, cínico, excessivamente preocupado com a aparência das

coisas, e nas poucas ocasiões em que eu visitara sua quitinete compartilhada — na verdade,

uma garagem em Hackney — ou quando fui a vernissages, me senti estranho e excluído,

vagando pelos cantos como um cão amarrado do lado de fora de uma loja. Eu queria estar

envolvido com o trabalho de Connie, mostrar interesse e entusiasmo porque ela realmente era

uma pintora maravilhosa. Mas estar com seus amigos artistas destacava as diferenças que eu

desejava esconder.

Não eram todos monstros, é claro. Artistas são pessoas temperamentais e excêntricas, com

hábitos que lhes renderiam pouca atenção na maioria dos laboratórios, mas isso é de se

esperar. Alguns deles eram, e continuam sendo, bons amigos, e vários se esforçavam em

eventos sociais. Mas assim que o assunto abordado era “com o que você está trabalhando?”,

eles subitamente tinham que “dar uma mijada”. Então, lá ficava eu no casamento, o diurético

humano, em uma poça de suor de malária.

— Olhe para você, cara! Precisa de uma cápsula de sal — disse Fran, que dividia a casa

com Connie em Whitechapel. Eu não tinha certeza de quais eram os verdadeiros sentimentos

de Fran em relação a mim, e continuo sem ter, mesmo ela tendo se tornado madrinha de Albie.

Ela sempre teve o dom especial de morder e assoprar ao mesmo tempo, como ímãs que se

repelem. Nesse ponto, ela recuou e deixou cair as cinzas do cigarro no meu braço. — Por que

você não tira isso?

— Agora não posso.

Ela começou a abrir os botões do casaco.

— Vamos lá, tire!

— Não posso, minha camisa está encharcada.

— Ah, entendo. — Ela cutucou o meu esterno com o dedo e colocou todo o seu peso sobre

ele. — Você, meu amigo, está preso em um círculo vicioso.

— Exatamente. Um círculo vicioso.

— Aaaah — disse ela, acariciando meu braço —, o lindo, adorável e engraçado namorado

de Connie. Você a faz tão feliz, não é mesmo, Dougie? Você cuida dela, cuida de verdade. E

ela merece, depois de todas as porcarias por que passou!

— Onde ela está, aliás?

— Está lá perto do DJ, conversando com Angelo.

E lá estava ele, inclinando-se sobre ela, com os braços esticados para os lados, como se

para evitar que ela fugisse. Para ser justo, ela não parecia muito interessada em fugir, rindo à

beça, tocando o próprio cabelo e o rosto. Peguei duas garrafas de cerveja e me aproximei.

Para prestigiar aquele dia tão especial, Angelo passara a ferro seu macacão, raspara a cabeça

e estava passando a mão no couro cabeludo quando seguiu o olhar de Connie e notou a minha

aproximação.

— Angelo, este é Douglas.

— E aí, Douglas?

— Prazer em conhecê-lo, Angelo.

Disposto a evitar constrangimento ou rancor, eu decidira adotar um comportamento amável

e divertido, além de relaxado, evidentemente, mas ele segurou as minhas mãos,

que estavam

ocupadas com garrafas de cerveja, e me puxou para perto. Angelo tinha a minha altura, mas

era nitidamente mais forte, olhos que não piscavam, muito azuis e um tanto insanos. A tão

apregoada “intensidade”, suponho, transformando nossa conversa em uma competição de

quem desvia o olhar primeiro.

— O que foi, meu amigo? Está nervoso? — perguntou ele quando desviei o olhar.

— Não, nem um pouco. Por que estaria?

— Porque você está suando como um porco.

— Sim, eu sei. É este paletó. Acho que foi uma má escolha.

Ele estava segurando as minhas lapelas.

— Veludo. “*Cord du roi*”, em francês, o tecido do rei.

— Eu não sabia disso.

— Então lhe ensinei algo. Um tecido nobre, muito majestoso. E é sempre bom ouvir o som

da calça roçando enquanto anda, para que as pessoas saibam que você está se aproximando.

Significa que você não pode chegar perto das pessoas e surpreendê-las. BUU!

Dei um pulo de susto e ele riu.

— Angelo — repreendeu Connie.

Eu tinha consciência de que estava sendo superado por aquele sujeito, e de que o

odiava de

um jeito tão intenso que descobri que era algo novo e revigorante.

— Obviamente Connie é uma mulher de sorte — prosseguiu. — Ao menos, por ter se

livrado de mim. Imagino que ela tenha falado a meu respeito.

— Não, não — respondi. — Acho que não.

Angelo sorriu e segurou o nó da minha gravata.

— Olhe, está se desfazendo.

— Angelo, deixe isso, por favor — pediu Connie, pousando a mão no braço dele.

Angelo deu um passo para trás e riu.

— Bem, por que não saímos juntos? Nós quatro. Aquela ali é a minha namorada, Su-Lin. —

E apontou para uma garota que estava dançando de sutiã e usando chapéu de feltro. —

Espere… — Ele enxugou minha testa com um guardanapo gorduroso, enfiou-o no bolso do

meu paletó e foi embora, resmungando.

— Ele está muito bêbado — disse Connie. — Fica um tanto maníaco quando está bêbado.

— Bem, eu gostei dele. Gostei *muito* dele.

— Douglas…

— Gosto de como ele não pisca, é muito atraente.

— Não comece, por favor.

— O quê?

— Esse negócio de macho alfa. Ele foi muito importante na minha vida, há muito, muito

tempo. A palavra mais importante aqui é *foi*, ele *foi*, no passado. Ele foi o que eu precisava

naquele momento da minha vida.

— E do que você precisa neste momento da sua vida?

— Nem vou responder. — Ela pegou minha mão. — Venha. Vamos até o terraço para você

se secar.

71. primeiras vezes

Os primeiros dias de qualquer relacionamento são pontuados por uma série de primeiras

vezes: primeira vista, primeiras palavras, primeira risada, primeiro beijo, primeira nudez etc.

Estes marcos compartilhados vão se tornando cada vez mais espaçados e inócuos à medida

que os dias se transformam em anos, até finalmente só lhes restar a primeira visita a alguma

propriedade do Patrimônio Nacional ou algo assim.

Tivemos nossa primeira grande discussão naquela noite, um marco importante em qualquer

relacionamento, mas perturbador porque tudo até aquele momento fora, bem, glorioso. Acho

que cheguei a dizer isso. Simplesmente glorioso.

Como sempre, Connie tinha bebido — nós dois tínhamos bebido — e, no momento, ela

estava dançando com a clara intenção de nunca parar. Ela sempre foi uma dançarina

excepcional, já mencionei isso? Assumia uma expressão facial característica quando dançava,

absorta e introspectiva. Lábios entreabertos, pálpebras pesadas. Francamente, havia algo

muito sensual naquilo. Certa vez, em um casamento de parentes, minha irmã me disse que eu

dançava de forma tensa e ansiosa, como alguém lutando contra uma diarreia, o que me fez

optar por não pisar em qualquer pista de dança desde então. Em vez disso, me encostei na

parede e fiz uma lista mental de todas as coisas que eu gostaria de ter dito a Angelo. Ele ainda

estava lá, é claro, dançando com uma garrafa de champanhe na mão e com Su-Lin pendurada

em suas costas.

Estava na hora de ir para casa. Atravessei o salão e fui até Connie.

— Acho que vou para casa — gritei, para ser ouvido acima da música altíssima.

Ela apoiou a mão em meu antebraço.

— Tudo bem — respondeu ela, com a maquiagem borrada, o cabelo colado na testa, o

vestido com manchas escuras.

— Quer vir comigo?

— Não — disse ela, e apertou sua bochecha na minha. — Vá você.

E eu deveria ter ido logo em seguida e esperado por ela em casa. Em vez disso…

— Sabe, ao menos uma vez você poderia tentar me convencer.

Ela pareceu intrigada.

— Tudo bem. Fique. Por favor.

— Eu não quero ficar. Não estou conversando com ninguém. Estou entediado. Quero ir

embora.

Ela deu de ombros.

— Então vá. Não entendo qual é o problema.

Balancei a cabeça e comecei a me afastar. Ela foi atrás de mim.

— Douglas, se você não me disser o que há de errado, eu terei que adivinhar.

— Às vezes acho que você é mais feliz quando não estou por perto.

— Como você pode dizer isso?! Não é verdade.

— Então, por que nunca saímos com seus amigos?

— Nós estamos aqui, não estamos?

— Mas não estamos juntos. Você me trouxe aqui e logo se afastou.

— É você quem quer ir embora!

— Mas você não está exatamente desesperada para que eu fique.

— Douglas, você é um indivíduo só. Vá, se quiser, não estamos grudados pelo quadril.

— Porque Deus a livre de ficarmos assim tão próximos!

Ela tentou rir.

— Desculpe, mas eu não entendo. Você está com raiva porque estou me divertindo? É por

Angelo estar aqui? Não vá embora. Explique.

Estávamos descendo uma escada de concreto, passando por convidados furtivos se

beijando, fumando ou fazendo sabe-se lá o quê.

— Por que você nunca me apresenta aos seus amigos?

— Eu apresento! Não?

— Não se consegue evitar. Quando saímos, somos só você e eu.

— Tudo bem. Mas isso é porque você não gosta. Você não gosta de ir para a boate ou ficar

acordado a noite inteira, está sempre muito preocupado com o trabalho, então não o convido.

— Você acha que eu estragaria a diversão.

— Acho que você não ia se divertir, o que significa que eu também não ia me divertir.

— Acho que há outro motivo.

— Fale, logo.

— Acho que às vezes você tem vergonha de mim.

— Douglas, isso é ridículo. Eu te amo, por que me envergonharia de você? Não volto para

você em casa todas as noites?

— Quando não há mais ninguém por perto.

— E não é melhor assim? Só nós dois? Você não adora isso? Porque eu adoro! Porra, eu

valorizo isso, e pensei que você também valorizasse.

— Eu valorizo! Eu valorizo.

Estávamos na rua, na verdade, uma terra de ninguém, edifícios em diferentes fases de

demolição. Do teto da fábrica ouvíamos risos e música. Havia gente olhando para baixo.

Talvez Angelo também estivesse nos observando ali embaixo, entre os tijolos e as lajes, nossa

discussão perdendo a força e começando a parecer tola.

— Você quer que eu apareça mais tarde? — perguntou Connie.

— Não. Não esta noite.

— Então quer que eu vá agora?

— Não, divirta-se. Desculpe se estou atrapalhando.

— Douglas…

Comecei a me afastar. O céu estava escurecendo. O verão terminara, o outono estava se

aproximando. Aquele foi o último dia bom do ano e, pela primeira vez desde que nos

conhecemos, senti a velha e inexprimível tristeza da vida sem ela.

— Douglas?

Eu me virei.

— Você está indo na direção errada. O trem fica para lá.

Connie estava certa, mas eu era orgulhoso demais para voltar a passar por ela. E foi apenas

enquanto eu vagava entre os escombros, escalando cercas ao ser perseguido por alsacianos,

agarrado às barreiras de segurança das estradas de mão dupla enquanto caminhões passavam,

irremediavelmente perdido, que me dei conta de que nossa primeira discussão mascarara

outra primeira vez.

Ela dissera que me amava.

Essa foi a primeira vez que alguém me dirigira aquelas palavras sem alguma cláusula de

qualificação. Será que eu tinha imaginado aquilo? Acho que não. Não, aquilo definitivamente

acontecera. Eu poderia ter dado um pulo e batido os calcanhares de alegria, a primeira pessoa

a fazer isso no Túnel Blackwall, mas eu estragara o momento. Estava tão absorto em minha

petulância e autopiedade, tão confuso com o ciúme e o álcool, que sequer me preocupei em

admitir aquilo. Parei, olhei ao redor, tentando me orientar e, em seguida, comecei a voltar por

onde viera.

Para um edifício tão grande, a fábrica estava se revelando bem difícil de encontrar e,

depois de meia hora vagando por aquela terra desolada, comecei a pensar que já

seria tarde

demais, que a recepção já teria acabado. No momento em que eu estava prestes a desistir e

procurar o metrô mais próximo, vi três explosões de luz no céu noturno, o som vindo logo em

seguida. Fogos de artifício explodindo sobre a fábrica como sinalizadores. Eu me virei e corri

naquela direção.

Estavam tocando músicas lentas irônicas quando entrei, “Three Times a Lady”, se bem me

lembro. Connie estava sentada sozinha, no outro lado da pista de dança, com os cotovelos

apoiados nos joelhos. Andei até ela e vi seu sorriso, que foi rapidamente seguido de um

franzir de testa, e antes que ela pudesse falar, eu disse:

— Sinto muito. Sou um idiota.

— Você é, às vezes.

— E peço desculpas. Estou tentando não ser.

— Tente mais — disse ela. Então, se levantou e nos abraçamos. — Como você pôde pensar

essas coisas, Douglas?

— Não sei, eu fiquei… nervoso. Você não vai a lugar algum, não é?

— Não planejava ir, não.

Nós nos beijamos e, após um tempo, falei:

— Por falar nisso, eu também.

— Você também o quê?

— Eu também te amo.

— Bem — disse ela. — Fico feliz que isso esteja estabelecido.

No mês de janeiro seguinte, uns onze meses após nos conhecermos, levei Connie de

Whitechapel até Balham em uma van alugada, conferindo o retrovisor como se estivéssemos

sendo seguidos, com a esperança e a intenção de que ela nunca mais voltasse a sair do meu

lado.

72. realismo erótico

Passamos uma noite sem incidentes em nossa suíte de lua de mel. Ao voltarmos de um jantar

vespertino em um café no Jordaan, enchi a jacuzzi na esperança de Connie se juntar a mim.

— Vamos ligar esta belezinha! — falei, entrando nela.

Mas a sensação era como ser sacudido pelas hélices da barca de Portsmouth para

Cherburgo, e o ruído incomodou Connie, que havia se deitado mais cedo para ler.

— Quer se juntar a mim? — berrei, animado.

— Não, divirta-se você — disse ela.

— Vou ligar o turbo! — Rugido de motores a jato. — É MUITO RELAXANTE!

— Douglas, desligue isso! Estou tentando ler — retrucou Connie antes de voltar

ao livro.

Apesar do dia agradável, ainda não havíamos superado a cena no trem e eu refletia, não

pela primeira vez, como atualmente nossas discussões pareciam ter uma meia-vida mais longa.

Assim como resfriados e ressacas, elas levavam muito tempo para passar, e a reconciliação,

se é que vinha no fim das contas, não tinha a mesma determinação de antes. Saí daquela

máquina infernal, começamos a afastar as grandes pilhas de travesseiros de veludo e almofada

de seda, e fechamos os olhos. No dia seguinte, iríamos ao Rijksmuseum, e eu precisaria estar

com a cabeça no lugar.

73. saskia van uylenburgh

Para alcançar uma sensação de verdadeira paz e invulnerabilidade, não há nada como andar

de bicicleta em Amsterdã. A tradicional relação de poder com o carro é revertida e a pessoa

passa a fazer parte de uma tribo de números esmagadores, sentado no alto do pelotão, olhando

para os capôs daqueles que são tolos ou fracos o bastante para dirigir. Ali as pessoas pedalam

com uma arrogância imprudente, falando ao telefone, comendo o café da manhã, e, em um belo

e claro dia de agosto, com nossas bicicletas ronronando e chacoalhando do

Herengracht ao

Golden Corner, parecia não haver melhor lugar para estar.

À direita, o Rijksmuseum. Suponho que não haja nenhum modelo estabelecido para um

museu nacional, mas, mesmo assim, fiquei impressionado, não com sua simplicidade, mas com

a falta de pretensão. Nada de colunas nem mármore branco, nenhuma aspiração clássica, nada

do esplendor palaciano do Louvre e, sim, uma certa funcionalidade municipal, como a de uma

boa estação de trem ou de uma ambiciosa prefeitura.

No interior, o átrio central era imenso e luminoso, e senti — todos sentimos, eu acho — um

entusiasmo renovado por nosso tour. Até mesmo Albie, de olhos vermelhos e cheirando a

cigarros depois da aventura não especificada que teve na noite anterior, estava animado com

tudo aquilo.

— Legal! — exclamou, exultante, e seguiu para as galerias.

Aquela foi uma boa manhã. Em alguns momentos ocasionais, Connie chegou a segurar

minha mão, um gesto que geralmente associo a juventude ou senilidade, mas que ali parecia

significar que eu estava perdoado. Fomos de sala em sala com a mesma lentidão glacial que

eu vivenciara no Louvre, mas daquela vez não me importei. Além de arte, havia

o imenso

modelo de um galeão, do tamanho de um carro de passeio, caixas de vidro repletas de armas

ferozes e, na Galeria de Honra, a mais extraordinária sala de pinturas. Não sou, como acho

que já mencionei, nenhum crítico de arte, mas o aspecto mais marcante da arte holandesa é sua

natureza familiar e doméstica. Nada de deuses gregos ou romanos, nada de crucificações ou

Madonas. Cozinhas, quintais, becos, aulas de piano, cartas escritas e recebidas, ostras que

pareciam úmidas ao toque, leite sendo extraído enquanto jorrava com tanta precisão que dava

até para sentir o gosto. No entanto, não havia nada de banal nem monótono naquilo. Havia

orgulho, até mesmo alegria, nas cenas do cotidiano e retratos de personalidades reais, vãs e

imperfeitas, confusas e tolas. Rechonchudo e com traços faciais grosseiros, o velho

Rembrandt não foi um homem bonito e, no *Autorretrato como o apóstolo Paulo*, parecia

realmente exausto, com as sobrancelhas erguidas e o rosto arruinado exibindo um cansaço que

eu reconhecia muito bem. Reconhecimento não era algo que eu sentira diante dos santos,

deuses e monstros do Louvre, por mais esplêndidos que fossem. Aquelas eram grandes obras

de arte e a conta dos cartões-postais seria muito alta.

Em uma imponente sala azul-marinho, sentamos os três, lado a lado, diante da *A Ronda*

Noturna que, como dizia o meu guia, provavelmente era a quarta pintura mais famosa do

mundo.

— Quais vocês acham que são as três primeiras? — perguntei, mas ninguém queria

participar dessa brincadeira, então fiquei só olhando para a tela.

Havia muita coisa acontecendo no quadro. Como diria meu pai, aquela obra tinha um bom

ritmo, uma boa melodia, e destaquei cada pequeno detalhe — as expressões engraçadas, as

piadas, a arma disparando acidentalmente — que eu tinha lido no guia, para o caso de Albie

não os ter percebido.

— Você sabia — falei — que não foi Rembrandt quem deu o nome ao quadro? Na verdade,

esta não é uma cena noturna. O verniz antigo escureceu e o tornou sombrio. Daí *Ronda*

Noturna.

— Você está cheio de fatos interessantes — observou Connie.

— Sabia que há nesta pintura um autorretrato de Rembrandt? Ele está logo ali atrás,

olhando por cima do ombro daquele sujeito.

— Por que não larga o guia, Douglas?

— Se eu tivesse que fazer uma crítica…

— Ah, isso vai ser ótimo — disse Albie. — Papai tem comentários a fazer.

— Se eu tivesse que fazer uma crítica seria em relação àquela menininha com roupa

dourada. — Sob um facho de luz, um pouco à esquerda do centro, havia uma menina de uns

oito ou nove anos, vestida com roupas sofisticadas e, por mais estranho que fosse, tinha uma

galinha amarrada à cintura. — Eu diria: “Rembrandt, escute, eu adoro este quadro, mas talvez

você pudesse ter caprichado mais na menininha com a galinha. Ela parece muito, muito velha.

Tem o rosto de uma mulher de cinquenta anos. Isso é muito desconcertante e desvia a atenção

do centro do…

— Essa é Saskia.

— Quem é Saskia? — perguntou Albie.

— É a mulher de Rembrandt. Ele a usou como um modelo feminino para várias de suas

pinturas. Ele era mesmo louco por ela. Pelo menos é o que dizem.

— Ah. Sério? — Não havia nada sobre aquilo no guia. — Será que ela não achou isso um

pouco estranho?

— Talvez. Talvez ela tenha gostado de que o marido a imaginasse jovem, antes

de conhecê-

la. De qualquer modo, é provável que Saskia nunca tenha visto este quadro. Ela morreu

enquanto ele ainda estava pintando.

Isso tudo parecia muito improvável para mim.

— Então, ou ele pintou enquanto ela estava morrendo…

— Ou pintou o rosto de memória.

— Sua esposa mais velha vestida como uma menina.

— Em memória de seu amor. Como um tributo, depois que ela se foi.

E eu não sabia bem o que deduzir daquilo, exceto, talvez, que os artistas em geral são

pessoas realmente muito estranhas.

74. a verdadeira amsterdã

Só saímos do museu no início da tarde, exaustos, embora inspirados e com nossa programação

ainda de pé. Sentado na Museumplein, identifiquei diversas opções de almoço no local, mas

Albie parecia envolvido em alguma conversa eletrônica, rindo para a tela do seu celular por

razões que ficaram claras quando senti dois dedos atingirem minhas costas.

— Não se mova, Petersen! Polícia do bufê! Temos razões para suspeitar de que você está

escondendo um *pain au chocolat*.

— Cat! Nossa, que surpresa! — exclamou Connie, um tanto tensa. — Albie, seu

malandrinho.

Albie estava sorrindo de um modo detestável, encantado com o resultado de sua piada

brilhante.

— Estou seguindo vocês desde Paris! Espero não ter assustado você, Sr. P., mas é que

Albie me disse onde estavam e não consegui resistir. Venha cá, menino bonito! — Então ela

agarrou o rosto de nosso filho com ambas as mãos e lhe deu um beijo estalado que ecoou por

todo o parque. — Que tal Dã? Estão se divertindo muito? Não é uma cidade incrível?

— Nós estamos nos divertindo muito, obrigado…

— É, Albie me disse que vocês se hospedaram em uma espécie de bordel pervertido.

Parece hilário.

— Não é pervertido — expliquei, pacientemente. — É butique.

— Então o que vocês fizeram, onde estiveram e o que vão fazer? Contem tudo!

— Fomos ao mercado de flores, andamos de bicicleta ao redor dos canais. Amanhã iremos

ao Museu Van Gogh e faremos um passeio de barco no canal, se tivermos tempo.

— Isso é coisa de turista. Vocês precisam conhecer a *outra* Amsterdã. Devíamos sair

juntos! O que vão fazer agora?

Instintivamente, senti que meu itinerário estava ameaçado.

— Na verdade, estamos indo para a Casa de Anne Frank e para o Museu Casa de

Rembrandt.

— Bem, nós não *precisamos* ir — disse Connie. — Podemos ir amanhã.

— Por que vocês não vão sem a gente? — perguntou Albie, auspicioso. Era evidente que a

ideia de nós quatro "saindo" parecia tão improvável e difícil para Albie quanto para mim. —

Eu e Cat queremos explorar a cidade.

— Realmente quero levá-lo à Casa de Anne Frank, Albie. Acho que você devia ver aquilo.

— Estou cansada demais para fazer outra coisa, Douglas — disse Connie traiçoeiramente.

— Talvez devêssemos ir amanhã de manhã, não?

— Não! Não, amanhã é o Museu Van Gogh. Vamos embora à tarde.

— Vocês não preferem conhecer a *verdadeira* Amsterdã?

Não, Cat, caramba, não! Não tenho vontade nenhuma de conhecer a verdadeira Amsterdã.

Já temos a realidade em Berkshire, não é por isso que estamos aqui. Não temos interesse em

como as coisas realmente são. Uma programação perfeitamente organizada de visita a lugares

turístico estava se desfazendo bem diante dos meus olhos.

— Se não formos à Casa de Anne Frank hoje, todo o plano cai por terra. — Senti minha

voz ficando estridente.

— Então, ao menos, vamos almoçar e relaxar, pode ser? Tenho uma bicicleta e conheço um

bufê vegetariano incrível em De Pijp…

75. coma quanto aguentar

Grão-de-bico parecendo bolotas de calcário. Algum tipo de requeijão molenga e esponjoso.

Espinafre que mais pareciam algas em uma praia chinesa, quiabo frio lembrando um balde de

lesmas. Abacate necrosado, cuscuz de areia, abobrinhas flácidas em um molho verde-cinzento

e aguado. Feijão roxo! Simplesmente feijão roxo, delicadamente esvaziado da lata.

— Isso não é incrível? Quem precisa de carne?! — exclamou Cat, que, na última vez em

que a vi, estava enchendo a mochila de bacon como uma taxidermista louca.

— Nós comemos muita carne em Paris. Bastante — disse Connie, deslocando

audaciosamente a sua lealdade.

— Espero que vocês não tenham comido *foie gras* — advertiu Cat, com um dedo apontado

para a minha cara.

— Não, só pato, carne, pato, patê, pato, carne…

— E achei tudo delicioso.

— Papai não come *nada* que não tenha um rosto.

— Não me lembro de ninguém ter reclamado na ocasião.

— É muito difícil conseguir bons legumes em Paris. Isso meio que acaba com você após

um tempo, não é mesmo? — disse Cat, inflando as bochechas. — Especialmente com todas

aquelas *baguettes*. Pelo menos, este pão tem alguma qualidade. — O pão era borrachudo e

denso como massa de vidraceiro, polvilhado com o conteúdo da pá de lixo do padeiro. — Vou

repetir! Quem quer comer mais legumes deliciosos?

Cat e Albie foram até o bufê, onde velas sob calhas pratas mantinham a comida

agradavelmente morna.

Olhei para o meu prato, suspirando.

— Não há nada aqui que, se jogássemos em uma parede, não grude e deslize para baixo

muito lentamente.

— Tem o pão — disse Connie, sorrindo.

— O pão ricochetearia e lhe arrancaria um olho.

— Bem, você disse que queria experimentar coisas novas.

— Só coisas novas de que sei que vou gostar — falei. Connie riu. — Fico me perguntando

se ela só come em bufês.

— Deixa a menina em paz. Eu gosto dela.

— Sério? Você mudou de opinião.

— Ela é legal quando está calma. E, olhe para eles. É tão fofo.

No bufê, os dois estavam lado a lado, tentando escolher entre norovírus e listeria.

— O amor jovem. Será que alguma vez já fomos assim, Douglas?

— São três e quinze. Se pretendemos visitar a Casa de Anne Frank, precisamos ir agora.

— Douglas, podemos esquecer isso? Nem a Gestapo tinha tanta vontade de ir até lá.

— Connie!

— Estamos passando tempo com Albie, fazendo o que ele quer. Não é isso que você

queria?

Assim, comemos nossa coalhada aguada, pagamos, montamos em nossas bicicletas e

passamos a tarde passeando pelos anéis externos de Amsterdã, enquanto Cat apontava para

barzinhos incríveis, locais onde ela já havia morado, pistas de skate, enormes propriedades e

feiras livres. Para falar a verdade, muito daquilo era perfeitamente agradável. Foi

interessante, acho, ver onde morava a população marroquina, os surinameses e os turcos. Mas,

quando demos a volta para retornar ao centro, outro destino ficou claro.

— E este é o meu café favorito! — disse Cat.

Era inevitável, eu acho. Desde que havíamos chegado a Amsterdã, Albie vinha olhando de

soslaio para aqueles lugares, da mesma forma que no passado olhava para lojas de

brinquedos. Agora, do lado de fora do Nice Café, ele estava olhando para o chão, sorrindo.

— Na verdade, é um lugarzinho maravilhoso e de alto astral, muito amigável —

tranquilizou Cat. — Conheço o budtender, que é como os baristas dos cafés holandeses são

conhecidos. Ele vai nos atender.

— Ah, acho que não, Cat.

— Vamos lá, Sr. P. Em Roma, faça como os…

— Não, obrigado. Isso realmente não é para mim.

— Como você pode saber se nunca experimentou? — perguntou Albie, usando o mesmo

raciocínio que certa vez usei para convencê-lo a comer repolho.

— Mas eu já experimentei. É claro que já experimentei, Albie. Já fui jovem!

— Acho que perdi essa fase — disse Connie.

— Na verdade, eu estava com você, Genevieve e Tyler. Fiquei na maior rebordosa, se é

que você se lembra.

— Maior rebordosa — debochou Albie.

— Sr. P., quem diria! Por que não tenta outra vez?

— Não, obrigado, Cat.

— Muito bem, papai está fora — afirmou Albie, mal se preocupando em esconder o alívio.

— E quanto a você, Sra. P.? — perguntou Cat, e todos os olhos se voltaram para Connie.

— Mãe? — disse Albie.

Connie ponderou suas opções.

— É, me parece uma boa.

E lá foi ela estacionar a bicicleta.

76. água no vinho

Em vários momentos durante a adolescência de Albie me encontrei em situações assim,

enfrentando o tipo de “dilemas da vida” que estampam os jornais no fim de semana. Qual é a

reação parental correta para roubo de loja, o amigo inadequado que conheceu no parquinho, o

cheiro de álcool ou tabaco no hálito do adolescente, o dinheiro desaparecendo da cômoda, o

histórico de pesquisa esotérico no computador da família? Quanta água acrescentar ao vinho?

Deve-se autorizar uma namorada a passar a noite? Qual a política para portas trancadas,

palavrões, mau comportamento, má alimentação? Nos últimos anos, esses dilemas vinham

surgindo com cada vez mais frequência e força, e eu os considerava muito desconcertantes.

Por que não estipulamos um conjunto claro de regras? Será que fiz meus pais enfrentarem todo

esse contorcionismo ético? Eu tinha certeza de que não. O ato mais ilícito da minha

adolescência era, às vezes, assistir à ITV. No entanto, lá estávamos nós outra

vez, o mais

recente capítulo deste perpétuo telefonema para o programa de rádio. Aproximei-me de

Connie enquanto ela acorrentava sua bicicleta.

— Você tem certeza de que quer fazer isso?

— Certeza absoluta. Obrigada, Douglas.

— E você realmente acha que deveria encorajá-lo?

— Não o estou encorajando, só não estou sendo hipócrita. Olhe para ele! Albie está com

uma garota em Amsterdã, ele é um adolescente. Francamente, eu ficaria mais preocupada caso

ele não quisesse fazer isso.

— Mas você não precisa consentir.

— Como eu estaria *consentindo*, Douglas?

— Juntando-se a eles!

— Estou apenas, delicadamente, ficando de olho em nosso filho. Além do mais, para falar

a verdade, eu bem que gostaria de fumar um pouco.

— Você? Sério?

— Isso é tão estranho assim? Sério, Douglas?

Cat e Albie estavam nos observando no momento.

— Tudo bem. Certo. Mas se ele acabar se tornando um budtender, a responsabilidade é

sua.

— Ele não vai se tornar um *budtender*.

— Vou deixá-la à vontade.

— Não precisa.

— Acho que você vai se divertir mais sem mim.

— Tudo bem. — Ela deu de ombros. — Vemos você mais tarde.

E pensei novamente: *sabe, apenas uma vez você poderia ao menos tentar me convencer*.

Voltamos até o casal que estava na expectativa.

— Eu vou embora, sua mãe vai ficar.

Albie esticou o punho para baixo e murmurou:

— Ebaaaa! — Aquele era o melhor de todos os resultados possíveis.

— Só não comam os biscoitos — falei. — Não há como controlar a dosagem.

— É verdade. Bom conselho, Sr. P. — disse Cat, dando um tapinha no meu braço. —

Sábias palavras.

— Vejo você no hotel, para jantarmos, talvez — comentou Connie, pressionando sua

bochecha na minha.

E os três entraram no Nice Café.

77. um grande oceano de cuidados

Evidentemente, eu não tinha mais ânimo para ir à Casa de Anne Frank. Sem Albie não haveria

por quê, e embora o Museu Casa Rembrandt fosse agradável e informativo, em especial

quanto às exigências técnicas e as extraordinárias inovações da gravura no século XVII, me vi

distraído e pouco à vontade.

Porque, afinal, era tudo muito maneiro, muito legal, passar a tarde inteira sentado ficando

doidão com sua mãe, não era? Que divertido, quantas lembranças a compartilhar! Mas eu

queria que meu filho tivesse ambições, eu queria que ele tivesse vontade, energia e uma mente

forte e saudável. Eu queria que ele olhasse para o mundo com curiosidade e inteligência, não

com o terrível solipsismo e a idiotice de um drogado. Independentemente dos riscos médicos,

como perda de memória, apatia e psicose, a possibilidade de dependência ou exposição a

drogas pesadas, por que havia tanto essa obsessão idiota em relaxar? Não me lembro de ter

relaxado em momento algum da minha vida inteira. As coisas simplesmente eram dessa forma,

e será que era assim tão ruim? Ficar tenso como uma corda esticada, atento, consciente dos

perigos à sua volta — isso não era algo admirável?

Esses eram os meus pensamentos enquanto eu vagava de bicicleta pelos canais do leste da

cidade, que eram mais utilitários e menos pitorescos do que aqueles no Grachtengordel. Ah,

sem dúvida, eles deviam estar se divertindo muito, se autolobotomizando no Nice Café. Sem

dúvida, estavam refestelados em pufes naquela atmosfera idiota e enfumaçada, comendo pão

de banana, rindo da cor azul ou zombando daquele velho careta e engraçado e de seu medo de

experiências novas. Mas por que eles não reconheciam a minha reserva pelo que, de fato, era:

não uma mente fechada, conservadorismo nem cautela, mas *cuidado*, muito cuidado, um

oceano de cuidados. Eu reprovava porque me importava. Por que isso não ficava evidente?

Percebi que eu estava me desapaixonando por Amsterdã. Para início de conversa, havia

bicicletas demais. A situação toda ficara completamente fora de controle, com pontes, ruas e

postes de iluminação sufocados por bicicletas como se fossem uma erva daninha alienígena.

Muitas delas eram decrépitas e comecei a fantasiar que, se eu fosse prefeito de Amsterdã,

instigaria a remoção daquelas porcarias e instalaria a rigorosa política de uma bicicleta por

pessoa. Qualquer coisa abandonada ou que não estivesse em condições de circular deveria ser

removida, com cortador de corrente, se necessário, e derretida. Na verdade, em

minha mente

amarga, comecei a me empolgar muito com a ideia. Eu acabaria com todos os ciclistas de

Amsterdã, sua iluminação inadequada, o hábito de andar de bicicleta com apenas uma das

mãos, seus altos selins e seu ar hipócrita. Eu seria como Calígula, impiedoso, destemido.

Montaria uma fogueira. Sim, eu derreteria as bicicletas, as malditas, malditas bicicletas!

78. de wallen

Quando dei por mim, estava no Bairro da Luz Vermelha.

Não pretendo parecer defensivo a esse respeito, mas havia um restaurante chinês a que eu

estava ansioso para voltar. Connie e eu estivéramos ali muitos anos atrás, e eu tinha a intenção

de comer um pato laqueado inteiro para me vingar de todo aquele quiabo. Era início da noite,

ainda estava quente e claro, e havia uma espécie de vibração do happy hour à medida que gays

e prostitutas, casais acanhados e uma gangue de ciclistas lotavam os bares e seguiam pela

ponte que cruzava o canal. As senhoras em vitrines com cortinas vermelhas acenavam e

sorriam para mim como se fôssemos velhos amigos enquanto eu tentava, em meio aquele

emaranhado absurdamente congestionado de sucata e borracha, encontrar um

lugar onde deixar

a minha bicicleta. Então, fiquei cercado por aquelas porcarias, desembaraçando pedais de

correntes e guidões de cabos de freio, baixando o apoio da minha bicicleta, me contorcendo

entre a estrutura para trancar aquela droga. Em seguida, quando me levantei para me livrar

daquele emaranhado, bati o quadril na bicicleta à minha esquerda, dando apenas um leve

empurrão e, em um tipo estranho de câmera lenta, quase alucinatório, observei aquele pequeno

movimento fazer a bicicleta colidir com a próxima, então a próxima, e a outra, e mais outra,

uma reação em cadeia passando de bicicleta para bicicleta como uma estrutura de dominó

engenhosa e ambiciosa, a energia cinética se propagando através de quatro, cinco, seis

bicicletas antes de chegar ao amontoado de motocicletas vintage. Havia quatro delas,

imaculadas, polidas, estacionadas em frente ao bar onde seus proprietários bebiam, para que

ficassem em segurança e não sofressem danos.

Ouviu-se um barulho muito alto de algo sendo arranhado quando a alavanca do freio da

última bicicleta fez uma marca profunda no tanque de gasolina vermelho e brilhante da

primeira motocicleta. Então, houve um estrondo quando estas também tombaram, uma, duas,

três, quatro e, depois, silêncio. Era muito estranho ouvir o silêncio em uma via urbana repleta

de gente. Quase sobrenatural, embora não tenha durado muito tempo. Alguém riu.

— Ai, *merda* — disse outra pessoa.

Do bar dos motoqueiros — notei que o lugar se chamava “Valhalla” —, ouviu-se um rugido

quando um grupo de homens imensos com rostos vermelhos abriu caminho entre a multidão em

direção às suas amadas motocicletas que estavam amontoadas em uma pilha de cromo polido

com as rodas girando.

Tudo isso levou cerca de uns dez segundos e, por mais absurdo que fosse, me perguntei se

ainda dava para ir embora dali. Afinal, aquilo não tinha sido exatamente culpa minha. Foi a

gravidade, foram as bicicletas, foi uma reação em cadeia, nada a ver comigo. Talvez se eu

apenas fosse embora, talvez se eu assobiasse enquanto caminhava, como em um desenho

animado, ninguém notasse.

Mas eu estava sozinho e exatamente no meio de um grande círculo de destruição, e logo os

homens avançavam em minha direção, os quatro como os punhos cerrados e

com ódio nos

olhos. O sotaque holandês não parecia mais tão afável. Na verdade, parecia severo e gutural

enquanto eles rapidamente formaram uma roda ao meu redor, as mãos segurando meu ombro,

como se me firmando para um soco que com certeza viria. O homem cujo nariz tocava o meu

era louro como um viking, o rosto parecendo um corte de carne de segunda, banguela — o que

nunca é um bom sinal — e estava com bafo de cerveja.

— Não fala holandês — repeti, idiotamente, em inglês. — Não fala holandês.

Eu me baseei no fato de que inglês ruim é mais fácil de entender do que o inglês correto.

Mas é possível detectar xingamentos em praticamente qualquer idioma e, no momento, outras

quatro mãos estavam agarrando meus braços, me empurrando — me carregando — por entre a

multidão que havia se reunido para assistir à confusão. Três motocicletas foram erguidas e

inspecionadas, mas a moto mais próxima estava tombada para o lado de um modo que remetia

a um cavalo moribundo, o proprietário agachado ao lado da criatura amada, lamentando

baixinho, esfregando o polegar sobre a horrível cicatriz no tanque de combustível

cuidadosamente polido. Excepcionalmente para um holandês, ele parecia falar

um inglês muito

limitado, porque as únicas palavras que eu conseguia entender eram “Você paga, você paga”,

então, à medida que aumentava a sua confiança linguística, “você paga grande”.

— Não fui eu!

— Sua bicicleta fez isso.

— Não é a minha bicicleta. A minha bicicleta está ali.

Apontei em meio a toda a devastação para onde estava a minha bicicleta, impecavelmente

na vertical. Havia, suponho, um debate interessante a ser travado ali sobre a causalidade e a

noção de “culpa”, intenção e acaso, mas eu poderia poupar tempo, caso apenas pegasse minha

carteira. Eu nunca tinha mandado pintar uma motocicleta. Quanto poderia custar? Comecei as

negociações.

— Posso lhe dar… oitenta euros.

Isso fez os homens rirem de forma desagradável, e uma pata imensa pegou a minha carteira

e começou a vasculhar suas dobras e bolsos.

— Com licença, será você poderia me devolver isso?

— Não, meu amigo — disse o homem louro. — Nós vamos ao banco!

— Devolva o dinheiro dele! — disse uma voz vindo de um lado e, olhando por cima do

ombro, vi uma mulher abrindo caminho em meio à multidão, uma mulher grande e negra com

um improvável cabelo louro, amarrando o roupão sobre o que parecia ser uma espécie de

malha branca inteiriça em forma de rede.

— Tome — disse ela, pegando minha carteira e devolvendo-a para mim. — Isso é seu.

Fique com isso até eu dizer.

Houve, nesse momento, certa gritaria em holandês, a mulher apontando o dedo para o peito

do líder dos motociclistas — suas unhas extravagantemente longas, curvas e pintadas —,

então, jogou os ombros para trás e estufou o peito em direção a ele, usando-o como se usaria

um escudo de tropa de choque, enquanto apontava para mim e gesticulava. Ela gritou alguma

coisa que fez a multidão rir e o motociclista dar de ombros defensivamente, e, de repente,

mudou de tom, passando a flertar com o sujeito, apoiando os braços nos ombros dele. O

homem riu e cutucou o nariz, pensativo. Depois, me olhou de cima a baixo. Eu parecia estar

sendo objeto de algum tipo de negociação.

— Quanto você tem na carteira? — perguntou a mulher que, julgando por sua roupa, ou era

uma prostituta ou uma pessoa muito extrovertida.

Será que ela também iria ao banco? Talvez não fosse minha aliada, afinal de contas. Talvez

todos fossem me roubar e me jogar no canal.

— Cerca de duzentos e cinquenta euros — respondi, na defensiva.

— Dê cento e cinquenta. — Ela acenou com dois dedos da mão. Hesitei, e ela falou rápido

e em voz baixa: — Faça isso e talvez você sobreviva.

Entreguei o dinheiro, que ela embolou e enfiou na mão do motociclista. Então, antes que ele

tivesse a chance de contar, ela pegou meu braço e abriu caminho em meio à multidão, levando-

me em direção a uma escada. Atrás de nós, os motociclistas protestavam em voz alta:

— Você paga mais! Mais!

Mas a mulher fez um gesto de desprezo, sibilou alguma coisa sobre a polícia, e fui

empurrado escada acima, entrando na casa por uma porta iluminada por uma luz vermelha.

79. paul newman

O nome da minha salvadora era Regina — embora talvez fosse um pseudônimo —, e ela era

extremamente gentil.

— Qual é o seu nome, meu novo amigo?

— Paul — respondi. Então, com uma terrível inevitabilidade, acrescentei: — Newman. Me

chamo Paul Newman. — Não tenho certeza de onde veio meu pseudônimo. Carecia de

plausibilidade mas, provavelmente, nem era necessário. Afinal, eu não tinha feito nada de

errado. Mas era tarde demais. Dali em diante eu seria Paul Newman.

— Olá, Paul Newman. Venha…

Eu me sentei em uma espécie de plataforma de vinil. No quarto, se é que quarto é a palavra

certa, tinha uma pia e um chuveiro rudimentar, e o cômodo era iluminado por uma fraca luz

vermelha. Por um instante, pensei que aquele seria um ótimo lugar para revelar fotos. Um

ventilador barato funcionava precariamente, e havia uma chaleira no canto. Também tinha um

micro-ondas e um cheiro forte semelhante a coco de algum produto químico.

— Vi tudo da janela. Você é um homem muito azarado, Paul Newman — disse ela, rindo.

— Aqueles sujeitos eram grandalhões. Acho que poderiam ter matado você, ou ao menos

esvaziado a sua conta bancária.

— O que você disse para ele?

— Falei para ele ir reclamar com o seguro. Ele tem seguro, e é para isso que serve o

seguro! Você está tremendo. — Ela ilustrou a frase balançando as mãos. — Gostaria de um

pouco de chá?

— Chá seria adorável. Obrigado.

Enquanto aguardávamos a chaleira ferver, notei seu traseiro despido, que era grande, com

buracos, e que nunca estava a mais de meio metro do meu rosto. Voltei-me para a janela que

dava para a rua, intrigado por ver a vitrine daquele ponto de vista, e percebi que ela tinha

exatamente a mesma cadeira giratória de escritório que eu tivera em meu laboratório, mas não

comentei nada. Em vez disso, me virei para a TV.

— Ah, vejo que aqui também passa *Downton Abbey*!

Regina deu de ombros.

— Você quer ver outra coisa? — perguntou, apontando para uma pequena pilha de DVDs

pornôs.

— Não, não. *Downton* está ótimo.

Sem perguntar, ela jogou dois cubos de açúcar no chá e me entregou uma caneca. Notei que

minhas mãos estavam realmente trêmulas. Usei a palma da mão esquerda como pires. Sob o

pretexto de puxar conversa, perguntei:

— Então… você trabalha aqui há muito tempo?

Regina me contou que fazia aquilo havia uns seis ou sete anos. Seus pais eram nigerianos,

mas ela nascera em Amsterdã e começara a trabalhar ali por meio de uma amiga.

O inverno

era deprimente e ficava difícil pagar o aluguel da pequena vitrine sem turistas na cidade, mas

ela tinha alguns clientes regulares com quem podia contar. Por outro lado, ela trabalhava

demais no verão, muito mesmo, e balançou a cabeça tristemente.

— Despedidas de solteiro! — exclamou ela, e apontou o dedo para mim como se eu tivesse

organizado todas essas festas.

Aparentemente muitos homens precisavam beber para arranjar coragem, mas, então,

acabavam incapazes de transar.

— Mesmo assim, eles têm que pagar, é claro! — disse ela, apontando de modo

ligeiramente ameaçador, e eu ri e balancei a cabeça, concordando que aquilo era justo.

Perguntei se conhecia suas colegas e ela contou que geralmente eram amigáveis, embora

algumas meninas tivessem sido aliciadas a virem da Rússia e do Leste Europeu, e isso

deixava Regina triste e furiosa.

— Elas acham que vão se tornar dançarinas, dá para acreditar numa coisa dessas?

Dançarinas! Como se o mundo precisasse de tantas dançarinas! — Após um instante, ela

disse: — O que você faz, Paul Newman?

— Seguros — respondi, atordoado com minha caprichosa fantasia. — Estou de férias aqui

com minha esposa e meu filho.

— Também tenho um filho — disse ela.

— O meu tem dezessete anos.

— O meu tem só cinco.

— Cinco é uma bela idade — falei, embora sempre tenha achado esta uma observação

idiota.

Quando as idades deixam de ser “belas”? “Cinco é uma bela idade, mas cinquenta e quatro

é uma merda” é o que deveria ser dito em seguida. De qualquer forma, ao que tudo indicava, o

filho de cinco anos de Regina morava na Antuérpia com os avós, porque ela não queria que

nenhum deles a visse trabalhando, e, neste momento, o pequeno espaço da vitrine assumiu um

ar sombrio e ficamos em silêncio por mais ou menos um minuto, assistindo a eventos que se

desenrolaram escada abaixo em *Downton*, além de contemplar as angústias da paternidade.

Apesar de tudo, aquela foi uma conversa interessante e informativa que eu não esperava ter

naquela noite e senti que nós havíamos criado algum tipo de ligação. Mas eu também estava

preocupado por estar desperdiçando o tempo dela e com o fato de ela estar

praticamente nua.

Por isso, me levantei e peguei a carteira.

— Regina, você foi muito gentil, mas estamos conversando já há algum tempo, então

realmente quero lhe pagar alguma coisa…

— Está bem — disse ela, dando de ombros. — Cobro cinquenta pelo serviço completo.

— Ah, não. Não, não, não. Não preciso do serviço completo.

— Está bem, Paul Newman, me diga do que você precisa.

— Não preciso de nada! Estou aqui com a minha família.

Ela deu de ombros outra vez e, em seguida, pegou a caneca que estava na minha mão.

— Todo mundo tem uma família.

— Não, nós estamos aqui para visitar o Rijksmuseum.

— Claro — disse ela, rindo. — Escuto muito isso.

— Minha mulher saiu com meu filho. Só estou aqui porque estava procurando um

restaurante chinês. — Isso a fez rir ainda mais. — Por favor, não ria de mim, Regina, é

verdade. Eu só estava procurando um lugar para… Eu só queria encontrar…

Imagino que neste momento eu tenha sido atingido por um choque que chegou atrasado, o

qual, combinado com o estresse e as tensões dos últimos dias, por algum motivo, me fez

começar a chorar em soluços absurdos e irregulares, curvado no banco de vinil, uma mão

tapando os olhos, como uma máscara.

Eu gostaria de poder dizer que Regina me mandou guardar o dinheiro, me aconchegou em

seus seios quentes e macios e acariciou minha testa, o tipo de coisa que poderia acontecer em

um filme de arte ou em um romance. Duas almas perdidas se encontrando ou alguma bobagem

desse tipo. Mas, na vida real, almas perdidas não se encontram, apenas vagam por aí e, para

ser sincero, acho ela estava tão constrangida quanto eu. Um colapso nervoso em uma vitrine

de luz vermelha era uma brecha na etiqueta, e senti uma palpável austeridade quando Regina

pegou os cem euros restantes, se levantou e abriu a porta.

— Adeus, Paul Newman — disse ela, com a mão no meu ombro. — Vá procurar sua

família.

80. mellow times

No Mellow Times Café tocava o *Greatest Hits* de Bob Marley, que até mesmo eu teria

rejeitado por ser um tanto óbvio. Meu budtender, um rapaz alto chamado Tomas, com uma

barba irregular e uma voz ceceada, me perguntou o que eu queria, e pedi algo que me

acalmasse e me animasse ao mesmo tempo, mas que não fosse muito forte. Será que existe

esse tipo? Aparentemente, sim. Ele me deu uma coisa chamada Pineapple Gold e, como um

bom clínico geral, me aconselhou a não combiná-la com álcool, embora o conselho tivesse

vindo tarde demais porque eu já passara por diversos bares.

De volta à suíte da lua de mel, peguei meu celular e notei que havia várias mensagens de

texto de Connie, que imaginei representarem uma espiral de loucura:

Onde você está?

Me liga!!!

É divertido aqui!! Junte-se a nós

venha se divertir

vc está ok, hein?

velho engraçado liga pra mim!!!

amo você muito

Mas nem a última mensagem conseguiu me animar. “Amo você” é uma frase interessante, na

medida em que, aparentemente, pequenas alterações — tirar o “eu”, acrescentar uma palavra

como “muito” ou “demais” — a deixam sem sentido. Abri as janelas, configurei a jacuzzi no

modo massagem, deixei meu “bagulho” em um pires na borda e entrei na banheira.

Eu gostaria de poder relatar alguma odisseia psicodélica. Em vez disso, tive a mesma

sensação de profunda melancolia que costumo associar às quinze horas do dia 26 de

dezembro. Meu Deus, as pessoas realmente são presas por causa disso? Minha cabeça zumbia

com o pulsar desagradável que sentimos durante um banho muito quente, uma sensação

amplificada pelo fato de eu *realmente* estar em uma banheira muito quente que borbulhava

como uma terrível caçarola. A droga não conseguiu causar a amnésia que eu ansiava. Quando

muito, eu estava ainda mais dolorosamente consciente do fracasso de minhas melhores

esperanças. Apesar dos meus esforços, ou talvez por causa deles, os Petersen estavam

desmoronando. Se houvesse dois ou quatro de nós, talvez pudesse haver algum equilíbrio.

Mas, juntos, tínhamos a mesma graça que um cachorro de três pernas, mancando de um lugar

para outro.

Àquela altura eu estava me sentindo muito mal. O cômodo estava com o mesmo cheiro de

uma prateleira de temperos em chamas, sendo que era um quarto para não fumantes, o que

aumentou minha paranoia. Meu coração estava batendo rápido demais e fiquei convencido de

que explodiria como o do meu pai, e que eu morreria como um astro do rock, no chão de um

hotel de sexo em Amsterdã após três cervejas e duas baforadas de um baseado muito leve.

Ainda encharcado, com uma das mãos no peito, caí em nossa cama absurda e, sob lençóis

úmidos, esperei Connie voltar.

Ela voltou às três horas, assim como fizera naquele primeiro verão. Eu tinha a firme

intenção de ficar de mau humor, mas ela estava zonza e carinhosa, e apoiou a cabeça no meu

ombro. Seu cabelo cheirava a fumaça, havia um estranho cheiro de álcool em seu hálito e um

ligeiro odor de suor que não era desagradável.

— Ai, meu Deus — murmurou. — Que noite.

— Foi divertido?

— De um modo adolescente. Fomos ver bandas! Você recebeu minhas mensagens?

Sentimos a sua falta. Onde você estava?

— Conheci uma prostituta chamada Regina. Depois, tive uma overdose na jacuzzi.

Ela riu.

— Ah, é mesmo?

— Onde está Albie?

— No quarto ao lado. Acho que ele trouxe alguns amigos.

De fato, através da porta de nossos quartos contíguos, dava para ouvir o som de risos e um

acordeão tocando “Brown-Eyed Girl”.

81. assoalhos expostos

De agora em diante não haveria mais retornos às três ou quatro da manhã. Agora íamos para a

cama e acordávamos juntos, escovávamos os dentes na pia, moldando os hábitos e tiques,

gestos e danças de uma vida a dois, começando o processo de transformar coisas novas e

emocionantes em coisas familiares, desgastadas e queridas. Especificamente…

Connie sempre fica mais na cama quando o despertador toca, enquanto eu já estou

acordado. Connie veste o sutiã antes de qualquer outra peça de roupa. Eu começo pela metade

inferior do corpo e vou avançando para cima. Connie gosta de escova de dentes manual, eu

prefiro as elétricas. Connie fica no telefone por horas a fio, eu sou breve e direto. Connie

trincha um frango assado como um cirurgião, eu preparo ensopados excelentes. Connie se

atrasa para os voos, enquanto eu gosto de chegar ao aeroporto nas recomendadas duas horas

antes do embarque, pois, por que eles pediriam isso se não fosse necessário? Connie tem

facilidade para mímica e para dança, eu não. Connie não gosta de canecas, mas

raramente usa

um pires sob a xícara de chá, costumar queimar as torradas, odeia que toquem ou sussurrem

em seus ouvidos, lambe a geleia da faca, mastiga cubos de gelo e, às vezes, o que me deixa

chocado, come bacon cru da tábua de carne. Connie gosta de dramas realistas premiados,

musicais antigos e de censurar políticos durante o noticiário. Eu gosto de documentários sobre

condições meteorológicas extremas. Ela não gosta de tulipas nem de rosas, couve-flor e nabo,

e come tomates como se fossem maçãs, limpando o suco que escorre pelo queixo com o

polegar. Ela pinta as unhas dos pés em frente à TV nas noites de domingo, erguendo uma perna

de cada vez de um modo maravilhoso, elimina uma surpreendente quantidade de cabelo no

ralo, mas nunca os remove, tem uma cavidade terrível no couro cabeludo, que ela chama de

sua “placa de metal”, devido a um acidente de infância em um trampolim, um número

surpreendente de obturações pretas nos dentes, um sinal protuberante no ombro esquerdo, dois

piercings em cada orelha. Ela deixa um cheiro característico no travesseiro, prefere vinho

tinto ao branco, acha que o chocolate é superestimado, tem uma capacidade infinita para o

sono e pode dormir em pé, se quiser. Fizemos essas descobertas dia a dia, então nos despimos

em lados opostos da cama em que fizemos amor noventa, depois oitenta, em seguida setenta

por cento de nossas noites. Testemunhamos todos os pequenos males, problemas de estômago

e infecções pulmonares, unhas e pelos encravados, furúnculos e erupções cutâneas, o que

tirava o brilho da pessoa a quem tínhamos sido inicialmente apresentados. Não importa, sem

pânico, essas coisas acontecem, e em vez disso, fazíamos compras juntos, empurrando o

carrinho do supermercado, um pouco tímidos no início, experimentando aquela domesticidade.

Tínhamos aquilo que ironicamente chamávamos de nosso “barzinho” e trazíamos ótimos

licores quando viajávamos para o exterior. Discutíamos sobre chá, Connie favorecendo

misturas perfumadas e vagamente medicinais aos saquinhos de chá tradicionais. Discutimos

outra vez, quando ela destruiu minha geladeira ao descongelar o congelador com uma chave de

fenda, e, depois, a respeito da eficácia da medicina chinesa, e ainda outra sobre móveis,

quando meu sofá-cama perfeitamente decente foi removido e substituído pelo sofá de veludo

cinza de Connie. Meus carpetes, escolhidos por sua resistente neutralidade —

“carpetes de

escritório”, como ela os chamava — foram arrancados. Pintamos juntos as tábuas do assoalho,

como os jovens casais devem fazer.

Houve outras mudanças também. Naquela época, Connie era muito bagunceira. Ela não é

mais assim, e suponho que esta tenha sido uma das coisas que consegui mudar, mas, naquele

tempo, ela costumava deixar um rastro de tampas de caneta, papéis de doces, grampos e

prendedores de cabelo, elásticos, bijuterias, tarraxas de brincos, pacotes de lenços de papel,

um pedaço de chiclete embrulhado em papel-alumínio, pequenos trocos de toda parte do

mundo. Não era incomum ela enfiar a mão no bolso espaçoso de um casaco procurando um

chaveiro e retirar dali uma pequena chave de fenda, um cinzeiro roubado, um miolo

desidratado de maçã ou um caroço de manga. Livros eram deixados abertos na caixa d’água

da privada e roupas descartadas eram empurradas para um canto, como folhas de árvores

caídas. Ela gostava de “deixar os pratos de molho”, um ato de autoengano que sempre

abominei.

Mas, na maioria das vezes, eu não me importava. A luz viaja de forma diferente

em uma

sala que abriga outra pessoa, refletindo e refratando de modo que, mesmo quando Connie

estava em silêncio ou dormindo, eu sabia que ela estava ali. Eu adorava a evidência de sua

presença e a promessa de seu retorno, o jeito que ela mudava o cheiro daquele pequeno e

sombrio apartamento. Eu tinha sido infeliz ali, mas isso era passado. Eu me sentia como se

tivesse sido curado de alguma doença debilitante, e estava eufórico. “Felicidade doméstica”:

o emparelhamento dessas palavras fazia total sentido para mim. Não pretendo ser

inconveniente, mas poucas coisas na vida me deixavam mais feliz do que ver a calcinha de

Connie secando no meu aquecedor.

82. kilburn

Londres também havia mudado. A cidade que sempre me parecera um tanto feia e cinzenta,

concebida com inépcia, nada prática e sisuda, foi renovada. Connie era londrina e conhecia a

cidade tão bem quanto um taxista. Feiras de rua e botecos, lojas, restaurantes e pés-sujos

chineses, tailandeses e turcos. Foi como descobrir que a casa triste em que você cresceu tem

cem novas salas, cada uma levando a outra, cada uma repleta de estranheza,

beleza ou barulho.

A cidade onde eu morava fazia sentido porque Connie Moore vivia ali.

Após dezoito meses juntos, vendemos meu apartamento em Balham, juntei nossas

economias, de alguma forma consegui uma hipoteca conjunta e comprei um lugar onde nos

sentíssemos em casa. Ao norte do rio desta vez, um apartamento de último andar em Kilburn,

maior, mais iluminado, melhor para dar festas — critérios que nunca haviam me incomodado

até então — com um pequeno, embora agradável, quarto de hóspedes. O propósito daquele

quarto era vago. Talvez as pessoas pudessem ficar para passar a noite, ou talvez Connie

pudesse voltar a pintar. Ela não pintava havia algum tempo, apesar de eu encorajá-la, desistira

de sua participação no ateliê e estava trabalhando em tempo integral na galeria St. James.

Segundo ela, os artistas tinham alguns anos após a faculdade para causarem certa impressão e

ela sentia que isso ainda não acontecera. Connie continuava vendendo algumas telas, mas com

menos frequência, e não as substituía por novos trabalhos. Bem, não importa, talvez a partir

daquele momento ela tivesse o espaço de que precisava.

— E este… — disse Connie para Fran, abrindo a porta —, é o berçário! — E as

duas

ficaram rindo por algum tempo.

Nós arrancamos os tapetes dali também e demos uma festa de inauguração, a primeira que

eu dei. Meus amigos do laboratório encaravam os amigos artistas de Connie como gangues

rivais em uma discoteca adolescente, mas havia coquetéis, e um dos amigos músicos de

Connie foi o DJ, e logo começaram a dançar — a dançar, na minha casa! —, os dois clãs se

misturando após uma vigorosa agitação. À meia-noite, os vizinhos vieram reclamar. Connie

entregou-lhes bebidas, disse-lhes que tirassem os pijamas e logo eles também estavam

dançando.

— Estão vendo isso? — perguntou minha irmã Karen, bêbada e satisfeita, os braços

apertados ao redor do meu pescoço e do de Connie. — Esta ideia foi minha! — Ela apertou

um pouco mais. — Imagine, D, se você tivesse ficado em casa naquela noite. Imagine só!

Quando o último convidado finalmente foi embora, preparamos um café forte e ficamos

juntos diante da pia lavando copos naquela madrugada de fim de verão, as janelas abertas

para os telhados do Noroeste de Londres. A contragosto, tive que admitir que eu

devia muitos

agradecimentos à minha irmã. Apesar de não ser a minha área, eu estava familiarizado com o

conceito de realidades alternativas, mas não tinha me acostumado a ocupar aquela que eu mais

gostava.

83. duas camas de solteiro unidas

Tanta coisa mudara naqueles anos que se tornou impossível esconder a verdade dos meus pais,

de modo que, certa Páscoa, fomos para o leste. Connie, mesmo sem merecimento, era uma

motorista confiante, dona de um antigo Volvo repleto de cicatrizes de guerra, com musgo

crescendo nas janelas e um chão lotado de pacotes de batata frita, caixas de fitas cassete

rachadas e velhos guias de rua. Ela dirigia com uma espécie de desleixo beligerante, mudando

a música com mais frequência do que trocava de marcha, de forma que as tensões já estavam

em alta quando estacionamos diante da casa vitoriana de tijolos dos meus pais, com o

gramado bem aparado, o cascalho alisado com ancinho.

Eu já estivera diversas vezes com a família de Connie. Era impossível não fazê-lo dada a

proximidade, e, de modo geral, nos demos muito bem. Seus meios-irmãos se reuniam ao meu

redor nos eventos familiares, me chamando de “professor” e me pedindo para visitar diversos

deliveries no Nordeste de Londres, insistindo:

— Qualquer coisa que você quiser, por conta da casa.

Kemal, seu padrasto, me considerava “um verdadeiro cavalheiro”, uma opção muito

melhor do que os hooligans que ela normalmente levava para casa. Apenas Shirley, a mãe de

Connie, permanecia cética.

— Como está Angelo? — perguntava ela. — O que Angelo tem feito? Você tem visto

Angelo?

Isso porque Angelo costumava flertar com ela, explicou Connie. Nunca me foi sugerido que

eu também devesse flertar.

Ao chegar à casa dos meus pais, eu me perguntava se Connie poderia flertar com meu pai e

talvez fazê-lo sair da sua concha repleta de espinhos. Será que valia a pena tentar? As cortinas

estremeceram quando estacionamos. Meu pai ergueu a janela e minha mãe foi até a porta da

frente. Olá, vocês se importariam de tirar os sapatos?

Connie foi absolutamente encantadora, é claro, mas sempre fui levado a crer que as

pessoas falavam com os pais no mesmo tom educado e excessivamente articulado que usavam

com funcionários aduaneiros e policiais, a conversa sendo mantida dentro de estreitos

parâmetros. Que bela casa, trouxemos algumas flores, chega de vinho para mim! Connie, no

entanto, se saiu muito bem, nunca alterando o tom de voz, simplesmente falando com eles

como pessoas normais.

Mas eles não eram pessoas normais, eram meus pais. Connie foi encantadora e brilhante,

mas meu pai pressentiu a artista dentro dela e isso o deixou inquieto. Minha mãe estava

confusa. Quem era aquela criatura atraente, fascinante e sincera de mãos dadas com seu filho?

— Ela é muito animada — murmurou enquanto a chaleira fervia.

Era como se eu tivesse aparecido vestindo um imenso casaco de pele. Quartos separados

teria sido uma solução muito draconiana, mas, apesar de haver uma ótima cama de casal, nos

acomodaram no quarto de hóspedes onde havia duas camas de solteiro, e minha mãe ficou

segurando a porta aberta como se dissesse: “Aqui está sua toca de vergonha e obscenidade.”

Connie nunca foi de fugir a uma luta, e imaginei meus pais na sala de jantar lá embaixo,

encarando o teto, os cigarros suspensos a meio caminho da boca ao ouvirem Connie e eu

juntando as camas e rindo. Uma rebeldia adolescente aos trinta e três anos.

A revolução continuou no jantar. Apesar de fumarem como dois pneus em chamas, meus

pais eram muito reservados quanto ao álcool e mantinham sua escassa seleção de garrafas

antigas junto das aranhas no galpão no jardim. O xerez era para passar o tempo; conhaque,

para chocar. O álcool reduzia as inibições, e as inibições ali costumavam ser muito tensas.

Quando ficou claro que meus pais não iriam abrir a garrafa que havíamos trazido, que ela se

juntaria às miniaturas de garrafas de uísque e ao Advocaat já azedo nos fundos do jardim,

Connie encenou um “vou dar uma saída para pegar mais vinho”, voltando do carro com duas

garrafas e, como descobrimos depois, uma pequena de vodca escondida dentro do casaco.

Eu gostaria de poder dizer que o álcool facilitou as coisas. Durante um jantar com carne de

porco gordurosa, a conversa, de algum modo, se voltou para a política de imigração porque,

notoriamente, nada une mais as pessoas do que o assunto da imigração. Todos nós tínhamos

bebido, Connie e meu pai em particular, e minha mãe havia feito uma pergunta sobre a mistura

racial relativa de Kilburn em comparação com Balham. Ainda havia um monte de irlandeses

por lá, se compararmos com caribenhos ou paquistaneses? A implicação seria, acho, que os

irlandeses de alguma forma “não eram tão ruins assim”. Em tom moderado, Connie respondeu

que havia todos os tipos de comunidades por lá, e que, muitas vezes, quando as pessoas

diziam Paquistão, na verdade, se referiam a Bangladesh, o que era como confundir a Itália

com a Espanha, e que a mistura racial fazia parte da emoção e do prazer de morar em Londres.

Mas meu pai quis saber se ela se sentia segura à noite.

Provavelmente não é necessário transcrever a discussão que aconteceu em seguida. Em sua

defesa, as opiniões dos meus pais eram amplamente difundidas, mas foram expressas com uma

raiva inadequada, o dedo curvo do meu pai batendo em uma vidraça invisível com cada

“fato!” espúrio, e logo Connie estava gritando:

— Meu padrasto é turco cipriota. Ele deveria voltar para seu país? Meus meios-irmãos são

metade ingleses, metade cipriotas. E minha mãe é inglesa, irlandesa, francesa, mas está casada

com um cipriota. Ela também deveria ir embora?

— Será que não devíamos mudar de assunto? — sugeri.

— Não, não vamos mudar de assunto! — retrucou Connie enfaticamente. — Por que você

sempre quer mudar de assunto?

E assim prosseguimos. A insinuação da parte de Connie — e talvez ela tenha afirmado isso

sem rodeios — era a de que meus pais eram fanáticos provincianos. Meus pais alegavam que

Connie “não vivia no mundo real”, que não estava à espera de uma moradia popular com seus

três filhos, que era pouco provável que ela perdesse o emprego em alguma galeria de arte

elegante para alguém que acabara de sair de um barco vindo da Polônia.

— Ninguém vem de barco da Polônia — disse Connie, com petulância. — As pessoas vêm

de *avião*.

Houve uma pausa, e todos olhamos para nosso jantar gelado.

— Você está muito calado — comentou minha mãe, parecendo magoada.

— Bem — respondi. — Concordo com Connie.

Eu estava de acordo com a maior parte do que Connie dissera. Mas se ela estivesse

defendendo a tese de que a lua era inteiramente feita de queijo, eu também teria concordado.

Eu estaria ao lado dela a partir de então, e meus pais perceberam e acho que ficaram tristes

com isso. Mas que escolha eu tinha? Em uma luta, você se alia às pessoas que ama. É assim

que as coisas são.

84. imensos relógios de pulso

Os três cavalheiros no café da manhã eram grandes e confiantes: um holandês, um americano e

um russo. Eram sujeitos bem-vestidos, bronzeados, com as despesas pagas pela empresa,

cheirando a água de colônia, aquele tipo de homem que deixa outras pessoas fazer sua barba,

o tipo de homem que encontramos em iates. Com seus relógios de pulso imensos, eles eram de

uma raça diferente, e nosso grupo de quatro pessoas parecia bastante sombrio e silencioso em

comparação. Connie e eu tínhamos dormido mal, Cat e Albie não dormiram nem um pouco, e

ainda estavam bêbados ou chapados ou uma combinação das duas coisas. Se eles cheiravam a

cerveja e a bebidas destiladas, eu cheirava a desaprovação. Um acerto de contas entre mim e

meu filho era necessário. Recebemos queixas dos funcionários do hotel por conta da festa do

dia anterior, e eu estava esperando uma oportunidade para anunciar que não, eu não ia pagar a

despesa do frigobar e que não, eu não estava feliz por termos perdido a melhor parte da nossa

última manhã em Amsterdã com ressacas. Assim, nós sete ficamos sentados no sombrio salão

subterrâneo do café da manhã, em mesas muito próximas uma da outra, consumindo café

amargo e um tipo de croissant que vem em embalagens de celofane, enquanto os homens de

negócios se vangloriavam.

— As pessoas falam sobre custos de produção — dizia o bonitão americano —, e nós não

somos estúpidos, vemos isso como um fator, mas onde está o benefício, se ficamos com um

produto de merda? — Ele não tinha mais que trinta anos, uma barba áspera no queixo, e dava

para perceber que era musculoso na camisa feita sob medida. — Estamos devolvendo para

nossos fabricantes atuais de dez a quinze por cento da mercadoria por estar defeituosa ou

abaixo do padrão.

— É uma falsa economia — disse o holandês, balançando a cabeça, mais magro e menos

confiante, uma espécie de intermediário ou facilitador.

Talvez houvesse uma conferência de negócios na cidade, algum tipo de feira comercial.

— Exatamente. Uma falsa economia. O que vocês nos oferecem, e é por essa razão que

estamos insistindo tanto nisso, é consistência, eficiência, elos de transporte…

— Confiabilidade… — acrescentou o russo.

— É uma situação que traz vantagens para ambos os lados — disse o holandês, que parecia

ter uma linguagem de negócios para cada circunstância.

Eles continuaram nesse tom bastante impetuoso, e eu tentava conduzir nossa conversa de

volta para a hora do check-out, o local para guardar as malas, a importância de arrumá-las de

forma inteligente. Iríamos para Munique de trem naquela noite, então atravessaríamos os

Alpes para Verona, Vicenza, Pádua e Veneza, uma viagem que me pareceu muito romântica

quando fiz as reservas, mas que no momento parecia bem perigosa.

No entanto, Albie e Cat pareciam fascinados com os sujeitos à nossa direita, revirando os

olhos, balançando de leve as cabeças, emitindo bufadas e expressões de desprezo enquanto

ouviam aquela conversa sobre prazos, marcas e margens de lucro.

— Considere este modelo… — disse o americano, e uma brochura de capa brilhante

passou pela mesa, perto o bastante para que pudéssemos vê-la.

A capa do livro exibia uma arma, uma espécie de rifle de assalto, e era apenas um dos

vários documentos brilhantes entre as xícaras de café. Estávamos próximos o bastante para

estendermos a mão e pegarmos um, e, por um instante, pensei que Albie ia fazer exatamente

isso. Ali estava a arma em um belo close, desmontada, embalada nos braços de um

mercenário. Não sou especialista em armas de combate, mas para mim parecia

um objeto

absurdo. Embelezada com uma mira telescópica, pentes de bala de reserva e baioneta, parecia

uma arma desenhada por um menino, um rifle espacial. De fato, os homens discutiam sobre os

setores especializados de caça e lazer, acessórios, dispositivos e aparelhos que aquele

público costumava comprar. *Isso é interessante*, pensei, *são fabricantes de armas*, e bebi o

resto do meu café.

— Bem, Cat, infelizmente, é hora de dizer adeus! — falei.

Mas ninguém me ouvia. Estavam muito ocupados olhando fixamente para a outra mesa,

fazendo o possível para irradiar desaprovação. Cat esticava o pescoço na direção deles, os

ombros virados para trás, os olhos arregalados no estilo do teatro de rua. Já era ruim o

bastante aqueles sujeitos serem capitalistas, mas discutir aquele tipo de comércio em público,

à luz do dia, em voz alta o suficiente para estremecer nossas xícaras de café?

— Bem, o museu abre às dez! — falei, começando a me levantar.

— Vocês estão aqui de férias? — perguntou o holandês, incapaz de ignorar os olhares.

— Apenas dois dias, infelizmente! — respondi de forma neutra o bastante, eu acho. —

Vamos lá, pessoal. Ainda precisamos fazer o check-out.

Neste momento, Albie empurrou a cadeira ruidosamente para trás, levantou-se e apoiou as

mãos com firmeza na outra mesa.

— O banheiro é ali — disse ele, em um tom de voz mais claro do que eu estava

acostumado a ouvir.

O americano ajeitou os ombros.

— E por que precisaríamos do banheiro, meu filho?

— Para lavar todo esse sangue de suas mãos — respondeu Albie.

Em seguida, várias coisas aconteceram ao mesmo tempo, nem todas totalmente claras para

mim. Lembro-me de que o americano se levantou, colocou uma das mãos atrás do pescoço de

Albie, pressionou o rosto dele em direção à palma da sua outra mão e disse:

— Onde está? Mostre-me o sangue, meu filho! Onde?

Vi Connie pendurada no braço do americano, chamando-o de babaca, tentando puxar a mão

dele para longe, uma xícara de café derramando, o holandês gesticulando para mim com raiva

— por que vocês não cuidam da própria vida? —, o garçom se aproximando depressa,

achando graça e, logo em seguida, demonstrando preocupação, o russo enorme rindo de tudo

aquilo até que Cat também se levantou, pegou um copo de suco de laranja e derramou-o em um

dos livros, depois em outro, e mais outro, até que aquilo começou a se acumular

nas páginas

brilhantes e, em seguida, cair como cascata no colo do russo que também se levantou,

revelando seu enorme tamanho como em uma comédia pastelão, o que fez Cat começar a rir,

dar um cacarejar teatral, muito irritante, o que levou o russo a chamá-la de puta idiota, puta

louca e idiota, fazendo-a rir ainda mais.

Ao menos, é disso que me lembro. Não foi bem uma briga, não houve socos, foi mais um

agarramento, vaias e zombarias, uma coisa feia demais e também sem sentido, pelo que achei.

Quanto ao meu próprio comportamento, eu tinha a intenção de desempenhar o papel do

pacificador, desemaranhando os braços e pedindo calma. Essa era a minha intenção: acalmar a

situação, e, em dado momento, agarrei Albie, puxando-o para trás, incidentalmente permitindo

que o americano o golpeasse com o ombro — nada de mais, apenas um pequeno empurrão.

Segurei Albie com força, puxando-o para longe, fazendo o possível para separar as partes e

dar prosseguimento ao dia que eu planejara para minha família. Como disse, foi tudo muito

confuso. O inegável, no entanto, porque todo mundo se lembrou disso depois, foi que, em dado

momento, enquanto eu arrastava Albie para longe, falei:

— Eu gostaria de pedir desculpas pelo meu filho.

85. girassóis outra vez

Albie não foi para o Museu Van Gogh. Connie também quase não foi, tão mal-humorada e

irritada que estava naquela manhã, pedalando furiosa e de cabeça baixa, mal se preocupando

com os sinais de mão e contramão.

Ficamos diante de um dos quadros de girassol, uma das várias versões que Van Gogh

pintou, e me lembrei da reprodução que eu tinha em minha parede.

— Você se lembra? No apartamento em Balham? Comprei para impressionar você.

Mas ela não estava com humor para nostalgia, e todas as minhas outras observações sobre

a espessura da tinta, sobre a tela e a rica paleta de cores não chegou a arranhar o impenetrável

escudo de desprezo da minha mulher. Ela estava tão zangada que sequer comprou cartões-

postais. Então não venham me falar do poder calmante da grande arte…

É claro que a explosão veio quando saímos.

— Sabe o que você devia ter feito quando o cara partiu para cima de Albie? Devia ter

dado um soco no nariz dele, não segurado os braços do nosso filho para que ele pudesse

acertá-lo.

— Ele não bateu em Albie, foi só um pequeno empurrão.

— Não faz diferença.

— Foi Albie quem começou! Ele estava sendo desagradável, estava se exibindo.

— Não faz diferença, Douglas.

— Você acha que teria adiantado? Aquele cara teria me nocauteado! Se eu fosse espancado

na frente de todo mundo melhoraria a situação? É isso que você preferia?

— Sim! Sim, aquele sujeito teria quebrado o seu nariz e partido o seu lábio, e eu sentiria

vontade de *beijar* você, Douglas, porque você teria enfrentado alguém por amor ao seu filho!

Em vez disso, você deu um sorriso amarelo e disse: “Estamos passando momentos

maravilhosos aqui, apenas dois dias, infelizmente.”

— Para início de conversa, aquilo foi uma discussão idiota! Meu Deus, você tem o quê,

nove anos? E daí que eles fabricam armas? Não acha que precisamos de armas? A polícia, o

Exército? Não acha que alguém precisa fabricá-las? É política do primário insultar pessoas

por causa de negócios lícitos, mesmo que você os desaprove…

— Douglas, você tem uma incrível capacidade de fugir do assunto. Poderia me ouvir

apenas dessa vez? A discussão não importa. Não se trata das questões que foram

levantadas.

Albie pode ter sido ingênuo, ridículo, pomposo ou todas essas coisas, mas você *se desculpou*.

Disse que estava envergonhado por ele. Você ficou do lado de um bando de vendedores de

armas! Malditos vendedores de armas contra o seu filho, *nosso* filho, e isso foi errado, foi a

coisa errada a fazer, porque, em uma briga, você se alia às pessoas que ama. É assim que as

coisas são.

86. devaneios do quase desastre

Quando comecei a sentir que meu filho estava se afastando de mim — acho que ele tinha uns

nove ou dez anos quando senti pela primeira vez o retorcer de seus dedos em meu maníaco

aperto de mão —, me entreguei a uma fantasia particular. Tenho consciência de que isso soa

perverso, mas o que eu esperava naquele momento era algum acidente, algum quase desastre,

para que eu pudesse ser tão heroico quanto a ocasião exigia, e mostrar a força da minha

devoção.

No Parque Nacional Everglades, na Flórida, Albie é picado por uma cobra que entra em

seu sapato, e eu sugo o veneno de seu calcanhar imundo. Enquanto caminhavam no Parque

Nacional de Snowdonia ocorre uma tempestade repentina, Albie escorrega e quebra o

tornozelo, e eu o carrego em meio à névoa e à chuva para um lugar seguro. Uma onda gigante

arrebata Albie do quebra-mar de Cobb, em Lyme Regis e, sem hesitar, sem sequer pensar em

pegar as chaves do carro e o celular e guardá-los em local seguro, salto em meio à

arrebentação, mergulho diversas vezes nas águas cinzentas até encontrá-lo e levá-lo para a

praia. Descobre-se que Albie precisa de um rim. Meu rim é perfeitamente compatível, então

fique à vontade, por favor. Leve dois! Se alguma vez ele estivesse em perigo, eu não duvidava

da minha coragem e lealdade instintivas.

No entanto, me coloque em um pequeno salão de café da manhã em um hotel de

Amsterdã…

Eu pediria desculpas para ele, era isso que eu faria. Eu o levaria a algum lugar tranquilo e

explicaria que eu estava cansado, que não havia dormido a noite inteira, e talvez ele não

tivesse notado, mas havia uma certa tensão entre mim e sua mãe, e que, portanto, eu meio que

estava no limite, mas que o amava imensamente, por isso, será que poderíamos seguir adiante,

literal e figurativamente? O trem para Munique saía em duas horas. Estaríamos

na Itália em

dois dias.

Mas, quando voltei ao hotel, encontrei Connie inclinada sobre o balcão da recepção, as

dobras das mãos pressionando os olhos marejados de lágrimas. Sem erguer o olhar, ela

deslizou a carta para mim, escrita nos garranchos de Albie na última página do meu itinerário.

Mamãe e pai,

Bem, isso foi divertido!

Agradeço o esforço e todo o dinheiro, mas não acho que o Grand Tour esteja dando

certo. Sinto que estou sendo repreendido o tempo todo, o que não está me parecendo férias,

mas que surpresa, então estou indo embora e deixando vocês dois sozinhos. Ao menos agora

você poderá seguir a sua programação, pai!

Não sei para onde vou. Talvez fique com Cat, talvez não. Peguei meu passaporte no seu

quarto e também um pouco de dinheiro. Não se preocupe, pai, eu pago de volta, assim como

a despesa do frigobar. Ponha na conta.

Por favor, não tentem me mandar e-mail, mensagem de texto nem ligar. Voltarei a entrar

em contato quando for a hora certa. Até lá, preciso apenas de um tempo para clarear a

mente e pensar sobre certas coisas.

Mamãe, não se preocupe. E, pai, me desculpe se eu o desapontei.

Vejo vocês por aí,

Albie

PARTE QUATRO

ALEMANHA

Certamente você será bem-sucedido se der tudo o que tem.

Penelope Fitzgerald, *A Livraria*

87. beliche

Já tínhamos pegado um trem noturno, para Inverness e, depois, para passarmos férias

ciclísticas em Skye, no outono de nosso segundo ano.

A viagem fora uma surpresa de aniversário. Encontre-me a tal hora, leve seu passaporte e

um traje de banho, um tipo de atitude impetuosa que era nova para mim. Se Connie ficou

desapontada ao descobrir que não precisaria nem de passaporte nem traje de banho, não

deixou transparecer, e nós dois rimos muito, eu me lembro, no pequeno beliche do trem para a

Estação de Euston. Nos filmes da minha infância, os trens noturnos serviam de pretexto para

certo tipo de impertinências brandas. Na verdade, assim como saunas e jacuzzis,

compartimentos para dormir não chegam nem perto de serem o playground

sensual que nos

levam a acreditar e essa é outra maneira pela qual a ficção mente para nós. A experiência real

pode ser facilmente simulada se a pessoa pagar duzentas libras para fazer amor trancado em

um armário na carroceria de um caminhão em movimento. No entanto, perseveramos, apesar

das várias risadas e cãibras, e, em algum lugar entre Preston e Carlisle, houve um contratempo

com o controle de natalidade.

Sempre fomos muito cuidadosos com isso e, embora nenhum de nós tenha entrado em

pânico, os dois foram forçados a contemplar a noção teórica de ter um filho, como nos

sentiríamos, como seria. Pensamos nisso enquanto pedalávamos pela chuvosa ilha de Skye,

pensamos nisso enquanto estávamos deitados com hálito de uísque em camas macias e

estranhas de diversas pousadas, pensamos nisso ao olharmos para os mapas da Ordnance

Survey em busca de um abrigo da chuva. Chegamos a brincar sobre isso, dizendo que, se fosse

menina, se chamaria Carlisle, e se fosse menino, Preston, e a ideia era… maravilhosa. “Medo

de engravidar” é a frase tradicional, mas não estávamos nem um pouco amedrontados, e isso

também nos pareceu um marco.

Em nossa viagem de volta para Londres, espremidos em um beliche do tamanho de um

berço grande, Connie revelou que, afinal de contas, não estava grávida.

— Bem, isso é uma boa notícia — falei. E, então completei: — Não é mesmo?

Ela suspirou e, em seguida, virou-se e deitou-se com a mão na testa.

— Não sei. Acho que é. Sempre foi, no passado. Mas, para ser sincera, me sinto bastante

desapontada.

— Eu também — confessei, e ficamos em silêncio por algum tempo, deitados em nosso

beliche compartilhado, assimilando as implicações daquilo.

— Isso não quer dizer que a gente deva começar a tentar a sério. Ainda não.

— Não, mas se acontecer…

— Exatamente. Se acontecer… você está bem?

— Só com cãibras.

Na verdade, eu já não conseguia sentir minhas pernas, mas ainda não queria me afastar.

— Tanto faz… — disse ela.

— Continue.

— Seja como for, acho que seríamos muito bons nisso. Como pais, quer dizer.

— Sim, eu também — concordei. — Eu também.

Então voltei para o meu beliche, certo de que ela tinha ao menos metade da

razão.

88. beliche 2

Não falamos muito no trem noturno para Munique. Ficamos deitados imóveis, como se

estivéssemos empilhados em prateleiras, naqueles cubículos encardidos de plástico moldado,

com várias tomadas para recarregar aparelhos. Era tudo muito bom e funcional, mas o

zumbido do ar-condicionado e a escuridão do lado de fora da janela contribuíam para a

impressão de que éramos novos detentos em alguma cela de prisão intergaláctica.

Poderíamos ter voado para a Itália, é claro, mas eu queria que nós — nós três — ao menos

passássemos pela Alemanha e pela Áustria, e não seria mais divertido, mais romântico, ser um

ponto vermelho deslizando pelo continente? Jogando cartas e bebendo vinho em nossos

beliches pré-reservados a preços razoáveis enquanto Albie dedilhava o violão e lia Camus na

porta ao lado, depois, acordando renovados em Munique, uma cidade nova para nós três.

Havia Rafaéis e Dürers na Alte Pinakothek, Monets e Cézannes no Neue, havia um Bruegel

famoso, um Turner, e Connie adorava Turner. Visitaríamos as cervejarias com Albie, nos

sentaríamos sob o sol de agosto e ficaríamos tontos de cerveja e carne. Munique seria

maravilhosa.

Mas Albie havia desaparecido na Europa feito um acordeonista maluco, e nós dois

mergulhamos em um marasmo de preocupação, da parte dela, e de culpa, da minha. Enquanto

Connie estava no beliche de cima fingindo ler, eu olhava pela janela.

— Provavelmente ele vai se divertir muito mais sem a gente — falei, não pela primeira

vez. E, não pela primeira vez, não houve resposta. — Talvez eu devesse ligar para ele, de

qualquer forma.

— Para quê?

— Eu já disse. Para me desculpar, conversar. Para verificar se ele está bem.

— Vamos só… vamos deixá-lo em paz, certo, Douglas?

Ela apagou sua luz e o trem seguiu em frente. Em algum lugar lá fora, estavam Düsseldorf,

Dortmund, Wuppertal e Colônia, o coração industrial da Alemanha, o poderoso rio Reno, mas

tudo o que eu conseguia ver eram as luzes da Autobahn.

89. margaret petersen

Minha mãe morreu pouco depois de termos voltado da ilha de Skye, a primeira vez em que um

túmulo se abria na estrada da minha vida. Outro marco, eu acho.

Parece que ela sofreu um derrame enquanto estava tranquilamente sentada à sua mesa

durante uma aula de biologia, e seus alunos, sempre obedientes, levaram algum tempo para

reagir e avisar. Meu pai correu até o hospital apenas para descobrir que outro derrame a

matara enquanto ela estava deitada em uma maca aguardando o diagnóstico. Cheguei duas

horas mais tarde e o vi reagir com uma raiva surpreendente. Raiva dos malditos alunos que

permaneceram estupidamente em seus lugares, dos malditos professores e dos funcionários do

hospital, seja lá quem fosse o responsável por todo esse negócio de vida e morte. Segundo

ele, a morte da minha mãe tinha sido “idiota para caramba”, pois ela estava a dois malditos

anos da aposentadoria! A dor se manifestou como fúria e, em seguida, indignação, como se

tivesse havido um erro administrativo, como se alguém em algum lugar houvesse se

atrapalhado, entendido errado a ordem das coisas e ele tivesse que pagar o preço continuando

a viver sozinho. Homens, sozinhos. Isso simplesmente não estava certo.

Também sofri, e em um grau que me surpreendeu, porque seria uma distorção afirmar que

minha mãe e eu éramos particularmente próximos ou afetuosos. Houve momentos, é claro. Ela

sempre fora uma grande amante da natureza e relaxava no campo, ficando vigorosa e bem-

humorada, identificando as árvores e os pássaros com poucos vestígios de seus modos da sala

de aula, oferecendo-me o braço, contando histórias. Em casa, porém, era uma mulher

reservada e muito conservadora. Observando outras mães no portão da escola, eu me

perguntava por que ela não era mais carinhosa, mais animada, servindo de compensação para

a severidade do meu pai. Mas, afinal, talvez esse fosse seu segredo. Talvez os dois formassem

um par perfeito, como duas baquetas de bateria.

No entanto, não parecia haver uma correlação fácil entre a terrível dor que senti por sua

morte e nossa proximidade — ou a falta dela — durante a sua vida, e me ocorreu que talvez a

dor fosse mais um lamento daquilo que nunca tivemos, um pesar daquilo que perdemos. Como

consolo, eu tinha Connie, que foi maravilhosa durante tudo isso, desde o primeiro telefonema

de emergência, nos arranjos e preparações, no funeral, no empacotamento das roupas, nas idas

à instituição de caridade, na administração das contas bancárias e do testamento, na venda de

uma casa que se tornou grande demais e na compra de um pequeno apartamento para o meu

pai. Apesar de Connie e minha mãe nunca terem se dado bem, de terem brigado abertamente

em mais de uma ocasião, ela reconheceu a irrelevância de tudo aquilo e esteve sempre

presente e respeitosa. Afetuosa, mas não de um modo enjoativo, melodramático nem

indulgente. Uma boa enfermeira.

Minha mãe foi enterrada em uma manhã de dezembro. A casa dos meus pais — que passou

a ser somente a casa do meu pai — estava fria e escura quando voltamos e unimos novamente

as camas de solteiro. Connie tirou o vestido do funeral e, de mãos dadas, nos deitamos sob as

cobertas, sabendo que haveria mais três destes funerais ao longo do caminho, quatro, caso o

pai errante de Connie reaparecesse, e que passaríamos por esses momentos juntos.

— Espero que você não morra antes de mim — falei, o que era piegas, eu sei, mas

permitido naquelas circunstâncias.

— Farei o possível — respondeu ela.

De qualquer modo, as semanas se passaram, pesares e condolências foram oferecidos e

aceitos, a sensação de formigamento salgado por trás dos olhos acabou e, com o tempo, perdi

aquele status especial de enlutado, fui devolvido a meu estado civil e

continuamos nosso

caminho juntos.

Vinte anos depois, o padrasto de Connie continua com uma boa saúde, assim como seu pai

biológico, pelo que sabemos. Shirley, mãe de Connie, mostra todos os sinais de ser imortal,

uma prova viva das vivificantes propriedades dos cigarros enrolados à mão e do rum.

Defumada e em conserva, parece que vai durar para sempre e, talvez, Connie não precise de

mim, afinal de contas.

90. obrigado e adeus

Em Munique, finalmente acertei na escolha do hotel. Um lugar agradável e familiar perto do

Viktualienmarkt, confortável, despretensioso, pitoresco, embora não fosse kitsch. Uma senhora

idosa, do tipo que é devorada por lobos maus, estava lá para abrir a porta para a gente.

— E nosso outro hóspede? O Sr. Albie…?

Senti Connie enrijecer ao meu lado.

— O nosso filho. Infelizmente, ele não pôde vir.

Eu não aguentava, não conseguia suportar. *Eu gostaria de pedir desculpas pelo meu*

filho…

— Lamento saber — disse a senhora, franzindo a testa com compaixão. — E

lamento não

poder reembolsá-los por causa da notificação tardia.

— *Danke schön* — falei, embora não soubesse por quê.

Danke schön e *auf Wiedersehen* eram as únicas palavras em alemão que eu sabia, e por

isso estava condenado a passar nosso tempo ali agradecendo e, em seguida, indo embora.

Embora o check-in oficial tenha demorado várias horas, nos mostraram nosso quarto, que

era agradável de um modo Irmãos Grimm de ser, repleto de um mobiliário rústico bávaro que

eu esperava que Connie gostasse, velho e um tanto sinistro. Mas ela não dormira bem no trem,

então se deitou na cama imensa, encolhendo o corpo daquele jeito infantil que, às vezes, ela

ainda tem.

— Na Alemanha, os travesseiros são muito finos — observei, mas ela já tinha fechado os

olhos e me sentei em uma cadeira de balanço, me servi de um pouco d’água e li sobre Bruegel.

A borda do copo cheirava a mofo, mas, tirando isso, todo o resto era de primeira.

91. *a cocanha*

Há uma enorme quantidade de Brueg(h)els, uma obscura coleção de Jans e Pieters, Velhos e

Jovens, e eles não facilitam as coisas no que diz respeito a escolher nomes cristãos.

Contudo, desta dinastia, Bruegel, o Velho — notem a falta do “h” — é o original e o

melhor. Só existem umas quarenta e cinco pinturas de sua autoria e uma das mais famosas fica

na imponente Alte Pinakothek, a qual visitamos naquela tarde. Havia vários Jans e Pieters ao

longo do caminho, vasos de flores e feiras rurais repletas de pequenos detalhes, aquele tipo de

pintura usada para quebra-cabeças, mas o Bruegel sem “h” era algo totalmente diferente,

pendurado com pouco alarde em uma sala nada atraente.

Das Schlaraffenland, O País da Cocanha, retrata uma mítica “terra de leite e mel” — um

telhado coberto de tortas, uma cerca feita de salsichas e, em primeiro plano, três homens

gorduchos: um soldado, um agricultor e uma espécie de vendedor ou estudante, cercados de

alimentos consumidos pela metade, com o fecho da calça aberto, gordos e inchados demais

para trabalhar. Era um daqueles quadros “perturbadores”: um porco vivo correndo com uma

faca cravada nas costas, um ovo cozido com perninhas, esse tipo de coisa. E eu sabia o

suficiente sobre arte para detectar uma alegoria quando via uma.

— Coma pequenas porções.

— O quê? — perguntou Connie.

— O significado. Se você vive em um local onde os telhados são feitos de tortas, aprenda a

se controlar. Ele deveria ter chamado esse quadro de *carboidratos no almoço*.

— Douglas, quero ir para casa.

— E o Museu de Arte Moderna?

— Não para o hotel. Quero voltar para a Inglaterra. Quero voltar agora.

— Ah, ah, está bem. — Mantive os olhos fixos na pintura. — Eles estão caindo como

moscas!

— Podemos… podemos nos sentar em algum lugar?

Entramos em uma sala maior — com crucificações, Adão e Eva — e nos sentamos em um

banco de couro. A presença de um guarda do museu estava contribuindo para o clima de uma

particularmente difícil visita na prisão.

— Sei o que você estava esperando. Que talvez, se as coisas dessem certo, ainda

poderíamos ter um futuro. Você estava esperando me fazer mudar de ideia, e quero que saiba

que eu também adoraria ser capaz de mudar de ideia. Eu adoraria saber com certeza que

poderia ser feliz com você. Mas isso não está me fazendo feliz, esta viagem. É… muito difícil,

e não dá para se sentir de férias se você se sente acorrentada ao tornozelo de alguém. Preciso

de um espaço para pensar. Quero ir para casa.

Sorri em meio à mais terrível decepção.

— Você não pode abandonar o Grand Tour, Connie!

— Pode continuar se quiser.

— Não posso continuar sem você. Qual a graça?

— Então, volte comigo.

— O que vamos dizer às pessoas?

— Precisamos dizer alguma coisa?

— Voltamos de férias doze dias antes porque nosso filho fugiu! É humilhante.

— Nós… fingiremos que tivemos uma intoxicação alimentar, ou que alguma tia morreu.

Diremos que Albie foi se encontrar com amigos, fazer as coisas dele. Ou podemos ficar em

casa e fechar as cortinas, nos esconder, fingir que ainda estamos viajando.

— Não teremos fotos de Veneza nem de Roma…

Ela riu.

— Nunca na história da humanidade alguém pediu para ver essas fotos.

— Eu não queria tê-las para mostrar para os outros. Queria para nós.

— Então… talvez a gente deva dizer a verdade para as pessoas.

— Que você não conseguiu ficar nem mais um minuto comigo aqui?

Ela deslizou pelo banco e pressionou o ombro no meu.

— Isso não é verdade.

— O que é, então?

Ela deu de ombros.

— A verdade é que talvez este não fosse o melhor momento para ficarmos grudados.

— A ideia foi sua.

— Sim, mas isso foi antes de… Sinto muito, você organizou tudo, eu reconheço seu

esforço, mas o fato é que é… bem, um esforço. É coisa demais para assimilar. É muito

confuso.

— Não vamos receber qualquer reembolso, tudo já foi reservado.

— Talvez dinheiro não seja a coisa mais importante no momento, Douglas.

— Tudo bem. Tudo bem, vou dar uma olhada nos voos.

— Há um avião para Heathrow às dez e quinze amanhã. Estaremos em casa na hora do

almoço.

92. *schweinshaxe mit kartoffelknödel*

E assim foi nosso último dia juntos na Europa.

Visitamos as salas restantes da pinacoteca mas, sem Albie para ensinar, o Grand Tour

estava parecendo redundante. Passamos os olhos por Dürers, Raphaels e Rembrandts, mas

nada foi registrado e não havia nada a dizer. Pouco tempo depois voltamos para o hotel e,

enquanto Connie arrumava as malas e lia, eu andava pelas ruas.

Munique era uma estranha combinação de grandiosidade cerimonial e cervejarias

barulhentas, como uma embriaguez generalizada, e poderíamos ter nos divertido aqui,

suponho, em uma agradável noite de agosto. Em vez disso, fui sozinho até uma grande

cervejaria perto do Viktualienmarkt onde, ao som de uma banda de metais da Baviera, tentei

me animar pedindo uma *lager* do tamanho de um torso e um joelho de porco assado. Como

muitas coisas na vida, o primeiro pedaço estava com um sabor delicioso, mas logo a carne

assumiu a qualidade de uma terrível aula de anatomia enquanto eu me dava conta dos grupos

de músculos, tendões, ossos e cartilagens. Afastei aquilo para o lado, derrotado, entornei o

balde de cerveja e voltei para a nossa cama de hotel, onde acordei pouco depois das duas da

manhã, fedendo a defumado, como uma casca ressecada e enlouquecida…

93. o extintor de incêndio

…porque o que eu tinha dado para Connie, afinal de contas? Os benefícios para mim eram

óbvios, mas ao longo de todo nosso tempo juntos eu vira a pergunta cintilar nas expressões de

amigos e garçons, parentes e motoristas de táxi: o que ela ganha com isso? O que ela vê nele

que os outros não conseguem perceber?

Esta era uma pergunta que eu não pretendia fazer para Connie, com medo de que ela

franzisse a testa e não soubesse responder. Eu acreditava — porque ela me dissera — que eu

lhe ofereci uma espécie de alternativa para os homens que ela conhecera anteriormente. Eu

não era vaidoso, mal-humorado, pouco confiável, temperamental, não tinha problemas com

drogas nem álcool, eu não a roubaria nem a trairia, eu não era casado, bissexual nem maníaco-

depressivo. Resumindo, eu não tinha todas aquelas qualidades que desde a adolescência até

seus vinte e tantos anos ela considerara irresistíveis. Era improvável que eu fosse sugerir que

fumássemos crack e, embora isso me parecesse um pré-requisito bem básico em um parceiro,

ao menos era um que eu podia cumprir. Um ponto a meu favor: eu não era um psicopata.

Também era óbvio para todo mundo que eu a amava em um grau extremamente ridículo,

embora a devoção nem sempre seja uma característica atraente, como eu já sabia por

experiência própria. E havia nossa vida sexual, que, como já mencionei, acho que sempre foi

mais do que satisfatória.

Ela sempre se interessou pelo meu trabalho. Apesar das frustrações, mantive a fé no

esforço científico e acho que ela me admirava por isso. Connie sempre dissera que me achava

mais atraente quando eu falava sobre o meu trabalho, e me incentivava a continuar a descrevê-

lo por muito tempo após ela ter deixado de compreender o assunto. “As luzes se acendem na

minha cabeça”, dizia ela. À medida que a natureza do meu trabalho mudou aquelas luzes

vacilaram um pouco, mas, inicialmente, ela valorizava as inúmeras diferenças entre nós —

arte e ciência, sensibilidade e bom senso — porque, afinal de contas, quem quer se apaixonar

pelo próprio reflexo?

Mais praticamente, eu era prático. Entendia de encanamentos e carpintaria básica, até

mesmo de fiação elétrica, e só uma vez fui arremessado até o outro lado da cozinha. Eu

entrava em uma sala e logo identificava uma parede de suporte de carga. Eu era um decorador

meticuloso e detalhista, sempre raspando, esfregando, sempre enxaguando meus pincéis.

Quando fundimos nossas finanças, diligente e meticulosamente garanti que tudo estivesse no

lugar: pensões, poupança, seguro. Eu planejava nossas férias com um cuidado militar, cuidava

da manutenção do carro, sangrava os radiadores, acertava os relógios na primavera e no

outono. Enquanto houvesse alento em meu corpo, ela nunca sentiria falta de pilhas AA. Talvez

esses feitos soem monótonos e prosaicos, mas faziam um berrante contraste com os estetas

excêntricos e ensimesmados que ela conhecera anteriormente. Havia uma espécie de leve

masculinidade em tudo aquilo que, para Connie, era ao mesmo tempo nova e reconfortante.

Ainda mais emocionante, eu era extremamente confiável durante as crises e trocava pneu no

acostamento da M3 à noite debaixo de chuva, auxiliava um epiléptico na Linha do Norte,

enquanto os outros ficavam sentados e boquiabertos. Pequenos heroísmos do cotidiano.

Andando na rua eu sempre tomava o cuidado de ficar mais próximo ao meio-fio e, embora ela

risse, também gostava disso. Estar comigo, dizia Connie, era como andar o

tempo todo com

um grande e antiquado extintor de incêndio, e gostei de ouvir aquilo.

O que mais? Acho que ofereci à minha mulher uma maneira de largar um estilo de vida que

ela não conseguia mais sustentar. A Connie Moore que conheci era uma menina festeira, que

sempre dançava em cima das mesas, e acho que lhe ofereci a mão para descer ao chão. Ao

menos por algum tempo, ela desistiu da ideia de ganhar a vida como artista e começou a

trabalhar na galeria em tempo integral. Deve ter sido difícil, imagino, promover o trabalho dos

outros em vez de produzir o seu, mas o talento dela sempre estaria ali e ela sempre poderia

voltar a pintar assim que estivéssemos estabelecidos, uma vez que seu estilo de pintura

voltasse à moda. Nesse meio-tempo, ainda nos divertíamos muito e havia jantares com amigos

e diversas madrugadas juntos. Mas havia menos ressacas, menos arrependimentos matinais,

menos contusões misteriosas. Eu era o mais seguro dos portos, mas quero enfatizar que eu

também podia ser divertido. Não em um grande grupo de pessoas, talvez, mas quando eu não

estava sob pressão, quando éramos apenas nós dois, acho que não havia nenhum outro lugar

onde desejássemos estar.

A importância do humor na relação moderna é muito enfatizada. Somos levados a acreditar

que tudo ficará bem desde que você faça o outro rir, convertendo um casamento bem-sucedido

em cinquenta anos de improviso. Sentir necessidade de material novo, como senti durante essa

longa e desidratada noite da alma, era motivo de preocupação. Sempre gostei de fazer Connie

rir, era gratificante e reconfortante porque o riso, na minha opinião, depende da surpresa, e é

bom surpreender. Mas, como um atleta decadente, meu tempo de resposta ficou mais lento e,

então, não me era incomum encontrar a resposta espirituosa perfeita para observações feitas

havia vários anos. Consequentemente, eu era obrigado a recorrer a velhos truques, velhas

histórias, e às vezes achava que Connie tinha passado os três primeiros anos rindo das minhas

piadas e os vinte e um seguintes suspirando por causa delas. Em algum lugar ao longo do

caminho eu perdera meu senso de humor e passara a só ser capaz de criar trocadilhos, o que

não é a mesma coisa. “Temo o *wurst*!” Trocadilho com a palavra alemã “wurst”, ou

“linguiça”, e a palavra inglesa “worst”, ou “pior”. Pensei nisso na cervejaria e me perguntei

se poderia citá-lo no café da manhã. Gostaria de lhe oferecer uma linguiça pálida, e, quando

ela recusasse eu diria: “O seu problema, Connie, é que você sempre teme o *wurst*!” Era uma

piada boa, só que talvez não bastasse para salvar nosso casamento.

No entanto, inegavelmente, houve tempos em que eu fazia Connie rir com frequência, e,

quando me tornei pai, tive esperança de desenvolver ainda mais essa persona divertida.

Imaginei-me como uma espécie de Roald Dahl, excêntrico e sábio, evocando personagens e

histórias do nada, nossos filhos pendurados em mim, os olhos brilhando com risadas, alegria e

amor. Nunca consegui, não sei por quê. Talvez fosse pelo que aconteceu com nossa filha. Com

certeza aquilo me transformou, transformou a nós dois. A vida pareceu um pouco mais pesada

depois disso.

De qualquer modo, acho que Albie nunca apreciou meu lado mais descontraído. Fiz o

melhor que pude, mas minha atitude era ansiosa e acanhada, como um animador infantil que

sabe que seu espetáculo não está agradando. Eu era capaz de remover a ponta do meu polegar

e colocá-la de volta no lugar, mas, a menos que uma criança seja particularmente idiota, esse

tipo de coisa logo perde a graça. E Albie nunca foi idiota. Quando eu fazia vozes engraçadas

lendo uma história, ele ficava visivelmente constrangido. Na verdade, quando penso sobre

isso, não me lembro de ter feito meu filho rir com nada que não fosse algum dano à mim

mesmo, e eu às vezes gostaria que Connie lhe dissesse: “Você pode não acreditar, Ovo, mas

um tempo atrás, seu pai costumava me fazer rir tanto, mas *tanto*, que passávamos a noite

inteira conversando e rindo até chorar. Tem tempo.”

Agora, eu estava temendo o *wurst*.

94. balas de menta

Infelizmente, saímos antes do café da manhã e pegamos um táxi logo cedo para atravessar a

cidade adormecida até o Aeroporto de Munique, sobre o qual há pouco a dizer. Imagine um

aeroporto.

Eu temia a Inglaterra. Como um time de futebol voltando de um humilhante nove a zero, nós

nos sentamos na sala de embarque, incapazes de falar ou até mesmo de erguer os olhos. *Eu*

gostaria de pedir desculpas pelo meu filho. Para sempre trarei comigo a imagem do rosto

dele, o choque e a vergonha, como se eu o tivesse esbofeteado, o que de certa forma foi o que

fiz. E foi aqui, suponho, que a analogia com um time de futebol desmoronou. Não éramos um

time. Eu era o goleiro que deixara entrar todos os nove gols.

Será que eu voltaria para o escritório com quase duas semanas de antecedência? O que

diriam? Será que perceberiam? As férias desse cara foram tão ruins que destruíram sua

família! Eles fugiram, fugiram mesmo; um na Holanda, a outra na Alemanha. Mesmo que eu

não fosse trabalhar, mesmo que Connie e eu ficássemos em casa com as cortinas fechadas,

seríamos atormentados pela ausência de Albie. Como já falei mais de uma vez, ele poderia

estar se virando de forma perfeitamente civilizada. Ele tinha um passaporte, um telefone,

acesso ao dinheiro, Camus e uma namorada bastante sexual. O que, sob alguns aspectos, era

uma situação invejável. Mas, sem saber ao certo, com aquelas palavras ainda entre nós, era

impossível não se contorcer de ansiedade. *Eu gostaria de pedir desculpas pelo meu filho.*

Será que ele estava em alguma cracolândia em Berlim? Bêbado em uma ferrovia na República

Tcheca, drogado em um assentamento em Roterdã, espancado em um beco em Madri? Será que

ele voltaria em setembro, em outubro, no Natal, algum dia? E a faculdade? Será que ele ia

abandonar a educação pela qual lutou, embora sem muito entusiasmo? E se a Europa o tivesse

simplesmente… devorado?

Eu não conseguia mais ficar parado.

— Vou dar uma volta — falei.

— Agora?

— Temos tempo de sobra.

— Vejo você no portão de embarque — disse ela, dando de ombros. — Leve a sua mala.

Há um certo otimismo no ato de passear em aeroportos. O que diabo esperamos encontrar?

Algo novo e encantador? Fui ver como era uma banca de jornal alemã e, tendo descoberto que

parecia uma banca de jornal inglesa, estava prestes a comprar algumas balas de menta com

meus últimos trocados de euro quando meu telefone tocou.

Remexi o bolso. Talvez fosse Albie. Na tela, um número com prefixo +39. Espanha, Itália?

— Signor Petersen?

— *Oui, c'est moi* — falei, desorientado.

— *Buongiorno,* estou ligando da Pensione Albertini para falar de sua reserva.

— *Ja, ja* — respondi, tapando o outro ouvido com um dedo.

— Fiz o que pude, mas infelizmente não consegui antecipar a sua reserva tão em cima da

hora. Peço desculpa.

— Minha reserva?

— Sua mudança de planos. Você chegará a Veneza amanhã à noite?

— Não, não, não. Talvez em três ou quatro dias. — Esse era o nosso plano, passar pelos

Alpes de trem e, em seguida, uma noite em Verona, Vicenza, Pádua e, depois, Veneza. —

Quando ele, quer dizer, quando foi que *eu* liguei?

— Há uns quinze minutos.

— Por telefone?

O maluco fez uma pausa.

— *Sì*…

— Fiz reserva para um quarto de casal e um de solteiro. Qual eu pedi para mudar?

— O de casal.

— Para amanhã?

— *Sì*, amanhã. Mas falamos sobre isso há apenas quinze minutos…

— Por acaso eu disse de onde estava ligando?

— Não entendi…

— E você tem certeza de que era um Signor Petersen?

— *Sì*.

Albie! Albie deve ter ligado, mexendo no meu itinerário, tentando usar a nossa reserva de

hotel para economizar dinheiro. Eles estavam a caminho de Veneza, afinal de contas.

— Bem, *grazie mille* por tentar.

— Então, nós o receberemos em Veneza daqui a quatro dias como havíamos combinado

anteriormente?

— *Sì, sì, sì*. Em quatro dias.

— Esplêndido.

— Você foi muito útil. *Auf Wiedersehen! Ciao!*

No momento, eu estava a certa distância da banca de jornal, aquecendo em minha mão as

balas de menta que não tinham sido pagas. Um fugitivo! Verifiquei o painel com os horários de

chegada e partida dos voos. O embarque estava começando. Verifiquei meus bolsos. Celular,

passaporte, carteira, tudo de que eu precisaria. Em minha bagagem de mão, um carregador de

celular, um livro, um tablet e um livro sobre a Segunda Guerra Mundial. Dei um passo para

trás, vi Connie e uma escada que levava a um balcão sobre o saguão. Subi a escada e a

observei, invisível.

Observei-a por quinze minutos enquanto se aproximava a hora do embarque, comendo

minhas balas de menta contrabandeadas, como um verdadeiro bandido. Fiquei espiando

Connie com muito, muito amor, apesar de sua palpável irritação e impaciência por minha

ausência, e tomei uma decisão.

Eu não ia perder minha mulher e meu filho.

Se essa ideia era inaceitável para mim, então eu não a aceitaria.

Eu não ia voltar para a Inglaterra agora para passar nosso último verão desmantelando

lentamente a nossa casa, observando Connie se separar de mim, dividindo-nos em dois e

fazendo planos para um futuro que não me incluía. Eu me recusava a viver em uma casa onde

tudo o que vi ou toquei — nosso cão, Sr. Jones, o rádio de cabeceira, os quadros na parede, as

xícaras nas quais tomamos nosso chá matinal — logo seria alocado, fosse meu ou dela.

Tínhamos passado por muita coisa juntos, e isso não era aceitável, e também não era aceitável

que meu filho estivesse vagando pelo continente com a certeza de que eu tinha vergonha dele.

Eu não poderia e não permitiria que isso acontecesse.

Terminei com todas as minhas balas roubadas. Há um ditado, citado em uma canção

popular, que diz que se você ama alguém, deve libertar esta pessoa. Bem, isso não passa de

um disparate. Se você ama alguém, se prende a esta pessoa com pesadas correntes de metal.

95. última chamada do voo para heathrow…

Connie estava de pé, procurando por mim ansiosamente, olhando para a esquerda e para a

direita, sem dúvida pensando: *Isso é estranho, ele não é assim, está sempre pronto duas*

horas antes do embarque, o laptop em uma bandeja separada, líquidos e géis em um saco

Ziploc. Bem, não mais, meu amor! O novo eu discou seu número, viu quando ela tateou dentro

da bolsa, encontrou o celular, olhou feio para a tela, atendeu…

— Douglas, onde diabo você está? O portão vai se fechar em cinco…

— Não vou embarcar.

— Onde você está, Douglas?

— Estou em um táxi. Na verdade, já saí do aeroporto. Não vou voltar para a Inglaterra.

— Douglas, não seja ridículo, eles estão chamando nossos nomes…

— Então, entre no avião sem mim. Diga-lhes que não vou. Não quero incomodar ninguém.

— Não vou entrar no avião sem você, isso é loucura.

— Ouça, Connie, por favor! Não posso voltar até acertar tudo. Primeiro, vou encontrar

Albie, pedir desculpas cara a cara, e, então, vou trazê-lo para casa.

— Douglas, você não tem ideia de onde ele está!

— Então vou encontrá-lo.

— Como vai encontrá-lo? Ele pode estar em qualquer lugar da Europa, em qualquer lugar

do mundo…

— Vou dar um jeito. Sou cientista, lembra? Método. Resultados. Conclusão.

Eu a observei se sentar de volta.

— Douglas, se você está fazendo isso para… provar alguma coisa… para mim… bem, é

muito comovente, mas não essa é realmente a questão.

— Eu te amo, Connie.

Ela passou a mão na testa.

— Eu também te amo, Douglas, mas você está cansado, tem estado sob muita pressão, e

acho que não está pensando direito…

— Por favor, não tente me convencer. Vou continuar sozinho.

Um momento se passou e ela se levantou.

— Tem certeza de que é isso o que quer fazer?

— Tenho.

— O que vou dizer para as pessoas?

— Não me importo.

— Você poderia ao menos me ligar?

— Quando eu o encontrar. Antes disso, não.

— Posso convencê-lo a mudar de ideia?

— Não, não pode.

— Certo. Tudo bem. Se é isso o que você quer.

— Infelizmente você vai ter que carregar a mala. Pegue táxis, está bem?

— Mas o que você vai vestir?

— Estou com a minha carteira e a minha escova de dentes. Vou comprar roupas para mim

pelo caminho.

Sua cabeça pendeu para trás, talvez aflita com a ideia de eu comprar minhas próprias

roupas.

— Tudo bem. Se você tem mesmo certeza. Compre coisas bonitas. Cuide-se. — Ela levou

a mão aos olhos. — Não se descontrole, está bem?

— Não vou. Connie, sinto muito muito não irmos a juntos Veneza outra vez.

— Eu também sinto muito.

— Mas enviarei cartões-postais.

— Por favor.

— Dê um beijo no Sr. Jones por mim. Ou cumprimente a pata dele.

— Farei isso.

— Não o deixe dormir na cama.

— Eu nunca deixaria.

— É sério, porque se ele se acostumar…

— Douglas, eu não vou deixar.

— Eu te amo, Connie. Já disse isso?

— Você mencionou de passagem.

— Me desculpe se eu a decepcionei.

— Douglas, você nunca…

— Não vou decepcioná-la outra vez. — Ela não disse nada. — É melhor você pegar o seu

voo agora.

— Sim. É melhor. Portão…?

— Portão dezessete.

— Portão dezessete.

Ela colocou a bolsa no ombro e começou a andar.

— Você esqueceu o seu livro — avisei. — Está em cima da cadeira.

— Obrigada.

Ela pegou o livro e, em seguida, hesitou por um instante. Não demorou muito para me

encontrar no balcão acima. Ela ergueu a mão e eu fiz o mesmo.

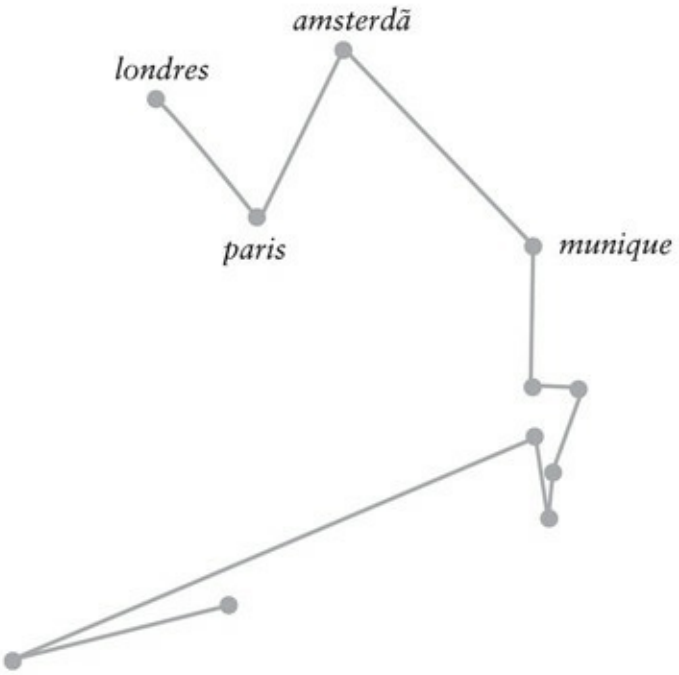
— Nos vemos — falei.

Mas ela já tinha desligado. Observei Connie se afastar e, em seguida, fui salvar meu filho,

quer ele precisasse ou não.

LIVRO DOIS

a renascença



PARTE CINCO

VENEZA E O VÊNETO

Às vezes, ela chegava ao ponto de desejar se ver em uma posição difícil, de modo a ter

o prazer de ser tão heroica quanto a ocasião exigia.

Henry James, *Retrato de uma Senhora*

96. pedido de casamento

Em Veneza, pedi Connie em casamento.

Não é o cenário mais original, eu sei. Na verdade, não havia nada de muito original na

nossa viagem em fevereiro, comemorando três anos juntos. Entramos na cidade de táxi

aquático em um dia claro e fresco, aninhados em assentos de couro cor de vinho enquanto

oscilávamos sobre a lagoa e, em seguida, ficamos de pé no convés ao sabor do vento, quando

a cidade surgiu e dois pensamentos entraram em combate dentro da minha cabeça: será que

havia algo mais bonito no mundo, e alguma coisa mais cara no mundo? Este era meu estado de

espírito veneziano: deslumbramento versus ansiedade, como perambular por uma loja

maravilhosa de antiguidades onde as placas constantemente nos fazem lembrar que as

mercadorias danificadas devem ser pagas.

Assim, fizemos o que os turistas em Veneza fazem no inverno. Nós nos abrigávamos da

chuva e, quando o sol surgia, bebíamos chocolate amargo em praças frias de

surpreendente

graça e beleza, e tomávamos Bellinis em bares sombrios e caros, preparando-nos para a

conta.

— É um imposto sobre a beleza — disse Connie, entregando o dinheiro. — Se aqui fosse

barato, ninguém nunca iria embora.

Ela conhecia bem a cidade, é claro. O truque em Veneza, segundo ela, é ver São Marcos

uma vez e, em seguida, se bandear para a periferia. O truque é ser espontâneo, curioso, se

perder. Instintivamente, resisti à ideia de me perder. Para leitores de mapa competentes e

entusiasmados como eu, Veneza oferecia desafios inimagináveis e passamos muito tempo

traçando nossa rota até Connie arrancar o mapa da minha mão, erguer meu queixo com o dedo

e me mandar olhar para cima uma única vez e apreciar a bela melancolia do lugar.

Isso era o que mais me surpreendia em Veneza: quão melancólico o lugar podia ser; todos

aqueles turistas tirando fotos e pensando na morte. Veneza foi minha primeira experiência de

Itália e, dessa forma, me perguntei onde estavam as *mammas* com mãos farinhentas e os

malandros de cabelo desgrenhado que eu fora levado a esperar? Em vez disso,

aquela era uma

cidade de portas fechadas, os cidadãos sitiados com olhos semicerrados e ressentidos — o

que é compreensível — com as intermináveis hordas de visitantes, inclusive no inverno, como

hóspedes que não entendem a deixa para irem embora. Até mesmo os festivais eram

melancólicos. A ideia veneziana de diversão era todos se vestirem de esqueletos. Talvez, o

silêncio ou as sombras, os canais escuros ou a ausência de espaços verdes fossem um legado

da peste, mas, andando pelas ruelas desertas e esplanadas varridas pela chuva, senti uma

melancolia avassaladora, embora estranhamente agradável. Acho que nenhuma outra vez na

vida me senti tão triste e tão feliz ao mesmo tempo.

Talvez essa ambiguidade não torne Veneza o melhor local para se pedir alguém em

casamento. Mas era tarde demais para dúvidas. O anel de noivado estava embrulhado,

escondido no dedo de uma luva, a mesa do restaurante já havia sido reservada. Tínhamos

passado uma manhã alegre na ilha cemitério de San Michele, Connie posando com seu

sobretudo e tirando fotos dos túmulos, depois caminhando de braços dados de Cannaregio até

Dorsoduro, entrando em igrejas mal-iluminadas e pátios sombrios ao longo do caminho, e

durante todo o tempo eu me perguntava: será que devo me ajoelhar quando fizer o pedido?

Aquilo seria divertido ou constrangedor para nós dois? Será que ela preferiria um simples

“quer casar comigo?”, o formal e dramático “você me daria a honra de se tornar minha

esposa?” ou o descontraído “Ei, vamos nos casar?”. Voltamos para o hotel, nos vestimos,

saímos para jantar e comemos um maravilhoso carpaccio de atum e peixe grelhado, minha mão

tocando o anel intermitentemente — prata antiga, um único diamante — no bolso do meu

paletó.

— Indigestão? — perguntou Connie.

— Azia — respondi.

Em seguida foi servido um belo *gelato*, algum tipo de licor de amêndoa e então saímos com

nossas cabeças rodando para a noite clara e límpida.

— Vamos caminhar até La Salute! — sugeri casualmente e ali, com a grande basílica de

mármore brilhando ao luar feito magnésio, e a Praça de São Marcos iluminada do outro lado

do Grande Canal, enfiei a mão no paletó, peguei o anel e perguntei para Connie: — Quer casar

comigo?

Pense quão romântico teria sido se ela tivesse respondido sim. Em vez disso, ela riu,

xingou, franziu a testa, mordeu o lábio, me abraçou, xingou, me beijou, riu, xingou e disse:

— Posso pensar sobre isso?

O que era bastante razoável, suponho. Poucas decisões alteram tanto a vida de uma pessoa.

Mesmo assim, não pude deixar de me perguntar o porquê da surpresa. O amor leva ao

casamento, e nós não nos amávamos?

Felizmente, veio o “sim”, mas apenas alguns meses depois. Daí que, embora a pergunta

tenha “estourado” ao luar no Grande Canal, só foi respondida no balcão de uma delicatéssen

da Sainsbury’s, em Kilburn High Road. Talvez tenha sido por causa do fato de eu ter escolhido

azeitonas. De qualquer modo, houve muita alegria e alívio sobre carnes curadas e queijos, e

uma conta chorosa e emocional.

Talvez eu devesse ter voltado ao Sainsbury’s de Kilburn com Connie. Tenho certeza de que

ao menos teríamos conseguido chegar até lá.

97. hannibal

Mas estou saltando para trás e para a frente ao mesmo tempo na história. Continuo na

Alemanha, onde, após assistir à minha mulher ir embora, peguei um táxi, voltei para Munique

e para o caos desconexo da Hauptbahnhof, digitei algo na tela de uma máquina de passagens e

me enfiei no trem do fim da manhã para cruzar os Alpes em direção a Veneza através de

Innsbruck, mudando de locomotiva em Verona, com apenas o passaporte e uma bolsa

pendurada no ombro, quase um Jason Bourne.

O compartimento do trem também era do tipo que espiões e assassinos preferiam, e aquela

viagem ficou ainda mais emocionante quando saímos do subúrbio, atravessamos uma grande

planície verde em direção às montanhas e, de repente, no aparente espaço de algumas centenas

de metros, estávamos nos Alpes. Por ter nascido e sido criado em Ipswich, nunca fui muito

complacente com montanhas, mas achei os Alpes extraordinários. Picos como incisivos de

cães de caça, quedas vertiginosas, o tipo de paisagem que poderia ter sido imaginada por uma

divindade ou por um ambicioso supervisor de efeitos especiais gerados por computador.

“Meu Deus”, murmurei para mim mesmo e, instintivamente, tirei uma foto com o celular, o tipo

de fotografia incoerente e medíocre que ninguém nunca vê e que não serve para nada. Então

pensei no meu filho e em como ele não ergueria a câmera mesmo que um meteoro tivesse

atingido o pico mais alto.

Depois de Innsbruck, o terreno ficou ainda mais espetacular. De modo algum era uma

paisagem inóspita — havia supermercados, fábricas, postos de gasolina —, contudo, mesmo

no auge do verão, tinha algo de insano no fato de pessoas morarem e trabalharem ali, sem se

importarem que uma estrada de ferro atravessasse o lugar. O trem contornou outro declive, os

vales espalhando-se abaixo de nós em direção a prados com o mesmo verde-limão das

paisagens do trem elétrico que eu ainda montava na adolescência. Pensei que Connie logo

estaria chegando em casa, dizendo olá para o Sr. Jones, verificando a correspondência,

abrindo as janelas para renovar o ar, rompendo o selo da geladeira vazia e bolorenta,

enchendo a máquina de lavar roupa, e desejei que ela pudesse ver tudo aquilo.

Mas admiração é uma emoção difícil de manter por horas a fio e logo tudo ficou um tanto

entediante. No bufê, comi um croissant com pastrami e muçarela que, gastronomicamente

falando, atenderam todas as expectativas. De volta ao meu compartimento, cochilei,

despertando para descobrir que Brenner se tornara Brennero. As torres das igrejas mudaram,

as montanhas se suavizaram em colinas, pinheiros deram lugar a vinhedos. A Alemanha e a

Áustria ficaram para trás e eu estava nos Alpes italianos e, dali a algum tempo, chegaria em

Verona.

98. …onde montamos a nossa cena

Uma cidade encantadora, castanha-avermelhada e rosa empoeirada torrando na tarde de

agosto. Eu estava tão disposto a capturar minha presa que só me permiti passar duas horas na

cidade, atravessando belas *piazzas* e pontes medievais, riscando-as da lista — uma maneira

realmente terrível de se ver uma cidade, uma traição à nossa intenção original ao planejarmos

o Grand Tour. Não importa. No momento, havia coisas mais importantes do que cultura. Notei

o belo anfiteatro romano, o terceiro maior do mundo — visto —, a Torre dei Lamberti, a feira

na Piazza delle Erbe, a ornamentada Piazza dei Signori — visto, visto, visto. Atravessando

uma rua comercial pavimentada de mármore, segui a multidão por um beco até chegar em um

pátio barulhento e lotado de gente sob um balcão de pedra — supostamente a varanda de

Julieta. Parecia ter sido colada à parede, e meu guia me informou com uma bufada de desprezo

que só tinha sido construída em 1935, embora, levando-se em conta que Julieta era uma

personagem de ficção, tal fato parecesse irrelevante. “Romeu, Romeu, onde estás, Romeu?”,

gritavam mulheres do mundo todo. No calor do meio da tarde o pátio era literalmente uma

armadilha para turistas, mas fiquei observando de forma obediente visitantes suados se

revezarem para posar ao lado de uma estátua meio kitsch de bronze da heroína de

Shakespeare, seu seio direito acinzentado com o toque de um milhão de mãos. Aparentemente,

apalpar seu seio dava sorte. Um cavalheiro japonês cutucou meu braço e imitou uma câmera, o

equivalente a “quer que eu tire uma foto sua?” na língua internacional de sinais, mas achei que

uma foto minha apertando o peito de uma estátua de bronze seria demais, por isso recusei

educadamente, abrindo caminho em direção à saída, parando apenas para ler as pichações nas

paredes, camada sobre camada de *Simone p/ Veronica*, *Olly + Kerstin*, *Marco e Carlotta*. Eu

poderia ter acrescentado, suponho: *Connie e Douglas p/ sempre*. Li *Je t’aime*, *ti amo*, *ik hou*

van je, declarações tão densamente escritas que chegavam a parecer uma obra de

Jackson

Pollock.

Jackson Pollock.

— Está vendo, Connie? Estou aprendendo — falei em voz alta. — *Ik hou van je*.

99. ferrovia

A única maneira de se chegar a Veneza é pegando um táxi aquático na lagoa de manhã cedo.

Cheguei de trem à noite, com mochileiros e estudantes emocionados e aturdidos ao

desembarcarem naquela estranha e elegante estação ferroviária, uma laje de mármore de teto

baixo parecendo uma daquelas mesinhas de centro onde a gente esbarra a canela. Eu

encontrara o último quarto disponível da cidade em uma promissora e remota *pensione* no

Castello e decidi percorrer a pé aquela distância considerável, caminhando pela ainda

movimentada Strada Nova, perscrutando rostos juvenis para o caso de Albie já estar lá.

Veneza no auge do verão era uma experiência nova para mim e senti o ar úmido e salobro, o

cheiro de amônia dos canais, antes de perceber com algum constrangimento que o odor

estagnado vinha de mim mesmo. Em algum lugar entre Munique e Veneza eu começara a

cheirar como um canal, e decidi resolver esse problema no conforto do meu

quarto de hotel.

Contudo, minha capacidade de orientação falhou pela primeira vez, as *fondamentas*, *rivas*,

salitas e *salizzadas* me fazendo andar em círculos, e só cheguei depois da meia-noite à

Pensão Bellini, um edifício estreito e decadente, à sombra do Arsenale.

Há algo de furtivo e indecente em se chegar a um hotel após a meia-noite, e o ressentido e

desconfiado gerente noturno me conduziu por vários lances escada acima até um quarto no

sótão, um cômodo do tamanho de uma cama de casal, contendo uma cama de solteiro. Através

da parede fina ouvi a caldeira do hotel gorgolejar e, em seguida, ganhar vida. Olhei para o

espelho sob o brilho de uma lâmpada sem cúpula. O calor e a umidade eram amazônicos, e,

saiu uma crosta cinza da minha testa suada quando eu a esfreguei, parecendo resíduos de

borracha de lápis; aquela era a sujeira acumulada de sete nações. Eu não me barbeava desde

Paris, mal dormia desde Amsterdã, não trocara de roupa desde Munique. O sol de Verona

torrara o meu nariz, e só o meu nariz, transformando-o em um vaso de flores vermelho,

enquanto a pele sob os meus olhos tinha um tom azul-acinzentado de exaustão. Eu estava

abatido, não havia como negar, como um refém prestes a gravar um vídeo. Aos olhos de Albie

eu pareceria francamente alarmante, mas estava muito cansado para resolver isso naquele

momento, até mesmo para ir ao banheiro compartilhado no corredor. Em vez disso, esfreguei

minhas axilas com sabão e a água marrom da pia minúscula, lavei minhas roupas fedorentas e

deixei-as penduradas como algas marinhas no parapeito da janela, desabei no colchão

molenga e, ouvindo o gorgolejar do encanamento do hotel, caí imediatamente no sono.

100. uma experiência com ratos

Imagine, se conseguir, um modelo de Veneza em escala. Está longe de ser uma cidade enorme,

não muito maior do que Reading, embora mais complexa e com fronteiras mais definidas.

Imagine então duas figuras, também em escala, virando ao acaso à esquerda e à direita nesse

labirinto durante doze horas, parecendo ratos em, bem, em um labirinto. O labirinto não é

regular, tem ruas largas e praças imensas, alternadas com vielas estreitas e pontes que

funcionam como funis. Supondo um movimento constante durante, digamos, quatorze horas,

qual é a probabilidade das duas figuras se encontrarem?

Não sou um estatístico, mas eu instintivamente sabia que as chances eram pequenas.

Contudo, não eram inconcebíveis, e eu seria ajudado pelo fato de que estar em Veneza tende a

corresponder a determinados caminhos bem-trilhados, a partir da Ferrovia até a Praça de São

Marcos, da Praça de São Marcos à Pescheria, da Accademia de volta à Ferrovia. Apesar de

gostarmos de nos imaginar como exploradores de espírito livre, os visitantes andam por

Veneza da mesma forma que nós andamos em um supermercado, um aeroporto ou uma galeria

de arte: orientados por diversos fatores, conscientes e inconscientes. Devo seguir por este

beco escuro fedendo a xixi ou entrar nesta padaria encantadora? Já foram feitos estudos a

respeito deste tipo de comportamento. Achamos que temos independência e imaginação, mas

não temos mais liberdade para ir e vir do que os bondes sobre trilhos.

Portanto, o labirinto era menor do que me pareceu a princípio e, baseado na suposição de

que eu provavelmente estava procurando duas pessoas, e o mais provável era que não

estariam se movimentando constantemente, e que o som de um acordeão seria difícil de

ignorar, me senti ligeiramente confiante de que poderia encontrá-los. Na verdade, não me

importo em admitir que eu estava muito animado com o projeto quando me acomodei para

tomar um café da manhã italiano de duas estrelas à base de pão de ló, suco de laranja e o

abacaxi mais duro do mundo. Minha missão tinha um quê de espionagem, e eu estava gostando

de planejar minha rota usando um hidrocor no mesmo mapa plastificado que eu carregava ao

longo de todos aqueles anos, o qual me permitia fazer anotações e, então, apagá-las ao fim de

cada dia.

— Esse seu sistema é muito bom — disse a única outra pessoa no salão, uma mulher

sorridente, alemã ou, talvez, escandinava.

— Obrigado — respondi. Eu mal abrira a boca nas últimas vinte e quatro horas e minha

voz soou estranha.

— Se há uma cidade que exige um mapa, é esta aqui — observou ela.

Sorri, sem a intenção de ser rude.

— É importante não desprezar um bom mapa — falei de modo intrigante.

Ela tomou um gole de chá.

— Você conhece bem a cidade?

— Já estive aqui. Há mais de vinte anos.

— Deve ter mudado muito desde então — disse ela.

— Não, é mais o… Ah, entendo. Sim, está irreconhecível! Todos estes edifícios novos! —

Tinha sido uma boa piada da parte dela e pensei que talvez pudesse levar aquilo adiante,

brincar de algum modo com a ideia. — Naquele tempo as ruas ainda não eram inundadas!

Foi o melhor que pude fazer, mas ela pareceu confusa, por isso, guardei na bolsa meu mapa

muito usado, uma banana roubada e um saquinho com pão seco do bufê e fui embora. Ah, sim,

Cat, agora o fora da lei era eu.

Mas primeiro eu precisava me equipar. Por serem habitantes de uma ilha, os venezianos

têm escolhas limitadas em termos de moda masculina, mas comprei três pares de meias

idênticas, três pares de cuecas, três camisetas — azul-claras, cinza e brancas — e, para usar à

noite, duas camisas sociais e um suéter fino para o caso de pegar um resfriado. Para proteger

meu vulnerável couro cabeludo do sol, comprei um boné, o mais neutro que consegui

encontrar e o primeiro que tive na vida, embora talvez não fosse necessário nos sombrios

desfiladeiros de San Paolo e Santa Croce. Como eu ia caminhar pela maior parte do dia,

comprei um sofisticado tênis de corrida de plástico moldado, uma coisa absurdamente grande

que prometia se ajustar aos meus pés de uma forma muito Era Espacial. Comprei alguns

lenços de papel umedecido e só uma garrafa de água que eu reabasteceria no caminho.

Voltando à Pensão Bellini, organizei minhas compras e me olhei no espelho mais uma vez.

O sono reparara alguns danos. Eu ainda não tinha me barbeado, e, por isso, estava

ostentando o começo de uma barba bastante atraente, salpicada de branco e cinza, daquele tipo

que os atores de Hollywood deixam crescer quando necessário, para parecerem menos

bonitos do que realmente são. Gostei muito. Eu parecia… um desconhecido. Coloquei meus

novos óculos de sol, puxei o boné para baixo e saí para os canais.

101. o formato do tempo

Imagine que o tempo é uma tira comprida de papel.

Obviamente este não é o formato do tempo. O tempo não tem forma, é uma dimensão ou

uma possível direção em um vetor, mas, imagine, a título de metáfora, que o tempo possa ser

representado por uma tira comprida de papel ou, talvez, por um rolo de celuloide. Imagine que

você seja capaz de fazer dois cortes na tira, juntando as extremidades para formar um ciclo

contínuo. Esta tira de papel pode ser tão comprida ou tão curta quanto você

quiser, mas esse

ciclo vai continuar para sempre.

Para mim, o primeiro corte é evidente e ocorreu a meio caminho da London Bridge, na

noite em que conheci Connie Moore. Mas o segundo corte é mais difícil. Mas não acontece o

mesmo com todo mundo? Os limites da infelicidade são geralmente um pouco mais embaçados

e estratificados do que os da alegria. No entanto, minha tesoura hesita, hesita…

Mas ainda não. Nós ainda nem somos casados.

102. aprendendo a dizer “esposa”

Nós nos casamos, e foi divertido. Connie e eu já tínhamos sido convidados a tantos

casamentos que às vezes parecia que estávamos frequentando um curso de três anos em gestão

de casamentos. Nós dois tínhamos certeza do que não queríamos, e isso era um estresse. Nós

nos casaríamos em um cartório na cidade e, em seguida, jantaríamos em nosso restaurante

italiano local, reunindo os parentes mais próximos e amigos queridos. Seria modesto, mas

elegante. Connie se responsabilizaria pela lista de convidados, as certidões, a decoração, o

menu, a música e o entretenimento. Eu seria responsável por aparecer.

E por fazer um discurso, é claro. Na preparação para o casamento, revi o texto diversas

vezes, dedicando mais esforço para o discurso do que a qualquer texto em prosa desde que fiz

meu ph.D. sobre interações RNA em proteínas, apesar de ser discutível qual dos dois incluía

as melhores piadas. Por querer tudo, palavra por palavra, em Arial corpo quatorze, fui

obrigado a transcrever minhas emoções vários meses antes de vivenciá-las. Previ que ela

estaria bonita e que, ali de pé ao lado dela, eu me sentiria feliz e orgulhoso — não, mais feliz

e mais orgulhoso do que jamais me senti na vida — e certamente tais previsões se tornaram

mesmo realidade. Ela estava espetacular naquele dia, vestida como uma antiga estrela de

cinema, usando um vestido preto decotado e colado ao corpo, um irônico antídoto ao branco

virginal como mandava a tradição. Nos anos seguintes, ela se arrependeu da escolha. “O que

eu tinha na cabeça?”, diria. “Pareço uma prostituta em um filme do Fellini”, mas que fique

registrado que achei que ela estava maravilhosa. Eu com certeza estava feliz e orgulhoso,

agradecido e aliviado. Acho que o alívio é uma emoção subestimada. Ninguém entrega um

buquê com as palavras: “Eu nunca estive mais aliviado na vida.” Mas eu nunca pensara que

fosse me casar, muito menos com *aquela* mulher…

Durante a breve celebração, Fran, amiga de Connie, leu um poema de T. S. Eliot, que soava

muito bem, mas que desafio qualquer um a explicar em bom e claro inglês, e minha irmã tocou

uma sofrível interpretação de “In My Life”, dos Beatles, em um teclado eletrônico, sorrindo

cheia de coragem em meio a uma torrente de lágrimas e catarro que teria sido muito

apropriada caso Connie e eu tivéssemos recentemente morrido em um desastre aéreo, mas que

parecia tão macabra com nossa presença ali que Connie teve um ataque de riso, que me

contagiou. Para me distrair, dei uma olhada no meu pai, que estava sentado com os cotovelos

apoiados nos joelhos, apertando a ponte do nariz, como se tentando conter uma hemorragia

nasal.

Em seguida, teve o “aceito”, a troca das alianças, as poses para fotos. Gostei de tudo isso,

mas casamentos transformam a noiva e o noivo em artistas e acho que estávamos um tanto

constrangidos na presença do outro naquele dia, nenhum de nós acostumados a ser o centro das

atenções. Nas fotos, pareço envergonhado, preocupado, como se tivesse sido retirado do meu

lugar na plateia e empurrado para o palco. Parecíamos felizes, é claro, e apaixonados, se é

que isso aparece nas fotos, mas a gente sempre imagina que a conversa entre a noiva e o noivo

no dia do casamento será formada apenas por palavras carinhosas, um perpétuo "você me

completa", mas ainda havia táxis, lugares à mesa, sistemas de som a organizar, e, é claro, os

discursos. Logo no início, minha irmã se oferecera para ser meu "padrinho", e fez um discurso

prepotente que se concentrou no fato de nossa atual e futura felicidade terem sido ideia dela, e

em como jamais poderíamos lhe retribuir esta grande dívida e que nem deveríamos tentar.

Kemal, padrasto de Connie, fez um discurso divertido que remeteu repetidas vezes à aparência

da minha mulher, o que causou certo desconforto, e então foi a minha vez.

Contei algumas das histórias que já narrei aqui, sobre nosso primeiro encontro, sobre Jake,

o trapezista, sobre Connie ter dito sim no balcão da delicatéssen da Sainsbury's, em Kilburn.

Não sou um contador de histórias nato, mas houve algumas risadas, assim como alguns

murmúrios e pedidos de silêncio vindos da mesa dos colegas da escola de arte de Connie.

Porque Angelo estava lá, eu já disse isso? Nos meses que antecederam o casamento, houve

alguma discussão quanto à sua presença, mas teria parecido paranoico e convencional da

minha parte banir todos os ex-namorados dela, isso sem mencionar que essa medida teria

eliminado metade da lista de convidados. Então, lá estava o bom e velho Angelo, bebendo

muito e fazendo, imagino, algum comentário sarcástico sobre o evento. Para a gangue de

Angelo, com certeza eu era uma espécie de Yoko Ono. Mas não importava. Concentrei meus

pensamentos na minha esposa. “Esposa”, quão estranho soava aquilo. Será que eu me

acostumaria? Encerrei o discurso com uma conclusão sentimental, embora sincera, beijei

minha esposa — essa palavra de novo — e fiz um brinde em sua homenagem.

Dançamos a versão de “Night and Day” de Ella Fitzgerald, escolha de Connie. Minha única

especificação tinha sido de que nossa primeira dança não fosse nada muito rápido nem

selvagem, então rodamos lentamente como um móbile infantil. Não deve ter sido um grande

espetáculo porque, após os primeiros giros, Connie começou a improvisar agachamentos e

voltas que nos deixou emaranhados um no outro por um instante, provocando risadas nos

convidados. Em seguida, cortamos o bolo, circulamos pelo salão e, ocasionalmente, meus

olhos vasculhavam o lugar por cima do ombro de um colega ou de um tio, procurando Connie,

e ríamos, sorríamos e mostrávamos os dentes um para o outro. Minha *esposa*. Eu tinha uma

esposa.

Meu pai, que parecia mais magro desde a morte da minha mãe, foi embora cedo. Eu lhe

oferecera um hotel para passar a noite, uma indulgência que o deixou chocado. Para ele, hotéis

eram para a realeza e para os tolos.

— Tenho uma ótima cama em casa. E, de qualquer modo, não consigo dormir em camas

estranhas — disse ele.

Então, ele estava disposto a pegar o trem para Ipswich "para o caso de sua irmã começar a

cantar outra vez".

Nós rimos e ele colocou uma das mãos no meu ombro.

— Muito bem — disse ele, como se eu tivesse passado no exame de direção.

— Obrigado, pai. Tchau.

"Muito bem", também foi o que Angelo disse quando me abraçou maliciosamente e, em

seguida, limpou a cinza de cigarro do meu ombro.

— Muito bem, cara. Você ganhou. Cuide bem dela, certo? Connie é uma ótima garota. Ela

vale ouro.

Concordei que ela valia ouro, e o agradeci. Minha irmã, sempre uma crítica perspicaz do

trabalho alheio, pendurou-se no meu pescoço, bêbada e emocionada, e me deu sua opinião.

— Belo discurso, D — elogiou ela —, mas você se esqueceu de dizer à Connie como ela é

linda.

Eu me esquecera? Não achava que houvesse esquecido. Pensei que tivesse sido

perfeitamente claro sobre isso.

E então, pouco após a meia-noite, exaustos e com gosto de vinho na boca, estávamos em um

táxi, indo para um hotel elegante em Mayfair, nossa única concessão ao luxo. Não fizemos

amor naquela noite, embora eu tenha certeza de que isso não é uma coisa incomum entre casais

recém-casados. Em vez disso, nos deitamos um de frente para o outro, com hálito de

champanhe e pasta de dentes.

— Oi, marido.

— Oi, esposa.

— Está se sentindo diferente?

— Não muito. E você? De repente, se sentiu cansada? Sem saída, confinada? Oprimida?

— Deixe-me ver… — Ela girou os ombros, flexionou os pulsos. — Não, não, eu acho que

não. Mas ainda estamos nos primeiros dias.

— Eu te amo.

— Também te amo.

Se foi o dia mais feliz das nossas vidas? Provavelmente não, até mesmo porque os dias

verdadeiramente felizes tendem a não envolver tanta organização, e raras vezes são tão

públicos e tão caros. Os dias felizes ocorrem de forma inesperada. Mas, para mim, pelo

menos, parecia o culminar de muitos dias felizes, e o primeiro de vários outros. Tudo

continuava o mesmo, no entanto, não era o mesmo e, pouco antes de dormir, senti a mesma

ansiedade que ainda sinto na véspera de uma viagem longa e complicada. Tudo está no lugar,

bilhetes, reservas e dinheiro estrangeiro, passaportes na mesa do corredor. Se estivermos no

nosso melhor momento, ou se ao menos nos esforçarmos para estarmos, não há nenhum motivo

para que todos não vivamos momentos maravilhosos.

Mas, e se algo der errado ao longo do caminho? E se os motores do avião falharem, ou se

eu perder o controle do carro? E se chover?

103. *il pesce*

Vista de cima, Veneza parece um peixe achatado com a boca escancarada, talvez um sargo ou

uma perca, com o Grande Canal representando seu trato intestinal. Meu percurso começou na

cauda do peixe, o extremo leste da cidade, Castello, as velhas docas, os terraços compridos e

retos das mais belas casas dos trabalhadores da Europa. Então, fui seguindo ao longo da costa

norte, a barbatana dorsal, através de Cannaregio, onde as ruas tinham um aspecto mais

ensolarado, quase costeiro. Atravessando o Ghetto até a estação de trem e, depois,

prosseguindo pelo principal fluxo turístico, que, de fato, parecia um fluxo, com turistas

fazendo fila para se espremerem sobre a ponte Rialto. *De quantas máscaras uma cidade*

precisa? , perguntei para mim mesmo, me arrastando por outra rua comercial escura, com a

intenção de chegar à Praça de São Marcos, o que me pareceu como subir à superfície para

respirar, tão brilhante e imensa que nenhuma multidão de turistas poderia preenchê-la, embora

estivessem tentando. No meio do Grande Canal — a bexiga natatória do peixe, suponho —

parei um instante para descansar. Naquela manhã vi guitarristas com voz nasalada, a “Dança

da Fada do Açúcar” tocada nas bordas das taças de vinho, um malabarista espantosamente

inepto cuja rotina consistia em deixar cair os malabares, mas menos exibições do que eu

esperava. Procurando os termos “artista de rua” e “Veneza” no celular, descobri

que a cidade

era considerada território hostil. A internet estava repleta de estátuas vivas furiosas e

ressentidas que eram expulsas pela assídua *polizia municipale*. Era necessária uma

autorização, e eu tinha certeza de que Cat era muito selvagem e tinha um espírito muito livre

para se submeter à burocracia italiana. Eu estaria à procura de uma acordeonista guerrilheira,

alguém que age rápido e desaparece na multidão. Sem tempo para descansar, então. Para ter

energia, comi minha banana passada e segui em frente, arrastando-me pela multidão em

direção ao teatro Fenice, onde um músico de rua em trajes de Pierrô cantava um "La donna è

mobile" repleto de trinados. Estava cansado. Era demais, gente demais. Segui para o sul,

passando rapidamente por homens da África Ocidental vendendo bolsas até chegar ao

Dorsoduro, a barriga do peixe.

104. a macadâmia

Depois de tanta pedra antiga, havia algo de agradável, leve e temporário a respeito da ponte

de madeira Accademia, e me detive um instante para olhar o leste em direção à entrada do

Grande Canal, absorvendo a vista. "Absorver" é uma palavra estranha, que

implica em alguma

sustentação ou retenção. Enquanto eu pudesse admirar a elegância e a proporção da cena, eu

ficava mais atento à massa de turistas ao meu redor, além da extraordinária confiança dos

arquitetos venezianos em permitir que seus melhores edifícios oscilassem à beira da água. E

quanto à umidade? E quanto a inundações? Não faria sentido ter um trecho de gramado ou

jardim como uma espécie de zona intermediária entre a casa e toda aquela água? Mas aí não

seria Veneza, disse a voz de Connie na minha cabeça. Aí seria Staines.

Continuei andando e ouvi outra voz.

— O mapa está funcionando para você?

Em cidades estrangeiras, presumo que todo mundo que fale comigo quer dinheiro, por isso,

andei mais um pouco antes de me virar e ver a mulher do café da manhã da *pensione*. Dei

meia-volta.

— Está me servindo muito bem. Você está na fila para a Accademia? — O que foi uma

pergunta um tanto idiota, pois ela estava na fila para a Accademia.

— Accademia — disse ela.

— Como?

— A *cca* demia, não Acca *de* mia. O funcionário da recepção do hotel corrigiu a

minha

pronúncia. Terceira sílaba. É Acca *de* mia. Como a noz.

— Desculpe, que noz?

— A noz macadâmia.

— Não, você quer dizer a maca *dâ* mia! — falei.

Não sei se a palavra escrita captura todo o esplendor da tirada. Fiquei tão feliz que acabei

produzindo um ligeiro gemido no fundo da garganta, e a mulher riu da primeira piada sobre

pronúncia de nozes na História da Humanidade. Parecia improvável que qualquer um de nós

pudesse superar tal observação, por isso falei:

— Aproveite a galeria!

— Vejo você no café da manhã! — respondeu ela.

Caminhei em direção ao Campo Santa Margherita, onde devorei uma gordurosa, embora

deliciosa, fatia de pizza, e bebi um litro de água gelada com gás, e então, arrotando

discretamente, fui até a tumultuada e enfumaçada Piazzale Roma, na boca do peixe. Da cauda à

cabeça, eu levara pouco menos de três horas.

Mas fora o corpo do peixe, San Paolo e Santa Croce, que me derrotara, os becos sem

saída, as vielas e zigue-zagues que desafiavam a bússola. Meu mapa era inútil ali, e

encontrando-me a sós em um pátio fresco e requintado, minha reação não foi de "ah, que

graça, que beleza", mas "quanto desperdício inútil de tempo". Após uma hora vagando

desanimado, me virei para o sul no passeio aberto do Zattere, a nadadeira pélvica do peixe.

Os turistas comiam *gelati* em embarcações flutuantes, mas eu estava atrasado, e com o espírito

muito abatido quando me aproximei de La Salute, onde me escarrapachei nos degraus de

mármore perto do local onde eu pedira Connie em casamento, em uma noite de inverno, vinte

e dois anos atrás. No momento, havia ali um jovem artista de rua da idade de Albie cantando

uma música do Oasis, composta antes de ele ter nascido, a letra aprendida foneticamente e

despojada de consoantes.

— *Un mayee, ure gonna be uh-un uh safe mee*…

Eu sentia falta de Connie e me perguntei por mais quanto tempo ela continuaria sendo

minha mulher. Sentia falta do meu filho e estava desesperado para encontrá-lo e trazê-lo de

volta para casa. Pressionei a dobra das mãos nos olhos.

— *An afer awwww, ure my wunnerwaw.*

Então peguei minha mochila, peguei o vaporetto para voltar à ponta da cauda do peixe,

percorri o mesmo trajeto novamente, e, em seguida, mais uma vez.

105. o planalto

Quando eu era criança, era assim que eu imaginava que seria a vida de casado.

No dia seguinte ao casamento, você vai caminhar de mãos dadas por um grande e amplo

planalto e, ao longe, vê obstáculos espalhados, mas há também prazeres, pequenos oásis, se

preferir: os filhos que você vai ter e que vão crescer saudáveis, amorosos e fortes, os netos,

as manhãs de Natal, os feriados, a estabilidade financeira, o sucesso no trabalho. Fracassos,

também, mas nada que possa matá-lo. Portanto, há altos e baixos, ondulações na planície, mas

dá para antever a maior parte do que vem pela frente e vocês andam em direção àquilo, de

mãos dadas durante trinta, quarenta, cinquenta anos, até que um dos dois morre e o outro se vai

logo em seguida. Do ponto de vista de uma criança, era assim que o casamento parecia ser.

Bem, agora posso dizer que a vida de casado não é de modo algum um planalto. Há

ravinas, grandes picos irregulares e fendas ocultas, que fazem os dois tatearem em meio à

escuridão. Depois, há trechos sem brilho, ressecados, que você acha que nunca vão acabar, e

grande parte do percurso é repleto de silêncio, e, às vezes, não dá para ver

mesmo a outra

pessoa, outras vezes, ela se distancia muito de você, ficando praticamente fora de vista, e a

viagem se torna difícil. Muito, muito, muito difícil.

Seis meses após o nosso casamento, minha mulher teve um caso.

106. o cara no trabalho

Não tenho certeza do quanto posso falar sobre o assunto, porque eu não estava lá. É muito

mais fácil discutir a infidelidade do ponto de vista dos participantes. Eles têm olhares,

sorrisos e toques secretos, corações disparados, emoção e culpa. O traído não sabe de nada

disso, estamos apenas cumprindo nossas responsabilidades numa ignorância feliz até batermos

de cara na vidraça.

Também não posso oferecer uma rede intrigantemente emaranhada de dicas, pistas e

percepções graduais. Não houve telefonemas misteriosos, faturas do cartão de crédito de

restaurantes em que eu nunca estive, nenhum trabalho de detetive da minha parte. Descobri

porque Connie me contou, e, se ela não tivesse confessado, eu não teria ficado sabendo. Ela

me disse aquilo sem preâmbulos, em uma manhã de sábado, com a cabeça apoiada no armário,

porque ela não sabia o que fazer.

— Como assim? — perguntei.

— Não sei o que fazer em seguida.

— Sobre o quê?

— Sobre Angus.

— Angus?

— Angus, meu amigo, o cara no trabalho.

Aparentemente, havia um cara no trabalho — ele sempre foi um “cara”, o que me irritava

—, um artista que havia pouco tempo fizera uma exposição na galeria onde ela estava

trabalhando em tempo integral. Ao trabalharem até tarde, eles beberam um pouco de vinho e

se beijaram, e ela pensou muito naquele beijo, assim como o tal Angus, aquele *cara*, e na

semana seguinte foram a um motel.

— Um motel? Não entendo, você está aqui todas as noites, você sempre está aqui! Quando

foi que…

— De tarde. Há duas semanas. Meu Deus, Douglas, você realmente não suspeitou de nada?

Realmente não notou a mudança?

Eu não notara. Talvez eu fosse desatento, insensível ou complacente. Nós não estávamos

fazendo amor com tanta frequência como antes, mas isso não era incomum. Não é essa a piada

mais antiga sobre casamento? Nós deveríamos estar tentando ter um bebê, mas era mesmo

surpreendente caso houvéssemos perdido um pouco do ardor inicial para este projeto? E, sim,

houve momentos em que Connie me pareceu um tanto distante, pouco comunicativa, distraída,

momentos em que vagávamos juntos até a pia da cozinha como colegas em uma pausa para o

chá matinal, momentos em que eu caía no sono ao som de sua respiração irregular em vez de

perguntar o que havia de errado. Mas eu estava trabalhando muito naqueles dias, muito

mesmo, às vezes durante a noite, para concluir um projeto e ao mesmo tempo garantir verba

para o próximo, e havia exigências ilimitadas do meu tempo e da minha atenção.

Bem, ela tinha a minha atenção no momento. Não sou um homem especialmente passional.

Meses, anos se passam sem que eu altere a voz, e acho que as pessoas, às vezes, interpretam

isso como docilidade. Mas quando perco a compostura — bem, uma analogia apropriada seria

a diferença entre energia cinética e energia potencial, entre o fluxo de um rio e uma represa

que está prestes a rebentar. Meu Deus, a lembrança daquele fim de semana terrível; os gritos,

as lágrimas e os socos nas paredes, o horrível argumento circular. Por que ela tinha feito

aquilo? Porque ela o amava? Não, não mesmo. Será que ela ainda me ama? Sim, claro que

sim. Então, por quê? Tinha sido porque ela o amava? Não, não mesmo, e assim por diante até

tarde da noite. Os vizinhos reclamaram, dessa vez não por causa da dança. No segundo dia, o

choque e a raiva se dissiparam um pouco, e nós vagávamos de um cômodo para o outro,

insensíveis e incoerentes. Saíamos de casa e caminhávamos ao longo do Regent's Canal,

algum lugar novo para nos sentirmos infelizes. Por que ela fizera aquilo? Será que estava

entediada? Não ou apenas ocasionalmente. Infeliz? Não ou apenas às vezes. Ela me disse que

algumas vezes queria se sentir mais jovem, queria algo novo. Mudança. Então ela queria

prosseguir com o casamento? Sim, claro que sim! Será que ela ainda queria ter filhos? Sim!

Filhos comigo? Sim, mais do que qualquer coisa. Então, por que ela…?

No domingo à noite estávamos exaustos. Aqueles dois dias foram como uma febre terrível

e suponho que esperávamos que, no final, o perigo tivesse passado. No entanto, insisti que

Connie dormisse em outro lugar, despachando-a para a casa de Fran, porque não era essa a

convenção? A mala, o táxi aguardando? Eu não queria vê-la nem ouvi-la até que estivesse

decidida.

Mas assim que o táxi se afastou tive vontade de correr atrás e fazê-lo parar. Porque estava

com medo de que, uma vez banida, ela nunca mais voltasse.

107. telefonema de connie

— Acordei você?

— Um pouco.

— Acho que não dá para acordar alguém um pouco, não é mesmo?

— Quer dizer, eu estava só cochilando. Há uma diferença de horário, sabe.

— De uma hora, Douglas! Sinto muito, você quer voltar a dormir?

— Não, não, eu quero falar com você.

Ergui um pouco o corpo na cama pantanosa. Eram onze da noite.

— Sei que não devia ligar para você, mas…

— Connie, alguma notícia?

— Nenhuma. Imagino que você ainda não o tenha encontrado.

— Não, mas vou encontrar.

— Como você *sabe,* Douglas?

— Tenho os meus métodos.

Ela suspirou.

— Continuo mandando mensagens de texto para ele, uma vez por dia. Nada melodramático.

Apenas “ligue, sentimos sua falta”. — Havia uma precisão artificial em sua voz

que sugeria

que ela andara bebendo, o equivalente a demonstrar para um policial que você consegue fazer

o quatro. — Disse para ele que nós dois estamos na Inglaterra. Nenhuma palavra em resposta,

Douglas.

— Isso não quer dizer que ele não esteja bem. Significa apenas que ainda está me punindo.

— A nós, Douglas, está punindo a nós dois.

— Você não fez nada de errado. Eu, sim. — Ela não me contradisse. — Se você falar com

ele, não diga que estou aqui. Pergunte onde ele está, mas não diga que estou procurando por

ele.

— Verifiquei o e-mail dele e o perfil do Facebook também. Nem uma palavra.

— Como você conseguiu verificar isso? Imaginei que ele mantivesse essas coisas em

segredo.

Connie riu.

— Fala sério, Douglas. Sou a mãe dele.

— Onde você está agora? — perguntei.

— No sofá. Tentando ler.

— Alguém sabe que você está em casa?

— Só os vizinhos. Estou me escondendo. Que tal o hotel?

— Um pouco triste, um pouco úmido. Você se lembra daquele velho aquário que Albie se

recusava a limpar? Tem o mesmo cheiro. — Eu a ouvi rir do outro lado da linha. — O colchão

meio que me suga.

— Que barulho é esse?

— É a caldeira do hotel. Tudo bem, isso só acontece quando alguém liga uma torneira.

— Ah, Douglas, volte para casa.

— Eu estou bem, de verdade. — Uma breve pausa. — Como está o idiota do nosso

cachorro?

— Ele não é idiota, é complicado. E está bem. Feliz porque estou de volta.

— Como está o tempo?

— Chuvoso. E em Veneza?

— Quente. Úmido.

— Engraçado, eu só consigo imaginar Veneza no inverno.

— É, eu também.

— Sinto muito não estar aí.

— Você não poderia vir?

— Acho que não.

— Estive naquele lugar hoje. Onde eu a pedi em casamento. Você se lembra?

— Vagamente.

— Eu não procurei. Não foi uma peregrinação, o lugar estava no meu caminho.

— Tudo bem. Sinto muito por não ter estado lá com você.

— Sim, poderíamos ter deixado uma coroa de flores.

— Douglas…

— Estou brincando. Isso é, como se diz? Humor negro. — Algum tempo se passou. — Você

não se arrepende, não é mesmo?

— Do quê?

— De ter dito sim.

— Não acho que eu disse sim. Eu disse?

— Bem, você acabou dizendo. Depois que eu a exauri.

— Foi. E não me arrependi nem por um instante. Mas não vamos falar sobre isso agora. Só

liguei para dizer que sinto a sua falta.

— Fico feliz. Agora, preciso ir dormir.

— E, Douglas… Estou gostando do que você está fazendo. Acho que é um pouco maluco,

mas é… admirável. Eu te amo.

— Ainda dizemos isso?

— Só se for verdade.

— Bem, então, eu também te amo.

108. dolorido

Não voltei a dormir até umas seis, então acordei às sete horas e descobri que as articulações

dos meus joelhos estavam calcificadas. Meus quadris doíam como se eu tivesse sido

atropelado por um carro, por isso, levei algum tempo e muitos gemidos e suspiros para me

livrar da sucção do colchão e me sentar na beirada da cama. Eu suara febrilmente durante a

noite e a roupa de cama estava úmida o suficiente para plantar agrião. Esvaziei o copo de água

da mesa de cabeceira e me arrastei até a pia minúscula para beber mais dois copos. Ao

examinar meus pés, descobri que estavam monstruosos, muito úmidos, pálidos e ossudos como

um pé de porco embalado a vácuo. Terríveis bolhas haviam se formado no calcanhar e nos

dedos. Era claramente um absurdo pensar que hoje eu poderia fazer o mesmo circuito três

vezes, ou mesmo uma vez. Eu precisaria repensar meus planos, encontrar vias principais e

ficar à espreita. O Rialto, a Ponte Accademia, a entrada ocidental da Praça de São Marcos —

com certeza Albie passaria por ali em algum momento. Apliquei emplastros inúteis nos calos

e nas bolhas mais graves, desci com um passo de robô até o salão de café da manhã, enchi

tigelas com pêssegos enlatados e muesli ressecado e cuidadosamente me sentei

em uma

cadeira.

— Ai… ai… ai.

— Então, você conseguiu? — perguntou a mulher.

— Consegui?

— Ver Veneza inteira em um dia?

— Acho que sim. É por isso que não consigo mexer as pernas. Como foi a… Acca *de* mia?

Pronunciei certo?

— Maravilhosamente. Acabei não indo, no final das contas. Chegaram alguns ônibus de

turismo antes de mim e odeio ficar olhando por cima dos ombros das pessoas. Havia turistas

demais. Incluindo eu mesma, é claro.

— Este é o paradoxo do turista: como encontrar um lugar que não tenha pessoas exatamente

como nós.

— Embora, é claro, como qualquer turista, eu pense em mim como uma *viajante*. —

Sorrimos um para o outro. — Talvez eu tenha sido ingênua, mas realmente não estava

preparada para as multidões.

— Sim, eu só estive aqui no inverno.

— Talvez agosto tenha sido um erro. Em Verona foi a mesma coisa.

— Muito cheia.

— Você também esteve em Verona?

— Só por duas horas. Eu estava trocando de trens.

Ela expirou e balançou a cabeça.

— Cometi o erro de ir ver a varanda de Julieta. Acho que nunca me senti mais deprimida

na vida.

— Eu também! Senti a mesma coisa.

— Eu praticamente queria me arremessar dali. — Eu ri e, encorajada, ela se inclinou para

a frente. — Você está indo para…?

Estou procurando meu filho sumido.

— Ainda não tenho certeza. Estou… seguindo meu faro.

Ficamos em silêncio por um instante. Então…

— Eu me sinto uma idiota gritando pelo salão — disse ela. — Se importa se eu me juntar a

você?

— Nem um pouco — respondi, dobrando o mapa para abrir espaço.

109. freja kristensen

Acho que é por isso que algumas pessoas viajam, para conhecer outras pessoas, mas para mim

isso sempre foi uma área polêmica. Conversar, o gradual revelar de alguém, suas

peculiaridades e características, opiniões e crenças; que coisa mais angustiante e

embaraçosa.

Connie sempre fora a sociável, e eu a deixava conhecer novas pessoas no meu lugar. Mas

aquela mulher estava sentada na diagonal à minha frente, e não tive alternativa senão oferecer-

lhe a minha mão.

— Sou Douglas. Como o abeto. — A piada com o abeto de Douglas foi fraca, eu sei, mas

podia ter graça especial para uma escandinava.

— Meu nome é Freja, mas infelizmente não consigo pensar em um trocadilho com o meu

nome.

— Que tal Frija na Gordura? — falei, a tempo de ouvir a voz dentro da minha cabeça

gritando: “Não!” Houve um silêncio de choque e, em pânico, fui obrigado a fazer um

comentário sobre o café da manhã. — Queijo no café da manhã. Sempre achei isso uma coisa

muito europeia, queijo com salame.

— Vocês não comem isso na Inglaterra?

— Não. Comer queijo no café da manhã é um tremendo tabu. Assim como o pepino e o

tomate não têm lugar na nossa mesa matinal. — Meu Deus. *Fale normalmente, seu idiota*.

— Embora, para falar a verdade, dificilmente dê para chamar isto de queijo. — Ela

balançou o quadrado pálido e úmido entre o indicador e o polegar. — Em casa, usamos este

mesmo material para revestir o chão do banheiro.

— Parece que tem pedaços de chocolate no meu muesli.

— O mundo enlouqueceu!

— Este não é o melhor hotel de Veneza, não é mesmo?

Freja riu.

— Achei que seria divertido viajar com pouco dinheiro, mas o desconforto sempre é mais

agradável na teoria do que na prática. — *Desconforto*. Ela falava inglês muito bem. —

Disseram que meu quarto tinha ar-condicionado, só que aquilo faz tanto barulho quanto um

helicóptero aterrissando. Mas, caso eu não o ligue, acordo todas as manhãs com os lençóis

colados ao corpo.

Parecia haver algo um tanto indecente naquela revelação, por isso, perguntei:

— Você é de onde, Freja?

— Copenhague.

— Você fala inglês maravilhosamente bem.

— Eu? — perguntou ela, sorrindo.

— Você fala inglês melhor que meu filho! — falei, fazendo o mesmo tipo de observação

desajeitada e inútil que me trouxera até ali, afinal de contas.

— Obrigada. Gostaria de poder fingir que isso é porque li um bocado de Jane Austen, mas

se trata, principalmente, de televisão ruim. Séries policias, de detetives. Aos nove anos, toda

criança na Dinamarca aprende inglês ouvindo: “Encontramos outro corpo, superintendente.” E

música pop, também. Você é bombardeado com elas desde a mais tenra idade. O mesmo

acontece em toda a Escandinávia. — Ela deu de ombros. — É um absurdo que eu fale inglês

melhor do que sueco. Mas, como canta o Abba, conhecendo a mim, conhecendo você, não há

nada que possamos fazer!

— Gostaria de poder responder em dinamarquês.

— Não se sinta mal por isso. Há muito tempo perdemos a esperança de que o mundo viesse

a aprender.

— Minha mulher gosta muito dos programas de televisão de vocês. — *Em seguida, vou*

falar de arenques e Lego, pensei, e me perguntei se o hábito de se apegar a clichês como estes

era algo particularmente britânico, ou melhor, inglês.

— Nosso presente para o mundo. — Ela sorriu e afastou a cadeira. — Douglas, apesar de

tudo, vou pegar mais deste suco de frutas nojento. Posso trazer alguma coisa para você? Eles

têm bolo…

— Não, obrigado.

Eu a observei se afastar. *Minha mulher gosta muito dos programas de televisão de vocês*.

A sintaxe desfigurada tinha voltado, e por que eu estava me esforçando para falar de Connie?

Claro que eu não pretendia negar sua existência, mas também não havia qualquer motivo para

pendurar no pescoço um cartaz escrito “casado” — exceto, suponho, por ter consciência de

que Freja era uma mulher muito atraente. Cerca de cinquenta anos, imaginei, magra e com um

vigor agradável e saudável que sugeria consumo de pão de centeio e prática de natação em

lagos gelados. Pele clara, as veias próximas da superfície das bochechas. Rugas de riso ao

redor dos olhos muito azuis, cabelo castanho que poderia muito bem ter sido tingido — era de

um marrom-escuro um tanto irreal, feito graxa de sapato. Ela sorriu por cima do ombro e

percebi que eu estava me ajeitando na cadeira e passando a língua pelos dentes.

— Então, você está viajando sozinho? — perguntou ela ao voltar.

— Estou. Por enquanto. Pretendo encontrar meu filho em um ou dois dias — respondi, o

que era verdade, embora essa não fosse a história toda. — E você?

— Sim, estou sozinha. Acabei de me divorciar.

— Sinto muito.

— Foi melhor para nós dois. — Ela deu de ombros e riu. — É isso que as pessoas dizem,

não é mesmo? Onde está a sua mulher? Não está viajando com você?

— Ela voltou para a Inglaterra. Teve que voltar para casa mais cedo. Um assunto de

família.

— E você não quis ir com ela?

Nessa hora a imaginação me falhou.

— Não, não.

— Você gosta de viajar sozinho?

— Esse é só o meu terceiro dia.

— Para mim, é minha segunda semana.

— E que tal?

Ela ficou pensando por um instante.

— Achei que a Itália fosse me animar. Pensei que eu fosse caminhar todos os dias por

pequenas ruas medievais e me sentaria todas as noites com um livro em um pequeno

restaurante, comeria uma refeição modesta e beberia uma taça de vinho antes de ir para a

cama. Parecia tão *legal* na minha imaginação. Mas normalmente me dão a mesa mais próxima

do banheiro e os garçons ficam me perguntando se estou esperando alguém.

Então acabo

dando aquele sorriso muito relaxado para que todos saibam que estou bem. — Ela me deu um

sorriso forçado que reconheci de imediato.

— Uma vez, em Berlim, fui ao zoológico sozinho — falei. — O que foi um erro.

Freja riu e levou a mão à boca.

— Mas *por quê*?

— Eu estava em uma conferência e ouvi dizer que era um zoológico ótimo, então…

— Eu fui ao teatro sozinha — disse Freja. — Acho que ir ao cinema, tudo bem, mas no

teatro me senti… estranha.

Nós dois sorrimos e começamos a falar despreocupadamente sobre lugares aonde nunca se

deve ir sozinho. Paintball! Montanha-russa! Trampolim! O circo, decidimos, era o pior. *Um*

ingresso para o circo, por favor! Não, apenas um. Um adulto, sim. Por fim, estávamos quase

histéricos.

— Estou me sentindo melhor — disse ela, enxugando os olhos. — Agora a mesa para um

não me parece tão ruim.

— Ontem à noite eu estava tão exausto que comi um sanduíche no meu quarto com a cabeça

para fora da janela por causa das migalhas.

— Parabéns! — Ela me entregou o açucareiro com uma formalidade falsa. — Você ganhou

o prêmio de solidão internacional do dia.

— Obrigado, obrigado! — falei, aceitando o troféu e reconhecendo os aplausos. Então, me

sentindo um tremendo idiota, botei o açucareiro de volta na mesa. — Agora tenho que ir. —

Tentei ficar de pé, gemendo e me equilibrando na beirada da mesa. — Caramba, estou me

sentindo um velho…

— Meu Deus, o que você andou fazendo?

— Exagerei ontem. Atravessei Veneza inteira três vezes.

— Por que diabo você faria uma coisa dessas? Não tem nada de agradável nisso.

— Não, depois da primeira vez, não.

— Então, por quê?

— Estou procurando… É uma longa história, eu prefiro…

— Desculpe, estou sendo intrometida.

— Não, não, não mesmo. Mas tenho que ir.

— Bem, se você quiser fazer uma pausa… — Parei e me virei. Ela continuou: — Não sei o

que você acha de visitar galerias de arte sozinho, mas prefiro estar acompanhada.

— Hum…

— Vou à Accademia agora de manhã. Abre às oito e meia. Não é muito longe. Podemos

andar bem devagar, nos sentar nos bancos. Se você quiser.

Será que eu iria encontrar Albie por lá? Será que ele realmente estaria em uma fila

esperando a abertura de um museu de arte em Veneza? Improvável, mas seria realmente tão

ruim dedicar uma hora ou mais para o Grand Tour?

— Encontro você aqui mesmo em quinze minutos.

E, assim, Freja e eu caminhamos ao longo da Riva degli Schiavoni, que ainda estava fresca

e silenciosa sob o sol da manhã, e notei que, perversamente, eu estava desejando não

encontrar meu filho.

110. vendo arte com outras pessoas

Freja e eu gostamos muito da Accademia. Havia um senso artístico inerente a uma cidade que,

como várias telas demonstravam, pouco mudara em setecentos anos. Bellinis nítidos e

vívidos; Carpaccios requintados e brilhantes; e, em uma sala, um Veronese imenso do tamanho

de um outdoor, três grandes arcos repletos de gente, vinte, trinta delas claramente

individualizadas e vestindo anacrônicos trajes venezianos, com um Cristo em roupas bíblicas

no centro, preparando-se para comer, de uma forma não convencional, o que parecia ser uma

enorme perna de cordeiro.

— *Banquete na Casa de Levi* — disse Freja, consultando a legenda na parede e caindo

sem querer na minha armadilha.

— Veronese acabou chamando-a assim, mas originalmente recebeu o nome de *A última*

ceia. A Inquisição não gostou da imagem, a consideraram irreverente. Todas essas pessoas

agitadas ao redor: alemães, crianças, cães, negros. Está vendo o gato, debaixo da mesa, aos

pés de Cristo? Acharam que isso era uma blasfêmia. Então, em vez de tirar os animais e os

anões, Veronese simplesmente mudou o título. Não é uma Santa Ceia, e sim um *Banquete na*

Casa de Levi.

Freja me olhou de cima a baixo. Sei que isso é um clichê, mas seus olhos realmente me

examinaram de cima a baixo.

— Você sabe muito sobre arte — disse ela.

Dei de ombros modestamente.

— Minha mulher é a especialista. Eu só captei uma ou duas coisas pelo caminho… — *da*

internet, deveria ter dito. *Minha experiência reside inteiramente em pesquisar as coisas*,

mas fiquei calado e segui andando devagar, com as mãos às costas.

— Então, o que você faz?

— Sou cientista, bioquímico por formação. Infelizmente, não tem nada a ver com arte. E

você?

— Sou dentista, portanto, para mim, bioquímica parece fascinante. Odontologia também

não é muito artístico.

— Mas é necessário!

— Acho que sim, mas não sobra muito espaço para a liberdade de expressão.

— Você tem dentes incríveis — falei, de forma um tanto idiota.

— Bem, aprendi que, assim que você diz que é dentista, as pessoas começam a olhar para a

sua boca. Acho que elas querem ver se você pratica aquilo que prega.

— Pratica aquilo que prega. Viu? Seu inglês é incrível.

— Está querendo dizer que eu sei um monte de clichês?

— Não são clichês. São expressões idiomáticas. Você é muito idiomática.

— Quantos elogios!

— Sinto muito.

— Não, eu não me importo. Por que me importaria?

Na última galeria encontramos um mural fantástico de Carpaccio, que ocupava uma sala

inteira e contava a lenda da vida de Santa Úrsula em forma de história em quadrinhos. Se eu

sei alguma coisa sobre arte renascentista é que as histórias dos santos raramente terminam

bem. Neste caso, a virtuosa Úrsula se despede do seu noivo e deixa a Grã-Bretanha em uma

peregrinação com dez mil seguidoras virgens, mas todas acabam sendo decapitadas pelos

hunos em Colônia. Em uma das telas, uma flecha é disparada à queima-roupa no peito de

Úrsula e eu queria saber qual mensagem poderia ser extraída disso.

— A moral é: não vá a Colônia — disse Freja.

— Já fui a uma conferência em Colônia. Achei uma cidade encantadora.

— Mas algum de vocês era virgem?

— Bem, éramos todos bioquímicos, então… sim. Tenho quase certeza.

Ela chegou mais perto da tela, inclinando a cabeça.

— Pobre Santa Úrsula. Pobres dez mil virgens. Ainda assim, imagino que seja

reconfortante saber que alguém está tendo férias piores do que a sua.

Apesar de todo o sangue nas cenas finais, aquela era uma pintura maravilhosa, cheia de cor

e vida, com cidades estranhas e imaginárias sob um céu azul-cobalto, com uma perspectiva

precisa que é tão evidente no início da Renascença, como se todas tivessem sido construídas

em padrões geométricos realmente fantásticos.

— Não quero parecer presunçoso, mas tenho certeza de que, caso estivesse vivo no início

da Renascença, eu teria descoberto a teoria da perspectiva.

— Sim! — exclamou Freja, agarrando meu antebraço. — Sempre me perguntei por que

ninguém nunca se deu conta disso antes. “Olhe, pessoal! Acabei de perceber que quando as

coisas estão mais distantes elas parecem menores.”

Eu ri, então me lembrei do meu novo disfarce como historiador de arte.

— É claro que é um pouco mais complicado do que isso.

— Claro, claro.

— Adoro a versão da Inglaterra de Carpaccio.

— Sim — disse Freja. — Só que é exatamente igual a Veneza.

— Acho que se você tivesse passado a vida inteira em Veneza, com certeza pensaria que

todos os lugares se parecem com esta cidade.

— E por que você ia querer que fossem diferentes?

Então saímos à luz límpida e azulada da manhã, a cidade parecendo de algum modo

restaurada e vivificada depois que a víramos em telas antigas. Aquelas chaminés estranhas e

robustas ainda estavam lá, a mesma geometria acentuada dos edifícios, os tons de rosa, laranja

e amarelo-pêssego, a perspectiva forçada da vista leste do topo da Ponte Accademia.

Olhamos em torno.

— Que lugar — comentou Freja. — Não deveria estar aqui, mas está.

— Tem um ótimo café em Santa Margherita — falei. — Se você não estiver com pressa.

111. ponte dei pugni

Seguimos para o oeste. Freja se separara havia dois anos, estava divorciada havia seis meses.

— A história de sempre. Mal cabe repetir. Ele teve um caso, então eu tive um caso bobo

para puni-lo, e depois ele teve outro caso, como se fosse um jogo de pôquer ridículo. Só que

ele se apaixonou pela amante e eu, não. No início, foi horrível, uma catástrofe. Caótico,

chocante e triste. Tínhamos montado nosso negócio juntos e trabalhávamos no mesmo

consultório todos os dias. Passávamos o dia inteiro discutindo, brigando e trocando

acusações. Acredite, ninguém quer ver sua dentista chorando, não enquanto ela está

trabalhando. Dá para imaginar? Lágrimas pingando na sua boca enquanto aquela mulher

histérica segura uma broca. E, claro, as crianças ficaram furiosas com nós dois.

— Quantos filhos?

— Duas meninas. Mas elas já tinham saído de casa e estavam na faculdade, então talvez as

coisas pudessem ter sido piores.

— E você acha que isso foi uma das causas para o rompimento? — perguntei, adotando um

tom casual.

— O fato de elas terem saído de casa?

— E de que o seu trabalho estava de algum modo… concluído?

Freja deu de ombros.

— Para ele, talvez. Não para mim. Eu amava a nossa família, tinha orgulho de nós; nunca

pensei naquilo como um trabalho. Meu marido costumava me deixar louca, é claro, mas isso

era irrelevante. O importante era que estávamos casados e ficaríamos juntos até a morte. —

Ela ficou em silêncio por um instante. — Por isso, foi terrível. Muito choro, muita gritaria. E

as meninas saíram um pouco dos trilhos. Mas, então, vamos dizer, para continuar com a

metáfora, que você está caído em meio às ruínas, estende a mão e sente que suas pernas ainda

estão no lugar, assim como seus braços e sua cabeça. Você pode ver e ouvir, e percebe que

ainda consegue se levantar. E é isso que você faz: se levanta, recupera o fôlego e se afasta

cambaleante. Estou falando demais. Isso porque não disse nada além de “grazie” e “mesa para

um” nas últimas três semanas.

— Eu não me importo. De verdade.

Tínhamos saído dos becos escuros e chegado ao Campo San Barnaba, a fachada da igreja

clara, elegante e sem adornos.

— Eu não tinha visto esta praça. Gostei muito — disse Freja, e, como seu guia turístico, me

senti bastante orgulhoso.

— Você precisa ver isso — falei, me comportando outra vez como um perito. Na ponte, no

lado oposto da praça, havia quatro pegadas profundamente entalhadas no mármore branco. —

É uma ponte de luta. Se você tivesse uma desavença com alguém, resolvia a questão aqui.

Uma espécie de ringue de boxe público. As pegadas indicam onde as brigas começavam.

— Você é um verdadeiro historiador local, Douglas.

— Eu leio os guias. Isso deixa minha mulher maluca. Ela está sempre me dizendo para

deixar o livro de lado e erguer a cabeça. Erga a cabeça!

Encaixamos nossos pés nos entalhes no mármore.

— Talvez eu devesse ter trazido meu marido aqui — disse ela.

— Vocês ainda se dão?

— Tão bem quanto possível com alguém que você odiou. É uma relação "amigável". Seria

essa a palavra? "Amigável" — disse ela, erguendo os punhos.

112. música de inverno

No Caffè Rosso, nossos cafés foram extraídos de uma imensa engenhoca de bronze que

assobiava e soltava vapor como a caldeira de uma locomotiva. Nós os levamos para o pátio

ensolarado daquela praça maravilhosa, com seu *campanile* na extremidade oeste como se

tivesse sido cortado por uma tesoura gigante.

— O que aconteceu com a torre da igreja?

— Não faço ideia.

— Douglas, achei que você teria uma história interessante sobre isso. Pensei que você

soubesse de tudo.

— Não tive tempo de pesquisar. Desculpe.

Houve um silêncio ansioso. Freja confiara em mim, então era a minha vez de oferecer uma

explicação de por que um sujeito desgrenhado de meia-idade estava circulando por Veneza

com tênis de adolescente. Em vez disso, minha atenção se voltou para o jovem violinista do

outro lado da praça que começara a tocar uma música triste e em tom menor. Bach, imaginei.

Sempre que acho um trecho de música inacreditavelmente deprimente, presumo que é Bach.

— Então, Douglas. Você e sua mulher, vocês estão juntos ou separados?

Baixei a xícara de café, abri e fechei a boca em seguida.

— Espero que você não se importe com a pergunta — disse Freja. — Eu o aborreci esse

tempo todo falando sobre a minha vida e achei que você fosse gostar de ter a oportunidade de

me aborrecer também.

— Isso é justo. E eu lhe diria se soubesse. Nós estamos em um… estado de transição. Com

isso quero dizer que estamos fisicamente separados, mas continuamos juntos. O processo

não… estamos num momento de mudança. Não estou explicando muito bem as coisas, não é

mesmo?

— Você está querendo dizer que ainda não decidiram se querem ficar juntos.

— Ah, não. Eu decidi. Ela, não.

— Entendo. Ao menos acho que entendo. Você quer dizer que…?

— Freja, espero que não se importe, sei que você tem sido muito franca, e não estou sendo

evasivo. Mas a minha razão para estar aqui, em Veneza, é mais complicada do que… Não é

inteiramente… O que quero dizer é que prefiro guardar isso para mim. Faz algum sentido?

— Claro. Peço desculpas.

— Não tem por que pedir. Por favor, não peça.

Ficamos ouvindo o violinista por um tempo enquanto ele executava trinados e variações

elaboradas sobre a mesma sequência de acordes menores. Era um jovem de sapatos surrados e

camisa para fora da calça, com aquele ar irreal que os músicos às vezes compartilham com os

cientistas e os matemáticos. Eu me perguntava se talvez Albie não devesse ter escolhido o

violino em vez do violão. Talvez nós devêssemos tê-lo empurrado nessa direção.

— Ele é muito bom, mas acho essa música muito triste — disse Freja. Eu também me sentia

triste e magoado. — É música de inverno — acrescentou ela.

Eu gostaria de pedir desculpas pelo meu filho. Eu perdera de vista meu propósito e

esquecera a razão de estar ali. Eu me distraíra por causa de um flerte absurdo e irrelevante.

Todos aqueles olhares de esguelha, aquelas confidências, aquela afetação patética de cultura e

sofisticação. Eu estava sendo ridículo. Devia ir embora.

— De todas as praças que vi, gostei mais dessa — disse Freja. — Estou tentando entender

o que a torna diferente e acho que são as árvores. Em Veneza, não sinto a menor falta dos

carros, mas sinto falta de verde.

— Tenho que ir — falei, levantando-me abruptamente.

— Ah, é mesmo?

— Sim, sim, preciso, estou atrasado, eu devo… começar a andar.

— Talvez eu podia andar com você.

— Não, eu realmente preciso ir. É difícil explicar. — Meu coração ficara

acelerado de

repente. Muito café, talvez, ou medo. — O fato, Freja, é que meu filho desapareceu. Desse

jeito parece que ele foi sequestrado. Mas não foi, ele fugiu e tenho uma teoria de que ele está

aqui em Veneza e preciso encontrá-lo. Então…

— Entendo. Isso é terrível, desculpe. E deve estar deixando-o muito preocupado.

— Está. Desculpe.

— Por que os britânicos se desculpam por estarem aflitos? Não é culpa sua.

— Mas é! É! Esse é o maldito problema! — Eu estava revirando minha carteira, o pânico

aumentando. — Desculpe, só tenho vinte euros.

— Eu pago.

— Não, eu gostaria de pagar. Aqui, tome.

— Douglas, por favor, sente-se.

— Não, não, eu tenho que ir…

— Dois minutos não vão fazer diferença.

— Aqui, tome os vinte…

— Douglas, eu vou embora amanhã de manhã.

— Tudo bem, não quero troco, mas eu realmente tenho que…

— Douglas, eu disse que estou indo embora. De Veneza. Provavelmente não vou vê-lo

outra vez.

— Ah. Entendo. Você vai mesmo? Me desculpe, eu… — Talvez eu devesse ter me sentado

nesse momento, mas continuei de pé. — Bem, foi muito bom conhecê-la, Freja — falei,

oferecendo-lhe a mão.

— Quanto a você — disse ela, me cumprimentando com pouco entusiasmo. — Boa sorte.

Espero que encontre tudo o que está procurando.

Mas eu já tinha saído correndo dali.

113. lago serpentine

Ficamos diferentes após o caso.

Não infelizes, e sim mais formais, bem-comportados. Connie se tornou quieta e retraída de

modo que fiquei muito atencioso, como um garçom que sempre pergunta o que o cliente está

achando da comida. Como foi o seu dia? O que você gostaria de fazer esta noite, o que vamos

comer, o que vamos assistir? Mas fingir que nada mudou é uma mudança por si só. O fato é

que um de nós errara, um de nós fora injustiçado, e minha determinação de ignorar essa

realidade me transformara em um agente de condicional particularmente hipócrita e adulador.

Houve condições para a sua volta, um certo “estabelecimento de regras”, mas nada muito

oneroso nem irracional. Claro, ela não veria ou falaria mais com aquele “cara”.

Tentaríamos

ser mais abertos e sinceros sobre nossas insatisfações e irritações. Sairíamos mais juntos,

conversaríamos mais, seríamos mais gentis um com o outro e, de minha parte, eu me esforçaria

para não me referir à infidelidade. Isso não seria esquecido, como poderia esquecer? Mas

também não seria empunhado como uma arma, um instrumento de negociação nem serviria de

justificativa para uma infidelidade da minha parte, condição que aceitei alegremente.

E o mais importante: decidimos que iríamos nos comprometer de todo o coração ao projeto

de começar uma família e, com certeza, alguns meses depois de quase termos terminado,

recebi um telefonema.

— Já almoçou? — perguntou ela com uma casualidade afetada.

— Ainda não.

— Venha me encontrar no parque, perto do lago Serpentine. Vamos fazer um piquenique!

Do lado de fora da minha janela vi que aquele era um dia tempestuoso de fim de outubro,

dificilmente o clima ideal para um piquenique.

— Certo. Tudo bem, eu vou — respondi.

E então entendi. Entendi por que ela queria me encontrar. Desliguei o telefone e passei um

tempo sentado à minha escrivaninha, sem me mover, mas rindo baixinho para mim mesmo. Nós

seríamos pais. Eu seria pai — marido *e* pai. Aquilo parecia uma promoção maravilhosa.

Avisei aos meus colegas que eu iria me atrasar.

No Hyde Park, eu a vi ao longe, de pé próximo ao lago Serpentine, com as mãos nos

bolsos, a gola levantada. O sorriso que ela se esforçou para suprimir confirmou as minhas

suspeitas e quando me aproximei senti… “amor” é um termo muito amplo, tão elástico em sua

definição que é quase inútil, mas não há outra palavra, exceto, talvez, adoração. Adoração

também cairia bem, forçando um pouco a barra.

Nós nos beijamos, breve e casualmente. Eu tinha decidido me fazer de bobo.

— Então, que surpresa agradável.

— Vamos caminhar um pouco?

— Não trouxe nada para comer.

— Eu também não. Vamos só caminhar. — E nós assim fizemos. — A que horas você tem

que voltar para o laboratório?

— Sem pressa. Por quê?

— Porque eu queria lhe dizer uma coisa.

— Estou curioso…

Talvez eu tenha esfregado o queixo, não me lembro. Nunca fui obrigado a escolher entre a

ciência e uma carreira no palco.

— Douglas. Estou grávida!

E então não havia mais necessidade de fingir e apenas rimos, nos abraçamos e nos

beijamos. Ela segurou meu braço e demos a volta no lago Serpentine três, talvez quatro vezes,

conversando, especulando, fazendo planos, até o dia escurecer e os postes se acenderem. Ela

seria uma mãe maravilhosa, eu não tinha dúvida disso, e eu, bem, eu daria o meu melhor. A

noção de que aquilo que não mata fortalece evidentemente é uma bobagem, mas havíamos

chegado perto do desastre, minha mulher e eu, e sobrevivemos. No momento, estávamos

prestes a embarcar neste próximo capítulo com cuidado renovado. Não iríamos nos separar

outra vez.

114. caseiros

Algum engraçadinho comentou certa vez que os casais só têm filhos para terem algo sobre o

qual conversar. Uma visão bastante cínica, na minha opinião, mas certamente era verdade que

a gravidez de Connie provocou uma espécie de renascimento no nosso casamento. Os altos e

baixos desse processo já foram tão bem documentados no cinema e na televisão que nem

merecem que sejam recontados aqui, exceto para confirmar que, sim, houve surtos de enjoos

matinais, insônia, pés doloridos e tempestuosas mudanças de humor. Havia cômicos desejos

de comida e momentos em que o puro esforço de carregar aquela carga em constante

crescimento levou Connie a chorar de raiva. Diante das exigências irracionais e das fúrias

repentinas, adotei a personalidade de um mordomo atencioso, tolerante, sem queixas e

competente, preparando refeições caprichadas, organizando as visitas, fazendo chá. Aquilo me

caía bem.

E a gravidez também agradou Connie enquanto ela crescia e florescia magnificamente. As

festas enfumaçadas, as madrugadas e ressacas foram deixadas de lado com surpreendente

facilidade, quase alívio, e no momento ela raramente estava sem uma sacola de frutas secas ou

algum suco terrível verde de ervas aquáticas. Isso não quer dizer que a gravidez a tenha

tornado devota ou santa. Ela voltara a ser engraçada, fingindo irritação, às vezes fúria, com o

novo empecilho. “Olhe o que você fez comigo! Olhe só!” Ficávamos em casa, hibernando do

inverno à primavera. Assistindo a filmes e programas banais de perguntas e respostas.

Deitados no sofá, lendo. O quarto de hóspedes foi finalmente reconhecido como quarto do

bebê e equipado e decorado de um desafiador modo unissex, música clássica tocando no

aparelho de som. Viramos adultos comportados. À noite, eu massageava as solas de seus pés

doloridos com os polegares. Nós nos tornamos caseiros, uma atividade monótona e prosaica

para qualquer um além da gente, e estávamos felizes.

Voltamos para o hospital para nossa segunda ultrassonografia, com apenas um pouco de

ansiedade, o suficiente para não parecermos complacentes. Afinal, éramos adultos saudáveis e

responsáveis em um país medicamente avançado, nos últimos anos do século XX. As chances

de algo dar errado pareciam muito pequenas e, com certeza, ali estava na tela, uma vírgula

borrada de carne e ossos macios, animada por movimentos bruscos sugestivos de um fantoche

de palito. Lindo, foi o que dissemos. Objetivamente, é claro, não existe esse negócio de

ultrassonografia linda. Na verdade, aquilo é uma fotocópia ruim de um vertebrado que parece,

para ser sincero, com algo que você poderia encontrar em um lago subterrâneo. Mas será que

algum pai ou mãe não acha aquilo bonito? Havia um coração, do tamanho de uma framboesa,

pulsando; havia dedos. Será que um pai alguma vez deu de ombros e recusou a impressão?

Demos as mãos e rimos.

Mas a indefinição era preocupante. Se gostaríamos de saber o sexo? Sim, por favor,

respondemos. Olhando para a imagem eu não conseguia ver, mas, aparentemente, era uma

menina. Eu teria uma filha, e, embora nunca tivesse expressado uma preferência, confesso que

fiquei secretamente satisfeito. Eu experimentara, e continuava experimentando, a estranheza da

relação entre pai e filho, mas todas as filhas não amam seus pais e vice-versa? Provavelmente

houve certo alívio, também. Nossa filha não procuraria Connie em busca de conselhos e

orientação? Ela não seria o seu modelo, a sua alma gêmea, e também alvo das maiores

discussões? Elas trocariam roupas e se tornariam confidentes e, quando chegasse a

adolescência, as portas bateriam diante do rosto de Connie, não do meu. De pai para filha,

tudo o que eu tinha que fazer era dar carona, a mesada, ter um ouvido compreensivo e dar um

abraço orgulhoso na formatura. Tudo o que eu tinha que fazer era me preocupar com ela, o que

estava totalmente dentro das minhas capacidades.

Levamos nossa imagem borrada para casa e a fixamos em um quadro de avisos, cercada de

Post-its com todos os nomes de que gostávamos — ou melhor, todos os nomes de que Connie

gostava, minha imaginação se recusando algo mais esotérico do que Emily, Charlotte, Jessica

ou Grace. Perversamente, Connie decidiu-se por Jane, um nome tão comum que era

praticamente *avant-garde*. Esfregamos a barriga dela com óleo. Connie parou de trabalhar e

passou a cuidar da casa enquanto eu trabalhava longas horas em um novo projeto, peixe-zebra

desta vez, e esperava o telefonema.

E nessa parte, com alguma relutância, devo retornar àquela noção do tempo como uma tira

de celuloide. O primeiro corte da tesoura foi na London Bridge, na noite em que conheci

minha mulher, mas onde foi o segundo corte? Embora seu caso extraconjugal tenha sido

traumático, valeria a pena revivê-lo apenas pela felicidade do que veio depois, o inverno e a

primavera da sua gravidez, durante a qual nosso casamento mais uma vez fez todo o sentido.

Mas certas coisas não podem ser vividas duas vezes ou mais e, assim, caso me

perguntassem, acho que gostaria de fazer aquele outro corte agora, por favor.

115. pompidou paris acordeão cat incrível

Será que poderia haver um indicador mais claro do ritmo alucinante das mudanças

tecnológicas do que o desaparecimento dos cibercafés? Antes tão modernos, tão pioneiros, tão

Era Espacial, portais para um mundo de conhecimento e fantasia, até que o wi-fi barato e os

smartphones os tornaram obsoletos, e eles viraram tão singulares e anacrônicos quanto um

posto de telégrafo ou uma videolocadora.

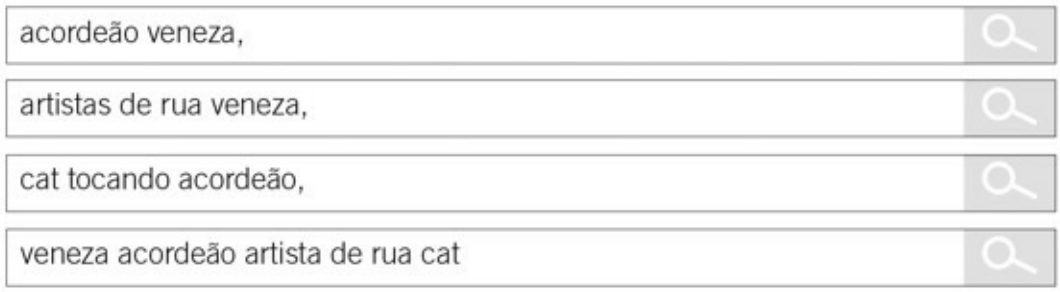
Em Veneza, restara apenas um cibercafé, situado em uma pequena e sombria fileira de lojas

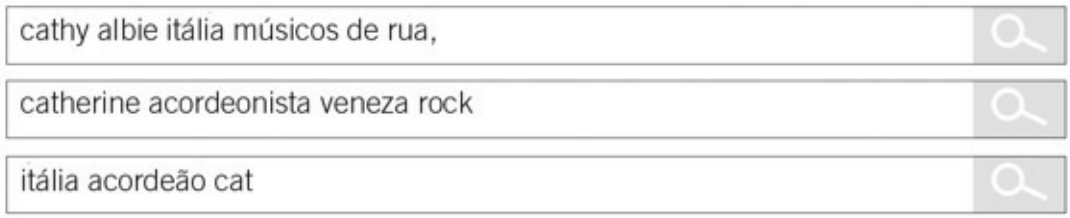
perto de um conjunto habitacional em Cannaregio. Exausto e manco por causa do meu segundo

circuito pela cidade, me refugiei em seu interior fresco e escuro, passando por cabines

telefônicas onde indianos, paquistaneses, árabes e africanos conversavam com urgência, até as

baias de computadores onde os pobres e desesperados se juntavam aos golpistas, chantagistas





e tarados, todos furtivos e curvados sobre cadeiras giratórias com o forro de espuma amarela

exposto, sob o doentio brilho dos monitores. Ouvi explosões e descargas de laser à minha

esquerda, onde um menino de nove anos golpeava o teclado, e alienígenas se desintegravam

ao redor. À minha direita, um jovem sério olhava fixamente para uma página com coisas

escritas em árabe. Sorri para cumprimentá-lo e me virei de volta para o meu computador. O

console e o teclado eram imundos e antigos, de um creme sujo de plástico velho, mas eu

estava exausto e quase sem crédito no meu tablet e, assim, me sentei ali, grato, na sala que

cheirava a papelão molhado e café instantâneo, e fiz minha busca on-line.

Fui tomado pelas dúvidas. De acordo com o telefonema de Albie para o hotel, eu sabia que

ele e Cat estavam vindo para cá, mas e se tivessem mudado de ideia ou já ido embora? Para

me certificar, procurei

um alquimista jogando ingredientes em um caldeirão na vã esperança de encontrar ouro.

Procurei por

Vi coisas que nenhum homem deveria, mas não encontrei meu filho. Decidindo por uma

abordagem mais direta, procurei por Albie Petersen. Sempre do contra, Albie não era um

escravo das mídias sociais e, além disso, seus perfis estavam bloqueados. Mas seus amigos

não eram tão cautelosos ou discretos e achei que poderia facilmente preencher a tela com

fotos do meu filho: em festas, com um cigarro descaradamente pendendo dos lábios; no palco,

com sua terrível banda da faculdade (estive lá, mas não suportei ouvir aquilo, saí furtivamente

para verificar se o carro estava trancado e fiquei dentro do veículo). Ele surgiu como um

nazista em *Cabaret* (eu estava trabalhando até tarde naquela semana) e depois com uma

namorada de quem eu me lembrava vagamente, a penúltima, uma menina linda e quieta, que

devia estar com o coração partido, suponho, pois meu filho foi seu primeiro amor. Em outra

imagem, ele estava descansando na margem de algum rio em um dia nublado de verão, seu

corpo magro e pálido visivelmente arrepiado e então, em uma série de fotos consecutivas,

havia braços e pernas rodopiando enquanto ele largava um balanço de corda e mergulhava no

rio. Ri daquilo e o cara ao meu lado olhou do meu rosto para a imagem na tela, que mudei

rapidamente, dando um duplo clique em alguns dos trabalhos fotográficos de Albie em uma

exposição on-line: um galpão em ruínas em um loteamento, um close de uma casca de árvore e

uma boa foto em preto e branco com alto contraste de dois homens idosos no mesmo terreno,

rostos extraordinariamente retorcidos e pregueados, profundamente enrugados como casca de

árvore, o que, acho, era o objetivo. Gostei daquela foto, e resolvi dizer para ele que gostei —

se e quando eu o encontrasse.

Eu nunca o encontraria, me dei conta disso então. A busca era um absurdo, uma ilusória

tentativa de resgatar alguma dignidade daquela viagem desastrosa para reparar anos de

incoerências gaguejadas e resmungadas. As pessoas que viajam pela Europa não esbarram

umas nas outras, isso simplesmente não é possível. Se Albie voltasse, e com certeza acabaria

voltando, ele o faria no seu próprio tempo. A foto de que eu gostara, e que levaria para minha

mulher como um bombeiro que sai de um prédio em chamas, era uma fantasia vã e

autoindulgente. A única razão pela qual eu ficara na Europa era por estar me sentindo muito

amedrontado e humilhado para ir para casa e encarar o futuro. Fechei a página com as fotos de

Albie.

As pesquisas feitas no YouTube continuavam abertas. Gostaria de tentar outra vez. Digitei

pompidou paris acordeão cat artista de rua, e passei por diversas telas de flautistas de

beatbox, gatos siameses em teclados de piano e clipes deprimentes de estátuas vivas, e ali, nas

desoladas e desconhecidas profundezas da quarta página dos resultados da pesquisa, estava

Cat usando uma cartola de veludo e tocando “Psycho Killer” no pátio do Pompidou.

— Sim! — exclamei em voz alta.

Dei play no vídeo, uma das quatrocentas e oitenta e seis pessoas a fazerem o mesmo, e li o

texto abaixo.

Vi essa grande artista de rua em Paris. Ela é ótima, ela é louca comprem seu Cd Kat toca

rock no acordeão — falo com vocês depois!!!!!

Mais abaixo, outro colaborador com um humor mais crítico:

haha ela canta como você fala inglês… ou seja, é péssimo. Onde você aprendeu inglês

menino idiota hahaha

O debate prosseguia socraticamente ao longo de várias páginas. O vídeo, notei, tinha dois

anos. Não importava. Eu fizera um pequeno avanço: Cat era Kat.

Encorajado, recomecei minha busca: *acordeão kat versão cover, kat artista de rua,* e a

encontrei mais uma vez, sentada em uma cama em um quarto lotado de gente, iluminado por

velas. Melbourne, aparentemente. O vídeo tinha sido postado havia uns seis meses, fora visto

modestas quarenta e seis vezes e consistia em uma animada versão de “Hey Jude”, com os

outros convidados da festa brindando com garrafas de cerveja, tocando bongôs etc. O vídeo

tinha vinte e dois minutos e parecia improvável que se tornasse “viral”. Se eu fosse imortal,

poderia ter visto tudo aquilo, mas não havia necessidade, porque, na descrição, encontrei:

Nossa velha amiga Katherine “Kat” Kilgour da Theatre Factory continua cantando e

aprontando as suas. Amo você Kat Querida. Holly

Kat Kilgour. Eu tinha um sobrenome, e não era comum como Smith ou Evans. Procurei

outra vez, atingindo uma busca mais refinada, fui de um vídeo a outro até encontrar o que eu

estava procurando.

Em uma praça italiana, sob um sol escaldante, estavam Kat e Albie empoleirados nos

degraus de uma igreja ornamentada, cantando “Homeward Bound”, uma antiga

canção de

Simon e Garfunkel. Uma escolha de música estranhamente antiquada, tão distante no tempo

para meu filho quanto o Charleston para mim, mas que fazia parte do pequeno legado cultural

que eu passara para Albie. Connie nunca gostou de Simon e Garfunkel, achava-os meio em

cima do muro, mas Albie os adorava quando era criança e, durante as longas viagens de carro,

tocávamos o *Greatest Hits*, Albie e eu cantando juntos, para grande irritação de Connie. Será

que ele tinha sugerido a música para Kat, ou o contrário? Será que ele pensou nessa música

como algo que herdara de mim? Será que ele queria voltar para casa?

— Muito alto! — disse o garoto que brincava de jogos de guerra à minha esquerda, e

percebi que eu também estava cantando.

Pedi desculpas, coloquei fones de ouvido gordurosos e voltei minha atenção para o vídeo,

postado havia dois dias e visto modestas três vezes. A descrição, embora ao menos fosse

compreensível, não ajudou muito. “Vi esses caras em nosso tour pela Itália e falei com eles

depois. Ela se chama Kat Kilgour e é muito talentosa!!!” E quanto a Albie, hein? Na verdade,

as harmonias eram experimentais, a plateia, pequena e indiferente. Ainda assim,

fiquei muito

feliz ao vê-lo outra vez. Ele parecia bem. Talvez não exatamente “bem” — magro, curvado e

um tanto abatido —, mas se parecia com o que deveria ser um estudante mochileiro, e estava

em segurança.

Mas onde? Revi o vídeo, como um detetive em busca de pistas. A igreja, o café, os

pombos, a praça, os turistas — aquilo poderia ter sido em qualquer lugar da Itália. Eu pausava

algumas cenas, capturava telas, dava zooms em Albie, em suas roupas, em seu rosto,

procurando sabe Deus o quê. Eu ampliava os rostos dos poucos turistas indiferentes, as

fachadas de lojas e paredes em busca de possíveis nomes de ruas. Assisti ao vídeo outra vez,

capturando imagens em momentos essenciais até que algo atraiu meu olhar para um grupo de

pessoas entrando em quadro nos segundos finais, um homem agachado na mesa de um café

conversando com um turista, usando uma camiseta listrada e um chapéu preto com uma fita.

Um gondoleiro.

— Sim! Sim, sim, sim, sim, sim!

116. a experiência vivaldi

Aproveitando ao máximo meu anonimato on-line, deixei um comentário: “Vocês

são

excelentes! O rapaz em particular! Por favor, por favor, fiquem em Veneza.” Então enviei o

link da página para o meu e-mail e voltei correndo para a *pensione*, mancando, mas bem-

humorado. Nossa reserva pré-paga no hotel começaria a valer no dia seguinte. Será que Albie

não ocuparia o quarto atraído pela oferta de hospedagem gratuita em um bom hotel, escolhido

para o seu conforto, comodidade e romance? Connie vinha ligando para ele de casa, na

Inglaterra. Lençóis limpos, chuveiro, pais ausentes, a chance de impressionar a namorada com

um de seus amados bufês de café da manhã? Eu tinha certeza de que ele viria. Tudo o que eu

precisaria fazer era me sentar em um café na calçada em frente e esperar. O que eu diria, além

de me desculpe e volte para casa, permanecia um mistério, mas ao menos uma vez eu faria

uma coisa *certa*.

Parando na recepção, escrevi um bilhete no verso de um panfleto da Experiência Vivaldi.

Freja, me desculpe por minha grosseria hoje. Você deve pensar que sou um desequilibrado, e não é a única

que pensa assim. Por favor, me deixe consertar as coisas pagando o jantar hoje à noite, então, talvez eu

também possa lhe explicar um pouco do que está acontecendo. Se a ideia não a intimidar, estou no quarto 56,

no guarda-louça superaquecido perto do telhado. E se eu não tiver notícias suas por volta das 20h, foi muito

bom conhecê-la. Gostei muito da nossa visita à AccaDEmia! Atenciosamente, Douglas

Antes que eu pudesse reconsiderar, deixei o bilhete com o recepcionista pedindo que fosse

entregue para a senhora dinamarquesa que estava viajando sozinha. Freja Kristensen? *Grazie*

mille. Então, subi a escada com dificuldade e sentei-me pesadamente na cama. Meus

traiçoeiros tênis de corrida foram removidos com um som irritante de sucção. Onde estava

agora o conforto prometido? Apesar dos meus melhores esforços com ataduras e bandagens,

meus pés pareciam ter sido comidos por caranguejos. As bolhas nas dobras dos dedos tinham

estourado, a pele nova estava em carne viva, e a pele morta nas solas dos pés pendia como

bandeiras esfarrapadas. O inchaço tornara meu outro calçado inútil — um par de sapatos

marrons duráveis —, então dei o meu melhor para fazer um curativo nas minhas feridas

enquanto esperava minha amiga ligar.

117. não foi um encontro

Não foi um encontro, é claro. Éramos apenas dois viajantes que buscavam conforto temporário

na companhia um do outro. Mas, ao tirar uma camisa nova da mala e pentear o cabelo, percebi

que não fazia uma refeição com uma mulher que não fosse a minha esposa havia uns vinte

anos. Era tudo muito estranho e resolvi ser extremamente casual, selecionando com

antecedência uma pequena e despretensiosa *trattoria* que eu observara durante minhas

caminhadas pela cidade. Era agradável, embora funcional e não muito cheia de velas

vermelhas nem violinos ciganos.

Freja, porém, parecia ter se esforçado um pouco. Ela me esperava no saguão, sutil embora

efetivamente maquiada, vestindo uma saia justa e o tipo de camisa de cetim branco que

realmente só podemos chamar de “blusa social”. Ela parecia revigorada, saudável e refinada,

e ainda assim percebi que instintivamente eu queria fechar mais um botão de sua blusa, e me

perguntei se eu seria o único homem no mundo a vestir uma mulher com os olhos.

— Oi — falei, pronunciando “oooooiii” e dando a esta difícil palavra um toque escandinavo

para ser compreendido com mais facilidade.

— Boa noite, Douglas.

— Você está muito bonita — comentei, com doçura.

— Obrigada. Gostei muito dos seus sapatos. São muito chamativos e brilhantes!

— Recém tirados da caixa é o termo correto, eu acho.

— Andou jogando basquete?

— Na verdade, eles foram feitos para andar, mas se apegaram aos meus pés como um

terrível parasita alienígena e agora são a única coisa que consigo calçar.

— Gosto deles — disse ela, pousando a mão de leve em meu antebraço. — Você está muito

estiloso.

— Meu skate está estacionado lá fora.

Peguei o braço dela, manquei até a porta e saímos naquele tipo de noite quente e nebulosa

que às vezes chamam de “abafada”.

Fomos para o leste através do *sestiere* de Castello, a ponta da cauda, andando pelas ruas

secundárias e apreciando aquele sentimento de pertencer ao lugar que os viajantes sérios

desfrutam quando os turistas regressam aos seus ônibus e navios de cruzeiro.

— Você nem precisa mais de um mapa.

— Não, sou quase um local.

Fomos parar diante dos imensos portais do Arsenale, as paredes ameiadas como um forte

de brinquedo. Li sobre isso no guia.

— A grande inovação dos venezianos foi a produção em massa de navios, o que fez com

que padronizassem todas as partes. Foi aqui que os construtores navais de Veneza

impressionaram Henrique IV da França construindo um galeão inteiro…

— …no tempo que ele levou para jantar, e, dessa forma, teve início a linha de produção

moderna — completou Freja. — Só que eu acho que foi Henrique III da França. Temos o

mesmo guia.

— Meu Deus, que velho chato eu sou.

— De jeito nenhum, sou igual. Acho bom querer educar. Talvez isso seja uma consequência

de termos filhos. Meu marido, quer dizer, meu ex-marido e eu costumávamos passear de carro

com nossas filhas para elas se distraírem, levando-as a ruínas, cemitérios e galerias velhas e

empoeiradas. “Eis aqui o túmulo de Ibsen, aqui é a Capela Sistina… Olhem! Olhem! Olhem!”

Quando tudo o que elas realmente queriam era ir à praia e flertar com os garotos. Agora que

estão mais velhas elas até gostam, mas, naquela época…

— Era assim que pretendíamos passar este verão. Minha mulher e eu tínhamos a intenção

de levar nosso filho a todas as grandes galerias da Europa.

— E em vez disso…

— Meu filho deixou um bilhete e fugiu com uma acordeonista. Minha mulher está na

Inglaterra pensando em me deixar.

Freja riu.

— Sinto muito, mas *isso* é que são férias ruins.

— Foi divertido e angustiante.

— Eu me pergunto: o que mais pode dar errado?

— Há tubarões nesta lagoa?

— Eu não devia estar rindo. Desculpe. Não é à toa que você estava tão chateado. Vou tentar

não lhe trazer mais problemas esta noite.

Então Freja pegou meu braço e, naquele exato momento, como se ela tivesse ativado um

alarme, meu celular tocou.

118. cerco emaranhado

— Alô?

— Alô. Onde você está?

— Ah, estou caminhando, caminhando. Como de costume.

— Nenhuma notícia, então.

— Ainda não. — Olhei para Freja e movi os lábios sem emitir som, dizendo: *desculpe, só*

um minuto, e gesticulei para que ela continuasse andando na frente. — Mas

estou perto.

— O que quer dizer com isso?

— Quer dizer que tenho uma boa pista. O cerco está se fechando!

— Você parece um detetive particular.

— Estou usando uma capa de Sherlock Holmes enquanto falamos. Não, não estou.

— Não. Então, me conte.

— Você vai ver.

— Teve notícias? Falou com ele?

— Você vai descobrir.

— Mas por que você não me conta?

— Confie em mim, eu tenho uma prova material de que ele está bem e em segurança.

— Bem, devo ir me encontrar com você?

— Não! Não, eu já disse, vou trazê-lo de volta.

— Porque já faz cinco dias e eu realmente gostaria de saber, Douglas.

— Prefiro lhe dizer quando for definitivo.

Houve um silêncio.

— Acho que você deveria voltar para casa.

— Vou voltar quando encontrá-lo.

— Só que você não está realmente procurando por ele, está?

Senti um momento de pânico irracional e, por mais absurdo que fosse, virei as

costas para

Freja, que estava esperando pacientemente na ponte seguinte.

— Estou! Estou à procura dele agora.

— Não foi o que eu quis dizer. Quis dizer que você está fazendo outra coisa.

Devemos virar à esquerda ou à direita? , gesticulou Freja.

— Estou indo jantar. Posso ligar de volta? — perguntei, e movi os lábios para Freja

dizendo: *um minuto*.

— Ah. Está bem. Pensei que a gente poderia conversar, mas se você está muito ocupado…

— Estou sentado à mesa e a comida está prestes a chegar. A comida, não, o cardápio. O

cardápio está prestes a chegar.

— Você disse que estava andando.

— Eu estava. Agora estou sentado à mesa. Odeio ficar falando ao telefone em restaurantes,

é muito mal-educado. O garçom está olhando feio para mim.

Senti que acabei exagerando com este último detalhe porque pude ouvir Connie franzindo a

testa.

— Onde você está exatamente?

— No Castello, perto do Arsenale. Estou sentado do lado de fora e o garçom está ao meu

lado. Posso lhe enviar uma foto, se quiser.

Houve uma pausa que pareceu durar um século, e sua voz baixou de tom.

— Eu estou preocupada com você, Douglas. Acho que você pode estar…

— Preciso ir — falei, desligando o telefone.

Eu nunca tinha feito isso, desligar na cara de Connie. Então, para minha surpresa, também

desliguei o telefone e fui mancando depressa até Freja.

— Sinto muito por isso. Era Connie, minha mulher.

— Quando o telefone tocou, pensei que você fosse pular no canal.

— Só me assustou, foi isso. Preciso de uma bebida. O restaurante é bem aqui.

Entramos em uma pracinha. Nada de máscaras de carnaval ou cartões-postais à venda ali.

Em vez disso, roupas penduradas entre os edifícios como bandeiras comemorativas, aparelhos

de televisão e rádio ligados em salas no primeiro andar, e, na esquina da praça, havia uma

pequena *trattoria* que, apesar das minhas melhores intenções, parecia inegavelmente

romântica.

— O que você acha?

— Acho que parece perfeito.

119. filhas

Nós nos sentamos no lado de fora em cadeiras adjacentes, de frente para a praça. O

restaurante não tinha cardápio e, em vez disso, um senhor pequeno e idoso com

o cabelo

suspeitamente preto nos trouxe taças de prosecco, seguidas de pequenas tigelas de lulas, polvo

e anchovas marinadas, saborosas, gordurosas e absolutamente deliciosas. Como se para nos

tranquilizar quanto à natureza platônica da noite, Freja me mostrou fotos de suas filhas no seu

celular, duas meninas incrivelmente bonitas, com olhos muito azuis, nascidas com um ano de

diferença, que foram crescendo até se transformarem em jovens esguias, cabelos compridos e

dentes brancos, a própria encarnação da saúde e do vigor, fotografadas em fundos que

variavam de praias do Atlântico varridas pelo vento a palmeiras tailandeses, a Esfinge, uma

geleira em algum lugar. Com edição habilidosa, acho possível montar uma exibição otimista

até mesmo da mais sombria e dickensiana das infâncias, mas, como estava evidente no álbum

de fotos de Freja, suas filhas eram particularmente abençoadas. Pareciam aquele tipo de

família saudável que compartilha com alegria a mesma escova de dentes. É claro que ela era

uma mulher muito gentil para se vangloriar disso, mas não pude deixar de notar que, enquanto

Freja geralmente era retratada abraçando sua prole fotogênica, eu não conseguia me lembrar

de uma única foto do meu filho e eu. Talvez quando ele era criança, mas nos últimos oito, dez

anos? Mas deixando isso de lado, lá estava uma fotografia de Anastasia Kristensen nadando

com golfinhos; outra de Babette Kristensen como voluntária em uma aldeia africana. E lá

vinha nossa massa, e mais vinho.

— Anastasia é documentarista. Babette é ambientalista. Tenho muito orgulho delas, como

você provavelmente pode perceber. Tenho uma capacidade quase ilimitada de aborrecer as

pessoas falando sobre as minhas filhas. Vou parar agora antes que você desabe para a frente

sobre o seu linguine.

— De modo algum. Parecem meninas encantadoras — falei.

— E são — respondeu Freja, guardando o celular na bolsa. — É claro que, quando eram

mais novas, às vezes eram umas pequenas biscas… — Ela levou a mão à boca. — Eu não

deveria dizer isso, mesmo sendo verdade, mas, meu Deus, como brigávamos! Felizmente essas

coisas melhoram com o tempo. Mais uma… — Ela pegou o celular outra vez. — Eu estava em

dúvida se deveria ou não lhe mostrar isso, você vai entender porquê…

E lá estava Babette aos vinte anos, sentada nua em uma cadeira hospitalar, com um bebê

recém-nascido da cor de uma berinjela no peito, e o cabelo grudado na testa suada.

— Sim, este ano eu me tornei avó. Dá para acreditar? Sou uma *vovozinha* aos cinquenta e

dois anos! Meu Deus!

Ela balançou a cabeça e pegou sua taça.

— Quem é este aqui?

À esquerda da cadeira havia um homem magro, de aparência distinta, como um senador

romano, incrivelmente bonito, apesar do sorriso bobo e do traje cirúrgico.

— Esse é meu ex-marido.

— Ele parece um astro de cinema.

— E, infelizmente, está bem ciente disso.

— Ele tem olhos incríveis.

— São o meu fraco.

— Espere, ele estava no parto?

— Sim, claro.

— Ele viu o neto… sair?

— Sim, sim, nós dois vimos.

— Isso é muito escandinavo.

Freja riu, e eu dei mais uma olhada na foto.

— Ele é realmente um homem muito bonito.

— Minhas filhas herdaram a beleza do pai.

— Não tenho certeza se isso é totalmente verdade — falei, com gentileza, e Freja me

cutucou com o cotovelo. — Elas se dão bem com o pai?

— Claro, elas o adoram. Eu as instruí diversas vezes a não o venerarem, mas elas insistem

nisso.

Meu filho não me adorava, e por mim tudo bem. Ser adorado me deixaria desconfortável,

assim como “venerado”. Mas “amigável” não seria nada mal.

— Sempre achei que as filhas eram mais complacentes com os pais — falei. — Sempre me

pareceu uma relação mais fácil do que a de pai e filho. E fico me perguntando o porquê disso.

— Acho que é porque você está livre da obrigação de servir de modelo. Ou, ao menos, a

comparação é menos direta. Enquanto que com um filho…

— Talvez. Eu nunca tinha pensado nisso.

Será que Albie sempre quis ser como eu? Em que sentido? Se eu pensasse bastante, talvez

encontrasse alguma resposta, mas, no momento, Freja estava servindo vinho.

— Sinto o mesmo em relação os filhos. Eu teria adorado ter um filho. Um menino bonito e

bem à moda antiga, que eu poderia moldar e vestir e, depois, odiar as suas namoradas. Além

disso, você não deve idealizar as meninas. Se tivesse uma filha, também lhe traria problemas.

— Eu tive uma filha.

— Teve?

— Minha mulher e eu tivemos. Nosso primeiro filho era uma menina, Jane. Mas ela

morreu.

— Quando?

— Logo após nascer.

Um momento se passou. Ao longo dos anos tenho notado que, quando dizemos que

perdemos a nossa bebê, algumas pessoas parecem ficar com raiva, como se estivéssemos lhes

pregando uma peça. Outras tentam dar de ombros, como se aquilo não tivesse importância,

mas ainda bem que isso é raro. A maioria das pessoas é atenciosa e gentil e, quando surge a

situação, como às vezes acontece, dou um sorriso específico e faço uma expressão facial —

Connie também tem uma — para assegurar às pessoas de que estamos bem, e foi o que fiz

então.

— Douglas, eu sinto muito.

— Foi há bastante tempo. Mais de vinte anos.

Minha filha estaria com vinte anos.

— Não, mas mesmo assim, isso é a pior coisa que pode acontecer com um casal.

— Não mencionei isso para ser dramático, mas Connie e eu também temos uma política de

nunca evitar o assunto. Não queremos que seja um segredo ou um tabu. Nós queremos ser…

diretos sobre isso.

— Entendo — disse Freja, mas seus olhos estavam ficando vermelhos.

— Por favor, Freja, não quero estragar a noite…

Não, vinte, não, dezenove anos só. Ela estaria prestes a começar o segundo ano da

faculdade.

— Não, mas ainda assim…

— Não quero estragar a conversa.

Medicina, ou arquitetura, era o que eu imaginava. Ou talvez ela se tornasse uma atriz ou

uma artista. Eu não me importaria…

— Então, o seu filho…

— Albie é nosso único filho, mas é nosso segundo filho.

— E é por isso que você está aqui? Por causa do seu filho?

— Exatamente.

— Ele está desaparecido?

— Ele fugiu.

— E ele tem…?

— Dezessete.

— Ah! — Ela balançou a cabeça, como se isso explicasse tudo. — Ele é uma pessoa

sensata?

Eu ri.

— Nem sempre. Raras vezes, na verdade.

— Bem, ele tem dezessete anos, por que deveria ser?

— Eu era muito sensato aos dezessete anos.

Freja balançou a cabeça e riu.

— Eu não era. Vocês são particularmente próximos?

— Não. Pelo contrário. É por isso que estou aqui.

— Vocês conversam?

— Na verdade, não. Você conversa? Com as suas filhas?

— Claro. Falamos sobre tudo!

— Meu filho e eu juntos é como um programa de entrevistas constrangedor. Albie faz o

papel do jovem astro pop ranzinza que não quer estar lá. “Então, como vão as coisas? O que

você tem feito? Quais são seus planos para o futuro?”

— Mas não conversar um com o outro deve ser uma preocupação.

— É. É mesmo.

— Talvez a gente deva mudar de assunto. A não ser para dizer que eu não pretendo

desdenhar… qual é a palavra? Menosprezar, subestimar a sua preocupação, mas se ele tem

acesso a dinheiro e um telefone para emergências…

— Ele tem…

— E ele é mais ou menos adulto. Por que não deixá-lo em paz?

— Prometi à minha mulher que o encontraria.

— A mulher de quem você está separado.

— Ainda não — falei, na defensiva. — Nós ainda não estamos separados. Simplesmente

não estamos na mesma cidade. Estamos… separados geograficamente.

— Entendo.

Ficamos em silêncio até o garçom retirar nossos pratos.

— Além disso, meu filho e eu discutimos. Coisas foram ditas e eu gostaria de fazer as

pazes. Pessoalmente. Isso parece loucura?

— De forma alguma. Parece muito nobre. Mas se eu tivesse que pedir desculpas para as

minhas filhas por todas as idiotices que eu disse para elas, nunca falaríamos sobre qualquer

outra coisa. Acho que, como pai, a pessoa tem o direito de cometer alguns erros, e ser

perdoado por eles. Você não concorda?

120. filha

Claro que me senti culpado por Jane. De forma irracional, é claro, mas a culpa

raramente é

racional. Fomos advertidos diversas vezes de que não havia nada que pudéssemos ter feito,

que a septicemia que matou nossa filha não foi resultado de um comportamento ou de um estilo

de vida; não estava presente no útero. Embora ela tenha nascido um pouco prematura,

tínhamos todas as razões para acreditar que ela estaria bem e saudável no momento do parto.

Como a raiva é preferível à culpa, eu procurara culpar alguém ou alguma coisa, como o pré-

natal, os cuidados pós-natal, a equipe. A palavra “septicemia” sugeria infecção. Será que tinha

sido culpa de alguma pessoa? Mas logo ficou claro que a equipe fora irrepreensível — mais

do que irrepreensível, na verdade, fora impecável — em conduzir a situação. Foi uma dessas

coisas que acontecem, nos disseram, muito raramente, mas acontecem. Isso foi bom, mas o que

fazer com toda aquela raiva, toda aquela culpa? Connie a assumiu. Teria sido culpa de algum

comportamento do passado, cigarro ou bebida, ou complacência da parte dela? Ela devia ter

feito alguma coisa. Com certeza não poderia haver uma punição tão severa sem algum crime.

Não, nós não tínhamos feito nada de errado e não havia nada que pudéssemos fazer. Foi uma

dessas coisas que acontecem. Só isso.

Não houve nenhuma sensação de perigo no momento do nascimento. Tudo correra bem, a

experiência traumática, apesar de também ser emocionante, ao mesmo tempo familiar e

completamente nova. A bolsa de Connie estourou no meio da noite. A princípio, nenhum de

nós conseguiu acreditar que fosse aquilo — estávamos apenas na trigésima quarta semana —,

mas o colchão encharcado era inegável e colocamos nosso plano em ação, dirigindo até o

hospital, onde caminhamos a esmo e esperamos, o tédio alternando-se com a euforia e a

ansiedade. As contrações começaram no meio da manhã e, em seguida, as coisas aconteceram

muito rapidamente. Connie foi tão forte e feroz quanto eu sabia que ela seria, e às onze e

cinquenta e oito, Jane estava conosco, gemendo e berrando, socando o ar com seus pequenos

punhos, balançando os pezinhos, uma sombra com menos de dois quilos, apesar de forte. Ah,

ela era linda, e toda a preocupação, toda dor e ansiedade foram afastadas pela perfeição e

pela alegria de tudo aquilo. Ela era saudável e podíamos segurá-la no colo enquanto

esperávamos. Tiramos fotos e fizemos juramentos secretos. Eu faria tudo o que pudesse para

cuidar dela e protegê-la do perigo. Connie levou Jane ao peito e, embora ela não tenha se

alimentado de início, tudo parecia bem. Não haveria necessidade de uma incubadora, só

deveríamos ficar atentos. Voltamos para a enfermaria.

Passei a tarde sentado ao lado da cama e observei as duas dormirem, Connie pálida,

exausta e muito bonita. Só Deus sabe o porquê da surpresa, mas eu ficara chocado e aturdido

com a violência da sala de parto, todo aquele sangue e suor, a completa ausência de

delicadeza. Se eu me visse naquela situação, teria optado não apenas por oxigênio e ar, mas

por anestesia geral e convalescença de seis meses. Mas Connie dera à luz com enorme

naturalidade, e me senti muito orgulhoso.

— Você foi incrível — falei quando ela abriu os olhos.

— Eu falei palavrão?

— Muitos. Muitos mesmo.

— Que bom. — Ela sorriu.

— Mas tudo passou a impressão de ser natural também. Você parecia uma… lavadeira

viking ou alguma coisa assim.

— Obrigada — disse Connie. — Você gostou dela? É muito pequena.

— Ela é perfeita. Estou muito feliz.

— Eu também.

Quiseram que Jane e Connie passassem a noite no hospital. Mas não havia nada com o que

se preocupar, e, por isso, não nos preocupamos. Com alguma relutância da parte de Connie,

nos sugeriram que eu deveria ir para casa e preparar tudo para a volta da mãe e do bebê,

então, fiz aquele trajeto, com certeza, um dos trajetos mais estranhos que um homem pode

fazer, e voltei para a casa que estava exatamente como nós a deixáramos. Houve algo de

ritualístico naquelas poucas horas, na preparação para alguma coisa monumental, como se

aquela fosse a última vez em que eu estaria sozinho na vida. Movendo-me em transe, lavei e

arrumei tudo, abasteci a geladeira, organizei o equipamento. Enviei mensagens de texto, dei

telefonemas tranquilizadores avisando que mãe e bebê passavam bem. Arrumei a cama com

lençóis limpos e quando tudo estava no lugar, falei com Connie, fui dormir…

…e acabei sendo acordado por um telefonema pouco depois das quatro da manhã, aquela

hora medonha. Não havia necessidade de pânico — palavras terríveis —, mas Jane estava um

pouco apática, com certa dificuldade para respirar e fora transferida para outra ala. Eles

administraram antibióticos e estavam confiantes de que isso iria funcionar, mas será que eu

poderia ir imediatamente para o hospital? Melhor não ir dirigindo.

Vesti-me às pressas e saí de casa, me apegando aos pontos positivos da conversa — não há

necessidade de pânico —, mas eu era incapaz de esquecer a frase “certa dificuldade para

respirar”, porque o que poderia ser mais fundamental do que a necessidade de respirar?

“Respirar” e “viver” não eram a mesma coisa? Corri até a Kilburn High Road, encontrei um

táxi, me joguei dentro dele, saltei e entrei no hospital pisando forte e saí correndo até a ala de

Connie. Vi as cortinas fechadas ao redor da cama dela, ouvi seu choro e entendi. Afastei a

cortina e a encontrei encolhida, de costas para mim — ah, Connie — e então entendi.

Na manhã seguinte, eles nos levaram para um quarto particular e nos deixaram passar um

tempo com Jane, mas prefiro não entrar em detalhes. De algum modo, consegui fotos e

impressões dos pés e das mãos dela. Embora talvez pareça estranho, nos disseram que

poderíamos gostar de ter isso no futuro, e de fato gostamos. Nós nos despedimos de todos e

fomos mandados para casa com as mãos mais vazias do que nunca.

121. depois

Assim, da mesma forma que eu informara as pessoas sobre o nascimento bem-sucedido,

começamos a desmentir as boas-novas. A notícia se espalhou, é claro, pois as más notícias se

espalham mais rápido que as boas, e em pouco tempo amigos e colegas se reuniram ao nosso

redor. Todos foram gentis, suas condolências sinceras e bem-intencionadas e, no entanto, me

vi sendo intratável e grosseiro quando usavam eufemismos absurdos para a morte da nossa

filha. Não, ela não “se fora”. “Descansar”, “expirar” e “partir” eram igualmente repulsivos

para mim. E também nós não a havíamos “perdido”. Tínhamos total consciência de onde ela

estava. Já “ter nos deixado” implicava em vontade da parte dela, “tirada de nós” sugeria

algum propósito ou destino, por isso, fui grosseiro com amigos bem-intencionados e eles se

desculparam. O que mais poderiam fazer, afinal? Debater o assunto? É claro que hoje me

arrependo da minha intolerância, porque o instinto de suavizar a linguagem é decente e

humano. O termo que o médico usou foi “colapso”. O colapso veio muito depressa, disse ele,

e eu conseguia compreender essa palavra. Mas se alguém nos dissesse que ela tinha “ido para

um lugar melhor”, eu teria vontade de bater nessa pessoa. “Arrancada de nós” soaria melhor.

Arrancada ou separada.

De qualquer modo, meu mau humor era desagradável e insensato, e suspeito de que houve a

sensação de que eu não estava “assimilando bem”. Às vezes, o luto é comparado à dormência,

mas isso estava muito longe da experiência que tivemos. O entorpecimento teria sido bem-

vindo. Em vez disso, nos sentimos açoitados, atormentados, furiosos com o fato de o mundo

continuar girando, aparentemente. Connie, em particular, ficou propensa a terríveis ataques de

fúria, embora na maior parte das vezes ela os mantivesse em segredo ou os dirigisse a mim

para não causar nenhum mal.

— As pessoas ficam me dizendo que sou jovem — disse ela, ao se acalmar após uma

dessas explosões. — Dizem que há bastante tempo e que podemos ter outro bebê. Mas não

quero outro bebê. Eu queria aquele.

Portanto, não fomos gentis, não fomos sábios. Não aprendemos nada. Estávamos

insuportáveis, furiosos, enlouquecidos, com olhos vermelhos e narizes escorrendo, e por isso

nos restringimos a nós mesmos. Amigos escreveram cartas, que lemos, ficamos gratos, e

depois jogamos fora. O que mais poderíamos fazer? Colocá-las no consolo da lareira, como

cartões de Natal? A emotividade exagerada de alguns amigos de Connie era particularmente

difícil de suportar. “Devemos ir visitá-los?”, perguntavam com vozes chorosas e

confortadoras. “Não, estamos bem”, dizíamos, e resolvemos deixar o telefone tocar nas vezes

seguintes. Fomos arrastados à luz do dia para o funeral, um evento breve e atormentador —

que histórias poderíamos contar, o que poderíamos dizer sobre uma personalidade tão

desfigurada? — e ocorreu-me mais uma vez que a dor tem mais relação com aquilo que a

pessoa nunca teve do que com a tristeza pelo que perdeu. De qualquer forma, conseguimos

suportar. A mãe de Connie estava lá, alguns dos seus amigos mais próximos, minha irmã. Meu

pai disse que viria caso eu o quisesse ali, mas eu não quis. Voltamos para casa logo após a

cerimônia, tiramos nossas roupas fúnebres e fomos para a cama, onde ficamos até a semana

seguinte ou mais. Ficávamos deitados e dormíamos durante o dia, comíamos refeições ruins

sem sentir o gosto, víamos televisão com os olhos ligeiramente fixos na lateral da tela. À essa

altura, já estávamos insensíveis. Nunca fui sonâmbulo, por isso não posso confirmar a

semelhança, mas nós nos sentávamos e nos levantávamos, andávamos e comíamos sem

estarmos de fato vivos.

Às vezes, Connie acordava às lágrimas no meio da noite. O sofrimento de alguém que

amamos é algo terrível de se ver, mas os soluços de Connie eram inteiramente carnais e

desolados, e o que eu mais queria era fazê-la parar de chorar. Então eu a abraçava até que ela

voltasse a dormir, ou desistíamos de dormir e íamos juntos olhar pela janela — estávamos no

verão e os dias eram cruelmente longos — e, durante essas horas da madrugada, eu repetia

uma promessa solene.

É claro que as promessas que fazemos nesses momentos são, muitas vezes, absurdas. O

atleta jura que vai vencer aquela corrida, mas chega em oitavo lugar, a criança promete tocar

com perfeição a peça de piano e se atrapalha no primeiro compasso. Eu não jurara na sala de

parto que cuidaria da minha filha e me certificaria de que nada de mal aconteceria com ela?

Minha mulher e eu tínhamos trocado juramentos que foram quebrados em seis meses. Sermos

mais gentis, trabalhar com mais afinco, ouvir mais, arrumar as coisas, fazer o que é certo;

resoluções perpétuas que sempre se desfazem quando expostas à luz do dia, e para que fazer

mais um juramento que não seria cumprido?

No entanto, jurei para mim mesmo. Jurei que, daquele momento em diante, eu cuidaria de

Connie dando o máximo de mim. Eu atenderia o telefone e nunca desligaria na cara dela. Eu

faria tudo que pudesse para deixá-la feliz e com certeza eu nunca, nunca a deixaria. Um bom

marido. Eu seria um bom marido e não a decepcionaria.

122. melancolia

O tempo passou. Voltei a trabalhar e aturei a piedade alheia. Connie ficou em casa e se

afundou em algo que hesitamos chamar de “depressão”, ou talvez fosse simplesmente tristeza.

“Melancolia” era um eufemismo muito cativante: ela estava “melancólica”. Eu ligava do

laboratório sabendo que ela estava lá mas que não atenderia. Nas raras ocasiões em que

atendia, suas respostas eram resmungadas e monossilábicas, irritadas ou raivosas, e eu me via

desejando que ela tivesse deixado o telefone tocar.

— Você está se sentindo melancólica?

— Sim. Um pouquinho.

Eu tentava continuar trabalhando, doente de ansiedade, sentado em silêncio e sem prestar

atenção às reuniões do departamento e, então, à noite, subia a escada até nosso apartamento,

ouvia a televisão muito alta e hesitava, com a chave na mão. Houve momentos, devo

confessar, em que pensei em dar meia-volta, descer a escada e sair… ir para qualquer lugar

que não fosse aquela sala.

Mas nunca fiz isso. Ao contrário, eu inspirava fundo antes de abrir a porta e encontrá-la

deitada no sofá vestindo roupas velhas e com os olhos vermelhos. Às vezes, uma garrafa de

vinho tinha sido aberta, outras vezes, esvaziada, ou eu descobria que uma nova mania

assumira o controle e que ela embarcara em uma tarefa de purificação — pintando todos os

armários de amarelo, limpando o sótão —, abandonando o projeto pela metade. Eu reparava o

dano da melhor forma possível, ia cozinhar alguma coisa saudável e, então, me juntava a ela

no sofá.

Aqui, eu gostaria de poder transcrever algum discurso que eu tivesse feito para tirá-la

daquele estado terrível, algo sobre voltar à vida ou reaprender a viver. Talvez o discurso

terminasse com um floreio: eu poderia ter aberto as janelas ou encontrado alguma inspiração

na natureza. Talvez um bom discurso pudesse ter lhe trazido certa sensação de

“encerramento”. Diversas vezes tentei elaborá-lo, acordado durante a noite; variações

poéticas sobre ideias banais, falando sobre otimismo ou aproveitar o dia, algo sobre as

estações do ano. Mas não sou um orador, me falta eloquência e imaginação, e, após vinte anos,

nem chegamos perto de vivenciar algo tão simples e puro quanto um “encerramento”. Mesmo

que fosse possível, não tenho certeza se ansiávamos por isso. Parar de se lembrar ou de se

importar? Para quê?

Mas me sentei e, ao lado dela, esperei que passasse por aquela grande infelicidade.

Acabamos voltando à vida e percebo que nosso casamento tal qual o concebo agora começou

por volta daquela época. Nós nos aprumamos e começamos a sair de casa, ir juntos ao cinema

e a exposições. Jantávamos em seguida, e voltamos a conversar. A princípio, não ríamos. Ser

capaz de atender o telefone já era grande coisa. Alguns de nossos amigos mais frívolos nos

desertaram durante a reclusão, mas tudo bem. Outros amigos tinham começado as próprias

famílias e ficavam cautelosos em ostentar sua sorte. Nós entendemos e nos sentimos felizes em

nos mantermos afastados. Viveríamos uma vida mais modesta e simples a partir de então.

Ainda se sentindo incapaz de pintar, Connie mudou de carreira. A galeria comercial nunca

a agradara nem a satisfizera, e, em vez disso ela começou um curso de administração artística

de meio expediente, que adorou. Paralelo a isso, começou a trabalhar no museu, aprendendo

os macetes do departamento de educação, que atualmente ela administra com grande sucesso.

No outono, um ano após aquele dia em que andamos em círculos pelo lago Serpentine, nós

dois pegamos mais uma vez um trem noturno para Skye, que não tinha qualquer significado

especial exceto o fato de ser um lugar que adorávamos e aonde poderíamos ter levado Jane.

Acordamos cedo certa manhã, andamos do hotel até a praia sob uma chuva constante e ali

espalhamos suas cinzas.

As poucas fotos que tínhamos foram guardadas em uma gaveta em nosso quarto e admiradas

de vez em quando. A cada ano, nos lembrávamos do aniversário de sua chegada e partida, e

ainda continuamos fazendo isso. Às vezes, Connie especula sobre um futuro imaginário para a

nossa filha — como ela poderia ter sido, seus interesses e talentos. Ela faz isso sem

sentimento, pieguice ou lágrimas. Há quase um elemento de bravata nessa atitude. Como

alguém que mantém a mão sobre a chama de uma vela, ela faz isso para mostrar quão forte se

tornou. Mas eu sempre detestei essas especulações, pelo menos quando feitas em voz alta. Eu

ouço, mas guardo esses pensamentos para mim mesmo.

Em maio seguinte, em um hotel na rue Jacob em Paris, nosso filho foi concebido e, dezoito

anos mais tarde, eu o procurava para trazê-lo de volta para casa.

123. separação geográfica

Contudo, era improvável que eu o encontrasse ali, em um pequeno e agradável restaurante nas

ruas secundárias de Veneza. Na verdade, devo confessar que tirara Albie um pouco da cabeça.

Eu estava desfrutando de uma noite muito agradável, ombro a ombro com uma dinamarquesa

atraente e sedutora, nós dois um pouco bêbados e encantados com aquela maravilhosa massa

com frutos do mar, o vinho branco gelado e o peixe fresco, que nos fora apresentado antes e

depois de ser grelhado, o que me fez sentir irracionalmente culpado…

— Por quê?

— Porque eles lhe mostram esta bela e prateada criatura marinha e você a transforma em

uma pilha de ossos, enquanto a cabeça fica olhando para você, dizendo: “Olhe só

o que você

fez comigo!”

— Douglas, você é um homem muito estranho.

Em seguida, morangos e alguns doces, um espesso licor e, então, com uma selvagem falta

de moderação, café. Café! À noite, em um dia de semana!

— Acho que vou ter que caminhar para digerir tudo isso — disse Freja.

— Boa ideia.

Pagamos a conta, que foi bastante razoável para Veneza, dividindo-a meio a meio. Dei uma

bela gorjeta para o nosso garçom, que apertou nossas mãos, balançou a cabeça e ficou na

ponta dos pés para beijar Freja na bochecha, dizendo em um italiano vociferante que eu era

um homem de muita sorte, muito *fortunato*.

— Agora acho que ele está dizendo que eu tenho uma esposa muito bonita.

— Tenho certeza que sim, só que não sou eu.

— Não sei como explicar isso.

— Talvez seja mais fácil deixá-lo pensar que sou a sua esposa — disse Freja.

E foi o que fizemos.

Voltamos para a ampla e bela Via Garibaldi, ainda cheia de famílias locais comendo nos

restaurantes nas calçadas e, em seguida, entramos em uma avenida cheia de pedestres com

mansões grandiosas margeada por árvores. Caminhamos, e, talvez por causa do vinho, da

beleza da noite ou dos curativos medicinais, eu mal sentia as bolhas e a pele solta nas solas

dos pés. Contei para Freja os avanços que fizera naquele dia e meu plano de esperá-lo em

frente ao hotel pela manhã.

— E se ele não aparecer?

— Um hotel grátis em Veneza, sem a mãe e o pai? Tenho certeza de que ele virá.

— Está bem, mas e se ele vier? O que vai acontecer?

Continuamos a andar.

— Vou convidá-lo para beber alguma coisa. Pedirei desculpas. Vou dizer que estamos com

saudades e que espero que as coisas melhorem no futuro.

Mas mesmo ao revelar o plano, senti sua inerente implausibilidade. Quem eram esses dois

personagens, pai e filho, discutindo francamente suas emoções? Mal tivéramos uma conversa

descontraída desde a “vaca faz mu” e ali estávamos nós, falando sobre nossos sentimentos e

tomando cerveja.

— Quem sabe, se talvez conseguirmos consertar as coisas eu possa chamar Connie para se

juntar a nós e continuarmos o Grand Tour. Ainda falta Florença, Roma, Pompeia, Nápoles. Ele

pode trazer a namorada, se quiser. Caso contrário, eu o levarei de volta para a Inglaterra.

— E se ele não quiser voltar?

— Então, vou usar um lenço com clorofórmio e uma boa corda. Vou alugar um carro e levar

ele de volta no porta-malas. — Freja riu e eu dei de ombros. — Se ele quiser continuar

viajando sem a gente, tudo bem. Pelo menos vamos saber que está bem e em segurança.

Estávamos no ápice de uma ponte alta, olhando para o leste em direção ao Lido.

— Eu bem que gostaria de poder esperar com você, apesar de não ter certeza de como

explicaríamos isso para ele.

— Albie, conheça minha nova amiga, Freja. Freja, este é Albie.

— É, isso pode ser complicado.

— Talvez.

— Sem motivo nenhum!

— Não. Sem motivo nenhum — repeti. Porém, ao olhar para baixo, vi que ela tinha

segurado minha mão, e assim caminhamos ao longo da Riva degli Schiavoni.

— E para onde você vai amanhã? — perguntei.

— Vou pegar o trem para Florença. Tenho ingressos para a Uffizi no dia seguinte. Três

noites em Roma e, depois, Pompeia, Herculano, Capri, Nápoles. Quase o mesmo itinerário

que você. Então, em duas semanas, voarei de Palermo de volta para Copenhague.

— As férias de uma vida.

Ela riu.

— Mas espero nunca ter que fazer isso de novo.

— Tem sido tão ruim assim?

— Não, não, não. Eu vi coisas lindas, maravilhosas. Olhe só para isso agora: é

extraordinário.

Examinamos o horizonte do Lido até Giudecca, onde um transatlântico iluminado, tão

gigantesco quanto um cruzador intergaláctico, partia para o Adriático.

— E a arte, os edifícios, os lagos e as montanhas. Coisas maravilhosas que nunca vou ver

novamente, mas que pela primeira vez estou vendo sozinha. Continuo ficando boquiaberta e

percebendo que não há necessidade. Claro, digo para mim mesma que isso é saudável e faz

bem para a alma, mas ainda não tenho certeza se estamos destinados a ficarmos sozinhos. Os

seres humanos, quer dizer. Parece muito mais um teste, como sobreviver na selva. É uma boa

experiência, ficamos satisfeitos por termos conseguido, mas ainda não é o melhor. Sinto falta

de ter companhia. Sinto saudade das minhas meninas e da minha neta. Vou ficar feliz em voltar

para casa e abraçá-las. — Ela suspirou de repente e girou a cabeça e os ombros como se

expulsasse algo do corpo. — Isso é o máximo que falei em três semanas. Deve ser o vinho!

Espero que você não se importe.

— Nem um pouco.

Logo estávamos de volta à entrada da *pensione*, um de frente para o outro.

— Hoje tive o melhor momento da minha viagem, a galeria e, depois, esta noite. Pena que a

gente tenha se conhecido tão tarde.

— Também lamento.

Um instante se passou.

— Espero que o teto não fique girando quando eu me deitar — disse ela.

— Eu também.

Outro instante.

— Bem!

— Bem…

— Nós dois temos que acordar cedo amanhã. Devíamos ir para a cama.

— Infelizmente.

Abri a porta, mas Freja não se mexeu e eu a fechei de volta. Ela riu, balançou a cabeça e,

em seguida, disse, rapidamente:

— Odeio usar o álcool como desculpa para alguma coisa, mas não sei se eu

conseguiria

dizer isso sóbria e, talvez, considerando a sua situação, você não se importe, mas odeio

imaginar você naquele quarto pequeno e horrível, então, se quiser se juntar a mim esta noite,

no meu quarto, nada… amoroso, não necessariamente, apenas pelo calor… Bem, não o calor,

está muito quente para o calor, por companhia, apenas um porto seguro, porto seguro, isso é

certo? Bem, se você acha que poderia fazer isso sem culpa ou ansiedade, eu adoraria.

— Sim — respondi. — Eu gostaria muito.

E foi o que fizemos.

124. noites selvagens, noites selvagens

Bem, aquilo foi um erro.

Apesar da exaustão clínica, passei a noite inteira sem dormir, mas não pelas razões que se

poderia esperar. A cafeína, o vinho e uma mente inquieta me mantiveram acordado, muito mais

do que qualquer fervor erótico. Na verdade, Freja adormeceu no meu ombro em poucos

minutos, sua respiração com um cheiro forte de bebida e de uma marca desconhecida de pasta

de dentes, e apesar de não estar roncando exatamente, ela fungava, gorgolejava e eu ouvia o

crepitar de alguma coisa presa em sua garganta. A modéstia e a inibição

exigiram que nós dois

ficássemos de camiseta, o que nos deixou desconfortavelmente calorentos, e o toque de um

simples lençol de algodão em meus pés arruinados me fazia contorcer e contrair, e, é claro, as

horas se passavam, e o indiscutível prazer da noite era obscurecido pelo desconforto, pela

culpa e pela ansiedade. Com a melhor boa vontade do mundo, era difícil entender como o fato

de estar deitado sob aquela mulher salvaria meu casamento, e eu estava consciente de que, no

bolso da minha calça dobrada na cadeira, meu celular continuava desligado. Será que Connie

ligara de volta? E se tivesse notícias? E se ela precisasse de mim? Será que ela também

estava deitada sem conseguir dormir? Quando o rádio-relógio passou de três para quatro

horas, abandonei qualquer esperança de pegar no sono, livrei o ombro debaixo da cabeça de

Freja e alcancei meu telefone.

O brilho de uma tela às quatro da manhã é um estimulante mais eficaz do que qualquer

espresso e em poucos instantes eu estava totalmente desperto. Não havia mensagens, nenhum

torpedo nem e-mail. Em busca de tranquilidade, com um desejo sentimental de ver o rosto do

meu filho animado e sorridente, abri o link do vídeo dos dois cantando “Homeward Bound”

naquela praça veneziana desconhecida. O desempenho deles era mais atraente sem som, e

cheguei a notar uma troca de olhar de desejo bobo entre os dois que eu não percebera

anteriormente. “Talvez você devesse deixá-los ir”, dissera Freja. “Deixe-o ir.”

Impossível. Digitei *kat kilgour* outra vez, abri umas duas páginas inúteis e, em seguida,

entrei em um site de compartilhamento de imagens, onde encontrei um diário virtual das

viagens dela. Fotos, muitas, muitas fotos. Ali estavam Kat e Albie na Ponte Rialto, fazendo

beicinho, os rostos colados, direcionando suas testas para a lente olho de peixe do telefone

naquela pose que se tornara padrão ultimamente. Então, uma foto de Albie mal-humorado,

fazendo pose com o rosto apoiado no braço do violão em um preto e branco melancólico, e a

legenda: “Albie Petersen, amor e amigo”, e, mais abaixo, comentários mal pontuados de

amigas e fãs de KK: *lindo!!! saia da frente vadia ele é meu, dois polegares para cima, traga*

ele para sydney, ele tem olhos lindos. Meu estranho orgulho lutava contra a confusão daquele

mundo novo e desavergonhado em que Albie vivia, onde atribuíam cotações para tudo,

inclusive para a atratividade sexual de estranhos, e onde não havia opiniões não expressas.

Sem inibições, sem repressão. *Eu pegava!* , dizia um comentário. Isso era tudo: *eu pegava!* O

que acontecera com as conversas bêbadas e as confidências embriagadas sussurradas em

trattorias de ruas secundárias? Meu Deus, pensei, como eu teria me saído em um mundo onde

as pessoas fossem livres para expressar o que sentiam?

Lá estava Albie em uma cama em algum lugar, seu torso magro exposto, o cigarro pendendo

do canto da boca como um astro do cinema francês e mais comentários de natureza pessoal.

Achei que poderia acrescentar um comentário sem risco de ser descoberto. Contribuiria com

“Fumar NÃO é legal”, e colocaria essa legenda sob a imagem jpeg de um pulmão doente, mas,

em vez disso, segui em frente, passando por uma foto de Kat dormindo em uma plataforma de

trem, então em pé diante da Torre de Pisa, alinhando-se à inclinação da torre, e eu ri, ri de

verdade ao imaginar Albie sucumbindo à tentação daquela foto antes de me pegar pensando…

A Torre de Pisa. Isso não está certo.

A Torre de Pisa não fica em Veneza. Fica em… bem, fica em Pisa.

Olhei para a data da foto. Hoje. Ontem. Xinguei a merda da Torre da merda de

Pisa e levei

a mão à boca.

Voltei para a fotografia anterior, a de Kat na plataforma de trem. O cartaz acima do banco:

Bologna. A legenda:

Veneza, você nos matou, cara. Turistas d+. Na estrada outra vez!

Xinguei mais alto nesse momento, fazendo Freja se remexer na cama e murmurar durante o

sono. Senti o pânico crescer em meu peito. Fique calmo. Talvez seja uma viagem de um dia!

Onde ficava Pisa exatamente? Havia um guia de viagem da Itália em cima da mala feita de

Freja. Bologna estava no centro da coxa da Itália, mas Pisa ficava na… Toscana? Eu não

estava só na cidade errada, mas também no litoral errado.

Avancei pelas fotos de Pisa, Albie parecendo mal-humorado e entediado ao longo do

passeio do Arno, a cabeça desajeitadamente apoiada no violão. *Albie deprê. siga em frente,*

siga em frente. às vezes, viajar é difícil, cara. muito cansativo. precisamos de um lugar

onde a gente possa descansar o corpo. Então volte para Reading, seu garoto idiota! Em

seguida, uma foto de Albie tirada à noite, discutindo com um *carabiniere*, o rosto de Albie

flagrado em um sorriso de escárnio, os olhos do policial sombreados pelo quepe.

“Isto é um

policial, Albie!”, tive vontade de gritar. “Não discuta com um policial!” *Enfrentando os*

fascistas foi tudo o que Kat comentou sobre aquilo. Qual seria a próxima foto? Albie

sangrando por causa de um golpe de cassetete? Não, um gato de rua bebendo da tampa de uma

garrafa de água. *Boa noite, gatinho*, dizia a legenda. *Siena amanhã!*

Amanhã. Isso significava, hoje, esta manhã, em Siena. O relógio marcava quatro e oito da

manhã. Peguei minha calça e meus sapatos e andei até a porta na ponta dos pés.

125. uma carta para freja kristensen, enfiada embaixo de sua porta

Cara Freja,

Acho que ir embora sem dizer adeus se chama “saída à francesa”. Eu me pergunto se

você conhece esta expressão idiomática. Você conhece todas as outras. Parece um tanto

dramático, eu sei, e talvez seja um pouco grosseiro, mas espero que você não fique

ofendida. Estava dormindo tão tranquilamente que não quis acordá-la.

O motivo da minha partida apressada é que descobri aquilo que nós, detetives,

chamamos de “pista quente” sobre o paradeiro do meu filho e preciso atravessar a Itália

antes do almoço. Quem sabe se vou chegar a tempo ou se a viagem vai se revelar inútil, mas

me sinto na obrigação de tentar. Espero que, como mãe, você entenda.

O outro motivo para não tê-la acordado era que eu não tinha certeza do que diria, e

senti que, no papel, teria uma chance melhor de transmitir meus pensamentos com sucesso,

mesmo a esta hora da madrugada. Pensei muito em deixar um número de telefone ou

endereço no topo desta página, mas para quê? Gostei muito da nossa conversa ontem à

noite, mas isso também serviu para me lembrar de por que estou aqui e de certas promessas

e obrigações que carrego comigo.

Então, embora pareça improvável que a gente volte a se encontrar, isto, de modo algum,

reflete o afeto e a gratidão que sinto por você. Você é uma mulher muito interessante,

inteligente e compreensiva, com um vocabulário excelente. Apesar de não acreditar em

destino, tive muita sorte de ter encontrado você em um momento difícil da minha viagem.

Você é uma ótima companhia e, devo acrescentar, uma mulher extremamente atraente, sendo

avó ou não! Parte de mim gostaria de viajar com você para Florença, Roma e Nápoles,

embora, infelizmente, isso não seja possível.

Mas espero que você aproveite o resto de suas férias e que, no futuro, ache a

felicidade,

por conta própria ou com outra pessoa, e continue encontrando prazer em suas belas filhas

e netos. De minha parte, sempre vou me lembrar do dia em que fizemos companhia um ao

outro, sempre vou pensar em você com carinho e com imensa gratidão, assim como, acho,

um certo grau de arrependimento.

Com os melhores votos,

Douglas Petersen

126. partida de madrugada

O nascer do sol encontrou a cidade deserta. Atravessei com pressa ruas e praças silenciosas,

sem esbarrar com uma única alma até a Strada Nuova, onde faxineiros de escritório,

funcionários de hotéis e garçons do primeiro turno caminhavam de cabeça baixa, acostumados

com a luz rosada, com a beleza daquele lugar. O único pensamento que eu tinha no momento

era ir embora.

Peguei o primeiro trem para Florença três minutos antes da partida, escaldando a minha

mão com dois expressos duplos que eu considerara essenciais para aquela viagem, com

alguma espécie de pastel, gorduroso como um saco de batatas fritas. Limpei as mãos em um

pequeno guardanapo, que se desintegrou imediatamente, então saímos à surpreendente luz do

dia, o trem deslizando devagar pela ponte que liga Veneza ao continente como um cordão

umbilical. À minha esquerda, a visão mais estranha: carros.

Os subúrbios continentais de Veneza eram feios e sem graça, então ajustei meu alarme para

dali a duas horas e fechei os olhos na esperança de dormir. Mas as quatro doses de café

espresso que tomei sem refletir acabaram com essa ambição e as palavras do bilhete que

escrevi para Freja ficavam se repetindo na minha mente. Ela estaria acordando naquele

instante, encontraria o bilhete enfiado por baixo da porta, o leria e sentiria… o quê?

Constrangimento? Arrependimento? Irritação? Ela se divertiria com a minha interpretação

incorreta dos fatos? Será que ela daria um sorriso irônico enquanto o guardava dentro do guia

ou o será que o rasgaria ao meio? Talvez eu devesse ter me despedido pessoalmente, afinal de

contas. Um pensamento me ocorreu.

Ao contrário de Albie, eu sabia exatamente onde Freja estaria naquele dia. Em duas horas,

ela estaria sentada neste mesmo trem, observando jardins suburbanos ressecados, polos

industriais e edifícios comerciais genéricos e, assim como eu, se arrependendo daquela

segunda garrafa de vinho. Eu poderia esperar por ela na estação de Florença, talvez com um

pequeno buquê de flores. Poderíamos trocar algumas palavras e nosso endereço de e-mail —

“vamos manter contato, apenas como amigos” — e eu ainda conseguiria chegar em Siena à

tarde.

Ou, mais fantasticamente, eu poderia abandonar de vez a minha busca e ficar com ela

enquanto durasse. Jogar meu celular na lagoa pela janela do trem, deixar Albie ao Deus dará,

e minha mulher fazer o que quisesse. Connie não fora sempre a instintiva, a apaixonada de nós

dois? Depois de todos esses anos de dedicação e confiabilidade, eu não tinha conquistado o

direito de um último impulso de espontaneidade egoísta?

Mas o problema de viver o momento é que o momento passa. O impulso e a espontaneidade

não levam em conta o longo prazo, as responsabilidades e obrigações, dívidas a pagar,

promessas a cumprir. Eu perdera de vista as pessoas com quem me importava e era vital que,

mais uma vez, eu voltasse a atenção para a tarefa que tinha em mãos, resgatando meu filho e

reconquistando minha mulher.

Então, decidi esquecer Freja Kristensen e continuar minha viagem.

PARTE SEIS

TOSCANA

Subitamente, Richard viu seu pai como um jovem, cheio de planos ambiciosos para o

filho, e se perguntou se alguma vez ele já embalara o filho no colo, e correu do trabalho

a casa para fazê-lo; para que ele sentisse essa feroz proteção.

Foi uma das ideias mais estranhas que Richard já teve, e isso o deixou inquieto.

Elizabeth Taylor, *The Soul of Kindness*

127. florença em trinta e seis minutos

Trinta e seis minutos. Este era o tempo que eu tinha para ver a joia da Renascença e fazer

minha conexão para Siena com segurança. Um desafio, percebi, mas seria divertido também,

uma oportunidade de tirar Veneza e a noite anterior da cabeça. Então, saltei do trem, guardei

minha bolsa no *deposito bagagli*, uma frase em italiano que, para ser sincero, parecia

inventada. Acionei o alarme do meu celular e saí em meio à neblina de petróleo da praça da

estação, passando por decadentes lojas turísticas e lanchonetes, pousadas duvidosas, diversas

farmácias e casas de câmbio — quem ainda precisa de uma casa de câmbio?, eu

me

perguntava, nesta época de cartões de débito internacionais? Mas deixa isso para lá. Ao fim

da rua, vislumbrei uma parte do famoso Duomo, que, mesmo ao longe, impressionava por sua

escala e complexidade, mas não havia tempo, não havia tempo, oito minutos no relógio já, e

assim, com um olho no mapa de informações turísticas, segui para a direita, passando por

lojas de telefonia e barracas que vendiam artigos de couro cafonas sob arcos graciosos, fui

ziguezagueando até uma grande praça — a Piazza della Signoria, dizia o mapa — dominada

por uma fortaleza com ameias do tipo que uma criança poderia fazer com uma caixa de

papelão e, à direita, um conjunto de estátuas imensas, como as peças de um jogo maluco de

xadrez: deuses, leões e dragões, guerreiros com espadas erguidas e cabeças decepadas, mais

um soldado nu morrendo de forma extravagante nos braços de seu companheiro, mulheres

gritando, um homem nu e psicótico matando um centauro com uma clava e, observando com

desgosto toda aquela ultraviolência surreal, estava o *Davi* de Michelangelo. Tendo se passado

quinze minutos, meu guia me informou que aquilo era apenas uma reprodução e então notei o

tamanho desproporcional das mãos e caminhei em direção à Galeria Uffizi. Ainda nem eram

dez da manhã e já havia uma imensa fila sob a colunata, as pessoas se abanando com mapas de

hotel enquanto absurdas estátuas vivas da Estátua da Liberdade e de um faraó egípcio estavam

de pé em caixotes de madeira sob as esculturas em mármore de Giotto, Donatello e Pisano.

Dezenove minutos se passaram, e lá estava uma mulher usando uma malha cor-de-rosa e uma

peruca loura e comprida, equilibrada sobre uma concha de papel machê, para a diversão das

pessoas que se cansavam na fila enquanto, nas elegantes galerias acima de nossas cabeças,

estava a coisa verdadeira, pendurada ao lado de Uccellos, Caravaggios e Da Vincis, a famosa

Vênus de Urbino, de Ticiano, e três — três! — autorretratos de Rembrandt. Connie estivera

na Uffizi quando era estudante, falara ansiosamente em retornar — uma pequena joia, dissera,

muito legal e bonita —, e, como um bom viajante, eu tinha ingressos pré-reservados para

quatro dias, e, enquanto o relógio marcava dezenove minutos, me ocorreu que, caso o encontro

com Albie naquela tarde corresse bem, ainda poderíamos usar a nossa reserva! Talvez meu

filho e eu pudéssemos conhecer algumas cidades montesas da Toscana e, depois,

nos

encontrarmos com Connie bem aqui. “Deveriam chamá-lo de ‘fila-ffizi!’”, ouvi alguém dizer

enquanto passava pelas hordas de turistas menos espertos e com menos visão de futuro. “Você

já reservou? Ótima ideia, papai”, diria Albie, e novamente em pé diante da *Primavera*,

Connie seguraria a minha mão. “Obrigada, Douglas!”, diria, e todos os meus cuidados e

preparação seriam justificados. Mas não havia tempo para sonhar acordado. Vinte minutos já

tinham se passado. Caminhei em direção ao rio, na esperança de vislumbrar a Ponte Vecchio,

mas o alarme do meu celular estava tocando, o que significava que eu tinha quatorze minutos

para retornar à estação e, no momento, eu teria que me contentar em ver apenas a fila para a

Uffizi, uma fina fatia do grande Duomo, um *Davi* artificial e uma estátua viva de *Vênus*. Vista

em vinte e dois minutos, Florença era um ímã de geladeira de Botticelli preso em uma bolsa

de couro marrom, mas não importava, voltaríamos como uma família. Refiz meus passos e,

aos vinte e nove minutos, a estação estava novamente à vista. Sem fôlego, privado de sono,

suando muito, resolvi parar de alternar café forte com álcool e descansar no trem para Siena,

me esparramando em meu assento no 1010 com confortáveis três minutos de sobra. Ouvi o

anúncio do trem: Montelupo-Capraia, Empoli, Castelfiorentino, San Gimignano; até mesmo os

nomes eram pitorescos. Eu estaria em Siena por volta das onze e trinta e oito, mais ou menos

na hora em que Albie estaria acordando. Fechei os olhos, reclinei o assento o máximo que

podia — os prazeres dos trens europeus! — e observei os arredores da cidade passarem,

sentindo minhas pálpebras ficando pesadas e, logo em seguida, percebi com um sobressalto

que eu deixara todos os meus pertences no guarda-volumes da estação de Santa Maria

Novella.

128. o trem para siena

Eu não tinha nenhuma muda de roupa ou calçado. Eu não tinha dinheiro, exceto as notas e

moedas no meu bolso, vinte e três euros e oitenta centavos. Sem passaporte, sem guia, sem

escova de dentes nem aparelho de barbear, tablet ou carregador de celular. Eu tinha meu

celular, é claro, mas por não ter dormido no meu quarto na véspera a bateria estava em dezoito

por cento, e naquele momento, subitamente, surgiram todas as mensagens que Connie me

enviara, todas chegando de uma vez, como uma chuva de pedras:

onde você está? por que você desligou na minha cara?

você parecia estranho, e estou preocupada com você, D. por favor me ligue.

não estou com raiva, estou preocupada. primeiro ovo, agora você.

estou indo encontrá-lo. por favor, diga onde você está. diga que está bem.

por favor me informe que está bem e em segurança.

Apertei para responder mas, então, hesitei, já sem certeza se eu de fato estava bem e em

segurança.

129. um copo cheio até a borda

Compreensivelmente, os meses que antecederam o parto foram ansiosos, com Connie

propensa a todo tipo de medos irracionais sobre sua saúde e suas habilidades. Fiz o que pude

para assegurá-la de que tudo sairia bem desta vez. Connie era determinada, forte, capaz,

corajosa; quem poderia ser melhor naquilo? Mas nossa confiança e nossa complacência

tinham sido cruelmente expostas antes e, por isso, fomos cautelosos ao ponto da paranoia.

Vitaminas, óleos e tônicos, dieta orgânica, meditação, ioga: tudo teve o seu lugar. Muito disso

era besteira, é claro, baseado na convicção falaciosa de que nós — ela — fizéramos algo

errado da última vez, mas aquilo deixava Connie tranquila e, por isso, me calei.

Ainda assim,

havia menos daquele bom humor impetuoso da primeira gravidez. Imagine carregar um copo

cheio até a borda durante trinta e seis semanas sem derramar uma gota. Cuidado, precaução,

uma serenidade artificial e frágil. E certa tristeza, também.

Mas é difícil ficar triste ou sereno nesse negócio suado, sangrento e chocante que é o

nascimento. As primeiras contrações vieram às duas da manhã. E essa foi a primeira mas não

a última vez que Albie nos acordaria a essa hora.

— Diga que vai dar tudo certo — exigiu Connie enquanto caminhávamos a esmo pela sala

de espera, suas unhas profundamente cravadas na palma da minha mão.

— Claro que vai — falei.

O que mais eu poderia dizer?

Mas foi tudo bem, foi, sim. Outra catástrofe teria sido muito cruel e Albie veio facilmente,

quase antes de nos darmos conta (embora Connie possa ter uma visão diferente sobre isso).

Por volta das nove da manhã, eu era pai de um filho, e é claro que ele também era lindo.

Mesmo com o rosto roxo e coberto por aquela gosma inominável, ele era encantador — traços

fortes, com o cabelo muito preto da mãe. À medida que a cor assustadora de sua pele

clareava, quando suas feições relaxaram e os olhos curiosos se abriram, uma nova palavra

surgiu: bonito. Um menino bonito, tão bonito quanto fora a irmã. Segurei-o durante toda a

manhã, enquanto Connie dormia, sentado em uma cadeira de vinil ao lado da cama, o sol de

inverno batendo em seu rosto e, meu Deus, eu o amava. Será que meu pai tinha me segurado

daquele jeito? Ele era de uma geração que fora encorajada a ler revistas e a fumar na sala de

espera, e a prole só lhes era apresentada quando a gosma e o sangue do parto já haviam sido

limpos. Eu já tinha idade suficiente para me lembrar da minha irmã sendo trazida do hospital

para casa e da falta de jeito com que ele a segurava, como ele parecia relutante, trocando o

cigarro de uma das mãos para outra, ansioso para passá-la adiante. É incrível pensar que ele

também era da área médica; alguém que deveria lidar facilmente com carne e sangue,

especialmente carne da sua carne, sangue do seu sangue. Bem, eu não seria desse jeito, decidi.

Manteria uma atitude tranquila e relaxada perto do meu filho — minha nossa, “meu filho”, eu

tinha um filho —, e seríamos bons amigos.

Nós o levamos para casa tomando um cuidado neurótico, quase literalmente envolvendo-o

em algodão. As visitas, que outrora vieram se solidarizar conosco, estavam vindo para

celebrar e aceitamos de bom grado os cartões, os presentes e os parabéns com seu quê de

consolo. Ouvíamos o choro dele no meio da noite com um alívio exausto. A mãe de Connie se

mudou para nossa casa para nos dar um ajuda, e minha irmã tornou-se uma presença constante,

regredindo a arrulhos e balbucios, tricotando cardigãs horríveis, e fiz o que era esperado de

mim: mantive a chaleira em fervura constante, arrumei, limpei e fiz as compras, voltando mais

uma vez ao papel do mordomo infinitamente capaz, levantando no meio da noite quando era a

minha vez de ouvir Albie gritar no meu ouvido. Eu me dei instruções: se mantenha positivo,

entusiasmado, amoroso e cheio de cuidados. Fique atento e certifique-se de que nenhum mal

atinja qualquer um deles. Mais resoluções.

130. área da saúde

Quando Albie ficou forte o bastante, dirigimos abaixo do limite de velocidade até o pequeno

apartamento para o qual meu pai se mudara depois da morte da minha mãe, que era bastante

agradável quando ele chegou ali, mas ficou escuro e um tanto triste, com cheiro de cinzeiro e

nada na geladeira. Havia caixas ainda fechadas, quadros que ainda não tinham sido

pendurados, e aquilo parecia mais o depósito de uma vida anterior do que uma casa para se

viver o futuro. Tendo se aposentado prematuramente de sua clínica, meu pai passava os dias

lendo livros de suspense ou assistindo a antigos filmes em preto e branco à tarde, subsistindo

de café instantâneo, cigarros e ocasionais comidas de criança: ovos mexidos, feijão, sopas

prontas. Como clínico geral, ele sempre funcionara mais para dar instrução do que como

exemplo.

Ele nunca fora um homem particularmente vigoroso, mas assim que abriu a porta, ficou

claro que não estava se saindo bem sozinho. Seus dentes estavam sujos e sua pele pálida tinha

sido mal barbeada e havia pelos brotando do rosto, das orelhas e da ponta do nariz. Pela

primeira vez na vida me dei conta de que era mais alto do que ele. É claro que ele sorriu para

o neto, arrulhou e comentou sobre o tamanho das unhas de Albie, seu cabelo e seus olhos.

— Ele se parece com você, Connie, graças a Deus! — exclamou, rindo, mas não estava à

vontade.

Segurou o neto como se avaliasse o peso dele, em seguida, devolveu-o, e lá estava outra

vez: a cautela, o desconforto.

Aliás, ele nunca fora um candidato natural para a área da saúde. Como clínico geral, tendia

a ver tudo, menos as doenças mais graves, como sinais de descuido ou negligência, e acho que

forçou vários pacientes a assumirem um bom estado de saúde assustando-os. Lembro que certa

vez, em férias com a família em Anglesey, esfolei a canela em um pedaço de ferro corrugado,

olhei para baixo e vi a pele pendurada, branca como papel de cera, pouco antes de o sangue

começar a escorrer, e me lembro do meu pai suspirando ao ver aquilo, como se eu tivesse

arranhado a pintura do carro da família. O fato de ter sido um acidente era irrelevante. Se eu

não estivesse brincando, aquilo não teria acontecido. Ele manifestava compaixão com a

mesma relutância com que prescrevia antibióticos.

Eu não me sentia injustiçado por isso. Meu pai era exatamente como eu esperava que os

pais fossem: um profissional capaz e confiante e um pouco retraído, mas que levava a sério

suas obrigações de prover a família materialmente. Pais tinham poltronas favoritas nas quais

se sentavam como capitães de naves estelares, dando ordens, recebendo xícaras de chá e

gritando com o noticiário sem medo de serem contrariados. Os pais controlavam a televisão, o

telefone e o termostato, decidiam a hora das refeições, a hora de dormir, as férias. Educada

em uma república anarcossocialista, Connie e sua família estavam sempre berrando e

discutindo uns com os outros sobre música e política, sexo e digestão, mas meu pai e eu nunca

tivemos algo que desse para chamar de conversa íntima e não tenho muita certeza de que já

quis ter uma. Ele me ensinou como usar uma régua de cálculo e como trocar uma câmara de ar

de bicicleta, mas era mais fácil ele sapatear do que me dar um abraço.

Aquela tarde que passamos com meu pai foi longa e desconfortável. Eu estava muito

orgulhoso da nova família que tínhamos formado. Eu queria dizer: *Olhe, encontrei esta*

mulher maravilhosa ou foi ela que me encontrou. Passamos por algumas coisas, coisas

terríveis, mas aqui estamos nós de mãos dadas, no seu sofá. Observe como seguro o meu

filho, como troco as fraldas com facilidade e segurança! Sem ofensa, me sinto

profundamente grato, mas não sou como você.

Ah, a presunção e a complacência dos novos pais! Olhe como somos *bons*!

Deixe-nos

mostrar como deve ser feito! Tenho certeza de que meus pais queriam dar lições semelhantes

aos pais deles, e é assim se formos para trás e para a frente na História; tenho certeza de que

algum dia Albie estará disposto a nos dar algumas dicas sobre onde nós — eu — erramos.

Mas talvez seja uma ilusão cada geração pensar que sabe mais do que seus pais. Se isso fosse

verdade, a sabedoria dos pais aumentaria com o tempo, assim como o poder de processamento

dos chips de computador, refinando-se ao longo das gerações, e atualmente estaríamos

vivendo em alguma utopia marcada pela franqueza e compreensão.

— Bem, é melhor irmos — falei para o meu pai naquela tarde, recusando a oferta de passar

uma noite no quarto de hóspedes, que estava repleto de caixas de papelão e era iluminado

apenas por uma lâmpada de teto.

— Vou ligar o aquecedor — ofereceu como incentivo.

— Não, a viagem de volta é longa — observei, mas todos sabíamos que não era. Talvez eu

tenha imaginado isso como desencargo de consciência, mas ele pareceu aliviado e voltou a se

concentrar no noticiário antes mesmo de sairmos. *Adeus, pai! Adeus! Albie, dê tchau para o*

vovô! Tchau, nos vemos em breve!

Meu pai morreu seis semanas depois. É claro que não acredito em vida após a morte, muito

menos naquela visão retratada nas charges dos jornais, mas se ele estivesse em uma nuvem

observando o trem indo para Siena, suponho que poderia se permitir uma de suas observações

favoritas:

Viu? Viu? Agora não parece assim tão inteligente!

131. ácido tartárico

Entrei em uma espécie de depressão.

Não foi apenas a perda dos meus pertences — que, afinal, estavam em perfeita segurança e

eram recuperáveis —, mas, sim, minha crescente perda de controle. Já fazia algum tempo

desde que eu falara com Connie. Sentia falta de ouvir a voz dela, mas não estava confiando na

minha voz. Eu tinha certeza de que Siena seria uma espécie de ponto de virada, e eu falaria

com ela quando recebesse uma boa notícia. Mas, se eu não tivesse uma boa notícia, como

poderia voltar para casa?

Em Empoli, dividi a mesa com um menino de roupas listradas, três anos, talvez, viajando

com os avós, que eram grandes e joviais, cheios de sorrisos orgulhosos ao verem o menino

esvaziar o conteúdo de um saquinho de doces, doze jujubas artificialmente coloridas, quatro

vermelhas, oito azuis, polvilhadas com ácido tartárico, que as faziam efervescer na língua. Ele

as contou, então contou outra vez. O garoto as dividiu em linhas e fileiras, três por quatro,

duas por seis, demonstrando aquele instintivo prazer de brincar que parece desaparecer assim

que passamos a chamar aquilo de matemática. Lambeu a ponta do dedo e pegou o açúcar doce

e ácido que se soltara das jujubas, detendo-se na escolha de qual comeria primeiro. Observei-

o descaradamente, talvez um pouco descaradamente demais para os nossos tempos. Ele estava

ciente de estar sendo observado e, quando, por fim, escolheu uma jujuba vermelha, colocou-a

na boca e franziu os lábios ao sentir a acidez. Eu ri e nós dois rimos juntos, seus avós também,

balançando a cabeça e sorrindo.

Ele me disse alguma coisa em italiano tatibitate:

— *Inglese* — respondi. — *No parlo italiano*.

E ele meneou a cabeça como se aquilo fizesse sentido e deslizou um doce azul em minha

direção, com o braço totalmente estendido. O gesto pareceu tão generoso e familiar que

pensei: *Ah, meu Deus, é Albie. É exatamente como Albie costumava ser.*

132. a tecla “gravar”

Porque ele era mesmo um menino encantador, como um garoto de histórias em quadrinhos,

cheio de travessura benigna. Houve dias difíceis, é claro, ainda mais nos primeiros meses.

Difteria! Ele pegou difteria, uma doença especificamente projetada pela natureza para

aterrorizar os pais, e viria mais pânico pela frente, mais erupções misteriosas ou lágrimas

inexplicáveis, nossos nervos perpetuamente abalados pela privação de sono. Mas suportamos

tudo isso de bom grado e com apenas uma ocasional perda de compostura, porque, afinal, não

havíamos ansiado por aquela perturbação em nossas vidas? Voltei a trabalhar, em parte

arrependido, em parte grato por uma trégua, então retornava para casa e fazia minha parte,

dando-lhe banho e alimentando-o, e os dias, semanas e meses se passaram.

Em algum momento por essa época, ele deve ter começado a registrar as primeiras

memórias. Ao menos é o que espero, porque é difícil imaginar uma criança que tenha sido

mais amada e bem cuidada por pais, que, na maioria das vezes, se saíam extremamente bem. A

incapacidade de controlar as lembranças de uma criança é frustrante. Sei que meus pais

fizeram o melhor que podiam para fornecer dias de piqueniques banhados de sol e piscinas

infláveis, porém, o que mais lembro são jingles publicitários, meias molhadas em cima dos

aquecedores, músicas-tema de programas idiotas de televisão e discussões sobre desperdício

de comida. Com meu próprio filho, houve momentos em que realmente pensei "lembre-se

disso" — Albie correndo pela grama alta de um prado no verão, nós três nos espreguiçando

na cama em um domingo de inverno ou dançando pela cozinha ao som de alguma música idiota

—, desejando que houvesse uma maneira de apertar a tecla "gravar", porque, na maioria das

vezes, nós três nos dávamos muito bem juntos, éramos uma família, afinal de contas.

133. a base científica para o amor incondicional

Estávamos tomando banho juntos certa noite, em uma época em que fazíamos coisas desse

tipo, Albie deitado entre as pernas da mãe, a cabeça apoiada em sua barriga, e fiz uma

observação dizendo que, embora todo mundo possa, às vezes, invejar a vida de outras

pessoas, suas carreiras, seus cônjuges (nunca cobicei o cônjuge de ninguém, mas sabia por

experiência própria que outros cobiçaram o meu) era extremamente raro — até mesmo inédito,

e certamente um tabu — preferir os filhos de outra pessoa ao próprio. Todo mundo acha que

seu filho é maravilhoso, mas nem todas as crianças são maravilhosas, então por que os pais

não são afetados por isso? Qual seria a razão para este vínculo fixo e inabalável: neurológica,

sociológica, genética? Talvez, sugeri, sejamos geneticamente predispostos a amar mais os

próprios filhos do que os dos outros como uma espécie de mecanismo de sobrevivência, para

a propagação da espécie.

Connie franziu a testa.

— Você quer dizer que o amor que sente por seu filho não é real, é apenas ciência.

— De modo algum. É real *porque* é ciência! A maneira como você se sente em relação a

seus amigos, amantes ou, até mesmo, irmãos é dependente e subordinada ao seu

comportamento. Com seus filhos, isso é irrelevante. Não importa o que eles façam. Pessoas

que têm filhos malcriados não os amam menos por causa disso, não é mesmo?

— Não, eles os ensinam a não serem malcriados.

— E essa é a diferença: eles ficam ao lado dos filhos mesmo que não sejam bem-

sucedidos, mesmo que continuem malcriados, e ainda assim dariam a vida por eles.

— Albie não é malcriado.

— Não, ele é adorável. Mas todo mundo acha seus filhos adoráveis, mesmo quando não

são.

— E não deveriam?

— Claro que sim! Mas é isso que as pessoas chamam de “amor incondicional”.

— O que, aparentemente, você considera uma coisa ruim.

— Não…

— Ou uma ilusão, um “instinto comportamental”.

— Não, estou só… pensando em voz alta.

Nós dois ficamos em silêncio por algum tempo. O banho estava esfriando, mas sair seria

como ceder.

— Que coisa mais estúpida de se dizer na frente do Albie!

Eu ri.

— Ele só tem dezoito meses! Não entende.

— E suponho que você também saiba disso.

— Eu estava pensando em voz alta, só isso.

— O célebre psicólogo infantil — disse ela, saindo subitamente do banho com Albie em

seus braços.

— Eu estava pensando em voz alta! Era só uma teoria.

— Bem, eu não preciso de uma *teoria*, Douglas — retrucou ela, envolvendo-o em uma

toalha e levando-o embora.

Minha mulher sempre teve o dom das saídas eficientes. Fiquei sozinho na banheira por

algum tempo, sentindo a água ficar cada vez mais morna ao meu redor. *Ela está cansada*,

pensei, *não é nada*, e, com certeza, a discussão foi esquecida quase que no mesmo instante por

todos, exceto por mim.

Ao menos, presumo que ela esqueceu.

134. o incidente do lego

Entretanto, desde o início nunca houve qualquer dúvida de que ela era melhor em tudo, muito

mais competente, gentil e paciente, nunca se entediando naquele velho e aborrecido parquinho,

nunca pegando um jornal para ler, feliz em assistir à vigésima, vigésima primeira, vigésima

segunda descida no escorregador. Tem coisa mais chata do que ficar empurrando um balanço?

No entanto, ela nunca pareceu ressentida — ou apenas ocasionalmente — das horas, dias e

semanas que ele consumia, a atenção que ele exigia, as lágrimas irracionais, o rastro de

destruição, manchas de tinta e purê de cenoura que ele deixava para trás, nunca sentiu repulsa

nem irritação com o vômito que manchava nosso sofá novo, o cocô entre as tábuas do assoalho

que ainda continua lá, em um nível molecular, espero. Enquanto Albie crescia, sua devoção à

mãe ia se tornando cada vez mais evidente e extrema. Nos primeiros anos, tal circunstância é

tão comum que nem precisa ser mencionada. Por mais diligente que seja, até mesmo o pai

mais fervoroso não tem capacidade de amamentar, e o vínculo paterno costuma vir mais tarde,

não é? Jogos de química e modelos de aviões, acampamentos e aulas de direção? Ele me

derrotaria no badminton e, em troca, eu lhe mostraria como fazer uma bateria com limão.

Nesse meio-tempo, havia pouco a ser feito, exceto esperar pacientemente pelo dia em que nos

tornaríamos próximos.

Porém, cada vez mais eu parecia ter o dom especial de irritá-lo, ficando de pé sem jeito

esperando que Connie o pegasse enquanto ele se contorcia e se retorcia em meus braços. Sem

ela ali presente, nós dois ficávamos no limite. A transição de bebê para criança envolve certo

número de acidentes, mas algo durante a ausência da mãe o fazia tropeçar e cair, de forma que

ele ainda tem cicatrizes e marcas para as quais Connie pode apontar e atribuir a mim. Houve o

incidente da mesa de centro; o da queda da árvore; o caso do ventilador de teto. E sempre,

sempre, seus braços se estendiam em direção à mãe, quando ela voltava, porque ele sabia que

ali estaria seguro.

Parece que todas as minhas melhores intenções saíam pela culatra, e até mesmo meus

apelidos carinhosos não pegavam. Connie inventou Ovo, como em Albie/albume/clara de

ovo/Ovo, um nome agradável que parecia se encaixar. Observando a maneira um tanto

simiesca com que ele se agarrava à cintura dela, tentei “Macaco”, mas não pegou, e abandonei

o apelido uma ou duas semanas depois. Em seguida, houve o incidente com o Lego, episódio

que, desde então, passou a fazer parte do folclore dos Petersen como um exemplo de… não sei

bem do quê, porque meu comportamento sempre me pareceu perfeitamente razoável. Não há

necessidade de dizer que cresci brincando com Lego, que era um brinquedo muito mais

rigoroso e austero nos meus tempos, mas que, mesmo assim, era uma espécie de vício secreto

para mim: aqueles cliques satisfatórios, a simetria, a perfeita justaposição. Matemática,

engenharia, arquitetura: estavam todas ali disfarçadas de brinquedo, e então ansiei pelo dia em

que Albie e eu poderíamos nos sentar lado a lado diante de uma bandeja de chá, abrir a

embalagem de celofane, ir até a página um e construir!

No entanto, a técnica de Albie simplesmente não existia. Ele parecia incapaz de seguir as

instruções mais simples, feliz em apenas unir de forma aleatória peças de cores diferentes,

mastigá-las até se tornarem inúteis, cobri-las com massa de modelar, jogá-las atrás do

aquecedor, arremessá-las na parede. Se eu construísse algo para ele — digamos, uma

delegacia de polícia, ou uma elaborada nave espacial —, Albie desmontava o brinquedo em

poucos minutos para transformá-lo em algo sem forma e inominável, e jogá-lo atrás do sofá.

Diversos Legos terminaram desta forma, um brinquedo perfeitamente bom transformado em

detrito para o aspirador de pó.

Certa noite, totalmente motivado pela vontade de dar ao meu filho algo duradouro e

permanente com o que brincar, esperei até que ele e Connie fossem para cama, me servi de

uma boa dose de scotch, misturei um pouco de cola Araldite na tampa de um pote de geleia,

coloquei as instruções à minha frente e cuidadosamente montei um navio pirata, um castelo de

trolls e uma ambulância. Então, em vez de uma caixa com detritos caríssimos, ali estavam três

brinquedos maravilhosos de longa duração. Eu os deixei na mesa da cozinha e fui me deitar,

aguardando vários elogios.

Portanto, as lágrimas e lamentos que me despertaram na manhã seguinte foram um tanto

decepcionantes, e, com certeza, muito desproporcionais aos meus crimes. Mas, olhe, falei

para Albie, eles vão durar para sempre! Não quebram mais! Mas ele não queria que durassem

para sempre, disse Connie, consolando o Albie choroso, ele quer destruí-los, essa é a questão!

É isso que há de criativo neles. O fato da destruição poder ser criativa parecia uma daquelas

coisas que os artistas dizem, mas deixei para lá e fui para o laboratório, mal-humorado e

frustrado, pois tínhamos perdido os prazeres do Lego. Os brinquedos ofensivos foram

guardados no alto de um armário, a história se materializando anos mais tarde como uma

anedota durante o jantar e significando… o quê, exatamente? A falta de imaginação e

criatividade da minha parte, imagino. Falta de graça. Ah, sim, eles se lembraram *disso*.

De qualquer modo, o episódio parecia sempre causar muita gargalhada, e, como pai,

aprendi a desenvolver uma casca grossa e a apreciar as piadas às minhas custas. Ninguém

jamais se atreveu a rir do meu pai e isso já é um progresso, eu acho.

135. siena

Certamente o menino no trem para Siena me achou bastante interessante e, quando chegamos

ao meu destino, já éramos grandes amigos, balançando a cabeça um para o outro, assentindo,

concordando. Eu estava grato pelo doce que ele me oferecera e ficaria feliz em ter engolido

todos, pois quem sabe quando eu ia comer outra vez? Mas estávamos chegando a Siena. *Ciao,*

ciao! Diga adeus ao homem louco e gentil. Balancei os dedos pegajosos do menino e saí para

o calor brutal do meio-dia na Toscana.

O ônibus para a cidade velha estava lotado, e eu tinha consciência de quão

presunçosamente desimpedido eu parecia em meio às mochilas e malas, tão livre e leve como

um louco que fugiu recentemente do hospício. Passamos por um portão medieval,

desembarcamos, as malas rugindo atrás de mim enquanto eu seguia, apressado, à frente,

atravessava outro portão e, em seguida, sem qualquer expectativa, saía à luz brilhante de uma

imensa *piazza*, um leque dividido em nove finas fatias, como a cauda de um pavão ou uma lata

de biscoito escocês, irradiando a partir de um imenso palácio gótico, toda a cena em

vermelho-terracota. Muito, muito esmagador, e estimulante também, porque aquela era uma

cidade murada, compacta e autossuficiente, e se Veneza era um labirinto, Siena era uma caixa

de sapatos. A Piazza del Campo era inevitável, com um claro ponto focal na base. Feito

formigas sob uma lente de aumento, seria impossível que Kat e Albie não passassem à minha

frente. Otimista e alerta, escolhi um ponto sobre os tijolos em padrão espinha de peixe a meio

caminho da ladeira, baixei o boné sobre os olhos e adormeci imediatamente.

136. o encontro

Acordei pouco depois das três e xinguei de forma tão extravagante que os turistas se viraram

para olhar. Como pude ser tão estúpido? Esforçando-me para me levantar, descobri que mal

conseguia ficar de pé. Em minha exaustão, minha cabeça pendera para um lado e, no lado

direito do meu rosto e pescoço, senti a tensão característica que antecede as queimaduras

solares. Dei um passo em falso e me sentei de volta nos tijolos quentes. Três horas! Três horas

em que eu tinha quase certeza de que eles haviam passado por ali. Visualizei com perfeição

Albie passando por cima de mim enquanto eu ficava esparramado como um bêbado. Minha

boca estava seca, e minhas roupas, encharcadas de suor — eu deixara uma mancha úmida no

chão, onde os tijolos absorveram o que restava de umidade no meu corpo — e minha cabeça

latejava com o que certamente deveria ser insolação. Água, preciso de água. Tentei ficar de pé

outra vez, parando um momento antes de cambalear até as laterais daquela ensolarada tigela

de terracota, como Lawrence da Arábia escalando uma duna.

Em um quiosque à beira da praça, paguei uma quantia exorbitante por duas garrafas de

água, bebendo uma e meia antes de parar e observar meu reflexo na parede espelhada. Uma

linha vertical dividia a metade vermelha da metade branca do meu rosto e pescoço, enquanto a

sombra do boné criara um equador na minha testa. O sol desenhara em meu rosto algo

parecido com a bandeira da Dinamarca. Toquei minha pele — a maciez indicando que o pior

estava por vir —, dei o tipo de riso que antecede lágrimas e soluços, e saí para o calor.

Eu me sentia fraco, nauseado, irracional. Voltar ao caldeirão da *piazza* era inconcebível,

mas não havia nenhum quarto de hotel para me deitar e eu só tinha doze euros no bolso, o que

não bastava nem mesmo para me levar de volta a Florença, onde minha carteira e meu

passaporte estavam acumulando multas. Em vez disso, cambaleei em meio à multidão, com a

garrafa de água na mão, tonto e perturbado, agarrando-me à sombra como um vampiro, quase

sem pensamentos racionais em minha mente, até a rua se abrir em um pátio, a fachada

ornamentada do Duomo erguendo-se verticalmente. Um súbito clamor dos sinos do *campanile*

fez todos os olhos se erguerem para o céu e, em seguida, ainda mais alto do que os sinos da

igreja, ouvi o som celestial de Kat Kilgour tocando “Beat It” em seu acordeão.

Esperei até o acorde final antes de avançar e abraçá-la.

— Kat Kilgour! — falei através dos lábios rachados. — Estou tão feliz em ver você!

— Caramba, Sr. Petersen — disse ela, se afastando um pouco. — Você parece

completamente f*****.

Sim, foi um encontro emocional da minha parte, mas ainda assim queria que a polícia não

tivesse se envolvido.

137. sweet child of mine

Reluto em usar termos como “brutalidade”. Foi tudo um mal-entendido, ou talvez um exagero

da parte deles, e da minha também. Se eu tivesse sido mais equilibrado, teria lidado com a

situação de outro modo. No entanto…

— Kat, você não faz ideia do que eu passei.

Era inegável que eu estava muito feliz em vê-la, muito mais do que ela estava feliz em me

ver, pois estava para começar seu próximo número, uma apresentação de “Sweet Child of

Mine” em forma de hino. A parte vocal dessa música é difícil, então esperei pacientemente até

a instrumental e disse:

— Kat, preciso ver Albie. Ele está com você?

— Não posso falar, Sr. P.

— Não, certo, mas preciso saber se ele está bem. Talvez mais tarde?

— Não posso falar, Sr. P.

— Ah. Certo. Está bem. Desculpe, você está tocando o seu solo, mas se eu

pudesse saber

onde…

— Ele não está aqui.

— Mas está por perto? Está? Está?

Ela começou o verso seguinte, e me pareceu justo que eu jogasse minhas moedas em seu

chapéu-coco.

— Se você apenas pudesse me apontar a direção? — Uma nota de cinco, outra de dez euros

se seguiram, o dinheiro que me restava. Comecei a vasculhar os bolsos à procura de mais

moedas. — Kat, vou deixá-la em paz, mas estou vindo de muito longe e…

A música terminou, mas imediatamente ela emendou com “Riders on the Storm”, e se

começasse aquela música poderia nunca mais parar.

— Kat, na verdade, estou lhe pagando para que você pare de tocar! — gritei, e então

coloquei a mão no fole do acordeão, o que foi demais, admito.

É claro que a reação de Kat foi violenta, a canção acabou sendo interrompida, um dedo foi

apontado para a minha cara.

— NÃO toque nisso, Sr. P.! Se o seu filho quer se esconder de você, não é da sua conta…

— Bem, acho que é sim…

— Eu sei muito bem o que é viver com um pai arrogante e opressivo…

— *Opressivo*? Não sou opressivo.

— …e mesmo que seu filho não seja a minha pessoa favorita no momento, eu nunca o

trairia. Nunca!

— Não é a sua pessoa favorita… Por quê? Vocês brigaram?

— Acho que essa é uma avaliação correta.

— Vocês… se separaram?

— Sim, nós nos separamos! Tente disfarçar sua alegria, Sr. P.

— Quando?

— Ontem à noite, se quer saber.

— Então, onde ele está? Para onde foi? Kat, por favor me diga… — E nesse momento

coloquei a mão em seu braço, o que também foi um erro.

— Fique longe de mim! — gritou ela, e comecei a sentir a hostilidade da pequena multidão

que tinha gostado muito de “Sweet Child of Mine”. — Eu já disse que não é da sua conta o

que Albie faz… Ah, caramba. — Ela olhou por cima do meu ombro. — Lá vamos nós outra

vez.

Parece que nossa discussão atraíra a atenção de dois *carabinieri*, homens grandes e

bonitões vestindo camisas azul-claras de manga curta e avançando em linha reta

em nossa

direção. Kat se ajoelhou e começou a enfiar apressadamente o que ganhara nos bolsos

apertados de sua calça jeans.

— Não se preocupe, vou falar com eles.

— Não estão interessados em você, eles querem a mim.

E, é claro, os policias foram direto para Kat, um de cada lado, falando depressa com vozes

urgentes. Uma multidão se reunira ao nosso redor e eu os ouvi falando de licenças e

regulamentos locais, Kat retrucando em um tom cansado e impertinente — exatamente o tom

errado a ser usado com policiais armados, pensei.

— Sim, eu sei, preciso de uma licença… Não, não tenho, como vocês sabem muito bem…

Tudo bem, tudo bem, vocês têm razão, vou pegar minhas coisas e vou embora… — Ela levou

o acordeão ao peito como se fosse uma criança e tentou passar despercebida e escapar, mas o

policial maior, o mais corpulento, com cabeça em forma de projétil, colocou a mão em seu

ombro e pegou um bloco de anotações. — Como posso pagar multa se você não me deixa

ganhar…? Não, não vou esvaziar os bolsos! Não! Vão se ferrar, seus desgraçados! Tirem suas

mãos de mim!

E a multidão foi se dispersando enquanto os policiais conduziam Kat para o carro que a

levaria para longe, e, com ela, iam todas as pistas sobre o paradeiro de Albie.

— Não! — exclamei. — Não, não, não, não, vocês não podem fazer isso! — E corri atrás

deles.

Gostaria de poder fingir que o cavalheirismo me fez intervir em vez do interesse próprio,

mas Kat era minha última esperança, minha única ligação com Albie, e então me vi me

espremendo entre os policiais, colocando a mão sobre um braço, tentando afrouxar o aperto

— não de forma agressiva, pensei, mas persuasiva. Para uma pessoa de fora aquilo poderia

parecer uma briga, e é verdade que eu não estava calmo.

— Fique fora disso, Sr. P.! — gritou Kat por cima do ombro, mas eu já estava envolvido.

— Isso não é necessário! — berrei. — Vocês estão exagerando! Não precisa exagerar!

Eu estava puxando o antebraço do policial maior e notando que, como muitos homens

carecas, ele tinha braços muito peludos e um relógio bastante elaborado também, com quatro

pequenos mostradores no painel, como os que os mergulhadores usam e, quando ele me virou

e apertou uma daquelas braçadeiras de plástico em torno dos meus pulsos, do

tipo que uso em

casa para fixar os cabos atrás da televisão, me perguntei se ele mergulhava nos fins de

semana.

138. o prisioneiro

Quando eu era criança, às vezes me perguntava como me sairia no ambiente prisional. Foi uma

preocupação que me acompanhou até a idade adulta, quando cheguei à conclusão: nada bem. É

provável que essa situação nunca ocorresse. É verdade que recentemente eu roubara um

pacote de balas de menta de uma banca de jornal no aeroporto de Munique, mas com certeza

aquilo estava fora da jurisdição do sistema legal italiano, e a prova desaparecera havia muito

tempo. Por isso, eu estava razoavelmente calmo enquanto aguardava à escrivaninha da

delegacia de polícia de Siena. Qual, afinal de contas, tinha sido o meu crime?

No entanto, eu parecia estar causando um grande furor. Quem era aquele homem

misterioso? Que tipo de turista não tem passaporte, carteira de motorista, carteira, dinheiro,

chaves ou reserva em hotel? Ao que parecia, a falta de identificação me classificava como um

tipo de sujeito desesperado, o que era verdade, embora não do modo como eles estavam

imaginando. Expliquei-lhes que tudo se esclareceria caso me dessem algum

dinheiro e eu

pudesse voltar a Florença, e que eu estava disposto a pagar qualquer multa, as minhas e as de

Kat também, mas ninguém parecia disposto a me dar o dinheiro da passagem nem me permitir

ir embora. Uma conexão fora feita entre mim e Kat. Apesar dos meus protestos, eles insistiam

em chamá-la de minha namorada. Imagino como Kat deve ter se sentido em relação a isso.

Aos poucos, a equipe da recepção foi perdendo o interesse, e me indicou uma cadeira na

sala de espera, me deixando lá. Kat estava em algum lugar nos escritórios atrás da recepção e

parece que meu castigo seria ter que esperar por ela, esperar por horas a fio sentado em uma

cadeira de plástico rígido, enquanto uma infinidade de turistas — turistas legítimos, com

passaportes e bronzeados normais — vinha denunciar perdas de bagagem, carteiras e câmeras,

para reivindicarem o seguro. É claro que eu ia esperar… Que escolha eu tinha? Pelo menos,

eu estava protegido do sol.

Apenas no início da noite eles finalmente permitiram que eu reencontrasse a minha

“namorada”, exigindo que ela também se sentasse e esperasse. A princípio, Kat não estava

disposta a reconhecer minha presença, mas disse, afinal:

— Belo tênis, Sr. P.

— Obrigado.

— O que aconteceu com o seu rosto?

— Hum? Ah, isso. Dormi debaixo do sol.

— Parece estar dolorido.

— Está. Está.

— Você contou para eles que roubei aquele croissant do bufê do café da manhã?

Virei a palma das mãos para cima e respondi como um comediante:

— Ei, não sou dedo-duro.

Ela sorriu.

— Você não deveria ter se envolvido nisso.

— Acho que eles exageraram um pouco.

— Ossos do ofício. É preciso ter uma licença, mas isso é um *pesadelo* burocrático. Além

do mais, eles me conhecem aqui, sou meio reincidente, daí…

— Eu estava com medo de que eles a levassem embora.

— Muito nobre da sua parte, tenho certeza.

— Na verdade, eu estava pensando em mim mesmo.

— Por favor, Sr. P, não se ofenda, mas você não está cheirando muito bem.

— Não. Sei disso. Eu manteria distância se fosse você.

Ela sorriu e se mudou para uma cadeira mais próxima.

— Ainda assim, não posso contar onde ele está.

— Mas você pode ao menos me dizer se ele está bem?

— Defina “bem”. Seu Albie é um garoto muito problemático.

— Sim, claro.

— Ele é muito… sinistro.

— Eu sei disso…

— Muito irritado. Muito, muito irritado. Ele tem um monte de problemas. Um monte. Com

você, quer dizer. Ele fala muito sobre você.

— É mesmo?

— E não fala bem.

— Bem, é por isso que estou aqui. Eu queria fazer as pazes, Kat, por causa daquele

incidente… Bem, você estava lá.

— Aquilo foi ruim, Sr. P., muito ruim.

— Tenho consciência. É por isso que preciso vê-lo.

— Não é tão fácil assim. Isso vai muito mais longe.

— Tenho certeza.

Ela estreitou os olhos para mim.

— Você realmente colou todos os blocos de Lego?

— *Alguns*. Todos, não, só alguns.

— Você disse que ele era idiota?

— Meu Deus, não! Foi isso que ele disse? Isso não é verdade.

— Ele disse que o decepciona.

— Isso também não é verdade…

— Que ele sente como se você estivesse decepcionado com ele…

— Isso absolutamente não é verdade!

— Ele disse que você e a senhora P. podem estar se separando.

Não fui capaz de negar essa afirmação.

— Bem, isso… pode ser verdade, está… no ar. Foi a mãe quem disse isso para ele?

— Ele falou que não havia necessidade, que vocês não se davam bem havia anos. Mas,

sim. Foi a senhora P. quem disse isso para ele.

Senti uma contração no peito.

— Ela disse que nós *estávamos* nos separando, ou que *poderíamos* estar?

— Que vocês poderiam estar.

— Bom, bom…

— Mas Albie acha que vocês vão se separar.

— Ah. — Depois de um tempo, consegui dizer: — Bem, relacionamentos nunca são fáceis.

Na melhor das hipóteses, minha observação foi uma obviedade, mas parece que Kat a

considerou notável.

— Nem me diga! — exclamou ela e começou a chorar. Eu me vi colocando um dos braços

ao redor de seus ombros, enquanto o funcionário do balcão nos olhava com compaixão. — Eu

o amava de verdade, Sr. P.

— Sinto muito, Kat…

— Mas nós discutíamos o tempo todo. — Ela fungou e riu. — Ele é um pestinha mal-

humorado, não é mesmo?

— Ele pode ser, às vezes. Por que vocês discutiam?

— Por tudo! Política, sexo…

— B-bem…

— Astrologia! Chegamos até a discutir sobre astrologia!

— O que ele disse exatamente?

— Albie explodiu mesmo. Ele disse que era besteira pensar que os planetas poderiam

influenciar as características humanas e que qualquer um que acreditasse nisso era

simplesmente idiota…

— Sinto muito — falei e, cheio de orgulho, pensei: *esse é o meu garoto*.

— Disse que eu era muito velha para ele. Mas só tenho vinte e seis anos, pelo amor de

Deus! Disse que eu o estava sufocando, que ele queria passar um tempo sozinho.

Sua cabeça estava no meu ombro, meu braço ao seu redor, e eu a consolei por

algum tempo

antes de dar meu próximo passo.

— Quem sabe, Kat, se eu falasse com ele, eu poderia interceder a seu favor?

— Para quê, Sr. P.? Para quê, droga?

— No entanto, se você pudesse ao menos me dar o nome do hotel…

— Ele não está em um hotel.

— Um albergue, então.

— Ele também não está em um albergue.

— Então, onde ele está, Kat?

Ela fungou e pigarreou. Seu nariz estava escorrendo e, de modo muito incomum, pensei, ela

o limpou em meu braço, deixando um rastro de lágrimas e catarro que brilhava sob a luz do

teto.

— Espanha.

— Espanha?

— Madri.

— Albie está em Madri?

— Ele disse que já estava cansado de igrejas e que queria ver *Guernica*. Encontrou um voo

barato e já deve ter ido embora há muito tempo.

— Onde ele vai ficar em Madri, Kat?

— Não faço a menor ideia.

Albie tinha ido embora. Isso não era certo nem justo, pensei. Porque certamente a pessoa

deve ser bem-sucedida caso dê tudo o que tem, não é?

Mas parece que este não era o caso e, naquele momento, percebi que eu perdera não apenas

meu filho, mas, provavelmente, minha mulher também, e, em seguida, foi a vez de Kat me

consolar quando perdi completamente a compostura.

139. a cela

Passei a noite em uma cela de cadeia, embora não no mau sentido.

Talvez o fato de eu ter me descontrolado tenha algo a ver com isso, mas, depois de horas de

inatividade, o pessoal entrou em ação e fui conduzido para longe de Kat, até uma sala nos

fundos onde, assim que me acalmei, me explicaram por meio de uma mímica complicada que

não haveria nenhuma acusação formal contra mim. Mas para onde eu iria? Como era quase

meia-noite e eu não tinha passaporte nem dinheiro, fui levado para uma cela pelo sargento de

plantão que tinha o ar pesaroso de um gerente de hotel que realmente não tem nada melhor a

oferecer. A pequena sala sem janelas cheirava a desinfetante de limão, o que era algo

tranquilizador naquele contexto, com um colchão de vinil azul que estava

deliciosamente frio

ao toque. O vaso sanitário de aço inoxidável não tinha assento e ficava mais perto da cama do

que o ideal, e eu também desconfiava daquele travesseiro. Travesseiros de prisão são

diferentes dos outros. Mas, talvez, caso o embrulhasse na minha camisa e tentasse não usar o

banheiro, eu ficasse bem. Afinal, eu já pagara mais de cento e quarenta euros por quartos

menos confortáveis do que aquele e a alternativa, dormir ao relento nas ruas de Siena, não me

parecia nem um pouco tentadora. Então aceitei a oferta com alegria, na condição de que a

porta da cela fosse deixada entreaberta.

— *Porta aperta, sì?*

— *Sì, porta aperta.*

E, depois, fiquei sozinho.

A grande virtude da derrota, uma vez aceita, é que ela ao menos permite que a pessoa

descanse. A esperança me mantivera acordado por muito tempo, e, no momento, sem me

incomodar com a fantasia de um final feliz, finalmente fui capaz de cair em um sono que se

tornou notável por sua total ausência de sonhos.

140. a lista

— Acho que nosso filho não gosta muito de mim — falei para Connie certa noite na cama.

— Não seja ridículo, Douglas. O que o faz dizer isso?

— Não sei. A maneira como ele chora quando você sai do quarto. Ah, ele também me diz

isso.

Ela riu e se aproximou de mim.

— Ele está passando por uma fase “mamãe”. Todos os meninos, e meninas também, passam

por isso. Daqui a alguns anos você será o ídolo dele, você vai ver.

E então esperei me tornar o ídolo dele.

Ele entrou para a escola, e foi feliz ali, eu acho, apesar de muitas vezes ele já estar na cama

quando eu voltava do trabalho. Se ele estivesse dormindo, eu ia vê-lo, afastava seu cabelo

para trás e beijava-lhe a testa. Eu adorava o cheiro dele, que tinha acabado de tomar banho

com sabonete Pears e escovar com pasta de dentes de morango. Se ele estivesse acordado:

— Você quer que eu leia para você esta noite?

— Não, quero que mamãe leia.

— Tem certeza? Porque eu realmente gostaria de ler para…

— Mamãe! MAMÃE!

— Tudo bem, vou chamar a mamãe. — E, antes de fechar a porta: — Você sabe que não

deve ir para a cama com o cabelo molhado, Albie. Vai pegar uma gripe — dizia, apesar da

ciência que amparava essa afirmação ser no mínimo um tanto duvidosa.

Ainda assim, eu não conseguia me conter, da mesma forma que, nas férias, não era capaz de

evitar lhe dizer para não ir nadar imediatamente após a refeição, para não ter indigestão. Por

que a água na pele faria os intestinos sofrerem subitamente um espasmo e se contraírem? Por

que seria assim? Não importava. Essa era uma daquelas frases da lista.

Porque durante toda a minha infância e adolescência eu fizera uma lista de comentários

banais e irritantes que jurei que nunca, jamais faria quando me tornasse pai. Todas as crianças

fazem essa lista, e todas as listas são únicas, embora, sem dúvida, haja consideráveis

coincidências. *Não toque nisso, é sujo! Escreva os cartões de agradecimento, ou nada de*

presentes! Como você pode desperdiçar comida quando tem gente morrendo de fome?

Durante toda a infância de Albie, lá estavam elas. *Chega de biscoitos senão você vai perder o*

apetite! Arrume seu quarto! Já passou MUITO da hora de você dormir! NÃO desça a escada

outra vez! Sim, você tem que apagar as luzes! De que diabo você tem medo? Não chore.

Está agindo como um bebê. Eu disse para você parar de chorar. Não. Não chore!

141. conversa durante a lavagem da louça

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Vá em frente.

— No trabalho, quantas pessoas você conhece que não são capazes de amarrar os cadarços

dos sapatos?

— Ninguém.

— E quantos adultos você conhece que não sabem usar uma faca ou não comem vegetais?

— Connie…

— Ou que falam cocô e xixi durante o jantar, deixam os hidrocores destampados ou têm

medo de escuro?

— Entendo o que você está tentando dizer, mas…

— Então, podemos apenas supor que Albie vai aprender essas coisas e que o tempo que

você gasta implicando constantemente com ele, ou seja, o tempo inteiro, não é bem gasto?

— Seu argumento não se sustenta.

— Por que não?

— Porque não se trata de ensiná-lo a amarrar os cadarços, comer brócolis ou falar de

forma sensata. Trata-se de fazer as coisas corretamente, ensinando-lhe a ser

aplicado, a ter

perseverança e disciplina.

— Disciplina!

— Estou ensinando para ele que nem tudo na vida é fácil ou divertido.

— Sim. — Connie suspirou e balançou a cabeça. — Claro que está.

Será que eu era autoritário? Com certeza menos do que meu pai, e nunca de modo

irracional. Connie era da escola que pregava que certo grau de atrevimento, irreverência,

rebeldia — os rabiscos de lápis de cera na parede, a couve-flor indesejada escondida no

sapato — deviam ser tratados com um indulgente menear de cabeça, uma piscadela, uma

remexida no cabelo. Eu não era desse jeito, não era da minha natureza nem da minha

educação, eu também não era da escola do louvor sem merecimento, ou daquela que pregava

que a frase “eu te amo” devia ser dita a torto e a direito, apenas como outra maneira de se

dizer “boa noite”, “muito bem” ou “vejo você mais tarde”, seguido de um pigarrear. Eu amava

meu filho, é claro que sim, mas não quando ele tentava atear fogo às coisas, não quando ele se

recusava a fazer o dever de casa de matemática, não quando ele derramava suco de maçã no

meu laptop, não quando ele reclamava porque eu havia desligado a televisão. A

longo prazo

ele me agradeceria, e se às vezes eu passava do ponto, se eu perdia a cabeça e falava com

rispidez quando deveria ter forçado um sorriso, então, bem, eu estava muito, muito cansado.

142. oportunidades

A essa altura, como eu fazia quase que uma viagem diariamente, eu tomava meu café da manhã

antes do nascer do sol, abria caminho em sentido inverso ao da multidão que chegava à

estação de Paddington, e seguia até a periferia de Reading, onde eu trabalhava como gerente

de projetos em um laboratório de pesquisa. Um metrô, um trem, outro trem, um trecho a pé. Em

seguida, à noite, o mesmo trajeto em sentido contrário. Esses dias de trabalho eram

desgastantes, brutais, e, no entanto, eu só tinha a mim mesmo para culpar.

Eu deixara o ambiente acadêmico. Pouco depois de Albie entrar para a escola me

ofereceram um emprego no setor privado, trabalhando para uma multinacional da qual você já

ouviu falar no noticiário ou em documentários, uma enorme empresa global com diversos

interesses na área dos produtos farmacêuticos e agroquímicos, uma empresa que, algumas

vezes, no passado, talvez não tenha utilizado considerações éticas na base de sua estratégia.

Mas então surgiu aquela proposta de trabalho, que chegou a mim por meio de um antigo

colega, bronzeado e usando um belo terno, e ali estava minha família em um apartamento

perfeitamente agradável, mas sem poupança, sem aposentadoria e com uma pesada hipoteca.

Antes do nascimento de Albie, eu trabalhara em uma série de projetos de curto prazo com

remuneração razoável, mas nada espetacular, e isso fora suficiente para pagar os ingressos de

cinema e a vodca com tônica que compunham a maior parte de nosso orçamento doméstico.

No momento, eu tinha uma verba de pesquisa e alunos trabalhando para mim, e parecia haver

chances de, em poucos anos, me tornar professor. Contudo, com as mensalidades da creche e

intermináveis sapatos novos, com Connie ganhando um salário de meio expediente no museu,

o dinheiro estava consideravelmente mais curto. Havia outras frustrações também: a

insegurança de longo prazo, exigências administrativas, a pressão sem-fim para publicar em

“revistas de alto impacto”, a disputa inglória por um financiamento. Quando comecei a estudar

ciências presumi, ingenuamente, acho, que os políticos estavam ansiosos para aprofundar o

conhecimento humano. É claro que, independentemente da tendência política,

qualquer

governo podia ver que o progresso da ciência e da tecnologia levava à riqueza e à

prosperidade, não podia? É verdade que nem todas as pesquisas tinham uma aplicação

comercial imediata, nem tudo era obviamente “translacional”, mas como saber aonde uma

linha de pensamento poderia levar? Tantos grandes avanços foram vislumbrados

primeiramente pelo canto do olho, e, com certeza, tudo o que adicionasse à soma do

conhecimento humano era valioso, não era? Mais do que valioso. Era essencial.

Mas não se tivéssemos um financiamento medíocre. Cada vez mais nos víamos tentando

arrecadar dinheiro suficiente para pagar o salário mais baixo possível para nossos assistentes

de pesquisa. Aparentemente, o futuro da nação não estava na inovação e no desenvolvimento,

mas em finanças mundiais e em televendas, na indústria de entretenimento e nas cafeterias. A

Grã-Bretanha lideraria o mundo produzindo dramas de época e leite espumoso.

E ali estava aquela grande empresa multinacional, com a sua segurança, seu plano de

aposentadoria e um salário compatível com minhas realizações e qualificações, seus

laboratórios bem equipados, os melhores e mais brilhantes estagiários, e ali também estava

minha família. Sentia — eu me perguntava se isto seria comum entre novos pais — uma

recém-encontrada obrigação de prover a nossa subsistência, o que soa muito atávico e

primitivo, mas era o que eu sentia. É claro que eu não poderia tomar a decisão por conta

própria. Connie e eu conversamos até tarde noites a fio. Ela ouvira falar dos meus potenciais

empregadores, ouvira o nome deles ser mencionado na imprensa e nos noticiários, e embora

nunca tenha dito em voz alta, a palavra estava ali, em seus lábios: *vendido*. Sua resposta para

grandes empresas era instintiva, emocional e, na minha opinião, ingênua, enquanto eu

racionalizava as questões: com certeza era apenas trabalhando para uma grande organização

que seria possível fazer uma mudança significativa, e não era melhor estar dentro do que fora?

Será que “lucrar” era uma palavra assim tão terrível? E quanto à segurança financeira, o

dinheiro extra? E quanto a outro quarto, um jardim só nosso, ou uma casa perto de uma escola

muito, muito melhor, talvez nos arredores de Londres? Um ateliê para Connie: ela poderia

voltar a pintar! E quanto às mensalidades escolares?

Connie puxou as rédeas.

— Eu não quero essas coisas…

— Talvez não agora…

— E não finja que está fazendo isso por nós!

— Mas estou. Se eu aceitasse, estaria, até certo ponto…

— A questão é que eu não acho que você deva tomar uma decisão baseando-se no dinheiro,

só isso.

O que é um sentimento nobre, uma coisa muito Connie de se dizer, Connie, a mamãe artista.

Mas substitua “dinheiro”, esta palavra fria, por “estabilidade” ou “segurança”, substitua

“dinheiro” por “conforto”, “paz de espírito” ou “bem-estar”, “boa educação”, “viagem” ou,

simplesmente, “uma família feliz”. Muitas vezes — nem sempre, mas muitas vezes — essas

coisas não se equiparam?

— Não — disse Connie. — De forma alguma.

— Então o que você quer que eu faça? Caso você que fosse decidir?

— Isso não cabe a mim. É o seu trabalho, a sua carreira…

— Mas e se você que fosse decidir?

— Eu não aceitaria o emprego. Você vai perder a sua liberdade. Vai trabalhar para

contadores, não para si mesmo. Se não fizer dinheiro para eles, vão lhe demitir e você vai

odiar isso, não vai ser divertido. Não haverá alegria nisso. Tudo bem, encontre algo melhor

remunerado ou mais seguro, mas eu não aceitaria esse emprego.

Eu aceitei o emprego.

Connie não me repreendeu por isso, ou muito raramente, embora Albie, é claro, o tenha

feito anos mais tarde. Mas ela também não era solidária quando eu trabalhava pesado até as

oito, nove ou dez da noite, e eu não tinha mais nenhuma dúvida de que havia caído um pouco

em seu conceito, o que era uma sensação horrível; deslizando pelo barranco, agarrando-me à

poeira, mas incapaz de me firmar. Aquele brilho — aquele idealismo, eu acho —, que

chamara a atenção de Connie na noite em que nos conhecemos, se esvaecera. Aquilo não

poderia durar muito, mas ainda assim lamento que tenha terminado. Connie sempre disse que

eu parecia mais atraente quando falava do meu trabalho. “As luzes se acendem”, dizia ela.

Agora eu precisaria encontrar outra maneira de fazer isso acontecer.

143. um homem livre

Pouco antes das sete horas fui acordado por um guarda que me trouxe uma excelente xícara de

café. Eu não comera nada desde a jujuba que ganhara do menino no trem para Siena, e, embora

o líquido preto e denso tenha queimado minha boca e provocado espasmos estomacais, foi

delicioso. Sentei-me na beirada do banco da cela, bebendo do copo de plástico, esfregando os

olhos e me forçando a reconhecer o pleno e abrangente desespero da minha situação.

Taciturno, esbocei minha retirada para Londres. Eu desceria a colina a pé até a estação de

Siena, descobriria o preço de uma passagem para Florença e pediria — em inglês? — que o

funcionário aceitasse meu relógio de pulso e meu celular como garantia. Feito isso, eu

recuperaria meus pertences em Florença, sacaria dinheiro, voltaria para Siena para resgatar

meu relógio e meu celular e, em seguida, tentaria pegar o próximo avião de Pisa para Londres.

Era um plano vago e desanimador, que exigia certa tolerância por parte do serviço ferroviário

italiano, mas a alternativa — ligar para Connie e pedir que ela fizesse uma transferência

eletrônica — era inaceitável. E, afinal, o que significava “transferência eletrônica”? Era uma

daquelas coisas que as pessoas só faziam nos filmes.

Liguei meu telefone. A bateria estava em dois por cento. Sem pensar no que ia dizer, decidi

ligar para casa. Imaginei o telefone de Connie debaixo de sua pilha de livros, sua figura

adormecida, lembrei-me do aroma reconfortante dos lençóis e imaginei como as coisas

poderiam ter sido caso tudo saísse como eu planejara. Imaginei o som de um carro entrando no

acesso de veículos, Connie chegando à janela, vendo Albie e eu saindo do táxi, Albie sorrindo

um pouco envergonhado, erguendo a mão para a janela do quarto, eu me juntando a ele, com

um braço ao redor dos seus ombros. Imaginei as lágrimas de gratidão nos olhos de Connie

enquanto ela corria até a porta. Eu o devolvera são e salvo, como havia prometido. “Você o

encontrou! Na Europa! Douglas, como fez isso? Você é um homem inteligente e brilhante…”

De volta ao mundo real, Connie atendeu.

— Alô?

— Querida, sou eu…

— São seis da manhã, Douglas!

— Eu sei, sinto muito, mas a bateria do telefone está quase acabando e eu queria lhe

dizer…

Ouvi o farfalhar dos lençóis enquanto ela se sentava na cama.

— Douglas, você já o encontrou? Ele está bem?

— Eu o perdi. Quase o encontrei, quase, quase, mas o perdi.

Um suspiro.

— Ah, Douglas.

— Não precisa se preocupar, ele está perfeitamente seguro e bem, eu sei disso…

— Como pode saber?

— Encontrei Kat.

— Como diabo você…?

— É uma longa história. A bateria do meu celular está quase acabando. De qualquer forma,

sinto muito, eu falhei.

— Douglas, você não “falhou”.

— Bem, não consegui o resultado esperado, então, sim, eu falhei.

— Mas ao menos sabemos que ele está bem. Onde você está agora? Tem alguém com você?

Está em segurança, você está bem?

— Estou em um hotel, em Siena. — Cutuquei o vaso sanitário de aço inoxidável com o

dedo do pé. — É muito bom.

— Você quer que eu o encontre?

— Não, não, quero voltar para casa.

— Boa ideia. Venha para casa, Douglas. Vamos esperar por ele aqui.

— Voltarei esta noite, o mais tardar amanhã.

— Estarei esperando. E, Douglas? Ao menos você tentou. Fico agradecida…

— Volte a dormir.

— E quando você voltar para casa…

Um bipe e o telefone morreu. Atei o relógio ao pulso, guardei o celular no bolso, dobrei

cuidadosamente o cobertor sobre o banco e deixei minha cela, fechando a porta ao sair.

Era uma fria manhã de verão, fresca e clara. A delegacia ficava na moderna periferia de

Siena, próximo às muralhas da cidade. Eu estava prestes a descer a colina em direção à

estação quando ouvi música, o tema de *O Poderoso Chefão*, sendo tocado no acordeão.

Irreverentemente empoleirada no capô de um carro de polícia estava Kat.

— Ei — disse ela, oferecendo-me o punho para eu bater. Retribuí o cumprimento.

— Olá, Kat. O que está fazendo aqui?

— Esperando por você. Como foi sua primeira noite atrás das grades?

— Melhor do que alguns hotéis em que fiquei. Mas me arrependo da tatuagem.

— Que tatuagem você fez, Sr. P.?

— Algo relacionado a gangues de rua. Um grande dragão.

— O bronzeado se igualou no seu rosto. Você está menos parecido com uma placa de

trânsito.

— Bem, acho que isso já é alguma coisa — falei, e ela sorriu e um instante se passou. —

Bem, Kat, preciso ir. Prazer em encontrá-la…

— Você já tentou mandar mensagens de texto para ele, Sr. P.?

— Claro, e já liguei também. Ele disse que as ignoraria, e foi o que fez.

— Então, envie uma que ele não possa ignorar. Aqui, segure o Steve. — Kat desceu do

capô, me entregou Steve, seu acordeão, então enfiou a mão no bolso, sacou o celular e

começou a digitar com a cabeça baixa. — Eu não deveria fazer isso. É trair a confiança dele,

Sr. P., e me sinto mal. Além do mais, há o custo da minha dignidade e integridade pessoal.

Mas já que você veio até aqui…

— O que você está escrevendo, Kat?

— …e “enviar”! Pronto. Está feito. Dê uma olhada.

Ela estendeu o celular para mim, e eu li:

Albie, preciso falar com você. Urgente. Tem que ser pessoalmente, então não me ligue!

Me encontre amanhã às 11h na escadaria do prado. Não se atrase!!!! Ainda te amo. kat

— Aí está — disse ela. — Eu o estou entregando para você.

— Meu Deus! — exclamei. — Nem sei o que dizer.

— Não precisa agradecer.

— Mas… mas essa mensagem não sugere que…?

— …que ele me engravidou? Você quer que ele esteja lá, não quer?

— Bem, sim, mas…

Ela pegou o telefone da minha mão.

— Posso dizer que estava brincando…

— Não, não, não, eu acho… Deixe como está. Mas amanhã de manhã? Será que consigo

chegar a Madri amanhã?

— Consegue, se correr.

Eu ri, devolvi o acordeão para seus braços e, com certa cautela — nenhum de nós estava lá

muito cheiroso —, abracei Kat e comecei a atravessar o estacionamento até parar e olhar para

trás.

— Kat, sei que estou abusando da minha sorte, mas o dinheiro que eu lhe dei ontem… será

que eu poderia tê-lo de volta? Sabe, minha carteira ficou em Florença…

Ela balançou a cabeça lentamente, suspirou, agachou-se e pegou a mochila.

— E talvez você pudesse me emprestar mais uns vinte, talvez trinta euros? E me passar

seus dados bancários, para que eu possa devolver o dinheiro…

Confesso que fiz essa oferta esperando que ela não fosse aceitar, mas Kat demorou algum

tempo anotando o número da sua conta, incluindo códigos IBAN e SWIFT. Prometi saldar

minhas dívidas assim que voltasse, e então saí correndo colina abaixo, correndo, correndo,

correndo em direção à Espanha.

PARTE SETE

MADRI

Não existe isso que chamam de reprodução. Quando duas pessoas decidem ter um

bebê, elas se envolvem em um ato de “produção”, e o uso generalizado da palavra

“reprodução” para essa atividade, com a implicação de que duas pessoas estão quase

se trançando juntas, é na melhor das hipóteses um eufemismo para confortar os futuros

pais antes que se metam em algo que não podem controlar.

Andrew Solomon, *Longe da Árvore*

144. as guerras de purpurina

Como o tempo é o que é, envelhecemos. Engordamos e ficamos flácidos de uma forma que

teria parecido improvável, até mesmo cômica, para nossos eus mais jovens, enquanto nosso

filho começava a espichar diante de nossos olhos. Acumulamos coisas; grandes quantidades

de plástico em vários formatos, livros ilustrados, velocípedes, triciclos, bicicletas, sapatos,

roupas, casacos e apetrechos que já não tinham propósito, mas que não conseguíamos jogar

fora. Connie e eu entramos na casa dos quarenta e, embora suspeitássemos de que nunca mais

precisaríamos de um esterilizador de mamadeira ou de um cavalinho de balanço,

descobrimos

que não conseguíamos descartá-los, e havia também um piano, um trenzinho, um castelo, uma

pipa.

Meu novo salário significava que a geladeira estava mais cheia, o vinho tinha um gosto

melhor e compramos um carro maior. Levávamos Albie para viagens ao exterior e voltávamos

para o mesmo pequeno apartamento que compráramos juntos antes de nos casarmos, agora

apertado e ultrapassado. Precisávamos mudar de casa, sabíamos disso, mas o esforço

necessário estava além de minha capacidade. Cinco anos remando contra a maré na hora do

rush começaram a pesar, e eu estava sempre cansado, estressado e mal-humorado, de modo

que minha chegada à casa à noite não trazia prazer para Albie ou para Connie e nem mesmo

para mim.

Tomemos, por exemplo, as famosas guerras de purpurina que marcaram o mês de dezembro

do nono ano de Albie. Albie e Connie estavam fazendo cartões de Natal na mesa da cozinha,

cabeças unidas daquele modo que costumavam ficar, o *Christmas Album*, de Phil Spector,

tocando no aparelho de som, o tipo de atividade de bricolagem doméstica com a

qual

ocupavam suas noites, enquanto eu lutava para ficar acordado no 1957 em direção a

Paddington, me automedicando com um gim-tônica quente no bar da estação, então com outro

no bonde, correndo sob a chuva rumo a um apartamento que parecia muito pequeno e no qual

eu entrava sem receber nenhuma saudação, nenhum beijo ou abraço filial, apenas uma cena de

desordem absoluta: música aos berros, papel de seda e algodão por toda parte, guache

manchando a mesa inteira. Ali estavam o meu filho e minha mulher em seu pequeno mundo

particular, rindo de uma piada particular, e lá estava Albie jogando purpurina sobre cola e

também sobre a mesa, o chão e o pijama. Qualquer um que tenha tentado limpar grandes

quantidades de purpurina derramada sabe que aquilo é uma substância nociva e perniciosa,

uma espécie de amianto festivo que se agarra à roupa e entranha nos tapetes, gruda na pele e

não sai mais, e, agora, ali estavam grandes montinhos daquela coisa terrível espalhados na

mesa.

— Que diabo está acontecendo aqui? — gritei.

Nesse momento eles notaram a minha presença.

— Estamos fazendo cartões de Natal! — disse Connie, ainda sorrindo. — Veja! Não está

lindo? — Ela ergueu uma das tentativas de Albie, e uma chuva de ouro e prata cascateou até o

chão. — Seu filho é um artista!

— Olhe! Veja o que você está fazendo. Isso está se espalhando por toda parte! Pelo amor

de Deus, Connie! — Joguei minha pasta no chão e fui até a pia para umedecer um pano. —

Será que vocês vão morrer se colocarem um jornal embaixo antes de começarem?

— Isso é purpurina, Douglas — disse ela, forçando uma risada. — Porque é Natal.

— E eu vou ficar tirando isso da minha comida e das minhas roupas até julho! Olhe para

esta tinta! Tinta e cola em cima da mesa. É lavável? Não, que pergunta idiota, claro que não é.

— Parei de esfregar, larguei o pano. — Veja! Está nas minhas mãos! — Eu as ergui em

direção à luz, para mostrar o quanto brilhavam. — Terei de comparecer a reuniões assim.

Fazer apresentações! Veja! Como é que alguém pode me levar a sério quando estou coberto

desta maldita…

Meu filho estava olhando para a mesa agora, a testa franzida, lábios projetados. Aqui estão,

filhinho querido, algumas lembranças para você.

— Ovo, você poderia sair um instante, por favor? — pediu Connie.

Ele se levantou da cadeira.

— Desculpe, pai.

— Eu gostei do seu cartão de Natal! — falei às suas costas, mas já era tarde demais.

Connie e eu ficamos sozinhos.

— Bem, atualmente você consegue mesmo tirar a alegria de praticamente qualquer coisa,

não é? — disse Connie.

Mas eu ainda não estava pronto para pedir desculpas e a batalha que se seguiu, irrompendo

em escaramuças ao longo dos dias e semanas que antecederam o Natal, foi muito dolorosa e

desagradável para ser aqui contada em muitos detalhes. Como previsto, a purpurina acabou

nas roupas, nos cabelos e na madeira dos móveis da cozinha; meu olho captava seu brilho

enquanto eu tomava um solitário café da manhã no escuro, e os silêncios, as reclamações e as

brigas continuaram até o Natal.

Quando minha mãe me pegava fazendo caretas, beicinhos ou sorrisos de escárnio, ela me

dizia: se passar um vento, você vai ficar desse jeito. Na época, eu não acreditava naquilo mas,

com o passar dos anos, já não tinha mais tanta certeza. Meu rosto do dia a dia, aquele que eu

usava em repouso ou quando estava sozinho, se fixara e endurecera, e não era mais um rosto

com o qual eu me importasse.

145. natal

Sempre passamos o dia propriamente dito na casa dos pais de Connie, um negócio ruidoso,

violento e embriagado, a pequena casa com terraço tomada por um número espantoso de

sobrinhos e sobrinhas, tias e tios, tanto cipriotas quanto londrinos, e combinações dos dois, as

crianças sempre se multiplicando, todo mundo rindo e brincando e discutindo em uma sala

repleta de fumaça e com a TV ligada. Mais tarde, haveria dança ridícula, quatro gerações

pisoteando bombons e cascas de nozes. Outrora, esses dias de Natal me pareceram uma

refrescante mudança daquele negócio frio e contido ao qual eu estava acostumado desde a

infância, mas, desde a perda de meus pais, o evento assumira um ar melancólico para mim. Eu

era o estranho ali, um órfão idoso, um apêndice da família de outra pessoa, e as brigas entre

mim e minha mulher serviram apenas para aumentar a minha melancolia. Havia trabalho me

esperando em casa em minha pasta — talvez eu pudesse ir embora mais cedo e cuidar disso.

Não, estou tomando limonada. Não, obrigado, eu não fumo. E, não, obrigado, eu não quero

dançar conga.

Claro, Albie adorava aquilo, tomando coquetéis cremosos quando ninguém estava olhando,

flertando com as primas, dançando nos ombros dos tios, então me sentei, assisti e esperei.

Voltamos para casa depois da meia-noite, Albie adormecido no banco de trás, eu o carreguei

até nosso apartamento no último andar — o último ano em que eu seria capaz de fazer aquilo

— e caí de costas na cama. Nós três nos deitamos juntos, exaustos demais para nos despirmos,

a respiração quente e doce do meu filho contra o meu rosto.

— Você está infeliz? — perguntou Connie.

— Não. Não, só um pouco melancólico. — Aquela palavra boba outra vez.

— Talvez precisemos fazer uma mudança.

— Que tipo de mudança? — perguntei.

— Talvez uma mudança de cenário. Para que você não esteja sempre cansado.

— Sair de Londres, você quer dizer?

— Se for necessário. Talvez encontrar uma casa no campo em algum lugar, para você ir

dirigindo para o trabalho. Em algum lugar com uma boa escola pública nas

proximidades. O

que acha?

O que eu acho? Na verdade, eu não gostava mais da cidade. Londres não nos pertencia

mais como antes. Eu não gostava de explicar a Albie por que havia ramos de flores amarrados

às grades, ou instruí-lo a evitar o vômito a caminho das compras nas manhãs de sábado. Eu

estava farto de obras nas rodovias e por toda a cidade — quando é que eles vão terminar de

construir esse lugar? Por que não podiam deixar a cidade em paz? Quando eu voltava para

casa à noite, Londres me parecia um lugar irritante e agressivo. Eu podia sentir minha mão

apertando com força a alça da pasta quando saía do metrô, as chaves pressionadas no outro

punho. Cada sirene, cada ameaça terrorista parecia mais urgente e mais pessoal. E sim, ainda

havia a grande arte, o teatro maravilhoso, mas quando Connie fora ao teatro pela última vez?

Talvez o campo fosse a resposta. Sentimental, talvez, mas não seria ótimo Albie saber os

nomes de outros pássaros, além de corvos e pombos? Quando eu era criança e saíamos para

caminhar, minha mãe sempre dizia o nome de todas as plantas, flores, pássaros e árvores por

que passávamos — *Quercus robur*, o carvalho vermelho, *Troglodytes troglodytes*, a carriça.

Estas eram as lembranças mais afetuosas que eu tinha dela, e ainda hoje consigo recordar o

nome binomial de todos os pássaros britânicos comuns, embora nunca tenham me perguntado.

Mas o conhecimento de Albie da natureza vinha de passeios na fazenda-modelo, sua noção de

mudança das estações a partir de variações no aquecimento central. Talvez a exposição à

natureza o tornasse menos mal-humorado, temperamental e ressentido em relação a mim.

Imaginei-o correndo em uma bicicleta com uma rede de pesca e um guia do observador de

pássaros, as faces rosadas e o cabelo despenteado, voltando ao anoitecer com um pote de

geleia repleto de peixinhos chacoalhando no guidão, o tipo de infância pela qual eu ansiara.

Um biólogo em formação. Não chega a ser uma ciência, mas já era um começo.

Era muito mais difícil imaginar Connie fora de Londres. Ela nascera, estudara e trabalhara

na cidade. Nós nos apaixonamos e nos casamos ali, criamos Albie ali. Londres me exauria e

enlouquecia, mas Connie a adorava; pubs, bares e restaurantes, saguões de teatro, parques

municipais, o andar superior do 22, 55, 38. Ela não era avessa ao campo, mas mesmo em uma

enseada na Cornualha ou em um cais em Yorkshire sempre parecia a ponto de estender um

braço e chamar um táxi.

— Então? — disse ela.

— Desculpe, eu só estou tentando imaginá-la no campo em uma terça-feira chuvosa de

fevereiro.

— Sim, eu também. — Ela fechou os olhos. — Mas não é nada fácil, não é?

— E o seu trabalho?

— Posso usar o transporte público. Fico na casa de Fran se for preciso. Vamos resolver

isso. O importante é saber: você acha que seria feliz no campo?

Eu não respondi, e ela continuou:

— Eu acho que seria. Mais feliz, quero dizer, ou menos estressado. O que significa que

todos nós também nos sentiríamos assim. A longo prazo. — Albie se virou em seu sono e se

aninhou junto à mãe. — Eu gostaria que você voltasse a ser feliz. E se isso significa uma nova

vida em uma nova cidade… vilarejo…

— Certo. Vamos pensar no assunto.

— Certo.

— Eu te amo, Connie. Você sabe disso.

— Eu sei. Feliz Natal, meu querido.

— Feliz Natal.

146. o milagre das viagens aéreas

Madri em agosto; calor seco e poeira. Naquela tarde, olhando para baixo enquanto voava

sobre as grandes planícies do centro da Espanha, nunca me senti tão longe do mar.

Depois do caos dos últimos dias, a viagem para a Espanha fora sensacionalmente tranquila.

O trem 0732 de Siena me trouxe para Florença em pouco menos de noventa minutos, a viagem

lenta embora agradável, passando por grandes vinhedos e *zone industriali*, o prazer

aumentado pelo excelente sanduíche que engoli como uma espécie de homem das cavernas,

seguido por, em rápida sucessão, uma banana, uma maçã e uma laranja maravilhosa, o suco

escorrendo pelo meu queixo. Com a barba por fazer e ainda sem banho, suspeito que havia

algo de selvagem a meu respeito, curvado em um assento no canto, o rosto oleoso. Certamente,

os passageiros que embarcaram em Empoli me olharam desconfiados. Retribuí seus olhares. O

que me importava? Como um prisioneiro recém-libertado, eu estava livre e de volta às ruas, e

me acomodei em meu assento sonhando com banhos quentes, novas lâminas de barbear,

lençóis brancos e limpos etc.

Então, na hora do rush, em Florença, uma discussão em inglês falado pausadamente com um

funcionário sobre a devolução de minha bagagem. *Como posso pagar os custos para o*

armazenamento durante a noite quando a carteira está na mochila? Devolva minhas coisas

e eu pago! O cartaz acima diz “*assistenza alla clientela*” . *Eu sou “clientela” , por que você não me ajuda?* Ah, sim, agora eu estava muito mau, muito mau.

Por volta das nove e vinte eu estava de posse de meu passaporte, minha carteira, meu

carregador de celular, meu tablet. Abracei-os. Juntos outra vez. No café da estação, encontrei

um canto perto de uma tomada e suguei energia elétrica e wi-fi como um nadador subindo à

superfície para respirar. Nenhum voo da Iberia para Madri de Florença ou Pisa, mas um voo

1235 partindo de Bolonha. Onde ficava Bolonha? Infelizmente, parecia que os Apeninos

estavam entre mim e aquele voo. Mas, espere: trinta e sete minutos, dizia o quadro de

horários. Que tipo de trem milagroso seria aquele? Eu poderia fazer o trajeto e ainda sobraria

tempo. Comprei on-line meu voo para Madri, um assento na janela, apenas bagagem de mão, e

embarquei no trem para Bolonha. No banheiro, passei desodorante em bastão pelo corpo

como se estivesse colando papel de parede. Escovei os dentes e nunca gostei tanto da

sensação.

O truque para atravessar os Apeninos era passar por debaixo deles. Grande parte da

viagem transcorreu em um túnel consideravelmente longo, emergindo à luz aqui e ali como se

as cortinas tivessem sido abertas para uma paisagem de montanhas arborizadas contra um céu

muito claro, e então fechadas outra vez. Quase cedo demais estávamos em Bolonha, uma

daquelas cidades em que o aeroporto é desconcertantemente perto do centro, de modo que

você pode caminhar com tranquilidade até lá com as suas compras. Mas eu aprendera a minha

lição em Florença e peguei um táxi. Meu guia louvava a cidade, mas o táxi contornou a cidade

velha no anel viário norte e o que eu vi era atarracado, moderno e agradável, um fragmento de

muro antigo no centro de uma rotunda e, em seguida, os maçantes armazéns do aeroporto. Tudo

bem, visitaríamos a cidade em outra ocasião. No momento, eu estava feliz por me encontrar no

terminal e fazer o check-in uma hora e quinze minutos adiantado. As viagens aéreas nunca me

pareceram tão fascinantes, tão incrivelmente eficientes, tão cheias de esperança.

147. atlas

Decolamos no horário e olhei pela janela como uma criança. Tudo era nítido e claro, o ar,

puro, nenhum indício de nuvem, e notei como esta experiência era nova para a humanidade, a

capacidade de ver a Terra assim, e quão indiferentes somos a esse respeito. Por que as

pessoas ficavam lendo revistas quando havia tudo aquilo para ver? Ali estavam as montanhas

por baixo das quais eu passara apenas duas horas antes; a Córsega, nitidamente delineada,

verde-musgo sobre azul. Então, o Mediterrâneo ficou para trás e surgiu uma planície desértica;

um deserto na Europa. A Espanha me pareceu vasta. Não é de se admirar que já tenham

rodado filmes de faroeste ali. Como seria lá embaixo? Agora que sabia que minha jornada

estava quase no fim, a capacidade de viajar voltava a me parecer empolgante. Eu não tinha

certeza se queria voltar para casa, mesmo que pudesse.

Em seguida, uma autoestrada, subúrbios e uma grande cidade se alastrando muito longe da

água. Um terminal de aeroporto como um cenário de filme de ficção científica e, em seguida, o

ar espesso da tarde espanhola a bordo de um táxi, a autoestrada para a cidade meio

abandonada, passando por canteiros de obras desertos, novos blocos de apartamentos e

nenhum ser humano à vista. Madri foi inesperada para mim. Eu não tinha guias ou mapas,

nenhum conhecimento ou expectativa. Uma esquina de Paris só poderia ser Paris, o mesmo se

aplicava a Nova York ou Roma. Madri era mais difícil de definir, os edifícios que ladeavam

as avenidas largas eram uma curiosa mistura de prédios comerciais dos anos oitenta, grandes

palácios residenciais, elegantes edifícios, todos juntos e compactados. A paixão europeia por

farmácias estava muito em evidência, e uma grande parte da cidade parecia tão anos setenta

quanto uma *lava lamp*, enquanto outros edifícios eram absurdamente ornamentados e

grandiosos. Se Connie estivesse comigo, ela teria definido aquele estilo. Barroco? Seria isso

mesmo? Neobarroco?

— O que é isso? — perguntei ao meu taxista, apontando para um palácio profusamente

ornamentado em um branco cristalino de glacê de bolo.

— Correios — disse o motorista, e tentei imaginar alguém comprando selos ali. — Lá. —

Ele apontou por entre as árvores de um parque formal para um edifício neoclássico cor de

pêssego (Estou certo, Connie? Aquilo é neoclássico?). — Aquele é o Prado. Muito famoso,

muito bonito. Velázquez, Goya. Você deveria ir.

— Eu vou — falei. — Amanhã encontrarei meu filho ali.

148. chaves na caixa do correio

No verão anterior ao ingresso de Albie no ensino médio, deixamos o pequeno apartamento

sem jardim em Kilburn onde ele nasceu e nos mudamos para o campo. Eu tentara arduamente

apresentar a experiência como “uma aventura”, mas Albie não estava convencido disso.

Talvez Connie também não estivesse, embora pelo menos ela não fizesse beicinho, se

lamentasse ou ficasse de mau humor como nosso filho.

— Vou ficar entediado — dizia ele, declarando suas intenções. — Estou abandonando

todos os meus amigos!

— Você fará novos amigos — respondíamos, como se amigos pudessem ser substituídos

como sapatos velhos.

Também para Connie nossa partida estava se revelando desgastante. As noites e os fins de

semana vinham sendo dedicadas a “resolver coisas”, o que significava jogar objetos fora com

uma crueldade que beirava a raiva; velhos cadernos e diários, fotografias, projetos da

faculdade de arte, materiais de pintura.

— E quanto a estas tintas? Você não pode usá-las? Nem Albie?

— Não. É por isso que estou jogando fora.

Ou eu encontrava os seus desenhos na lixeira embaixo de garrafas e latas, afastava a sujeira

e os erguia.

— Por que você está jogando isso fora? São lindos.

— São horríveis. Tenho vergonha deles.

— Eu adoro este desenho. Me faz lembrar de quando nos conhecemos.

— É só nostalgia, Douglas. Nunca vamos pendurá-lo. É só papel velho, se livre disso.

— Bem, posso ficar com eles?

Ela suspirou.

— Apenas os mantenha longe da minha vista.

Peguei seus esboços e desenhos, pendurei alguns no escritório e guardei o restante em meu

gabinete de arquivos.

Grande parte da infância de Albie foi descartada. Algumas roupas de bebê, as roupinhas de

menina que compráramos para nossa filha e mantínhamos no fundo de uma gaveta

cuidadosamente dobradas, não por sentimentalismo piegas, nem como um estranho totem, mas

por razões práticas. E se tivéssemos outro filho, talvez uma menina? Tentamos

durante algum

tempo, agora não mais. Era um pouco tarde àquela altura.

Mas isso não importava porque ali estava a mudança, ali estava uma aventura, e, assim, no

sábado seguinte ao último dia de aula de Albie no ensino fundamental, os homens da mudança

subiram ruidosamente a escada. Uns quinze anos antes, dois jovens se mudaram para aquele

apartamento, todos os nossos pertences facilmente armazenados na traseira de uma van.

Agora, éramos uma família, com a nossa própria mobília e quadros devidamente emoldurados,

bicicletas e snorkels, violões, uma bateria e um piano vertical, jogos de mesa e panelas de

ferro fundido, coisas demais para algo que, na verdade, era um apartamento de estudante. Os

novos proprietários eram um casal jovem na casa dos vinte anos, bebê a caminho. Pareceram

agradáveis na visita. Deixamos-lhes uma garrafa de champanhe no centro do piso de madeira

que lixáramos e pintáramos. Enquanto Albie esperava no carro, Connie e eu caminhamos

pelos cômodos, fechando as portas. Não havia tempo para ser sentimental com a van de

mudança bloqueando a rua lá fora.

— Você está pronta? — perguntei.

— Acho que sim — murmurou ela, já descendo a escada.

Fechei a porta e joguei as chaves na caixa do correio.

149. uma aventura

Ao longo de todo o Westway mantive meu discurso de que aquilo era uma aventura, de quão

espaçosa e grandiosa seria a casa nova, o novo *lar*, como seria bom ter um jardim no verão.

Seria como desatar um cinto após uma farta refeição — finalmente, uma chance para respirar!

Mas Albie e Connie permaneceram em silêncio. Junto com as chaves e com as instruções de

como usar o aquecedor, deixáramos para trás algo intangível. Fôramos extraordinariamente

felizes naquele pequeno apartamento, e também mais tristes do que jamais julgáramos

possível. O que quer que estivesse por vir, não poderia superar tais extremos.

Dirigimos para oeste sob um céu nublado. A cidade se transformou em subúrbios, depois

em parques industriais e plantações de pinheiros e em pouco tempo saímos da autoestrada,

deixamos os arredores de Reading, passando por campos de trigo e colza; paisagem

agradável, apesar de não ser o remoto e pitoresco idílio do qual eu me recordava das visitas

com o corretor de imóveis. Parecia haver uma enorme quantidade de postes de alta tensão,

muitas cercas vivas, carros passando em rápida sucessão, caminhões também. Não importa.

Seguimos a van de mudança por um acesso de veículos de brita, o nosso acesso de veículos de

brita, a casa do início do século vinte, falsas vigas em estilo Tudor, a maior do vilarejo!

Havia uma excelente escola estadual ali perto, meu escritório a apenas vinte minutos de carro

e ótimas linhas ferroviárias. Em um dia bom, em uma hora estaríamos em Londres. Dava para

ouvir a M40! Havia trabalho a fazer, é claro, apenas o suficiente para preencher nossos fins de

semana, mas poderíamos ser felizes ali, não havia dúvida quanto a isso. Na garagem da frente

— com espaço para mais três carros! — abracei minha mulher e meu filho como um técnico

de patinação artística. Olhem, ali nas árvores: corvos! Ficamos assim um instante e, então,

eles se desvencilharam.

Na grande cozinha familiar — ladrilhos, um fogão AGA —, abri uma garrafa de

champanhe, tirei alguns copos do embrulho de jornal, servi um dedo para Ovo, e brindamos o

novo começo. Contudo, após termos colocado as caixas em cada cômodo e os homens da

mudança terem ido embora, ficou claro que cometêramos um erro de cálculo. Por mais que

tentássemos, nós três jamais conseguiríamos preencher aquele lugar. Não havia quadros

suficientes para as paredes ou livros para as prateleiras. Mesmo com a bateria e o violão de

Albie, jamais poderíamos fazer barulho suficiente para que aqueles quartos com pé-direito

altíssimo parecessem estar ocupados. Minha intenção era de que a casa simbolizasse

prosperidade e maturidade, um refúgio de tranquilidade rural, com boas linhas ferroviárias

para o caos da cidade. Mas parecia — e sempre pareceria, suponho — uma casa de bonecas

meio vazia sem bonecas suficientes lá dentro.

Mais tarde naquela noite, encontrei Connie parada em um pequeno quarto de duas águas no

segundo andar da casa. O papel de parede era antiquado, florido e todo desenhado,

formiguinhas feitas com esferográfica e borboletas com canetinha nos caules e nas pétalas das

rosas. Eu conhecia Connie bem o suficiente para adivinhar seus pensamentos, mas optamos

por não reconhecê-los em voz alta.

— Achei que este espaço poderia ser o seu estúdio. A luz é ótima! Você poderia voltar a

pintar, né?

Ela pousou a cabeça no meu ombro, mas não disse nada.

Compramos um cão.

150. schweppes!

Não informei a Connie meu paradeiro. Em Siena, eu lhe dissera para me esperar em casa no

dia seguinte, e não seria melhor telefonar para ela com Albie ao meu lado? *Não estou no*

aeroporto de Heathrow, estou em Madri! É uma longa história. Espere um minuto, tenho

alguém aqui que quer falar com você… Esse era o plano, e eu estava absurdamente alegre e

otimista naquela noite, meu estado de espírito elevado pela luxuosa suíte de hotel — uma

suíte! dois quartos! — que eu reservara por um capricho e por um preço surpreendentemente

razoável. Na recepção de mármore e ouro parecia haver alguma dúvida se aquele hóspede

surrado, maltrapilho e solitário poderia pagar por tal indulgência. Sem bagagem? Havia outras

pessoas comigo? Não, eu estava sozinho, mas havia um sofá-cama para Albie. Apenas se ele

quisesse, é claro.

O quarto — não, a *suíte* — era de mármore branco e couro creme, um sonho da vida

moderna do ano de 1973. Fechando a porta, comecei a reparar os danos dos últimos dias.

Mergulhei meu eu parcialmente queimado de sol em uma bela banheira de ônix,

lavei o

cabelo, fiz a barba e apliquei curativos nas feridas dos pés. Vesti minha última muda de

roupas limpas e mandei lavar as outras. Encontrei uma loja de departamentos na rua e comprei

uma camisa nova, uma gravata, uma calça e, de volta ao meu quarto, coloquei-os em uma

cadeira, como se estivesse me preparando para uma entrevista de emprego. Estava tão feliz e

empolgado que quebrei um princípio fundamental de minha vida e tomei vodca com tônica do

frigobar, embriagado de autoindulgência, e também amendoim, e, como um Calígula moderno,

me sentei na varanda e observei o tráfego na Gran Vía, quatorze andares abaixo. No

cruzamento à minha frente havia um belo edifício moderno, uma cunha arredondada — *art*

déco, Connie, não é isso? — com um enorme letreiro de néon no último andar, e, ao cair da

noite, flagrei o momento em que o néon ganhou vida, exclamando *Schweppes!* contra um fundo

de arco-íris, de modo que a rua parecia uma Times Square mais suave, mais descontraída.

Os espanhóis, eu sabia, tinham fama de jantar tarde e pensei em tirar um "cochilo balada"

como diria Albie e, em seguida, sair para explorar. Mas a cama era tão grande e confortável,

os lençóis, frescos e brancos e com tantos fios que me vi baixando as persianas e me deitando

às nove e quinze. Haveria muito tempo para comer tapas no dia seguinte, quando eu voltaria a

ver meu filho. Adormeci, embalado pela mais maravilhosa e inabalável fé no futuro.

151. futuro

Nunca faltaram temas para me manter acordado durante a noite, mas na adolescência eu era

especialmente assombrado com a perspectiva de uma guerra nuclear. As propagandas do

governo destinadas a educar e tranquilizar a população faziam com que todos — nós, crianças,

em particular — entrassem em um frenesi de fantasia mórbida, e eu estava convencido de que,

em algum momento, fosse em Washington, Pequim ou Moscou, um botão seria pressionado —

eu imaginava um botão real, grande e vermelho, como o botão de parada de uma escada

rolante —, e logo minha mãe, meu pai e eu estaríamos caçando ratos mutantes nos restos

fumegantes do centro da cidade de Ipswich. Não haveria mais “não toque nisso, é sujo” na

pós-apocalíptica caverna da família Petersen. A única pergunta seria: quem comeremos

primeiro? Douglas ou Karen? Tão preocupado eu estava com tal perspectiva que,

excepcionalmente, confessei meus terrores noturnos para meu pai.

— Bem, se isso acontecer, você não terá tempo de fazer nada. Três minutos de pânico e

então você se tornará um bacon crocante! — assegurou.

Com três minutos de advertência, o que poderíamos dizer um para o outro, minha família e

eu? Imaginei meu pai correndo para desligar o aquecimento central.

Com ou sem razão, aquele medo específico desapareceu. Mas a ansiedade não passou e

agora o rosto que imagino naquela terra devastada do futuro não é o meu, mas o de Albie.

Ao longo dos anos, li muitos, muitos livros sobre o futuro, os meus livros "estamos todos

condenados", como Connie gostava de chamá-los.

— Todos os livros que você lê são sobre como o passado era assustador ou quão horrível

será o futuro. Pode não ser assim, Douglas. As coisas podem dar certo.

Mas eram estudos muito bem pesquisados e plausíveis, suas conclusões altamente

persuasivas, e eu podia me tornar muito falante a respeito do assunto.

Tomemos, por exemplo, o destino da classe média, na qual Albie e eu nascemos e da qual

Connie agora fazia parte, embora um tanto a contragosto. Em todos os livros que li, a classe

média estava condenada. A globalização e a tecnologia já haviam arrasado profissões outrora

seguras, e a tecnologia de impressão 3D em breve acabaria com as últimas indústrias de

manufaturados. A internet não substituiria esses postos de trabalho, e que lugar haveria para as

classes médias se doze pessoas podiam gerir uma gigantesca corporação? Eu não sou nenhum

agitador comunista, mas até mesmo o mais raivoso defensor do livre mercado teria de admitir

que as forças de mercado do capitalismo, em vez de estenderem a riqueza e a segurança para

toda a população, têm ampliado grotescamente o abismo entre ricos e pobres, obrigando uma

força de trabalho global a um trabalho perigoso, não regulamentado, inseguro e mal

remunerado, enquanto favorece apenas uma pequena elite de executivos e tecnocratas. As

chamadas profissões “seguras” parecem cada vez menos seguras; primeiro, foram os mineiros,

metalúrgicos e os operários da indústria naval, em breve, seria a vez dos bancários,

bibliotecários, professores, lojistas, caixas e empacotadores de supermercado. Os cientistas

podem sobreviver, caso façam o tipo certo de ciência, mas para onde irão todos os motoristas

de táxi do mundo quando os táxis começarem a se dirigir por conta própria? Como

alimentarão os filhos ou aquecerão suas casas, e o que acontecerá quando a

frustração se

transformar em revolta? Acrescente o terrorismo, o problema aparentemente insolúvel do

fundamentalismo religioso, a ascensão da extrema-direita, os jovens subempregados e os

idosos com baixas aposentadorias, sistemas bancários frágeis e corruptos, a incapacidade dos

sistemas de saúde e de previdência social para lidar com grandes números de doentes e

velhos, os impactos ambientais de uma agricultura industrial sem precedentes, a luta por

recursos finitos de alimentos, água, gás e petróleo, a mudança de curso da corrente do Golfo, a

destruição da biosfera e a probabilidade estatística de uma pandemia global, e não há

realmente nenhuma razão para que alguém durma em paz.

Quando Albie tiver a minha idade eu já terei morrido há muito, ou, no melhor dos cenários,

estarei entrincheirado em meu módulo de sobrevivência com rações suficientes para meu

tempo de vida. Mas, do lado de fora, imagino fábricas imensas e não regulamentadas onde os

trabalhadores se consideram pessoas de sorte por poderem trabalhar dezoito horas por dia por

menos de um salário-mínimo antes de baixarem as suas máscaras de gás e abrirem caminho

através das multidões de desempregados que trocam galinhas mutantes e velhas latas que usam

como moeda. Aqueles afortunados trabalhadores voltando para minúsculos barracos

superlotados em uma grande megalópole, onde não existe uma árvore, o ar é tomado por

drones da polícia, onde explosões de carros-bombas, tufões e gigantescas tempestades de

granizo são comuns demais para serem comentadas. Enquanto isso, em torres literalmente

douradas, quilômetros acima da fumaça cancerígena, o privilegiado um por cento de

executivos, celebridades e empresários olham para baixo pelas janelas à prova de balas,

aceitam coquetéis em copos estranhos de garçons-robôs pairando ao seu lado e riem ao

mesmo tempo que, em algum lugar naquela confusão infernal de violência, pobreza e

desespero, está meu filho, Albie Petersen, um menestrel errante com seu violão, seu interesse

por fotografia, que ainda se recusa a vestir um casaco decente.

152. hereditariedade

— Então, o que você está dizendo — disse Connie, erguendo os olhos de seu romance — é

que o futuro, basicamente, vai ser um pouco como *Mad Max*.

— Não exatamente. Mas pode ter elementos semelhantes.

— Então, na verdade, *Mad Max* é um documentário…

— Tudo o que eu quero dizer é que o mundo do futuro pode não ser tão hospitaleiro quanto

este em que vivemos. Aquele sonho de progresso está morto. Nossos pais imaginavam

acampamentos de férias na Lua. Nós… temos de nos acostumar com uma noção diferente do

futuro.

— E você quer que Albie escolha a carreira dele com base nesta visão *Mad Max* do futuro.

— Não me provoque. Quero que ele estude assuntos úteis e práticos. Quero que ele

aprenda algo que o leve a arranjar um emprego.

— Você quer que ele esteja na torre dourada. Você quer que ele tenha um mordomo-robô.

— Quero que ele seja bem-sucedido — falei. — É estranho querer isso para meu filho?

— Nosso filho.

— Nosso filho.

Naquela época, Albie não estava indo bem. Em vez de lhe transmitir uma sensação de

calma, o campo o enfurecia. Ele não mostrava nenhum interesse em aprender os nomes

binomiais dos pássaros britânicos comuns e o ninho de sapo que descobri não lhe atraía. Ele

sentia falta dos amigos, do cinema, do andar superior do ônibus; ele sentia falta

de comer

batatas fritas nos balanços do parque infantil. Mas o campo não era um parque maravilhoso e

gigantesco? Aparentemente não. Albie saía para passear com muita relutância, olhando feio

para os passarinhos, chutando as flores enquanto passava. Se ele pudesse incendiar o campo,

ele o incendiaria. Na escola, suas notas eram consistentemente ruins, assim como os relatórios

sobre seu comportamento. Ele não fazia os trabalhos, ele não se concentrava, às vezes, ele

nem mesmo aparecia. Embora preocupada, Connie levou tudo aquilo no seu ritmo, mas eu

estava irritado e chocado. Não esperava que a obediência fosse genética, mas não previra

aqueles telefonemas do escritório do diretor, aquelas cartas. Meu próprio filho me pegou de

surpresa. Albie não era o que eu esperava, ele não era como eu em nada. O mais doloroso de

tudo, ele parecia ter um orgulho perverso naquilo.

Eu não perdia a cabeça, só de vez em quando, e não estava desapontado com *ele*, apenas

com seu *comportamento*, uma diferença semântica que provavelmente não era compreensível

para um menino de treze anos. Ele era inteligente, esperto, tinha um bom cérebro, só pedia

alguma estrutura e aplicação. Avaliei as principais áreas que requeriam atenção, assumi a

responsabilidade e, apesar do meu cansaço, passei noites e fins de semana com ele na mesa da

cozinha, estudando química, física e matemática, fazendo aquilo que eu esperava que fosse

uma forma de apoio paternal, Connie pairando por perto como um juiz de boxe.

— Como é possível você não saber fazer uma divisão longa, Albie? É algo muito básico.

— Eu sei fazer, só que não desse jeito.

— Então você escreve quatro e sobe o três.

— Essa é a parte que não fazemos mais, essa parte de subir o três.

— Mas isso *é* uma divisão longa. É isso que é uma divisão longa!

— Não, agora não é mais. Eles fazem diferente.

— Só há uma maneira de dividir, Albie, e é essa.

— Não é!

— Então me mostre! Me mostre alguma outra forma mágica de dividir…

A caneta pairava sobre o papel e, então, era jogada na mesa.

— Por que não podemos usar uma calculadora?

Eu não me orgulho ao dizer que muitas dessas noites de aulas de reforço terminaram com

tons de voz alterados e olhos vermelhos; a maioria delas, talvez. Certa vez, ele chegou a fazer

um buraco na parede do quarto. Não era uma parede de alvenaria, é claro, apenas

uma divisão

de gesso, mas mesmo assim fiquei chocado, especialmente quando parei para pensar que ele

deveria estar imaginando a minha cara.

Mas eu não desistiria dele, disso eu tinha certeza. Toda noite, estudávamos e então

discutíamos. Eu consertava as coisas da melhor maneira possível e, em seguida, deitava na

cama e ficava acordado imaginando um menino da idade de Albie, chinês ou sul-coreano,

sentado até tarde da noite estudando álgebra, química orgânica, programação de computador;

este menino com quem meu filho algum dia competiria por seu ganha-pão.

153. colorindo

O progresso vacilante do meu filho correspondeu a um esfriamento do meu relacionamento

com Connie. O pouco contato físico que outrora compartilhamos, as cócegas, as mãos dadas,

desapareceram com nossa crescente inibição, e fiquei surpreso com como senti falta daquilo,

especialmente das mãos dadas. Eu nunca fora um bom lutador, sempre muito preocupado com

crânios rachados e pulsos torcidos, mas agora até mesmo um simples braço ao redor do ombro

era afastado com um estremecer ou um grunhido. Agora, as portas do quarto e do banheiro

estavam sempre trancadas e, em vez de dizer a meu filho para ir para a cama no fim de

semana, comecei a dizer boa-noite e deixar os dois no andar de baixo no sofá, a cabeça de

Albie no colo de Connie, ou vice-versa. *Boa noite, pessoal! Eu disse boa noite! Boa noite!*

Boa noite!

Eu estava me preparando para a adolescência de Albie, mas sua chegada foi como a

eclosão de uma guerra civil. Discutíamos frequentemente. Basta um exemplo. Eu estava

explicando por que a ciência e a matemática poderiam ser profissões melhores do que o teatro

ou as artes plásticas. Uma discussão banal, eu sei, do tipo que toda família tem, mas Connie

estava longe, em Londres, o que tornou o assunto perigoso. Eu disse:

— Minha opinião é a seguinte: ponha uma pessoa mediana do público geral em uma sala

com pincéis ou uma câmera, dê-lhes um palco, uma caneta e um pedaço de papel e eles

conseguirão fazer alguma coisa. Pode ser algo inepto, feio, que revele ignorância do assunto,

pode ser algo que denote potencial, pode até mesmo revelar algum talento oculto, mas todos

são capazes de fazer uma pintura, um poema, uma foto ou algo assim. Coloque alguém em uma

sala com uma centrífuga, uma seleção de equipamentos de laboratório, alguns produtos

químicos e eles não produzirão nada, ao menos, nada que valha a pena, apenas… tortas de

lama. Isso porque a ciência é metódica, exige rigor, aplicação e estudo. É mais difícil. Apenas

é. É.

— Então você pensa que só porque é cientista é mais esperto do que os outros?

— Em minha área, sim! E assim deve ser! Foi para isso que estudei, foi por isso que fiquei

acordado até tarde durante dez anos. Para ser bom nisso.

— Então, se eu desprezar um assunto que odeio e não entendo, você vai me menosprezar?

— Vou pensar que você não perseverou. Vou achar que você desistiu muito cedo.

— Você acha que escolhi a opção mais fácil?

— Talvez…

— Meio que um covarde…

— Eu não disse isso. Por que você está distorcendo as palavras como…?

— Por estar fazendo aquilo no que sou bom, e não aquilo em que *você* é bom?

— Não, por estar fazendo o que é fácil, em vez daquilo que é difícil. É bom ser desafiado,

ter a mente exigida.

— Então qualquer um *é capaz* fazer o que eu faço? Não há nada de especial nisso?

— Pode haver, mas não significa que você viverá disso. O sucesso vem para aqueles que

trabalham pesado e persistem em coisas que são difíceis. E eu quero que você seja bem-

sucedido.

— Como você?

Ele disse isso com certo desdém, e eu senti uma pitada de raiva.

— O futuro é… é aterrorizante, Albie, você não faz ideia, e eu quero que esteja bem

preparado. Eu quero que tenha habilidades e informações que lhe permitirão prosperar, ter

sucesso e ser feliz no futuro. E temo que passar o dia inteiro colorindo não vai adiantar.

— Então, para resumir — disse ele, agora piscando rapidamente —, você basicamente está

dizendo que eu deveria estar me cagando de medo…

— Albie!

— E fundamentar as minhas decisões no medo, porque, basicamente, eu não tenho talento.

— Não, você pode muito bem ter um talento, mas é um talento compartilhado por milhões

de outras pessoas. Milhões! Isso é tudo.

Talvez tenha sido uma escolha ruim de palavras. Talvez este exemplo não me apresentasse

de um modo muito favorável, admito. Mas e quanto à acusação de que eu queria que ele fosse

algo que ele não era? Bem, sim, claro que eu fiz isso. Porque para que *serve* um pai se não for

para moldar o filho?

154. como um pai deve ser

Connie e eu também discutíamos. Educar Albie acentuou as diferenças entre nós, diferenças

que pareciam apenas divertidas nos despreocupados tempos anteriores à paternidade. Na

minha opinião, ela era absurdamente informal e *laissez-faire*. Para fazer uma analogia com a

botânica, ela imaginava uma criança como o botão de uma flor; um pai tem a obrigação de

fornecer luz e água, mas também de se afastar e assistir.

— Ele pode fazer o que quiser, desde que esteja feliz e tranquilo — disse ela.

Por outro lado, eu não via nenhuma razão para que a flor não fosse escorada em uma vara

de bambu, podada, exposta à luz artificial. Se isso resultasse em uma planta mais resistente,

mais forte, por que não? Claro que Connie o adulava e o obrigava a fazer o dever de casa, mas

ainda assim ela achava que seus talentos e qualidades naturais desabrochariam sem ajuda. Eu

não acredito em talentos naturais. Para mim, nada vem naturalmente, nem mesmo a ciência. Eu

fora obrigado a trabalhar pesado, muitas vezes com os meus pais em pé ao meu lado, e não via

nenhuma razão para que Albie não fizesse o mesmo.

E Albie podia ser enlouquecedor, muito enlouquecedor, autopiedoso, irresponsável e

preguiçoso. Será que eu realmente era tão opressivo, tão sem alegria, tão temperamental e

mal-humorado? Eu via os pais de outros meninos em eventos escolares, dias de esportes e

churrascos para angariar fundos, observava o comportamento leve, o tom brincalhão, como

treinadores de futebol persuadindo um jogador jovem e promissor. Eu os observava em busca

de pistas.

O pai do melhor amigo de Albie era um fazendeiro bonitão, barba por fazer, muitas vezes

sem camisa por nenhum bom motivo, sempre cheirando a cerveja e óleo de motor. Mike era

viúvo e criava o filho, Ryan, em uma casinha decrépita na periferia do vilarejo, e Albie se

afeiçoou aos dois e ia até lá depois da aula jogar videogames violentos em uma casa onde as

cortinas estavam perpetuamente fechadas e as compras da semana eram feitas no posto de

gasolina. Fui buscar Albie certa noite, passei pela van, pelos carros e motos desmontadas e

pelos cães que latiam, e encontrei Mike sem camisa, sentado em uma cadeira e fumando algo

que não era tabaco.

— Olá, Mike! Algum sinal de Albie?

Ele ergueu uma lata em saudação.

— A última vez que eu o vi ele estava no telhado.

— Certo. No telhado?

— Lá em cima. Estão praticando tiro ao alvo.

— Ah. Certo. Eles têm uma arma?

— Apenas minha velha espingarda de ar comprimido.

Como se tivesse sido combinado, senti um deslocamento de ar perto da orelha quando uma

esfera de chumbo atingiu o misturador de cimento e ricocheteou em direção à grama não

cortada. Olhei para cima a tempo de ver o rosto sorridente de Albie desaparecendo por trás

da calha.

— O que posso dizer? — comentou Mike. — Meninos são meninos.

A casa de Ryan tornou-se uma espécie de paraíso naquele verão, o pai de Ryan, uma

espécie de deus. Ele os deixava dirigir a van, escalar árvores altas, ir pescar à noite; ele os

levava às pedreiras, os dois balançando na carroceria de um caminhão aberto, e os empurrava

de pedras altas na água escura. Quanto mais enferrujado e afiado fosse um objeto, quanto mais

expostos os fios e as lâminas, melhor era o brinquedo para os meninos. Eles soldavam! Ele os

deixava soldar! Mike nunca se sentou com Ryan para pacientemente explicar a tabela

periódica; não havia “noites de estudo” no reino de Mike. Ah, não, a vida com Mike era

apenas um colchão queimando lentamente.

— Acho que Albie está passando muito tempo na casa de Ryan — falei quando mais uma

sessão de revisão de matéria desintegrou-se em lágrimas, subornos e aspereza.

— Nós não podemos proibir — disse Connie. — Proibir só vai tornar a coisa mais

atraente.

Esta era uma noção que eu achava estranha. Quando meu pai proibia algo, aquilo tornava-

se proibido, não atraente.

Às vezes, Mike deixava Albie em casa em horários tardios, e ele e Connie ficavam no

jardim da frente conversando, conversando.

— Ele é muito charmoso — dizia ela ao voltar, corando levemente. — Ele é ativo, tem um

brilho. Eu acho admirável o modo como educa Ryan sozinho.

Admirável! O que haveria de admirável em deixar o filho solto, sem nenhuma preocupação

com o futuro? E quanto ao meu trabalho, os anos de estudo até tarde da noite que foram

necessários para chegar aonde cheguei? Albie não tinha vontade de visitar o laboratório e

conhecer meus colegas. Quando muito, nutria um vago desprezo por aquilo, parte de uma

crescente consciência “política” que ele se recusava a debater comigo.

— O que o pai de Ryan faz exatamente? — eu perguntava.

Albie não sabia dizer, mas sabia das meninas recém-saídas da adolescência que o pai de

Ryan trazia do pub para casa. Ele sabia do bolo de dinheiro que Mike guardava no bolso de

sua gordurosa calça jeans.

155. rumor no ginásio

Um confronto era inevitável, e ocorreu no concurso anual de perguntas e respostas entre pais e

professores da escola, parte dos intermináveis eventos sociais para arrecadar fundos para um

novo teatro (porque sempre é necessário um novo teatro, um novo forno para cerâmica ou um

novo piano, nunca uma nova centrífuga ou um exaustor de laboratório).

Gosto de pensar que não sou muito ruim em jogos de perguntas. Sei coisas, fatos, equações

— é o modo como minha mente funciona, sempre foi —, e não apenas ciência. Quando era

adolescente, eu adorava o *Livro dos Recordes* e memorizara grandes trechos daquilo. A

temperatura do sol, a velocidade do guepardo, o comprimento de um

Diplodocus, esses fatos

eram meu assunto para festas, embora eu raramente os mencionasse em festas. Não importa,

porque, embora alguns conhecimentos tenham sido esquecidos, elementos fundamentais —

montanhas mais altas, oceanos mais profundos, velocidades da luz e do som, as diversas casas

decimais de pi, bandeiras do mundo — eram tão indeléveis quanto tatuagens. Connie estaria lá

para cobrir a área de arte e cultura, e penso que os Petersen se sentiam bastante confiantes

quando entramos no ginásio de esportes.

— Desculpe, nada de cônjuges na mesma equipe! — disse a Sra. Whitehead, que me

dissera naquela mesma semana que Albie não tinha habilidades matemáticas básicas.

— Oi! Connie! Aqui! — gritou Mike, resplandecendo em um macacão desabotoado até o

umbigo, e notei como, subitamente atordoada, Connie praticamente escorregou pelo salão para

integrar a sua equipe.

Albie foi se sentar com Ryan na arquibancada, e olhei em torno para escolher uma equipe,

fixando-me em um bando vacilante de pais solitários pairando junto à porta como se

estivessem prestes a cair fora dali. Não era o grupo mais cativante entre os

concorrentes, mas

não importava. Ergui a mão para Albie e me permiti imaginar a conversa em sala de aula no

dia seguinte. “Seu pai estava o máximo na noite passada!” “Ele carregou o time nas costas.

Seu pai sabe das coisas.” Compreendo, talvez mais do que ninguém, que a inteligência não é

uma qualidade que um filho mais valoriza em um pai — até onde eu sabia, Mike era tão

estúpido quanto uma porta —, mas não faria mal Albie me ver ganhando em alguma coisa,

ainda por cima em um evento público. Nos ofereceram cervejas e alguns salgadinhos, e

tomamos nossos lugares à mesa de cavalete.

Poucas atividades na vida são mais desagradáveis para mim do que a tarefa de decidir um

nome divertido para uma equipe de perguntas e respostas. Já fui submetido a procedimentos

cirúrgicos menos dolorosos. Por que não podíamos ser a equipe “vermelho”, “azul” ou

“verde”? Depois de longa deliberação, e por razões que não consigo me lembrar, ficou

decidido que seríamos os Kebra Kokos, e que eu seria o capitão ou, presumivelmente, o

kapitão. Mike e a equipe de Connie se chamariam Celulares a Postos, o que provocou risadas,

mas me deixou ansioso, porque esse tipo de anarquia é simplesmente intolerável para mim.

Tirei aquilo da minha mente e pensei em lagos mais profundos, rios mais longos, picos mais

altos. Um apito de advertência e começamos.

É claro que o concurso era uma caricatura do que eu entendo por "conhecimentos gerais".

As perguntas de música se limitaram amplamente ao cenário pop atual, as questões sobre

esporte eram quase todas voltadas para o futebol americano, as notícias e as atualidades eram

triviais e de matérias de tabloide, não havia nada de ciência, geografia, invenções ou

aritmética mental. Fizemos o que pudemos, mas a equipe de Mike, os Celulares a Posto

anteriormente mencionados, era um grupinho fechado em sussurros e risadinhas, Mike e

Connie cabeça com cabeça ao centro.

— Sim! — sussurravam um para o outro. — Ótimo! Anote!

Parece que Mike não era tão idiota quanto eu imaginava, ao menos no que dizia respeito a

letras de músicas e tatuagens de celebridades, e Connie agarrava o braço dele com força.

— Sim, Mike, sim! Você é brilhante!

Todas as outras equipes também estavam trapaceando descaradamente — dava para ouvir o

tap-tap-tap de minúsculos teclados, telefones bipando em seus bolsos, e, à medida que a noite

avançava, minha indignação aumentava, ampliada pelo efeito das garrafas de cerveja que

fomos encorajados a comprar para ajudar o fundo do teatro. Nossas chances diminuíam.

Afundei em minha cadeira dobrável.

— E agora — disse o moderador — nossa penúltima rodada, bandeiras do mundo!

Finalmente! Eu me ajeitei na cadeira. Enquanto as outras equipes coçavam a cabeça eu

acertei todas e ergui os dois polegares para Albie, que estava distraído e não me viu. Depois,

não consegui acreditar, nomes de rios e lagos! Reuni a nossa equipe, as respostas corretas se

acumulando, então chegou a hora de fazer a contagem.

Trocamos papéis com a equipe de Mike e Connie, e vi como eles riram e zombaram de

nossas respostas sobre música pop. Eu também balancei a cabeça ao ver as respostas deles

sobre bandeiras. Venezuela? Ah, Mike, sinto muito, mas não. Fui rigorosamente justo em nossa

contagem, mas, em geral, o processo era desleixado e mal concebido. Um bônus valia um ou

dois pontos? Enfim os papéis de nossa equipe foram devolvidos com um sorriso maroto de

Mike, e imediatamente notei vários erros. Claro que houve uma rancorosa avaliação

pejorativa, pontos perdidos por termos escrito URSS em vez de Rússia, quando, na verdade,

URSS era a resposta mais precisa. Tarde demais, porém, porque a nossa pontuação fora aceita

e agora os resultados estavam sendo anunciados.

Sexto, quinto, quarto, terceiro. Em segundo lugar — os Kebra Kokos. Mike e a equipe de

Connie nos venceram por dois pontos. Assisti a Mike e Connie se abraçarem em meio a gritos

e aplausos, e, na arquibancada, Ryan e Albie cerrando os punhos e gritando daquela forma

simiesca.

Mas continuei cismado. Um ponto para cada questão-bônus, quando havíamos dado dois?

Nada pela URSS? Mentalmente, calculei nossa pontuação correta, e então calculei outra vez.

Não havia como negar, nossa vitória nos fora roubada, e senti que não tinha escolha senão ir

até o moderador e pedir uma recontagem.

Por um instante, o público e os competidores pareceram confusos. A noite não acabara?

Ainda não, não até eu consultar o diretor da escola de Albie, o Sr. O’Connell, apontando as

discrepâncias na marcação de pontos.

O Sr. O’Connell pousou a mão sobre o microfone.

— Você tem certeza de que quer fazer isso?

— Sim. Acho que sim. Sim.

À essa altura, o salão assumira o ar triste e solene de um tribunal de crimes de guerra. Eu

esperava que a minha intervenção fosse encarada do modo despreocupado como era minha

intenção, mas os pais estavam balançando as cabeças e vestindo os casacos, e a recontagem

continuou até que, após o que pareceu uma eternidade, a justiça prevaleceu e foi anunciado

para o ginásio meio vazio que os Kebra Kokos fizeram jus ao nome e ganharam por meio

ponto!

Olhei para meu filho. Ele não aplaudiu. Ele não socou o ar. Albie ficou sentado na

arquibancada segurando o cabelo com as mãos enquanto Ryan abraçava-lhe os ombros. Em

silêncio, meus colegas dos Kebra Kokos dividiram os despojos, dez libras de vales para

gastar no horto local, e fomos até o estacionamento da escola.

— Parabéns, Doug — disse Mike com um sorriso, de pé junto à sua van Transit. — Você

mostrou para a gente quem manda! — Então para o meu filho, com uma piscadela de ódio: —

Seu pai é praticamente um gênio!

Antigamente, teríamos apenas partido um para cima do outro com paus e pedras. Talvez

tivesse sido melhor.

De qualquer modo, nós três voltamos para casa em silêncio.

— Enquanto eu estiver viva, nunca, nunca mais quero falar sobre esta noite — disse Connie

calmamente enquanto abria a porta da frente.

E Albie? Subiu para o quarto sem dizer uma palavra, suponho que considerando quão

inteligente era o pai.

— Boa noite, meu filho. Até amanhã!

Do pé da escada, eu o vi se afastar e pensei, não pela primeira nem pela última vez, quão

terrível é a sensação de estender a mão para alcançar algo e descobrir que sua mão está

agarrando apenas ar.

156. encontro

Suando e trêmulo, acordei de sobressalto. As persianas fizeram seu trabalho e eu estava

trancado em uma caixa-preta no fundo do mar. Tateei em busca do interruptor ao lado da cama

e as persianas metálicas se abriram deixando entrar um ofuscante sol matinal, tão brilhante

quanto o do meio-dia. Olhei para o relógio: um pouco antes das sete. Madri. Eu estava em

Madri, a caminho de rever meu filho. Tempo de sobra para chegar ao local do encontro.

Fiquei deitado na cama para normalizar o ritmo cardíaco, mas os lençóis úmidos tinham

esfriado, de modo que fui até a janela, vi o céu azul, o tráfego do início da manhã na Gran Vía,

o dia novo e claro. Tomei um bom banho e vesti minhas roupas novas.

No café da manhã, comi uma grande quantidade de deliciosos ovos mexidos com presunto e

li as notícias da Inglaterra em meu tablet, sentindo falta daquela antiga sensação de isolamento

que as viagens ao exterior costumavam trazer. Naquela época, o “exterior” parecia muito mais

longe, isolado dos meios de comunicação britânicos, mas agora estava tudo ali, on-line, a

habitual mistura de ira, fofoca, corrupção, violência e mau tempo. Meu Deus, não é de admirar

que Albie tenha fugido. Com medo de azedar meu humor, pesquisei um pouco sobre Madri,

procurando o verbete da Wikipédia sobre *Guernica* de Picasso caso Albie e eu fôssemos até

lá mais tarde. Degraus do Prado às onze. Ainda não eram oito. Decidi sair para uma

caminhada.

Gostei muito de Madri; grandiosamente ornamental em alguns lugares, ruidosa e

desordenadamente comercial, em outros, desalinhada e despretensiosa, como um

belo edifício

antigo coberto de adesivos e pichações; não admira que Albie tenha vindo para cá. Talvez eu

estivesse enganado, mas havia a impressão de que pessoas comuns viviam ali, bem no centro

da cidade, uma possibilidade havia muito tempo perdida para os cidadãos de Londres ou

Paris. Embora eu só tivesse o mapa gratuito do hotel para me guiar, eu já havia andado um

bom trecho por volta das nove e quarenta e cinco, quando comecei a caminhar em direção ao

Prado.

Como consumidores nas liquidações de janeiro, um pequeno grupo de turistas já esperava

que as portas se abrissem, visivelmente animados com a perspectiva de ver toda aquela arte, e

eu entrei na fila e tentei não me preocupar. “O que você vai dizer quando o encontrar?” Eu

vinha evitando a pergunta de Freja, embora ainda estivesse confuso quanto à resposta, com

apenas um amontoado de desculpas e justificativas em mente. Além da autocensura, havia

também ressentimento pelo fato de aquelas férias — potencialmente nossas últimas — terem

sido sequestradas pelo desaparecimento de Albie. Nem uma palavra dele, nem uma palavra!

Será que ele queria que nos preocupássemos? É evidente que sim, mas teria doído pegar o

telefone? Será que ele se importava tão pouco com nossa paz de espírito? A voz em minha

cabeça estava se tornando cada vez mais indignada, e era de extrema importância que eu

ficasse calmo e conciliador. Tentando relaxar, entrei no Prado para resolver uma questão que

me incomodava já havia algum tempo.

157. *o jardim das delícias*

— É Pra-do ou Prei-do? — perguntei à senhora da bilheteria.

Eu vinha alternando as duas pronúncias em minha mente, e tive o prazer de confirmar que

era a primeira alternativa.

— Pra-do — disse para mim mesmo, experimentando. — Pra-do. Pra-do.

Imediatamente dava para ver que aquele museu era algo especial. Ali estava *O Jardim das*

Delícias, de Bosch, uma imagem que me atraía a atenção desde criança por seus detalhes

insanos. Ao vivo, era mais um objeto do que uma pintura, uma grande caixa de madeira que se

desdobrava para revelar a pintura e que me lembrou algumas capas de álbuns dobráveis de

certas bandas de rock progressivo das quais eu gostava na década de setenta. Ali, no painel

esquerdo, estavam Adão e Eva, tão vivos e nítidos que poderiam ter sido

pintados na véspera,

e ali estava o paraíso, habitado por inúmeras figuras nuas, barrigudas como crianças,

escalando morangos gigantescos ou cavalgando passarinhos, e, à direita, o inferno, perverso e

aterrorizante, iluminado por fogueiras cujo combustível eram aquelas mesmas figuras

minúsculas e barrigudas. Uma espada cravada em um pescoço, uma pena entre orelhas

decepadas, um gigante sinistro fundido a um porco, fundido a uma árvore. Uma palavra não

acadêmica, eu sei, mas aquilo era “viajante”, o tipo de imagem emocionalmente horrível que

um adolescente adoraria ver, e eu esperava que, assim que ele aceitasse o meu pedido de

desculpas, Albie e eu pudéssemos voltar ali e assimilar todos os detalhes psicodélicos.

Sem tempo agora. Subi ao segundo andar, passando por El Grecos e Riberas até uma sala

espetacular, uma surpreendente coleção de retratos de aristocratas bigodudos, os Habsburgos

pintados por Velázquez. Um rosto de queixo quadrado e lábios úmidos era recorrente, aqui

como um acanhado príncipe adolescente de faces rosadas e trajando uma armadura novinha

em folha, ali como um caçador bem-vestido, acolá como um monarca triste com cara de

cocker spaniel, já no fim da meia-idade. Eu me perguntava como ele reagira às pinturas, se

Felipe IV teria ficado constrangido assim como todos nós ficamos quando vemos nossa

verdadeira aparência. “Eu me pergunto, *Señor* Diego, haveria alguma maneira de fazer o meu

queixo um pouco menor?”

Esses retratos eram extraordinários, mas, dominando a sala havia uma pintura como eu

jamais vira, de uma menina pequena, talvez quatro ou cinco anos, trajando um vestido de cetim

engomado, tão largo quanto uma mesa à altura dos quadris, o que era muito estranho em uma

criança. O quadro chamava-se *Las Meninas* ou *As damas de honra*, e com certeza a princesa

estava cercada de cortesãs, uma freira, uma anã bem-vestida e um menino pequeno, ou talvez

fosse outro anão, cutucando um cão com o pé. À esquerda, um pintor com um bigode

comicamente espanhol — uma representação, imaginei, do próprio Velázquez — diante de

uma tela enorme, olhando para fora da tela, como se não estivesse pintando a menina, mas o

espectador, especificamente eu, Douglas Timothy Petersen, uma ilusão tão convincente que me

deu vontade de dar a volta na tela para ver o que ele fizera com o meu nariz. Um espelho na

parede dos fundos mostrava duas outras figuras, os pais da menina, imaginei, Mariana e Felipe

IV, o cavalheiro de queixo grande na parede à minha esquerda. Apesar de estarem distantes e

borrados, pareciam ser o verdadeiro objeto do quadro do artista, embora o artista, a menina e

a anã parecessem estar olhando para fora do quadro com tal intensidade que comecei a me

sentir cada vez mais acanhado e confuso, perguntando-me como uma pintura podia ter tantos

temas: a pequena princesa, as damas à espera, o artista, o casal real e eu. Era tão

desorientador quanto o momento em que você pisa entre dois espelhos e vê infinitas versões

de si mesmo estendendo-se, bem, ao infinito. Claramente também havia “muita coisa

acontecendo” naquela pintura, e eu voltaria ali com Albie em breve.

Retornei ao átrio central, entrando e saindo das salas, vislumbrando coisas maravilhosas. E

teria voltado para a escadaria na frente do museu e esperado ali caso não tivesse visto uma

placa anunciando algo que se chamava Pinturas Negras, o que me pareceu intrigante como um

filme de terror da Hammer Films.

158. francisco goya

As telas em questão estavam em uma sala sombria no porão da galeria, como se fossem algum

terrível segredo familiar, e um vislumbre delas revelou o porquê. Não eram telas, mas murais

pintados por Goya diretamente nas paredes de uma casa e evidentemente eram o trabalho de

um homem profundamente perturbado. Em um deles, uma mulher sorrindo erguia uma faca,

pronta para decepar a cabeça de alguém, em outro, mulheres grotescas sentavam-se em círculo

ao redor de Satanás, que se manifestava sob a forma de um bode monstruoso. Metidos até os

joelhos em um pântano imundo, dois homens quebravam com porretes as cabeças

ensanguentadas um do outro. A cara de um cão de olhos tristes se afogando despontava em

meio à areia movediça. Até mesmo os cenários mais inocentes — mulheres rindo, dois velhos

tomando sopa — pareciam repletos de medo e maldade, mas o pior ainda estava por vir. Em

uma espécie de caverna, um gigante enlouquecido rasgava com os dentes a carne de um

cadáver. A imagem se chamava *Saturno devorando um filho*, embora este deus em nada se

parecesse como as belas figuras que eu vira na França e na Itália. Parecia perturbado, o corpo

velho, flácido e acinzentado, com uma expressão de profunda aversão a si mesmo em seus

horríveis olhos negros…

Ouvi um zumbido, senti um aperto no peito e tive tal temor e ansiedade que fui forçado a

fugir daquela sala, desejando nunca ter visto aquela pintura, que ela tivesse permanecido nas

paredes de alguma remota casa abandonada. Não sou supersticioso, mas havia algo de

ocultismo naquelas imagens. Com apenas dez minutos antes de meu encontro, senti que

precisava de algum tipo de antídoto e corri de volta ao andar de cima, ao longo do corredor

principal da galeria, olhando para a esquerda e para a direita em busca de um local tranquilo

para descansar e organizar meus pensamentos. À minha direita estava a sala de Velázquez, e

achei que devia me sentar um instante diante da garota em *Las Meninas* para desanuviar a

mente.

Mas a galeria ficara muito lotada, e agora o quadro estava escondido atrás de um grupo de

turistas. Ainda assim eu me sentei e tentei recuperar a compostura, pressionando os dedos nos

olhos, de modo que levei algum tempo até sentir uma presença, olhar para cima e ver meu

filho em pé à minha frente, dizendo as palavras que todo pai deseja ouvir:

— Meu Deus, pai, por que você não consegue simplesmente me deixar em paz?

159. paseo del prado

— Olá, Albie. Sou eu!

— Dá para notar, pai.

— Estive procurando você por toda parte. É bom te ver. Eu…

— Onde está Kat?

— Kat não vem, Albie.

— Não? Ela me mandou uma mensagem.

— Sim, eu estava lá.

— Por que ela não vem?

— Bem, Albie, para ser sincero, ela não viria.

— Não entendi. Ela me enganou?

— Não, ela não te *enganou*…

— Então você me enganou?

— Ela não te enganou, ela te ajudou. Kat ajudou. A encontrá-lo.

— Mas eu não queria que você me encontrasse.

— Sim, dá para perceber. Mas sua mãe estava preocupada, e eu quis…

— Se quisesse que você me encontrasse, eu teria dito onde estava.

— No entanto, nós estávamos preocupados com você, sua mãe e eu…

— Mas a mensagem de texto, eu pensei… Pensei que Kat estava grávida!

— Sim, você pode ter tido essa impressão…

— Pensei que fosse ser pai!

— Sim, isso ficou meio implícito. Desculpe.

— Você sabe como a gente se sente?

— Na verdade, sei, sim.

— Tenho dezessete anos! Eu estava ficando maluco!

— Sim, entendo que isso possa ter sido um choque e tanto.

— Foi ideia sua?

— Não!

— Então, de quem foi a merda da ideia, pai?

— Ei, Albie, chega!

As pessoas estavam olhando agora, o segurança do museu prestes a se aproximar.

— Talvez devêssemos ir para outro lugar…

Parecia que Albie já pensara naquilo porque começou a se afastar rapidamente, cabeça

baixa contra a maré de turistas que de repente inundaram o átrio. Fiz o que pude para segui-lo,

murmurando “scusis” e “por favor” até estarmos ao ar livre, a luz estranhamente brilhante

agora, o calor muito intenso enquanto descíamos a escadaria e nos dirigíamos à avenida

arborizada que contornava o museu.

— Seria muito mais fácil explicar se pudéssemos nos sentar.

— O que há para ser explicado? Eu queria ficar sozinho para pensar e você não me

permitiu isso.

— Nós estávamos preocupados!

— Você estava preocupado porque não confia em mim. Você nunca confiou em mim…

— Nós só queríamos saber onde você estava e se estava em segurança, isso não é

incomum. Você preferiria que não nos importássemos?

— Você sempre diz isso, pai! Depois de gritar comigo e apontar o dedo para mim você

sempre diz que é por que vocês se importam comigo! “Nós nos importamos!”, é o que você

diz enquanto me asfixia com o travesseiro!

— Não há necessidade de ser melodramático, Albie! Quando foi que eu…? Albie… — Ele

caminhava muito rapidamente e agora eu estava tendo dificuldade para falar. — Por favor,

podemos… Isso seria muito mais fácil se pudéssemos…

Parei, as mãos nos joelhos, esperando que ele não desaparecesse. Ergui a cabeça e lá

estava ele, batendo com o calcanhar no chão.

— Eu queria… me desculpar… pelo que eu disse em Amsterdã…

— O que você *disse* em Amsterdã, pai? — perguntou ele, e eu percebi que meu filho não

tinha a intenção de facilitar as coisas para mim.

— Tenho certeza de que você se lembra, Albie.

— Mas só para ter certeza…

O suor pingava de minha testa. Vi as gotas caindo no chão e contei: uma, duas, três.

— Eu disse que você me… envergonhou. E gostaria de dizer que isso não é verdade. Acho

que você se excedeu, acho que não havia necessidade de começar uma briga, mas me

expressei mal e gostaria de pedir desculpas. Pessoalmente. Por isso. E por outros momentos

em que eu possa ter exagerado. Eu estive sob muita pressão ultimamente… no trabalho e, bem,

em casa também e… enfim. Não há desculpa. Sinto muito. — Eu me levantei. — Você aceita

as minhas desculpas?

— Não.

— Entendo. Posso perguntar por quê?

— Porque eu não acho que você deva pedir desculpas pelo que realmente pensa.

— O que eu realmente penso, Albie?

— Que eu sou uma vergonha.

— Como você pode dizer isso, Albie? Eu me importo com você muito, muito mesmo. Sinto

se isso não é sempre evidente, mas com certeza você pode ver…

— Em tudo o que você faz, pai, em tudo o que diz para mim, há esse… desprezo, este fluxo

constante de antipatia e irritação…

— É mesmo? Eu não creio que haja…

— Me subestimando e me criticando…

— Ah, Albie, isso não é verdade. Você é meu filho, meu filho querido…

— Meu Deus, é como se eu nem mesmo fosse seu filho favorito!

— O que quer dizer com isso, Albie?

Ele inspirou profundamente pelo nariz, o rosto se contraindo como ele costumava fazer

quando era criança e tentava segurar o choro.

— Eu vi as fotos que vocês têm escondidas. Eu vi você e mamãe olhando para elas com

saudade.

— Elas não estão escondidas, Albie. Nós as mostramos a você.

— E você não acha isso estranho?

— De modo algum! Nem um pouco. Nós sempre fomos honestos a respeito da sua irmã. Ela

não é um segredo, isso seria terrível. Nós amamos Jane quando ela nasceu, e então também

amamos você, da mesma forma.

— Só que ela nunca estragou tudo, certo? Ela nunca te envergonhou em público ou se deu

mal na escola. Ela é perfeita, enquanto eu sou o seu filho idiota e fracassado…

Devo admitir que ri. Não maliciosamente, mas do melodrama de tudo aquilo, daquela

autopiedade adolescente.

— Albie, vamos lá, você está apenas sentindo pena de si mesmo…

— Não ria de mim! Não faça isso! Você não percebe que faz de tudo para demonstrar quão

idiota acha que eu sou?

— Eu não acho que você é idiota…

— Você já disse que eu sou! Você me disse! Na minha cara.

— Eu disse?

— Sim, você disse, pai! Você disse!

E acho que posso mesmo ter dito isso para ele, talvez uma ou duas vezes.

Fechei os olhos. Subitamente, me senti muito cansado, muito triste e muito longe de casa. A

futilidade daquela viagem subitamente me pareceu esmagadora. Eu me convencera de que não

era tarde demais, de que ainda havia tempo para reparar os gritos e os dentes à mostra, a

indiferença e os comentários impensados. Certamente eu me arrependera das coisas que

dissera, das coisas que eu fizera, mas por trás de tudo sempre houve… Não era óbvio que

sempre houve…

Sentei-me pesadamente em um banco de pedra. Um velho sentado em um banco.

— Você está bem? — perguntou Albie.

— Estou. Estou bem. Estou apenas… muito, muito cansado. Foi uma viagem muito longa.

Ele parou à minha frente.

— O que é isso que você está calçando?

Estiquei o pé, virei-o de um lado a outro.

— Gostou?

— Você está ridículo.

— Sim, estou ciente disso. Albie, Ovo, você poderia se sentar um minuto? Apenas um

minuto, então poderá ir. — Ele olhou para a esquerda, depois para a direita, já planejando a

fuga. — Eu não vou segui-lo desta vez. Juro.

Ele sentou.

— Eu não sei o que posso lhe dizer, Albie. Esperava que as palavras viessem naturalmente,

mas acho que não consegui me expressar muito bem. Espero que você saiba que tenho

arrependimentos, coisas que eu não deveria ter dito. Ou coisas que eu deveria ter dito, mas

não disse, o que geralmente é pior. Espero que você tenha alguns arrependimentos também.

Você nem sempre facilitou as coisas para nós, Albie.

Ele curvou os ombros.

— Não. Eu sei.

— O estado em que está o seu quarto, é como se você fizesse aquilo deliberadamente para

me irritar.

— Eu faço — disse ele e riu. — De qualquer forma, ele vai ser seu agora.

— Então você ainda vai para a faculdade? Em outubro?

— Você vai me convencer do contrário?

— Claro que não. Se é isso que você quer fazer da vida.

— Bem, eu quero.

— Bom. Bom. Estou satisfeito que você vá. Eu não quero dizer que estou satisfeito por

você estar saindo de casa, mas satisfeito por…

— Eu entendi.

— Sua mãe está morrendo de medo de como será a vida sem você.

— Eu sei.

— Tanto que ela está pensando em ir embora também. Me deixar. Mas vocês sempre foram

muito próximos, de modo que imagino que você já saiba disso.

— Eu sei.

— Ela disse isso?

Ele deu de ombros.

— Eu meio que imaginei.

— Você se importa?

Ele voltou a dar de ombros.

— Ela não parece muito feliz.

— Não, ela não parece, não é mesmo? Ela não parece. Bem, tenho tentado

resolver isso.

Eu esperava que nós nos divertíssemos juntos neste verão, nosso último verão, todos juntos.

Eu esperava fazê-la mudar de ideia. Talvez eu tenha tentado demais. Descobrirei em breve.

Enfim. Sinto muito pelo que eu lhe disse. Não é o que acredito. Seja lá o que eu tenha dito,

tenho muito orgulho de você, embora possa não ter demonstrado, e sei que você vai fazer

grandes coisas no futuro. Você é meu filho, e eu odiaria que saísse para o mundo sem saber

que vamos sentir sua falta e que queremos que você esteja bem e feliz, e que nós te amamos.

Não apenas a sua mãe, você sabe o quanto sua mãe te ama. Mas eu também. Eu também te

amo, Albie. Pronto. Acho que é isso realmente o que eu vim lhe dizer. Então, agora você pode

ir. Faça o que quiser, contanto que seja seguro. Eu não vou mais segui-lo. Apenas ficarei aqui

sentado por algum tempo. Ficarei aqui sentado, descansando.

160. museu reina sofía

Naquela tarde, fomos ver *Guernica*. Estávamos mais calmos então e, embora ainda não

completamente à vontade — algum dia estaremos à vontade? —, ao menos, estávamos mais

confortáveis em nosso silêncio. Enquanto andávamos pelo Museo Reina Sofía,

lancei-lhe

pequenos olhares de esguelha. Ao que parecia, ele vestia as mesmas roupas que usara em

Amsterdã: a camiseta manchada, que destacava o peito ossudo, uma calça jeans que clamava

por um cinto, sandálias nos pés imundos. Sua barba incipiente estava áspera e anti-higiênica, o

cabelo, escorrido e não lavado, e ele parecia muito magro. Em outras palavras, nada havia

mudado, e aquilo me agradou.

Nos vimos diante de *Guernica*. Achei o quadro muito impressionante, muito maior do que

eu esperava e comovente de uma forma que eu não associava a obras mais abstratas (meu

Deus, Connie, ouça o que estou dizendo!). Eu teria gostado de observar o quadro em silêncio,

mas permiti que Albie me esclarecesse o contexto histórico e a importância da obra, ideias

que ele claramente tirara do mesmo verbete da Wikipédia que eu lera no café da manhã.

Observei-o enquanto falava. Ele falou muito, destacando coisas que eram óbvias para

qualquer um que tivesse um mínimo conhecimento de arte. Tentando me educar, supus. Na

verdade, ele estava muito chato ao falar no assunto, mas fiquei quieto e me reconfortei com o

velho ditado que fala sobre maçãs que não caem longe da árvore.

Em uma lanchonete em frente à estação de Atocha comemos churros com chocolate. As

luzes do teto iluminavam os tampos das mesas de zinco, guardanapos descartáveis gordurosos

espalhados pelo chão. Parecia a hora, o dia e o ano errados para comer massa frita

mergulhada em chocolate quente e espesso, mas era agradável estar a salvo do calor atômico

do sol do meio-dia. Albie me garantiu que era isso que todos faziam ali e, apesar de o lugar

estar quase vazio, não quis contrariá-lo.

— Onde você está hospedado?

— Em um albergue.

— Como é lá?

Ele deu de ombros.

— É um albergue.

— Eu nunca fiquei em um albergue.

— Como? Um viajante experiente como você?

— Como é?

Ele riu.

— É triste. Hostil. É um albergue hostil.

— Eu tenho uma suíte em um hotel na Gran Vía.

— Uma suíte? O que você pensa que é, algum oligarca?

— Eu sei. É tudo muito suntuoso.

— Espero que você não esteja bebendo do frigobar, pai.

— Albie, eu não sou *louco*. Enfim, o negócio é que há um quarto vago que pode ser mais

confortável. Um sofá-cama. Enquanto você decide aonde quer ir depois.

Ele fez uma pausa para limpar o açúcar da barba rala.

— Você não vai comer os seus churros?

Empurrei o prato para ele.

— Como você come tanto e é tão magro?

Ele revirou os ombros ossudos e enfiou outro churros na boca.

— Energia nervosa, creio.

— Sim, eu sei algo a esse respeito.

161. sujeito esperto

Pegamos as coisas dele e voltamos para o hotel no fim da tarde, e eu fiquei deitado na cama

enquanto Albie tomava um banho absurdamente demorado. Eu não verificava o telefone havia

vinte e quatro horas, e com um pouco de medo eu o liguei e encontrei uma série de mensagens

de Connie, a impaciência se transformando em irritação.

Quando você vai voltar para casa? Mal posso esperar para vê-lo.

Informações, por favor. Você está vivo?

Você voltará hoje, amanhã, algum dia?

Frenética aqui. Douglas, por favor, ligue.

Havia uma mensagem de voz, também, da minha irmã, e eu a reproduzi com o telefone a

alguma distância do ouvido.

— Por que você não atende o telefone? Você sempre atende o telefone. Douglas, é a Karen.

Que porra está acontecendo? Connie está frenética. Ela diz que você está vagando pela Europa

à procura de Albie. E me fez jurar que eu não diria isso, mas ela acha que você teve algum

tipo de colapso nervoso. Ou uma crise de meia-idade. Ou as duas coisas! — Karen suspirou, e

eu sorri. — Desista, Douglas. Albie voltará para casa quando ele quiser. De qualquer modo,

me ligue. Faça isso, D. É uma ordem!

Albie estava de pé junto à porta, envolto no roupão do hotel, demonstrando aquela

capacidade única que ele tem de tomar um banho de vinte minutos e ainda assim parecer sujo.

— Pode me emprestar a sua lâmina de barbear?

— Claro.

— Quem estava ao telefone?

— Sua tia Karen.

— Pensei ter ouvido gritos.

— Vou ligar para a sua mãe, Albie. Você quer falar com ela?

— Claro.

— Agora?

Ele hesitou um instante.

— Ok.

Disquei imediatamente e esperei.

— Alô? — disse Connie.

— Olá, querida.

— Douglas, era para você já estar em casa! Achei que você fosse chegar esta manhã. Você

está no aeroporto?

— Não, não, eu não peguei o avião.

— Você ainda está na Itália?

— Na verdade, estou em Madri.

— O que você está fazendo em…? — Ela fez uma pausa, se recompôs e continuou naquele

tom de voz usado para persuadir as pessoas a não se jogarem de um parapeito. — Douglas,

nós concordamos que era hora de você voltar para casa…

Tentei não rir.

— Connie? Connie, você pode esperar um instante? Tem alguém aqui que quer falar com

você.

Estendi o telefone. Albie hesitou e, em seguida, tirou-o de minha mão.

— *Hola* — disse ele e fechou a porta.

Peguei uma revista espanhola com o mesmo nome e olhei para fotos de celebridades

desconhecidas. Folheei a revista uma vez, duas vezes. Connie e Albie falaram durante tanto

tempo que meu senso de triunfo foi temperado por uma crescente ansiedade quanto ao custo da

chamada, e eu pensei em interromper a conversa e pedir para Connie ligar de volta. Mas

quando olhei pela fresta da porta do outro quarto, notei que Albie estava com os olhos um

pouco vermelhos, o que significava que Connie também estava chorando e, portanto, sem

disposição para discutir taxas de chamadas internacionais. Constatei também que, como

esperado, Albie conseguira usar todas as oito toalhas do hotel, de banho e de rosto, e

distribuí-las pelo quarto, incluindo uma sobre um abajur, onde poderia facilmente pegar fogo.

Inspire profundamente. Deixe passar. Esqueça as toalhas em chamas. Folheei a revista uma

terceira vez, e então uma pequena mão saiu pela porta do quarto e sacudiu o telefone para

mim.

— Recolha as toalhas, por favor, Ovo — falei, pegando o telefone.

— Você trata este lugar como se fosse um hotel! — disse Albie, e fechou a porta.

Esperei um instante e então levei o telefone ao ouvido.

— Alô?

Silêncio.

— Alô, Connie?

Eu podia ouvi-la respirar.

. . .

. . .

— Connie, você está aí?

— Sujeito esperto — disse ela antes de desligar.

162. em chueca

Eu não sei o que Connie disse para Albie nesse telefonema, porém, mais tarde, muito mais

tarde, enquanto pedíamos mais bebidas em uma *taberna* no bairro gay de Madri, em uma hora

avançada da madrugada, timidamente toquei no assunto dos planos futuros. O bar era escuro

com paredes revestidas de painéis de madeira, repleto de madrilenhos barulhentos e atraentes

que bebiam — xerez? vermute? — com presunto serrano, anchovas e chouriço gorduroso.

— Isso é uma delícia! — gritei, limpando a gordura do queixo. — Mas eles não comem

vegetais suficientes. Como nação, quero dizer.

— Vou embora amanhã! — gritou Albie. — Para Barcelona! Bem cedo!

Tentei esconder a decepção. Na verdade, eu não tinha abandonado completamente a ideia

de Connie se juntar a nós e todos voltarmos ao Grand Tour, talvez refazendo nossos passos até

Florença. Nossas reservas de hotéis ainda eram válidas, e os ingressos para a Uffizi…

— Ah. Certo. É uma pena. Pensei que poderíamos voltar a…

— Você pode vir comigo!

O salão estava realmente muito barulhento e eu pedi para ele repetir. Ele aproximou a boca

do meu ouvido:

— Você quer vir comigo?

— Para onde?

— Para Barcelona. Só por uma noite ou duas.

— Nunca estive em Barcelona.

— Não, por isso que perguntei.

— Barcelona?

— Fica perto do mar.

— Eu sei onde fica Barcelona, Ovo.

— Achei que seria legal nadar no mar.

— Eu gostaria.

— Você poderia igualar o bronzeado. Bronzear o lado esquerdo.

— Ainda dá para notar?

— Um pouco.

Eu ri.

— Certo. Certo! Vamos. Vamos nadar no mar.

PARTE OITO

BARCELONA

— Vir para a Europa não é nada — disse ela para Isabel. — Não me parece que

alguém precise de muitas razões para tanto. Ficar em casa é muito mais importante.

Henry James, *Retrato de uma Senhora*

163. correndo em direção ao mar

Foi com algum alívio que descobri que Barcelona quase não tinha galerias de arte.

Isso não era bem verdade, é claro. Havia um Museu Picasso e um Museu Miró e talvez eu

devesse mergulhar um dedo do pé no mundo do abstrato, da arte não representativa, após

tantos mestres antigos. Mas não havia ali uma instituição monolítica única como o Louvre ou o

Prado e, portanto, nenhuma pressão. Em vez disso, Barcelona nos ofereceu uma oportunidade

para “curtir”. Por um dia ou dois. Nós curtiríamos. Apenas… curtiríamos.

Esse era todo o itinerário de Albie, e ele já demonstrara admirável capacidade

organizacional ao providenciar que chegássemos à estação de Atocha, em Madri,

a tempo de

pegar o trem das nove e meia. A estação de Atocha era um lugar e tanto, mais parecida com

uma estufa de jardim botânico do que com uma estação convencional, com uma vasta floresta

de plantas tropicais ocupando o átrio central, e eu a teria apreciado mais caso não estivesse

sendo vítima da mais terrível ressaca de minha vida.

Nossa noite em Chueca se transformou naquilo que Albie chamou de uma "grande noite".

Ficamos muitas horas naquele bar, sentados em bancos altos, comendo comida maravilhosa,

no limiar de minha zona de conforto: pastas de peixe, lulas, polvo picado e pimentas verdes

fritas, tudo isso muito salgado e desidratado, o que nos levava a beber ainda mais vermute —

eu desenvolvera um gosto pelo vermute —, o que, por sua vez, permitiu-nos conversar

alegremente com estranhos sobre a Espanha, a recessão e o euro, Angela Merkel e o legado de

Franco, toda conversa habitual de bar. Amigavelmente bêbado, Albie me apresentava para

estranhos como "meu pai, o famoso cientista" e então se afastava, mas todos foram muito

simpáticos e foi revigorante manter conversas de verdade com gente de outro país em vez de

apenas comprar ingressos ou encomendar comida. De qualquer modo, a noite correu muito

bem — tão bem, na verdade, que saímos do bar em meio a um amanhecer nebuloso, pássaros

cantando na Plaza de Chueca. Eu associava o amanhecer à ansiedade e insônia, mas todos os

boêmios pelos quais passamos a caminho de casa pareciam estar animados. *¡Buenos Días!*

¡Hola! Era tudo muito aberto e amigável, e decidimos que gostamos muito de Madri, e de

Chueca em particular. Apenas alguns meses depois, quando Albie anunciou para Connie e para

mim que era gay e que estava em um relacionamento sério com um colega de faculdade, que

percebi que aquela noite fora a primeira pista que ele nos dava a esse respeito. Na hora, não

percebi. Apenas pensei que ele estava sendo muito sociável.

Quatro horas mais tarde estávamos correndo pelo saguão da estação, o enjoo aumentando,

gosto de vermute e páprica passada na boca. Mais forte do que eu, Albie pegou meu cotovelo

e me ajudou a entrar no trem. Assim que saímos de Madri, passamos pelo mesmo terreno

sobre o qual eu voara dois dias antes, mas só o vislumbrei através de pálpebras semicerradas,

dormindo todo o caminho até o litoral, acordando para descobrir que Albie já reservara um

quarto com duas camas em um grande e moderno hotel à beira-mar.

— Paguei com o seu cartão. Espero que não se importe.

Eu não me importei.

164. barceloneta

O hotel era um desses estabelecimentos modernos que pouco mudou desde 2003 — móveis

modulados em couro bege, TVs de tela grande e muito bambu.

— Bem. Tudo isso é muito legal! — falei, pegando a cama do lado esquerdo.

— Tem certeza de que não quer um quarto só para você? — perguntou Albie.

— E me privar da sua repressão? Acho que vai ficar tudo bem.

Saí à varanda: uma vista do Mediterrâneo e, além de uma avenida de quatro pistas, de uma

praia que parecia tão densamente povoada quanto qualquer rua comercial da cidade.

— Você prefere comer algo? Ou vamos direto para a praia?

Ele estava mesmo sendo extremamente conciliador, de um modo pouco natural, o que

atribuí à sua conversa com Connie no dia anterior. *Cuide bem de seu velho pai. Seja legal*

com ele por um dia ou dois e, em seguida, mande-o de volta para casa, esse tipo de coisa.

Ele estava agindo sob instruções estritas, e isso não duraria muito, mas, no momento, decidi

aproveitar aquela nova disposição. Nenhum de nós estava sendo seu eu habitual, e talvez fosse

melhor assim. Arregacei as pernas da calça, peguei uma toalha do banheiro, em meio à

limitada variedade de ofertas na loja de presentes no saguão do hotel comprei uma sunga

pêssego dois números menores do que o meu e fomos para a praia.

Sempre achei que praias eram ambientes particularmente hostis. Lugar gorduroso e

arenoso, claro demais para ler, quente e desconfortável demais para dormir, uma falta de

sombra francamente alarmante, ausência de banheiros públicos decentes — a menos que você

conte com o mar, como fazem todos os outros banhistas. Em uma praia lotada, até mesmo o

mar mais azul tem a mesma qualidade da banheira de um estranho, e aquela era uma praia

realmente muito frequentada, o concreto, a fumaça e os guindastes acima de nossas cabeças

fazendo-a parecer um canteiro de obras excepcionalmente descontraído. A jovem Barcelona

era bonita, musculosa, arrogante e muito bronzeada, e havia seios nus, também, embora tanto

Albie quanto eu tenhamos feito questão de não prestar muita atenção naquilo.

— Bem diferente de Walberswick, não é mesmo? — observei, indiferente a um grupo de

meninas seminuas que se acomodaram ali perto, e ambos concordamos que aquilo não era

nada parecido como Walberswick.

Os tênis mutantes haviam sido abandonados em Madri e eu estava singularmente carente de

trajes de banho, de modo que desamarrei os cadarços de meus sapatos e realizei as contorções

necessárias para vestir a sunga enrolado em uma toalha, um processo trabalhoso que me

lembrou amarrar a ponta de um balão de festa, depois um tanto acanhado deitei na areia

quente. Apesar de todo o seu entusiasmo com o mar, Albie parecia relutante em nadar, mas o

calor da tarde era como o de um forno elétrico. Eu estava cada vez mais ciente da

vulnerabilidade do meu couro cabeludo e, quando não consegui aguentar mais, sentei-me,

passei protetor solar na cabeça e disse:

— Ovo, pode me emprestar os seus óculos de mergulho?

165. *pelagia noctiluca*

A água perto da praia estava turva de protetor solar, gordurosa como uma pia após um assado

de domingo, repleta de pessoas em pé, confusas, mãos nos quadris, como se estivessem

tentando lembrar onde guardaram as chaves. Os peixes nadavam entre nossas pernas mas,

assim tão perto da praia, pareciam lerdos e doentios, alimentando-se de Deus sabe o quê.

Avancei mar adentro, e à medida que a plataforma continental se aprofundava, a água ficava

mais limpa e assumia um azul surpreendente, de modo que voltei a me divertir. Ajustei os

óculos de Albie, mergulhei e imediatamente o último vermute da noite anterior foi lavado de

meu corpo. Sou um nadador forte e confiante, e logo estava praticamente sozinho, olhando

para a cidade, suas torres de rádio, guindastes e teleféricos, e as colinas nebulosas mais além.

Que estranho ter atravessado aos trancos e barrancos toda a Europa e somente agora chegar ao

mar. De onde eu estava, Barcelona parecia bela e moderna, e eu estava ansioso para explorá-

la com meu filho. Em algum lugar em meio à massa de corpos na praia, ele estava bem e a

salvo. A viagem chegara ao seu fim natural e, em dois ou três dias, eu voltaria para Connie e

exporia as minhas razões, fossem quais fossem. Não se preocupe com isso agora. Fechei os

olhos, virei de costas e voltei o rosto para o sol da tarde.

O que aconteceu em seguida ainda me parece indistinto, embora eu me lembre claramente

da primeira queimadura no peito do pé, uma sensação extremamente dolorosa, como ser

cortado por uma lâmina. A causa era óbvia, mas a primeira coisa que me ocorreu foi que eu

pisara em um caco de vidro e apenas quando mergulhei a cabeça na água e vi a areia bem,

bem lá embaixo e, ao meu redor, nuvens azuis e rosas de águas-vivas — um enxame, realmente

não há outra palavra para descrever — percebi o problema em que eu me metera. Tentei

acalmar a respiração e me tranquilizar, dizendo a mim mesmo que, se eu fosse paciente,

deveria ser perfeitamente possível encontrar um caminho através daquelas minas e chegar à

praia. Mas será que havia tantas assim? Inspirei e voltei a mergulhar outra vez e deixei

escapar o ar, atônito. Era como se eu fosse a primeira testemunha de alguma invasão

alienígena; um desembarque na praia, e lá estava eu, muito, muito atrás das linhas inimigas,

impressão acentuada por uma dor aguda na parte inferior das costas, como o golpe de um

chicote. Tateei ao redor, senti algo tão suave quanto um lenço de papel encharcado e, depois,

novamente, o golpe do chicote, desta vez no meu pulso. Subindo à tona, examinei a ferida, que

já se erguera em um rosa lúgubre, os contornos dos tentáculos claramente marcados na pele.

Xinguei e tentei não me mexer, mas minha imobilidade me fez afundar mais uma vez,

verticalmente, como uma boia para pesca, inspirando quando deveria expirar,

quando vi outra

daquelas vis criaturas a poucos centímetros de meu rosto, como se estivesse me intimidando

de forma deliberada. Absurdamente, dei-lhe um soco, porque nada fere mais uma água-viva,

nada afronta mais o seu senso de dignidade, do que um soco na cara embaixo d'água.

Escapando de uma queimadura, eu me afastei e me estabilizei, agitando as mãos e os pés em

pequenos círculos. Vasculhei a superfície do mar. O nadador mais próximo estava a uns

cinquenta metros, e enquanto eu o observava ele também gritou de dor e começou a nadar em

direção à praia, de modo que fiquei só.

Abri a boca para gritar. Talvez eu devesse pedir ajuda, mas a palavra "socorro" ficou

presa em minha garganta. Subitamente, pareceu-me uma palavra muito idiota. "Socorro!"

Quem realmente grita por socorro? Que lugar-comum! E, afinal, como seria "socorro" em

espanhol — ou seria em catalão? Será que "*Aidez-moi!* " funcionaria? Será que, ao se

afogarem, os franceses se sentem tolos gritando "*Aidez-moi!* "? E mesmo que alguém estivesse

perto o bastante para ouvir, como poderia me ajudar, cercado como eu estava? Eles teriam de

me içar com um helicóptero, uma grande massa gelatinosa daqueles monstros pendurada em

minhas pernas pálidas. Na verdade, eu deveria gritar “Desculpe!”. “Desculpe! Desculpe por

ser tão idiota!”

Olhei para a praia tentando encontrar Albie, mas eu estava muito longe, flutuando

inutilmente, a dor no pé, nas costas e no braço recusando-se a desaparecer, e agora eu estava

debaixo d’água novamente, olhos apertados desta vez, já sem querer saber o que havia ao meu

redor, e então senti outro golpe de chicote, desta vez no meu ombro, e pensei “ah, meu Deus,

vou morrer aqui, vou me afogar, vou desmaiar com o choque tóxico de inumeráveis

queimaduras e afundar”. Eu tinha certeza de que morreria, mais certeza do que jamais tive, e

então ri de mim mesmo, porque seria uma morte muito ridícula — provavelmente chegaria aos

jornais britânicos — e então me lembrei de minha sunga, desconfortavelmente perto do tom da

pele, e tamanho trinta e oito, quando realmente deveria ser quarenta ou, até mesmo, quarenta e

dois, e pensei, por favor, Deus, não deixe que encontrem o meu corpo nesta sunga tamanho

trinta e oito. Eu não quero que Connie identifique o meu corpo vestindo esta sunga de criança.

Sim, este é o meu marido, mas a sunga é de outra pessoa. Talvez tivessem de me enterrar

com aquilo.

— Ai, meu Deus — exclamei em voz alta, e voltei a rir, um riso engrolado com a boca

repleta de água do mar. — Ai, meu Deus, Connie, me desculpe.

Muito conscientemente, evoquei uma imagem de seu rosto, aquela que sempre evoco,

emprestada de uma fotografia, o que soa sentimental, eu sei, mas acho que temos autorização

para sermos sentimentais em ocasiões assim. Então é isso. Pensei em Connie, em Albie

também, nossa pequena família, então respirei e nadei com todas as minhas forças em direção

à praia, tentando me manter o máximo possível sobre a superfície da água.

166. *medusa, medusa*

Minha saída do mar foi ainda menos elegante que minha entrada, já que cheguei à terra

cambaleando como um náufrago, engatinhando no meio do jogo de voleibol de algumas

pessoas. Em meio ao pânico, eu calculara mal a minha trajetória e chegara à terra a uns cem

metros ou mais de onde Albie estava, e não havia ninguém ali para me ajudar a ficar de pé ou

perguntar o que havia de errado. Então, enquanto eu me ajoelhava e recuperava o fôlego, o

jogo de vôlei reiniciou sobre a minha cabeça.

Quando enfim senti que podia andar, comecei a procurar Albie. O sol estava extremamente

quente, como se estivesse sendo focado através de uma lupa. Pelo menos a água era

refrescante; a céu aberto eu sentia estar assando. Até mesmo o vento batendo nas queimaduras

era doloroso, e eu não estava sozinho em minha angústia. Agora, a notícia se espalhara pela

praia e eu ouvi o grito “medusa, medusa” me seguindo enquanto procurava Albie.

Encontrei-o afinal, dormindo profundamente.

— Albie! Albie, acorde.

— P-pai! — resmungou, protegendo os olhos da luz. — O que está acontecendo?

— Fui atacado. Por águas-vivas.

Ele se sentou.

— Na água?

— Não, em terra. Elas levaram as minhas chaves e a minha carteira.

— Você está tremendo.

— Porque dói, Albie. Dói muito.

Ao perceber o meu desconforto, Albie entrou em ação, imediatamente pegando o telefone e

pesquisando “água-viva queimadura” enquanto eu me abrigava sob uma toalha, estremecendo

quando ela entrou em contato com a pele.

— Eu não vou precisar mijar em você, certo? Porque isso acabaria sendo muito estranho e

freudiano. Isso me custaria cinquenta anos de terapia, no mínimo.

— Eu acho que essa coisa da urina é mito.

Ele olhou para o telefone.

— E é! É um mito! Na verdade, aqui diz que você tem apenas de extrair os tentáculos e

tomar um monte de analgésicos. Aonde você vai?

Vesti a camisa, estremecendo, um enjoo terrível tomando conta de mim.

— Vou me deitar no quarto. Tenho um pouco de paracetamol na bolsa.

— Certo, eu vou com você.

— Não, você fica aqui.

— Eu quero…

— Sério, Albie, divirta-se. Eu só vou dormir. Não nade. E, a propósito, qual é o fator do

protetor solar que você está usando?

— Oito.

— Você é louco. Olhe onde está o sol! Você precisa no mínimo de um fator trinta.

— Pai, eu acho que já sou velho o bastante para decidir…

— Tome… — Joguei-lhe a loção. — Não se esqueça das orelhas. Vejo você no hotel.

Segurando sapatos e calça, braços abertos, abri caminho através da multidão e cambaleei

de volta ao hotel.

Eu estava vestido inadequadamente para o saguão lotado, mas não me importei. No

momento em que cheguei ao meu quarto, o enjoo aumentara, embora a dor tivesse diminuído

um pouco e logo parecesse quase insignificante em comparação com a série de ataques

cardíacos que me atingiram em rápida sucessão, como golpes de um poderoso martelo contra

o meu esterno, o primeiro me levando ao chão e tirando todo o ar de meu corpo.

167. sob o guarda-roupas

Um antigo truque das histórias de horror que eu secretamente apreciava quando criança é

aquele em que é revelado que o protagonista estava morto todo o tempo. Também já vi este

truque em filmes, e, apesar das suposições que tece a respeito de consciência e vida após a

morte, sempre me pareceu um truque barato. Então devo dizer desde já que não morri, nem fui

convidado a caminhar em direção a uma luz branca.

O fato é que meu filho me salvou a vida. Fosse por culpa ou preocupação, ele fora incapaz

de relaxar na praia e, por isso, me seguiu alguns minutos depois, entrando no quarto e

encontrando meus pés despontando por entre as duas camas de solteiro. A dor se espalhou

pelo meu peito, meus braços, pescoço e queixo, e eu estava respirando com dificuldade, e

também estava em pânico porque até Ovo chegar eu não via nenhuma possibilidade de resgate

e fui obrigado a ficar ali, deitado no chão de madeira, como se estivesse debaixo de um

imenso guarda-roupa, contemplando o cutão debaixo da cama, as meias, os tênis e as toalhas

descartadas por meu filho e então, milagrosamente, os abençoados e imundos pés de Albie

junto à porta.

— Pai? Você está brincando de quê?

— Venha aqui, por favor, Albie.

Ele passou por cima da cama, olhando com tristeza para mim, que estava imprensado

contra a mesa de cabeceira, e eu expliquei o que achava que acontecera. Ele não procurou

“ataque cardíaco” no Google. Em vez disso, pegou o telefone e ligou para a recepção,

adotando um tom claro e sensato que eu nunca ouvira antes; admiravelmente calmo,

exatamente como eu teria feito. Quando teve certeza de que a ajuda estava a caminho, montou

em cima de mim, enfiou as mãos sob as minhas axilas e tentou me sentar. Mas

eu estava bem

imprensado, fraco demais para ajudar, de modo que ele se deitou no chão ao meu lado entre as

camas e segurou a minha mão enquanto esperávamos.

— Viu? — comentou ele após algum tempo. — Eu disse que essa sunga estava muito

apertada.

Fiz uma careta.

— Não me faça rir, Albie.

— Você está com dor?

— Sim, estou.

— Desculpe.

— Aspirina ajudaria.

— Temos alguma?

— Temos paracetamol.

— Será que ajuda, pai?

— Acho que não.

— Muito bem. Então, vamos apenas ficar deitados.

Algum tempo se passou, talvez três, quatro minutos, e embora eu tentasse manter a calma,

não consegui deixar de lembrar que meu próprio pai provavelmente também se viu naquela

posição, sozinho em seu apartamento sem ninguém para ficar ao seu lado ou

fazer piadas

idiotas. Sem ninguém? Sem mim. “O coração dele basicamente explodiu”, dissera o médico

com prazer inapropriado. Senti outro espasmo no peito e fiz uma careta.

— Você está bem?

— Estou bem.

— Continue respirando, pai.

— É o que pretendo.

O tempo passou, mas não muito.

— O que acontece se você perder a consciência?

— Talvez devêssemos falar sobre outra coisa, Ovo.

— Desculpe.

— Se eu perder a consciência, será uma parada cardíaca. Você terá de fazer RCP.

— Aquela coisa de boca a boca?

— Acho que sim.

— Ai, meu Deus. Você não vai perder a consciência, né?

— Estou tentando não perder.

— Bom.

— Você sabe como fazer RCP, Ovo?

— Não. Vou pesquisar no Google. Talvez deva fazer isso agora.

Voltei a rir. Se havia algo que me mataria seria a visão de Albie lendo desesperadamente

sobre RCP.

— Não. Basta deitar aqui comigo. Eu vou ficar bem. Isso tudo vai acabar bem.

Albie expirou lentamente, apertou a minha mão e esfregou os nós dos meus dedos com o

polegar. Uma pena, pensei, recuperar essa intimidade a tal preço.

— Albie…

— Pai, você não devia falar, você sabe.

— Eu sei…

— Tudo vai acabar bem.

— Eu sei, mas se eu não ficar bem. Se eu não…

Algumas pessoas, imagino, teriam agradecido a oportunidade de fazer alguma declaração

definitiva para o mundo, e diversas formulações passaram pela minha mente. Mas todas

pareciam muito preocupantes e melodramáticas, e assim, em vez disso, ficamos ali, quietos e

silenciosos, imprensados entre as camas, de mãos dadas e esperando a ambulância chegar.

168. *ataque al corazón*

Não há como poupar elogios ao sistema de saúde espanhol. Os paramédicos foram diretos e

“machos” de uma maneira reconfortante, e eu fui pego por seus braços peludos e levado para

o hospital local ali perto onde, após exames, radiografias e administração de medicamentos

para afinar o sangue, foi explicado por certa Dra. Yolanda Jimenez, em bom e claro inglês,

que eu seria submetido a uma cirurgia. Imediatamente imaginei o zumbido de serras cirúrgicas

e minha caixa torácica sendo aberta como uma casca de lagosta, mas a médica explicou que o

procedimento seria muito mais localizado do que isso. Iriam inserir em minha coxa um tubo,

com anestesia local, que percorreria, de modo um tanto improvável, todo o caminho até o meu

coração, permitindo que a artéria fosse alargada, deixando um stent no lugar. Imaginei

limpadores de cachimbo, fios dentais, um cabide de arame esticado. A operação seria na

manhã seguinte.

— Bem, isso não me parece assim tão ruim — falei, alegremente depois que a médica se

foi. Na verdade, eu não gostava da perspectiva de ter um cateter inserido em minha coxa e

abrindo caminho por meus órgãos internos, mas eu não queria que Albie se preocupasse. —

Se eles passarem do ponto, provavelmente a coisa vai sair pelo meu ouvido! — falei, e ele

forçou um sorriso.

Albie voltou para o hotel para me trazer uma muda de roupas. A sunga obscena foi

descartada e fomos transferidos para uma enfermaria, onde passaríamos a noite. Eu gostaria

de poder relatar alguma atmosfera peculiar de Barcelona, com todo mundo passeando pelos

corredores e comendo espetinho de polvo até o amanhecer. Mas aquilo era tão ansioso e

depressivo quanto qualquer enfermaria de hospital do mundo, só que com os xingamentos,

gemidos e gritos em um idioma diferente. Albie, que nunca estivera em um hospital desde que

nascera, parecia abalado.

— Pai, se tudo isso é alguma artimanha elaborada para que eu pare de fumar, então

funcionou.

— Bem, acho que isso já é alguma coisa. Albie, você pode me deixar aqui, se quiser.

— E ir me divertir?

— Ao menos volte para o hotel. Você não pode dormir em uma cadeira.

— Vou mais tarde. Agora precisamos ligar para a mamãe.

— Eu sei.

— Você quer fazer isso ou eu faço?

— Eu vou falar com ela e, em seguida, passá-la para você.

Então liguei para Connie, e, no dia seguinte, no momento em que o procedimento terminou e

eu estava acordando de um sono induzido por sedativos, minha mulher estava ao

meu lado.

169. o rosto dela

Connie estava deitada um pouco sem jeito, metade do corpo para fora da cama do hospital,

seu fantástico rosto junto ao meu.

— Como você está?

— Eu estou bem! Um pouco dolorido, um pouco machucado.

— Pensei que fosse uma cirurgia por laparoscopia.

— Acho que o buraco foi um pouco maior.

— Você está com dor? Devo sair de cima de você?

— Não, não, eu gosto de ter você aqui. Não se mova. Me desculpe por estar fedendo.

Eu não tomava banho corretamente desde o Mediterrâneo e estava dolorosamente

consciente do mau cheiro do meu hálito e do meu corpo.

— Meu Deus, eu não me importo. Mostra que você está vivo. Como foi o…

— Um tanto desconfortável. Uma pressão no peito, como se alguém estivesse enfiando um

dedo em mim…

— Droga, Douglas!

— Eu estou bem. Sinto muito que você tenha sido obrigada a vir até aqui.

— Bem, eu pensei em deixar isso para lá, deixá-lo enfrentar a cirurgia sozinho, mas não

havia nada legal para ver na TV, então… aqui estou. — Sua mão estava no meu rosto agora. —

Olhe para esta barba maluca. Você parece um náufrago ou algo assim.

— Senti a sua falta.

— Ai, meu Deus, eu também senti a sua falta. — Ela estava chorando agora, e talvez eu

também estivesse. — Vamos fazer exatamente isso nas férias do ano que vem?

— Exatamente isso. Não vamos mudar nada. Eu quero que seja exatamente assim todos os

anos.

— As férias de uma vida.

— As férias de uma vida.

170. travesseiro

Após a angiografia, e com a angioplastia considerada um sucesso, foi decidido que o ataque

cardíaco “não fora grave”. Certamente me parecera grave o bastante enquanto eu estava

esparramado no chão entre duas camas, mas não argumentei porque a boa notícia era que eu

poderia deixar o hospital após mais uma noite de internação e, com a medicação correta,

pegar um avião de volta para a Inglaterra em cerca de dez dias.

Assumindo o controle com eficiência admirável, Connie e Albie encontraram um

apartamento. Isso seria mais confortável e menos claustrofóbico do que um

hotel, de modo que

preenchemos formulários médicos, marcamos vários exames e depois pegamos um táxi para

Eixample, uma área residencial burguesa repleta de enormes edifícios. O nosso apartamento

era agradável, calmo e repleto de livros no primeiro andar — sem muitas escadas —, a casa

de um acadêmico ausente, com uma varanda nos fundos e locais para caminhar nas

proximidades. Havia construções de Gaudí, restaurantes e a Sagrada Família ficava a sete

quarteirões; tudo muito civilizado e ruinosamente caro também, mas, talvez pela primeira vez

na vida, fui capaz de compreender o valor de um seguro de viagem com cobertura completa.

Nós não nos preocuparíamos com gastos. Era importante que eu não me preocupasse com

nada.

Há certo luxo na convalescença, e eu era carregado de um lugar para outro com grande

cuidado e atenção, como um vaso antigo. Albie em particular estava incrivelmente atento e

interessado, como se, até agora, ele pensasse que a mortalidade era um mito. Alguns meses

depois descobri que minha internação no hospital fora tema para uma série de fotografias

realistas; imagens austeras em preto e branco e alto contraste de meu rosto de boca aberta

enquanto dormia, closes extremos dos diversos monitores cardíacos fixados no meu peito, da

cânula perfurando a minha pele. Para os adolescentes, todos os desastres são ritos de

passagem, mas eu estava feliz por, finalmente, ter lhe fornecido um pouco de inspiração. Pelo

menos, agora ele tinha algumas fotos minhas.

Assim que ficou claro que eu não morreria tão cedo, Albie perdeu o interesse. Connie e eu

o encorajamos a nos deixar sozinhos, e seu alívio era palpável. Seus colegas de faculdade se

encontrariam em Ibiza antes de partirem em todas as direções, e ele foi para se juntar a eles,

com um carregamento de histórias dramáticas para contar. Talvez ele embelezasse a verdade;

talvez ele tivesse administrado RCP. Talvez parte dele se perguntasse como seria se eu não

tivesse sobrevivido. A crise fora minha, mas eu estava feliz por ele receber a sua cota de

atenção e elogios. Eu estava orgulhoso dele.

O que aconteceu com Albie em Ibiza naquele verão eu nunca saberei, e era exatamente

assim que deveria ser. Ele entrava em contato conosco diariamente para garantir que estava

em segurança e feliz, que foi tudo o que pedimos, e, por enquanto, minha querida mulher e eu

estávamos sozinhos outra vez.

171. *homenagem à catalunha*

Talvez soe perverso, mas incluo minha convalescença em Barcelona como um dos momentos

mais felizes de nosso casamento.

Eu dormia até tarde sem pensar no despertador enquanto Connie ficava sentada na varanda

lendo um livro, com laranjas e chá. Quando estávamos prontos, caminhávamos, talvez até La

Boqueria, o mercado de alimentos que tanto amamos, onde eu bebia sucos de frutas, mas nada

de café ou bebidas alcoólicas. Falou-se muito de eu ter de adotar uma dieta mediterrânea, uma

noção horripilante em Berkshire, mas fácil de levar enquanto estivéssemos aqui.

Comprávamos pão, azeitonas e frutas em nossas barracas favoritas e seguíamos em frente.

As Ramblas eram um pouco turísticas demais para nós, moradores locais, de modo que

geralmente entrávamos à esquerda ou à direita nas ruas secundárias de Raval ou do Bairro

Gótico, fazendo pausas frequentes em cafés. Em uma pequena livraria de língua inglesa em

Gràcia, Connie encontrara um exemplar de *Homenagem à Catalunha*, de Orwell, e uma

história da Guerra Civil Espanhola, e nos sentávamos à sombra para ler e beber suco de

laranja fresco. No fim da tarde cochilávamos e, então, assim como os outros turistas,

comíamos em restaurantes ao ar livre no início da noite, abrindo mão, com certo pesar, do

chouriço, das lulas fritas, da cerveja gelada, e, em seguida, caminhávamos lentamente, muito

lentamente, para casa, para nos deitarmos e descansar.

Certa manhã pegamos um táxi para a Fundação Joan Miró no alto da cidade, o que levou

Connie às nuvens, mas me deixou inseguro e com a sensação de que eu ainda tinha um longo

caminho a percorrer no que dizia respeito à arte abstrata. Em seguida, tomamos um

maravilhoso teleférico do Parc de Montjuïc até o mar, passando por cima do porto, sobre

guindastes e piscinas, armazéns e autoestradas, sobre conveses de transatlânticos e navios

porta-contêiner. Está vendo ali? A Sagrada Família, e ali o hotel onde eu fiquei de mãos dadas

com meu filho e pensei que ia morrer. O teleférico nos baixou suavemente da montanha até o

mar, e foi assim que pareceu meu tempo em Barcelona; como se eu tivesse sido erguido e

transportado com muito cuidado e carinho. Era quase como a primeira infância e, portanto,

não poderia durar para sempre. Em algum momento eu daria com a cabeça no batente da porta

e seria empurrado de volta ao mundo real e às consequências da minha condição; as

ansiedades, os exames e procedimentos, as implicações daquilo em meu estilo de vida e

minha carreira.

Mas, por enquanto, Connie e eu estávamos tão harmoniosos, contentes e interessados um no

outro, tão apaixonados, por falta de palavra melhor, como jamais fôramos. É evidente que a

chave para se ter um casamento longo e bem-sucedido seria ter um ataque cardíaco não letal a

cada três meses nos próximos quarenta anos. Se eu conseguisse fazer isso, tudo ficaria bem.

Certa noite, deitados na cama grande e fresca, perguntei:

— Você acha que poderemos voltar a manter relações sexuais? Quero dizer, sem eu levar a

mão ao peito e cair morto em cima de você?

— Na verdade, pesquisei a respeito.

— Verdade?

— Sim. Eles recomendam quatro semanas, mas acho que ficará tudo bem se eu fizer todo o

trabalho e você não ficar muito excitado.

— Nenhuma novidade, então.

Ela riu, o que me agradou muito.

— Acho que vamos ficar bem, não é mesmo? — perguntei.

— É o que eu acho — disse Connie.

E ficamos. Nós estávamos bem.

172. casa

Uma semana depois, estávamos muito barceloneses, se esta é a palavra correta; sem mapas,

sem guias, sem itinerários. Nós até aprendemos algumas palavras em catalão. *¡Bona tarda! ¡Si*

us plau! Em dias alternados íamos até o hospital e nos sentávamos confortavelmente em salas

de espera espanholas até que finalmente recebi alta e fui devolvido aos cuidados do Serviço

Nacional de Saúde. Era seguro viajar. Poderíamos voltar para casa.

— Bem, isso é uma boa notícia — exclamei.

— Não é? — disse Connie.

No entanto, foi com certa relutância que arrumamos as nossas malas, e assisti inutilmente a

Connie carregá-las até o táxi. Demos as mãos no automóvel e olhamos pelas janelas. Também

ficamos de mãos dadas no avião, o dedo indicador de Connie no meu pulso como se

disfarçadamente checasse meus batimentos cardíacos. O esforço para conseguir uma viagem

totalmente livre de estresse produzia as suas próprias ansiedades, e nenhum de

nós falou

muito. Peguei o assento da janela e repousei a testa no vidro.

Naquele dia, o sol brilhava em toda a Europa, e eu olhava para a Espanha e o Mediterrâneo

e, em seguida, para o grande centro verde da França. A Inglaterra vinha ao nosso encontro; as

falésias brancas, as autoestradas, os bem-ordenados campos de milho, trigo e colza, as

maçantes cidades inglesas com suas estradas, anéis viários e hipermercados, ruas principais e

rotundas. Em Heathrow, fomos recebidos por Fran, que estava cheia de piadas e uma

preocupação que não lhe era característica, e fomos levados até a porta de casa. “Você

consegue sair do carro?” “Consegue subir a escada?” “Pode tomar uma xícara de café?” Tal

atenção logo se tornou bastante irritante, a mão orientadora no cotovelo, a inclinação da

cabeça e o tom carinhoso na voz, como um terrível vislumbre de uma vida geriátrica que eu

imaginava estar a trinta anos ou mais no futuro, e resolvi fazer tudo que podia para ficar bem.

Não: mais do que bem, para me tornar mais saudável e mais forte do que jamais fora, algo

que, de algum modo, consegui realizar no ano que se passou desde então. Os médicos estão

muito satisfeitos comigo agora. Ando de bicicleta pelas estradas rurais. Jogo um tipo de

badminton com os amigos, sempre em duplas, embora com menos ferocidade do que antes.

Corro esporadicamente, envergonhado, sem saber o que fazer com as mãos. O prognóstico é

bom.

Mas estou me precipitando. Fiz festa no Sr. Jones e permiti ter meu rosto lambido. Assisti

inutilmente enquanto Connie levava as malas até o segundo andar. Eu a ajudei a desfazer as

malas e devolver tudo a seu lugar habitual — a escova de dentes ao suporte, o passaporte à

gaveta. Fran finalmente se foi e ficamos sozinhos em casa mais uma vez, experimentando

aquela mistura de tristeza e prazer que acompanha o retorno depois de um longo tempo

distante; a pilha de correspondência fechada, chá com torradas, o som de um rádio, partículas

de poeira no ar. Na mesa do corredor, uma grande pilha de jornais não lidos descrevia eventos

que nunca soubemos que ocorreram.

— Você se esqueceu de cancelar os jornais — falei, enchendo a lixeira de uma só vez.

— Eu tinha outras coisas em mente! — disse Connie com certa irritação. — Pensei que

você estava morrendo, lembra?

Levamos o Sr. Jones para uma caminhada, o trajeto habitual, subindo e descendo a colina.

Estava mais frio do que agosto tinha o direito de estar. Havia uma sugestão de outono no ar, a

possibilidade de uma mudança de estações atuando como um toque no meu ombro.

— Eu devia ter trazido um casaco — falei enquanto caminhávamos lentamente de braços

dados pela alameda.

— Você quer que eu volte para buscá-lo?

— Connie, eu não quero que você…

— Eu vou correndo. Não vai demorar um minuto…

— Acho que você não deveria me deixar.

Falei sobre tudo o que passáramos. Eu vinha pensando muito a respeito de onde as coisas

deram errado e como poderiam mudar no futuro. Talvez pudéssemos voltar para Londres, ou

ao menos encontrar um lugarzinho por lá e passar os fins de semana na cidade. Mudar-nos

para uma casa menor no campo. Sair mais. Viajar para mais longe. Conversamos sobre novos

começos e sobre nosso passado comum, quase vinte e cinco anos, falamos sobre nossa filha e

nosso filho, como passamos por tudo aquilo juntos e quão próximos nos tornamos por causa

disso. Inseparáveis, eu disse, porque a ideia de viver sem ela me era impensável,

inimaginável, no verdadeiro sentido da palavra. Eu não poderia imaginar um futuro sem ela ao

meu lado e acreditava apaixonadamente que poderíamos e seríamos mais felizes juntos do que

separados. Eu queria que envelhecêssemos juntos. A ideia de fazê-lo sozinho, e de morrer

sozinho, era — bem, essa palavra novamente — impensável, e não apenas impensável,

monstruosa, assustadora. Eu tivera um vislumbre daquilo e ficara aterrorizado.

— Então, eu acho que você não deve ir embora. As coisas vão melhorar. Há apenas coisas

boas pela frente de agora em diante, e eu vou fazê-la feliz outra vez, eu juro.

Apesar do frio da noite, nos deitamos na grama alta na encosta da colina. Connie me

beijou, deitou a cabeça no meu ombro, e ficamos assim por algum tempo, o barulho da M40 ao

longe.

— Vamos ver — disse ela afinal. — Não há pressa. Vamos ver. Vamos esperar e ver o que

acontece.

Quando decidimos viajar eu prometera a mim mesmo que a reconquistaria. Mas parecia

que eu não conseguira cumprir a minha promessa e, apesar ou talvez por causa de meus

melhores esforços, eu não poderia fazê-la feliz novamente, ou tão feliz quanto

ela queria ser.

No mês de janeiro seguinte, a duas semanas de completarmos vinte e cinco anos juntos, nós

nos abraçamos, dissemos adeus e começamos nossas vidas separados.

PARTE NOVE

INGLATERRA, NOVAMENTE

Tão triste, a casa. Como a deixam, se mantém,

Moldada no conforto do último que sai,

Como que para tê-lo mais uma vez. Porém,

Sem gente a quem agrade, ela decai;

Não tem coragem de deixar de lado o roubo, nem

Se lembra do que foi há muitos anos — o

Alegre ensaio do que deveria ser,

Há muito malogrado. Vê-se como era a casa

Olhando os quadros e os talheres.

As músicas no banco do piano. O vaso.

Philip Larkin, “Tão triste, a casa”

173. pontos de vista

Eis a mesma história que você ouviu, contada de pontos de vista alternativos.

Um menino cresce com a mãe, a quem idolatra, e o pai, que ele mal consegue acreditar que

é seu. Eles discutem muito e, quando não discutem, muitas vezes ficam em

silêncio. Embora

bem-intencionado, o pai não tem imaginação, inteligência emocional, empatia ou coisa que o

valha. Consequentemente, o casamento dos pais é cheio de tensão e ressentimento, e o menino

anseia por fugir daquilo. Como muitos adolescentes, ele é um tanto pretensioso e

irresponsável, e faz questão de seguir com a vida e descobrir quem ele realmente *é*. Mas,

primeiro, ele tem de suportar férias longas e monótonas, visitando museus antigos e

empoeirados, observando seus pais discutindo e, em seguida, fazendo as pazes e então

voltando a discutir. Ele conhece uma garota, uma rebelde que fugiu de casa, com quem partilha

suas opiniões sobre Arte! Política! Vida! Quando seu pai o insulta publicamente, o menino

foge com a garota, ignorando os ansiosos telefonemas dos pais e vivendo do dinheiro que

ganham tocando nas ruas. Mas a aventura não vinga. A menina tem sentimentos que ele é

incapaz de retribuir, apesar de seus melhores esforços. Uma pergunta que ele carrega no fundo

de sua mente há anos clama por ser respondida e, por isso, ele foge para uma cidade onde não

conhece ninguém e pergunta: quem diabo *sou* eu? Tomado pela culpa, seu pai o encontra. Uma

trégua instável é estabelecida, que se firma quando ele consegue salvar a vida do pai — na

verdade, *salvar a sua vida* — em um quarto de hotel em Barcelona. Tendo completado este

rito de passagem, o jovem carismático, complexo e não convencional deixa os pais

agradecidos e vai embora sozinho. Quem sabe quais aventuras virão ao seu encontro nesta

jornada etc. etc. etc.

Acredito que esse tipo de história é chamado de romance de formação. Posso entender o

apelo dessa mistura de idealismo, cinismo, narcisismo e pretensão, com um pouco de sexo e

drogas no meio. Realmente não é a minha praia, talvez porque eu nunca tenha entendido a

pergunta “quem sou eu?”. Quando eu era adolescente, sempre soube quem eu era, mesmo que

não ligasse muito para a resposta. Mas eu posso ver que as preocupações de Albie eram um

pouco maiores do que as minhas. Entendo como essa história poderia ser interessante para

algumas pessoas.

Caso contrário, que tal esta?

Uma jovem artista — linda, inteligente, um tanto insegura — leva uma vida desregrada e

irresponsável com o namorado temperamental embora talentoso. Eles discutem

violentamente

e rompem, e, pouco depois, em uma festa, ela conhece outro homem, um cientista,

razoavelmente atraente, talvez um tanto convencional, mas bom o bastante, e ambos começam

um relacionamento. Este homem é confiável, inteligente, claramente a adora, e eles se

apaixonam. Mas quando ele a pede em casamento, ela hesita. E quanto ao seu trabalho, a sua

paixão, a imprevisibilidade de sua vida anterior? Afastando as dúvidas, ela diz sim. Casam-se

e, por algum tempo, são felizes. Mas sua primeira filha morre e seu segundo filho é uma fonte

de tensão. Perguntas surgem em sua mente. E quanto às suas ambições como pintora? E sobre a

sua vida anterior? Seu marido é leal e decente e a ama muito, mas seus dias agora se tornaram

provincianos e aborrecidos, e, na hora certa, reunindo toda a coragem que tem, ela o acorda

no meio da noite e declara sua intenção de ir embora. Ele fica de coração partido, é claro, e

seu coração partido também a faz ficar triste. A vida por si só é difícil para ambos. Ele pede

para ela voltar e ela se sente tentada a fazê-lo.

Mas apesar da solidão ocasional há algo de emocionante em sua nova vida em um pequeno

apartamento em Londres, em começar a pintar outra vez. Ela resiste aos apelos do marido. Ele

fica com o cachorro. Ela tem cinquenta e dois anos, está incerta quanto ao futuro, mas feliz por

estar sozinha.

Mas então — e aqui vem a reviravolta final — certa noite, na festa de um velho amigo em

Londres, ela reencontra seu antigo namorado. Ele não é mais o artista selvagem e arrogante

que costumava ser. Agora, leva uma vida errática como mecânico de automóveis, mora nas

charnecas de North Yorkshire, ainda pinta brilhantemente em seu tempo livre, mas está

arrependido de seu passado, suas bebedeiras e libertinagens, e repleto de remorso e

humildade.

Apesar da barriga e dos cabelos ralos, o artista ainda é bonito e carismático. A atração

mútua ainda existe, mesmo com a cintura mais larga e o grisalho no cabelo dela. Naquela

mesma noite, eles vão para a cama e, logo em seguida, voltam a se apaixonar. A mulher

encontra a felicidade outra vez, e na hora certa.

Foi isso que eu achei tão difícil no início, que a história de Connie e Angelo fosse muito

melhor do que a minha. Imagino-os dizendo isso para as pessoas que frequentam

o tipo de

festas a que vão agora. “Como vocês se conheceram?”, perguntam os estranhos, observando a

intensidade com que se agarram, como ainda se beijam e ficam de mãos dadas como amantes

com a metade de sua idade, e eles se revezam para contar como se conheceram trinta anos

atrás, como se casaram com outras pessoas mas retornaram como cometas em uma longa

trajetória ou alguma idiotice do gênero. “Ah”, suspiram os ouvintes, “que história linda, que

romântico”, e todos esses anos no meio-tempo, tudo o que passamos juntos, nosso *casamento,*

fica entre parênteses.

174. tecnicamente

— É um pouco mais complicado do que isso, Douglas — disse Connie. — Estamos buscando

um caminho. Estamos… vendo o que acontece. Ele diz que mudou, mas ninguém muda tanto

assim, certo? Mesmo querendo. — Concordei. Não, ninguém muda assim. — De qualquer

modo, eu queria lhe dizer. Achei que você deveria saber imediatamente. Gosto de pensar que

você também vai me contar. Se e quando encontrar alguém. O que espero que aconteça.

A ocasião foi um almoço em Londres, em junho, uma das reuniões periódicas

que

prometemos manter para negociarmos a nossa separação. Não estamos divorciados e não

estaremos por algum tempo, embora eu suponha que isso vá acontecer algum dia. No momento,

tecnicamente, ainda somos marido e mulher. Tecnicamente.

— Eu não estou com nenhuma pressa para mudar isso. Você está? — perguntou ela.

Não, eu não estava com pressa.

O restaurante ficava no Soho, com inspiração espanhola em nome dos velhos tempos, e tão

na moda que tivemos de esperar na fila para entrar. Esperar na fila, ao que parece, também

está na moda agora. Você deveria se sentir honrado e grato por conseguir um lugar e me

pergunto quanto tempo vai demorar antes de lhe pedirem para também lavar a louça. De

qualquer forma, bebemos vinho enquanto esperávamos na fila, ocupamos os nossos lugares —

bancos, na verdade — entre casais muito mais jovens do que nós, e foi tudo muito civilizado,

muito agradável. Qualquer um que estivesse assistindo teria pensado que éramos um casal

junto havia muito tempo, desfrutando nosso dia na cidade, que suponho que fosse mais ou

menos o que estávamos fazendo; confortáveis, familiares, nos tocando por sobre

a mesa, com

a diferença que, em breve, Connie estaria retornando para seu porão em Kennington e eu

estaria no trem de volta para Oxford.

— Como é o seu apartamento? — perguntou Connie, suponho que para se tranquilizar. — É

confortável? Você já conheceu alguém? Você é feliz lá? — Por favor, diga que sim.

175. posses

Eu me mudara para um pequeno, embora confortável, apartamento térreo com jardim, nos

arredores de Oxford. Nossa antiga casa era grande e deprimente demais para eu morar ali

sozinho. Além disso, a perspectiva de passar minhas noites mostrando a bela cozinha, os

muitos quartos luminosos e espaçosos, perfeitos para uma família em crescimento, para os

possíveis compradores não me parecia muito atraente. Então, aluguei um apartamento

enquanto esperávamos a venda da casa. Lembrando-me da experiência de meu pai, certifiquei-

me de que o lugar era alegre e acolhedor. Havia um quarto vago para quando Albie viesse

visitar, um pequeno jardim, passeios à beira do rio e amigos nas proximidades.

O trabalho ficava a quarenta e cinco minutos. Houve momentos — noites chuvosas em dias

úteis ou às três da tarde de um domingo — que uma enorme tristeza tomou conta do lugar,

espalhando-se pelos cantos de cada cômodo, como uma espécie de gás, e eu tinha de

acomodar o Sr. Jones no carro e sair para uma caminhada, mas, na maior parte do tempo, eu

era suficientemente feliz. Reduzido ao essencial, verificou-se que eu precisava de menos

coisas do que pensava, e gostei da ordem e da simplicidade daquela vida. Como a cabine de

Darwin a bordo do *Beagle*, tudo estava em seu lugar. Eu trabalhava até tarde. Preparava

refeições simples e saudáveis. Assistia ao que quisesse na televisão. Eu me exercitava. Lia.

Passeava com o Sr. Jones e ligava o lava-louça apenas duas vezes por semana.

176. sexta-feira santa

No primeiro dia quente do ano, Connie dirigiu de Londres até a casa em uma van alugada

(“Você consegue?” “É claro que eu consigo.” “Devo pegar o trem para Londres e dirigir a

van?” “Douglas, eu consigo!”) e passamos aquele longo fim de semana de Páscoa

desembaraçando nossas vidas embaraçadas. Também convidamos Albie, prometendo-lhe que

não seria uma situação triste e amarga, que haveria quase uma atmosfera carnavalesca! Mas

ele disse que estava ocupado, fotografando a parte de trás da cabeça das pessoas ou algo

assim, imagino. Quando telefonei para perguntar o que devíamos fazer com as coisas dele,

seus antigos trabalhos artísticos, seus brinquedos de infância, ele disse: “Queimem. Queimem

tudo.” Connie e eu rimos muito disso. Vestimos luvas de borracha para limpar o quarto dele e,

ao encontrarmos um tênis fedorento ou uma calça velha, exclamávamos: “Queimem. Queimem

tudo.”

Na verdade, não queimamos nada, o que teria sido um tanto melodramático, mas aquele fim

de semana de Páscoa teve o ar de um ritual muito melancólico. Cinco pilhas foram feitas em

cômodos diferentes; uma para Connie, uma para mim, uma para jogar fora, uma para vender e

outra para doar para instituições de caridade, e foi interessante notar quão facilmente tudo o

que tínhamos caiu em uma dessas categorias.

Fizemos o possível para mantermos o otimismo. Connie fizera uma seleção de músicas

novas que ela descobrira — ela voltara a ouvir música —, e, no sábado, bebemos vinho e

comemos comida simples, que não exigisse muitas panelas. Houve ovos de chocolate na

manhã de domingo e, no fim da tarde, com o rosto empoeirado e o sótão cheio de teias de

aranha, Connie e eu fomos para a cama e fizemos amor pela última vez. Não falarei muito a

respeito, exceto para mencionar que, felizmente, não houve nada de sombrio naquilo. Na

verdade, houve até risos, carinho e afeto. Amizade, creio. Depois, ficamos deitados por um

longo tempo no quarto vazio, sem dizer nada, dormimos nos braços um do outro, então

acordamos, nos vestimos e descemos para esvaziar os armários da cozinha.

177. domingo de páscoa

Em outros tempos, aquele fim de semana teria um aspecto de escavação arqueológica, as

relíquias se tornando cada vez mais empoeiradas e surradas à medida que regredíamos no

tempo. Muitos dos itens foram fáceis de alocar. Connie e eu sempre tivéramos gostos

diferentes, e, apesar de eles terem convergido um pouco ao longo dos anos, raramente havia

qualquer dúvida sobre o que era meu e o que era dela. Nos primeiros dias de nosso

relacionamento, bombardeamos um ao outro com presentes de livros e músicas favoritas — ou

melhor, Connie me bombardeou —, e pareceria grosseiro agora tomar esses objetos. Assim,

fiquei com os CDs de John Coltrane e com os contos de Kafka, os poemas de Baudelaire e

Jacques Brel em vinil, mesmo que eu não tivesse um toca-discos e não pretendesse tocá-lo

caso tivesse. Alegrava-me ficar com aquilo porque representava o nosso começo. Na primeira

página da poesia de Rimbaud encontrei a dedicatória: “Feliz Dia dos Namorados, homem

maravilhoso. Eu te amo muito, assinado ???” Mostrei-a para Connie.

— Você me mandou isso?

Ela riu e balançou a cabeça.

— Eu não.

Coloquei o livro em minha pilha, já sabendo que nunca o leria e que nunca o jogaria fora.

Apenas alguns itens apresentaram um dilema. Em um antigo pote de filme trinta e cinco

milímetros — artefato de tempos antigos — encontramos dez ou doze pequenas lascas de

marfim amarelado. Os dentes de leite que Albie não engolira ou perdera no parquinho. Na

verdade, eram desagradáveis, ligeiramente macabros, algo que o faria franzir o nariz na seção

egípcia de algum museu, mas jogá-los fora também não parecia correto. Devemos ficar com

seis cada um? Discutir por causa de dentes de leite era um tanto ridículo.

— Pode ficar — decidi.

Então, Connie ficou com os dentes de leite.

Mas as fotografias eram uma situação difícil. Tínhamos os negativos, é claro, mas, muito

mais do que as fitas cassete e de VHS, negativos fotográficos parecem hoje relíquias de uma

antiga civilização e jogamos fora a maioria deles. As poucas fotos de nossa filha ficaram com

Connie, e ela me garantiu que assim que pudesse faria boas cópias para mim, uma promessa

que cumpriu. Já as outras fotos pré-digitais, nós as dividimos em pilhas como cartas de

baralho, descartando as fotos ruins e fora de foco, fazendo uma pilha das melhores, aquelas de

que ambos gostaríamos de ter cópias. Ali estavam todas aquelas muitas festas e casamentos,

polegares para cima sob a chuva na Ilha de Skye, Veneza também na chuva, Albie no seio da

mãe. O processo foi dolorosamente lento, cada foto nos levando a uma outra avenida de

nostalgia. O que aconteceu com fulano de tal? Meu Deus, você se lembra desse carro? Lá

estava eu, instalando prateleiras no apartamento de Kilburn, faces lisas e incrivelmente jovem,

e lá estava Connie no dia de nosso casamento.

— Esse vestido horrível… Onde eu estava com a cabeça?

— Acho que você estava maravilhosa.

— Olhe você nesse terno. Muito anos noventa.

— Você não vai querer cópias destas fotos, não é?

— Claro que vou!

Aqui estava Albie aprendendo a nadar em outras férias, ali, soprando as velas aos dois,

três, quatro e cinco anos. Ali estava ele em uma rede, aninhado em meu peito, dormindo. Ali

estavam manhãs de Natal, dias de esportes na escola e Páscoas mais felizes do que aquela.

Após algum tempo, achei insuportável. Do ponto de vista evolutivo, a maioria das emoções —

medo, desejo, raiva — serviam a algum propósito prático, mas a nostalgia é uma coisa fútil e

inútil, porque é o desejo de algo que está para sempre perdido, e agora eu sentia a futilidade

daquilo. Amargamente, joguei as fotos restantes no chão, xinguei e disse que ela poderia ficar

com todas. Ela murmurou algo sobre fazer cópias e colocou-as na sua pilha. Dormi em outro

quarto naquela noite.

178. segunda-feira de páscoa

Na melhor das hipóteses, feriados bancários na segunda-feira são deprimentes, e o dia

seguinte foi sombrio e amargo. Na hora do almoço, Connie já carregara a van Transit. Ficou

quase meio cheia.

— Você quer que eu dirija na volta?

— Posso dirigir.

— A autoestrada estará horrível. Eu posso ir dirigindo com você e pegar o trem noturno.

— Douglas, ficarei bem. Vejo você em Londres. Semana que vem. Vou escolher um

restaurante.

Tínhamos um acordo. Almoço, uma vez por mês. Sem exceções. Como uma terapeuta ou

uma assistente social, ela era muito rigorosa quanto a essas reuniões. Ela queria ficar de olho

em mim, suponho.

— Dirija com cuidado. Use os espelhos laterais.

— Usarei.

Um instante se passou.

— Isso foi muito difícil — falei.

— Eu também achei. Mas poderia ter sido muito mais difícil, Douglas.

— Talvez.

— Nada foi esmagado contra a parede, nada foi partido ao meio.

— Não.

— Obrigada, Douglas.

— Pelo quê?

— Por não me odiar.

Na verdade, nos dolorosos meses anteriores, houve momentos em que eu a odiei, mas não

agora. Nós nos despedimos com um beijo e depois que ela se foi, arranhando as marchas no

acesso de veículos, entrei na casa mais uma vez para lavar as canecas, guardar a chaleira,

desligar o gás e a água. Enchi o porta-malas e o banco de trás do meu carro, então fui de

cômodo em cômodo, fechando as portas e as janelas pela última vez, e notei quão vazia uma

casa vazia pode parecer. Apesar de todas as dificuldades que enfrentamos ali, eu nunca quis

que fôssemos embora, e, no entanto, ali estava eu fechando a porta da frente e jogando as

chaves na caixa do correio. Não havia nenhuma razão para voltar, e isso me fez sentir

derrotado e envergonhado.

179. amigável

Mas os almoços em Londres em abril e maio foram suficientemente agradáveis e tranquilos.

Eu dissera que a vida sem ela ao meu lado era inconcebível e agora eu estava sendo

persuadido a conceber um futuro onde pudéssemos ser amigos. Notoriamente, ela estava feliz

por estar de volta à cidade. O apartamento em Kennington era pequeno, mas ela não se

importava. Ela visitava os amigos, ia a exposições, até mesmo voltara a pintar, e eu tive de

admitir que esta nova vida lhe convinha. Havia um brilho em seus olhos, uma faísca, um

raciocínio rápido e uma vaga falta de decoro que lembrava a Connie que eu conhecera, e isso

me fez ficar feliz e um pouco triste ao mesmo tempo, porque embora fosse agradável vê-la

voltar à vida, foi difícil me descobrir como um empecilho para seu espírito. Por isso, nos

esforçamos para sermos alegres e amigáveis, e conseguimos, na maioria das vezes, ao menos

até nosso almoço em junho, quando ela me falou sobre Angelo.

— Vocês se encontraram quando ainda estávamos juntos? Diga-me.

— Não…

— Vocês não mantiveram nenhum contato?

— Não, até três semanas atrás.

— Você jura?

— Isto realmente é o mais importante?

— Se ele for a razão do fim de nosso casamento, então sim, é!

— Ele não é a razão, e você sabe disso.

— Bem, ele deve estar se sentindo muito satisfeito consigo mesmo, imagino.

— Por quê?

— Bem, porque ele ganhou no fim das contas!

— Ora, Douglas, vá se foder!

— Connie!

— Bem, realmente, como você se atreve! Eu não sou uma merda de um troféu para você e

Angelo disputarem. E ele também não me “ganhou”! Estamos nos encontrando. Levando as

coisas devagar. Achei que você tinha o direito de saber.

Mas eu estava de pé agora, procurando a carteira.

— Não vá embora! Não seja melodramático, por favor.

— Connie, posso entender por que você quer que esta separação seja indolor, mas não é,

certo? Você não pode… acabar as coisas dessa forma e esperar que não haja alguma dor.

— Você realmente vai embora?

— Sim, eu vou.

— Bem, sente-se um instante. Pedimos a conta e eu vou com você.

— Eu não quero ir com…

— Se é para ir embora, então vamos juntos.

Sentei-me. Em silêncio, dividimos a conta e, em seguida, caminhamos do Soho para

Paddington, ambos com uma expressão sombria e silenciosa, até que em Marylebone High

Street ela me pegou pelo braço subitamente.

— Você lembra quando eu tive aquele caso?

— Com o cara no trabalho?

— Angus.

— Angus. Meu Deus, você não está saindo com ele também, está?

— Não me faça empurrá-lo na frente de um carro, Douglas. Aquele homem era um idiota,

não estou falando disso. Estou falando é que quando você me mandou embora, o que foi muito

acertado, e me deu aquele ultimato, pensei naquilo por um longo, longo tempo. Eu estava

atordoada com o fato de ser mulher de alguém. Eu nunca pensei que seria mulher de alguém, e

eu me perguntava “devo voltar? Foi um erro me casar?”.

— Bem, obviamente foi!

— Não, não foi! Você não vê? — Ela estava com raiva agora, segurando meus braços e me

forçando a encará-la. — Não foi um erro! Essa é a questão. Não foi! Eu nunca pensei que isso

fosse um erro, nunca, jamais, e eu nunca me arrependi e nunca vou me arrepender. Conhecer e

me casar com você foi de longe a melhor coisa que já fiz na vida. Você me salvou, e mais de

uma vez, porque quando Jane morreu, eu queria morrer também, e a única razão pela qual não

morri foi porque você estava lá. *Você*. Você é um homem maravilhoso, Douglas, você é, e não

tem ideia de como eu amo você e de como eu gostava de estar casada com você.

Você me fez

rir, me ensinou coisas e me fez feliz, e agora será meu maravilhoso, brilhante ex-marido.

Temos um filho maravilhoso, que é tão enlouquecedor e absurdo quanto deve ser um rapaz de

dezoito anos, e ele é o nosso filho, *nosso*, meu e *seu* agora. E o fato de você e eu juntos não ter

durado para sempre, bem, você precisa parar de pensar nisso como um fracasso ou uma

derrota. Agora a sensação é horrível, eu sei, mas este não é o fim do seu mundo, Douglas. Não

é. *Não* é.

Bem, foi tudo muito emocional, na minha opinião, mais emocional do que uma conversa

pública deveria ser, de modo que entramos em um bar e passamos a tarde ali, rindo e

chorando em turnos. Muito, muito tempo depois, nos separamos, amigos outra vez, e trocamos

várias mensagens de texto carinhosas na viagem de volta. Cheguei à casa um pouco depois das

nove, o apartamento fresco e tranquilo, o Sr. Jones me esperando à porta. Ele precisaria

passear, mas, de repente, eu me sentia muito cansado e, ainda vestindo o casaco, sem nem

mesmo acender as luzes, sentei-me pesadamente no sofá.

Trouxe minhas posses familiares para o cômodo pouco familiar, as fotos e os

pôsteres que

eu ainda não pendurara, a luz tênue na janela, o tapete que eu não teria escolhido, a TV

desligada e muito proeminente.

Após vários minutos de silêncio, o telefone tocou, o telefone fixo, um som tão incomum que

me assustou, e eu me senti estranhamente nervoso ao responder.

— Alô?

— Pai?

— Albie, você me assustou.

— São nove horas.

— Não, quero dizer, o telefone fixo, eu não estou acostumado com isso.

— Pensei que você preferia o fixo ao celular.

— Prefiro, é apenas, bem, eu não estou acostumado com isso.

— Então, você quer que eu ligue para o celular?

— Não, tudo bem. Algo errado?

— Não, não nada de *errado*, eu só queria conversar.

Ele falou com a mãe, pensei. Ela disse: *Telefone para o seu pai.*

— Bem, como você está? Como vai na faculdade?

— Legal.

— No que você está trabalhando?

E ele me contou sobre seus projetos em grandes e incompreensíveis detalhes,

com aquele

egoísmo sem culpa que lhe é característico — só respostas, nenhuma pergunta — e tivemos

uma conversa perfeitamente agradável de poderosos onze minutos e meio, um novo recorde

mundial internacional para um telefonema entre pai e filho. Enquanto falávamos, aqueci a

ótima sopa da noite da véspera, então disse adeus a Albie e tomei-a de pé. Depois, levei o Sr.

Jones para passear.

Então, ao fechar a porta, encontrando-me bastante alegre e contente e notando que ainda

não estava com sono, fiz algo que vinha contemplando em segredo havia algum tempo. Sentei-

me diante do computador, abri uma nova janela e digitei as seguintes palavras…

180. freja kristensen dentista copenhague

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Hannah MacDonald, Michael McCoy, Roanna Benn, Damian Barr e

Elizabeth Kilgarriff por seus conselhos e incentivo. Também a Paula Alexandre, Rhiannon

Rose White, Malcolm Logan, Sadie Holland, Natalie Doherty, Dra. Claire Isaac, Alison

Moulding, Grenville Fox, Jane Brook e Andrew Shennan por seus conhecimentos. Todos os

erros são meus.

Sou grato a Jonny Geller, Kirsten Foster e a todos na Curtis Brown, a meu editor Nick

Sayers, Laura Macdougall, Emma Knight, Auriol Bishop e toda a equipe da Hodder &

Stoughton. E também a Amber Burlinson, Ayse Tashkiran, Sophie Heawood e, em particular,

Erica Stewart e Sands, a instituição de caridade de natimortos e morte neonatal

(https://www.uk-sands.org/).

A *História da Arte*, de Ernst Gombrich, foi de grande ajuda, assim como a Wikipedia e o

Google Maps, e descobri a carta de Nathaniel Hawthorne para Sophie Peabody no ótimo

romance de Evan S. Connell, *Mr. Bridge*. A epígrafe de *Far From The Tree* foi reproduzida

com permissão do The Random House Group, Lorrie Moore e Philip Larkin, com permissão

da Faber, Penelope Fitzgerald, com permissão do 4th Estate, e Elizabeth Taylor, com

permissão da Virago, um selo do Little, Brown Book Group. Embora tenha feito o possível

para que a viagem de Douglas fosse precisa, algumas vezes, fiz pequenos ajustes da realidade.

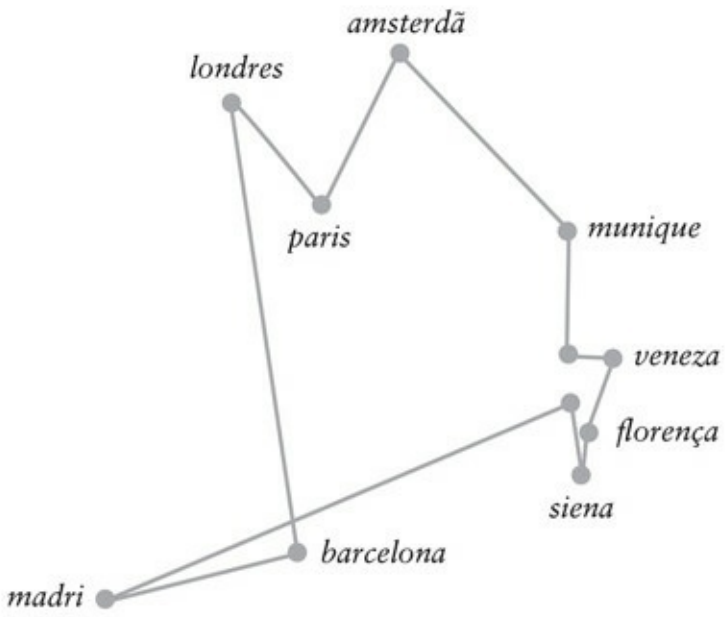
Por exemplo, não é possível ver o Prado da Plaza de Cibeles, e também não há um banco

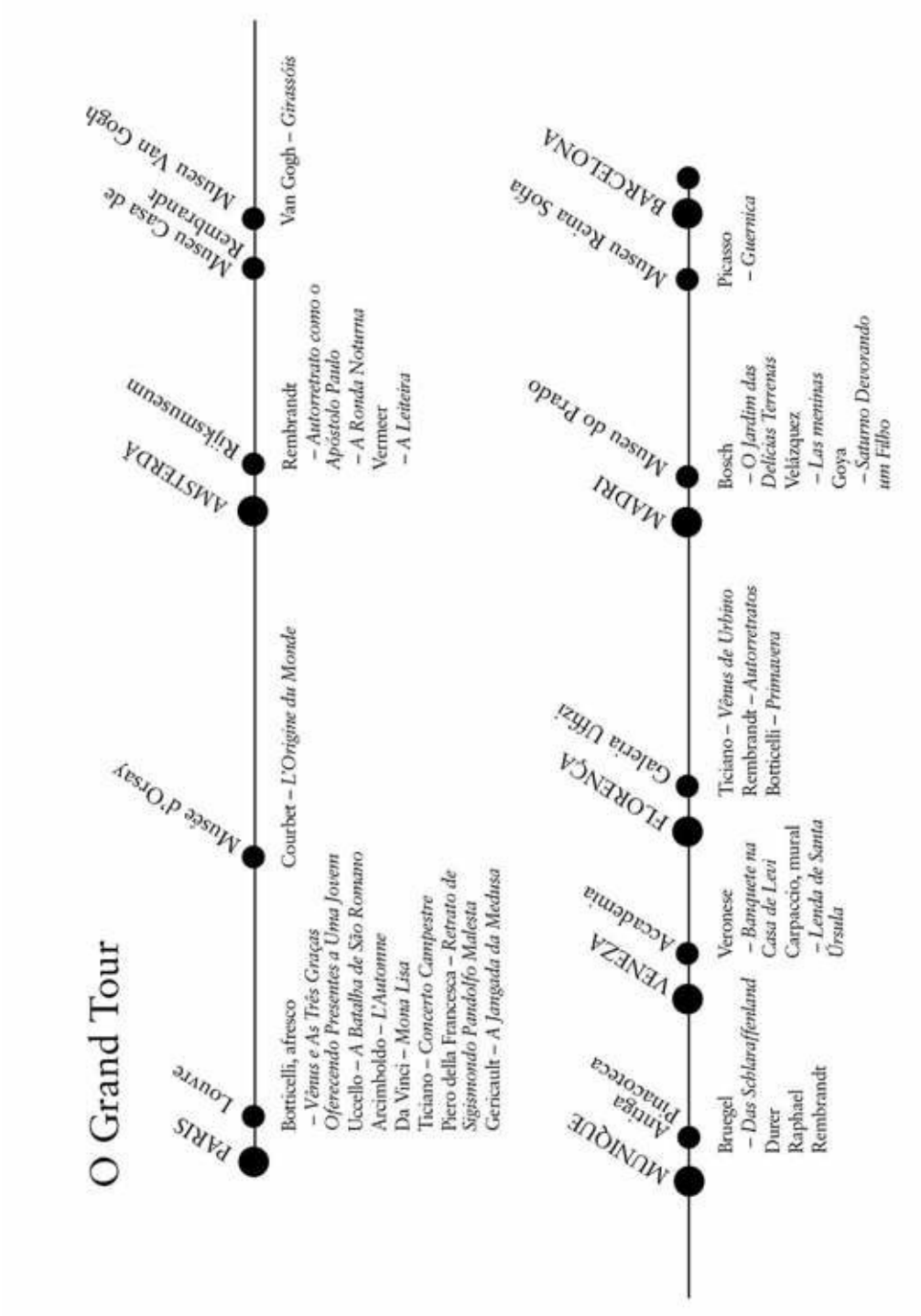
diante de *Las Meninas*.

Por fim, amor e gratidão a Hannah Weaver, por sua paciência e humor, seu

estímulo e

inspiração.





“Preciso de um pouco de ar fresco.

Boa noite. Boa noite.

Voltarei sozinho.”



SOBRE O AUTOR

DAVID NICHOLLS é autor de *Um dia*, best-seller mundial que vendeu mais de 400 mil

exemplares no Brasil. Nascido em 1966 na Inglaterra e formado em literatura inglesa e teatro,

Nicholls foi bolsista da American Musical and Dramatic Academy de Nova York e atuou em

espetáculos nos principais teatros londrinos. Entre uma peça e outra, trabalhava como

vendedor da rede de livrarias Waterstones, em Notting Hill. Foi consultor de peças e

pesquisador da BBC Radio Drama, o que o levou, posteriormente, à edição de roteiros para

televisão e cinema, carreira que lhe rendeu duas indicações ao BAFTA. É também autor de

Resposta certa e *O substituto*, publicados pela Intrínseca. David vive em Londres com a

mulher e os filhos.







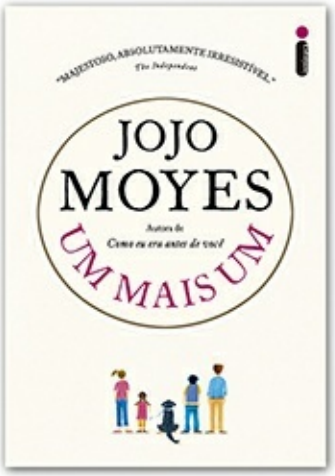
CONHEÇA OS OUTROS

LIVROS DO AUTOR

Um dia

Resposta certa

O substituto


"MAJESTOSO. ABSOLUTAMENTE IRRESISTÍVEL."
JOJO
MOYES
UM MAIS UM


"Fascinante. Egan é mestre em contar histórias."
CIRCO INVISÍVEL
JENNIFER EGAN
AUTORA DE A VISITA CRUEL DO TEMPO


O
CONSTANTE
CORRER
DAS HORAS
JUSTIN GO

LEIA TAMBÉM

Um mais um

Jojo Moyes

Circo invisível

Jennifer Egan

O constante correr das horas

Justin Go



Pequenas grandes mentiras

Liane Moriarty

Document Outline

- Elogios
- Folha de rosto
- Créditos
- Mídias sociais
- Dedicatória
- Epígrafe
- Livro um
  - parte um
    - 1. os assaltantes
    - 2. douglas timothy petersen
    - 3. a parábola
    - 4. a.c. e d.c.
    - 5. a outra palavra com “s”
    - 6. drosophila melanogaster
    - 7. a casamenteira
    - 8. massa gratinada com atum
    - 9. sete coisas sobre ela
    - 10. o jovem e ousado trapezista voador
    - 11. produtos químicos
    - 12. silêncio
    - 13. apocalipse
    - 14. o machado
    - 15. férias
    - 16. pompeia
  - parte dois
    - 17. notas mentais
    - 18. integração de trens elegante
    - 19. sussurrando pelos campos
    - 20. mapas
    - 21. o assento ejetor
    - 22. uma foto borrada
    - 23. ímãs
    - 24. espátula
    - 25. sr. jones

        - 26. albert samuel petersen
        - 27. helmut newton
        - 28. paixão
        - 29. mundo de maravilhas
        - 30. túneis e pontes
        - 31. na london bridge
        - 32. muitos cavalos estranhos em nosso quarto salgado
        - 33. à la recherche du temps perdu
        - 34. o hotel na rue jacob
        - 35. o pequeno raio de sol
        - 36. tripadvisor
        - 37. a primeira vez
        - 38. lima, vodca e chiclete
        - 39. uma breve história da arte
        - 40. o filisteu
        - 41. apreciação da arte
        - 42. cartes postales
        - 43. cartões-postais
        - 44. comportamento de comédia romântica
        - 45. pelouse interdite
        - 46. françois truffaut
        - 47. a intrínseca dificuldade do segundo encontro
        - 48. insetário
        - 49. cautela
        - 50. a festa selvagem no quarto 603
        - 51. a acordeonista roqueira
        - 52. sobre a ética prática no sistema de bufê de café da manhã
        - 53. the cat in the hat
        - 54. compartilhar demais, compartilhar de menos
        - 55. épater le bourgeois
        - 56. a zona de conforto
        - 57. je suis désolé mais je suis perdu
    - parte três
        - 58. experimento com um pássaro numa bomba de ar
        - 59. girassóis
        - 60. pigmalião
        - 61. fórum de dança contemporânea
        - 62. novos começos na bélgica
        - 63. aspectos do romance

        - 64. a ofensiva das ardenas
        - 65. suíça
        - 66. negociações de paz
        - 67. grachtengordel
        - 68. masmorra sexual
        - 69. visita noturna
        - 70. veludo
        - 71. primeiras vezes
        - 72. realismo erótico
        - 73. saskia van uylenburgh
        - 74. a verdadeira amsterdã
        - 75. coma quanto aguentar
        - 76. água no vinho
        - 77. um grande oceano de cuidados
        - 78. de wallen
        - 79. paul newman
        - 80. mellow times
        - 81. assoalhos expostos
        - 82. kilburn
        - 83. duas camas de solteiro unidas
        - 84. imensos relógios de pulso
        - 85. girassóis outra vez
        - 86. devaneios do quase desastre
    - parte quatro
        - 87. beliche
        - 88. beliche 2
        - 89. margaret petersen
        - 90. obrigado e adeus
        - 91. a cocanha
        - 92. schweinshaxe mit kartoffelknödel
        - 93. o extintor de incêndio
        - 94. balas de menta
        - 95. última chamada do voo para heathrow…
- Livro dois
    - parte cinco
        - 96. pedido de casamento
        - 97. hannibal
        - 98. …onde montamos a nossa cena
        - 99. ferrovia

- 100. uma experiência com ratos
- 101. o formato do tempo
- 102. aprendendo a dizer “esposa”
- 103. il pesce
- 104. a macadâmia
- 105. o planalto
- 106. o cara no trabalho
- 107. telefonema de connie
- 108. dolorido
- 109. freja kristensen
- 110. vendo arte com outras pessoas
- 111. ponte dei pugni
- 112. música de inverno
- 113. lago serpentine
- 114. caseiros
- 115. pompidou paris acordeão cat incrível
- 116. a experiência vivaldi
- 117. não foi um encontro
- 118. cerco emaranhado
- 119. filhas
- 120. filha
- 121. depois
- 122. melancolia
- 123. separação geográfica
- 124. noites selvagens, noites selvagens
- 125. uma carta para freja kristensen, enfiada embaixo de sua porta
- 126. partida de madrugada

parte seis

- 127. florença em trinta e seis minutos
- 128. o trem para siena
- 129. um copo cheio até a borda
- 130. área da saúde
- 131. ácido tartárico
- 132. a tecla “gravar”
- 133. a base científica para o amor incondicional
- 134. o incidente do lego
- 135. siena
- 136. o encontro
- 137. sweet child of mine

        - 138. o prisioneiro
        - 139. a cela
        - 140. a lista
        - 141. conversa durante a lavagem da louça
        - 142. oportunidades
        - 143. um homem livre
    - parte sete
        - 144. as guerras de purpurina
        - 145. natal
        - 146. o milagre das viagens aéreas
        - 147. atlas
        - 148. chaves na caixa do correio
        - 149. uma aventura
        - 150. schweppes!
        - 151. futuro
        - 152. hereditariedade
        - 153. colorindo
        - 154. como um pai deve ser
        - 155. rumor no ginásio
        - 156. encontro
        - 157. o jardim das delícias
        - 158. francisco goya
        - 159. paseo del prado
        - 160. museu reina sofía
        - 161. sujeito esperto
        - 162. em chueca
    - parte oito
        - 163. correndo em direção ao mar
        - 164. barceloneta
        - 165. pelagia noctiluca
        - 166. medusa, medusa
        - 167. sob o guarda-roupas
        - 168. ataque al corazón
        - 169. o rosto dela
        - 170. travesseiro
        - 171. homenagem à catalunha
        - 172. casa
    - parte nove
        - 173. pontos de vista

        - 174. tecnicamente
        - 175. posses
        - 176. sexta-feira santa
        - 177. domingo de páscoa
        - 178. segunda-feira de páscoa
        - 179. amigável
        - 180. freja kristensen dentista copenhague
- Agradecimentos
- Sobre o autor
- Conheça os outros livros do autor
- Leia também